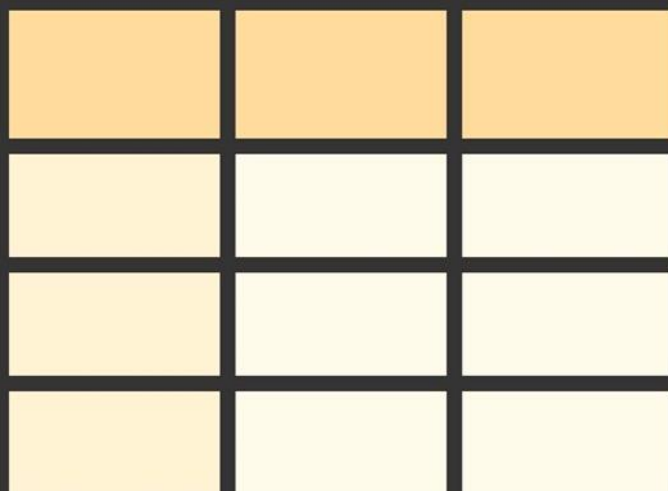


CAPA FEITA E REALIZADA NO CANVA



autora de aos martírios
da infância

OS QUATRO ESTADOS DA PRESENÇA

DE VITÓRIA
MORAIS

1. Sobre o indivíduo sozinho

1.1 As voltas do círculo – A fase mineral

Vamos supor a seguinte situação sempre quando nos familiarizarmos com a indecência das coisas. Vemos uma indecência e achamos que faz parte do instinto - e assim o instinto primitivo confunde-se sempre com uma espécie de desorientação mental. O que vemos nas indecências é falta de objetividade, e não o instinto forte e sólido, como o mesmo deveria sempre se portar, diante das situações que nos exigem estar fora de nós mesmos durante um tempo.

Talvez a questão do sujeito sozinho que se desenvolve por si só, seja compreender e entender seu próprio instinto, e assim, dominar-se; muito mais do que sentir e vivenciar o instinto, de fato – se tivesse junto aos outros. Assim como o mineral, parado como uma rocha, ainda não possui a consciência do instinto, mas o possui. O instinto de permanecer parado e rochoso, sem movimento algum.

Assim é o indivíduo sozinho: como um mineral, desejoso por estar sempre parado, plácido, incorruptível.

As indecências, e coisas obscenas são frutos de falta de objetividade individual, e esta objetividade é ganhada com o entendimento do andamento dentro do mesmo círculo de vícios e posturas incorretas. A objetividade é ganhada plenamente, quando se tem o conhecimento de que existem as fases de interação e reclusão dentro da natureza humana. E as duas são necessárias para o bom funcionamento do organismo humano – são necessárias para que relações, trabalhos e emoções sejam salutares e propensas ao bem-estar contínuo.

As fases de interação e reclusão são mescladas com autodomínio e auto percepção de si mesmo. Como o grande movimento dual do incrível coração – o de bombear e contrair sangue, os nervos que jorram o sangue para fora, e os nervos que comprimem o sangue para dentro; e é exigido que estas fases sejam contrabalançadas como uma emergência fatal - de quem entende, aprecia e sente a vida em toda sua intensidade.

Vamos entender: há de existir sempre a contemplação e apreciação das coisas, há de existir sempre a introspecção. Não se pode pular esta essencial fase antes de se aproximar do mundo, que já está infestado de malícias por ser antigo e nunca ter tido limpezas profundas em sua áurea. Antes, vestir-se com uma armadura e compreender

os instrumentos e armas dos que estão no mundo antigo. A armadura chama-se conhecimento de si mesmo. Saber tatear os limites honrados de sua própria magistratura física e corpórea, levando-os até a mente racional.

Por isso, todos possuem a dificuldade de entender a manutenção dos instrumentos: os humanos são instrumentos e precisam cumprir seus papéis com prazer, doando seus dons para que outros se usufruam deles. Mas, a grande manutenção dos instrumentos humanos, que significa exatamente seguir a sua própria vontade individual, é o grande divisor de águas para que nós possamos funcionar bem junto aos outros.

O ser sozinho, necessita seguir suas vontades, ou então estará fadado eternamente a seguir a vontade dos outros mais próximos ou mais influentes. E quando isso acontece, há a perda de autonomia, e quando se perde autonomia, não se pode mais agir com o coração. É com o coração que se ajuda os outros e se perpetua mais dos sentimentos nobres: carinho, lealdade, amor e compreensão. Saber de suas próprias necessidades particulares de caráter (e isso inclui ter conhecimento também dos seus prazeres!) é essencial para o bom funcionamento do seu instrumento, que irá consequentemente beneficiar sempre os outros.

Ele, funcionando democraticamente, é quase obrigado a seguir a linha cronológica: primeiro eu, depois o outro. Não há como ser primeiro o outro, depois eu. Pois primeiro se nasce, só para, depois de ter saído da barriga da sua mãe, abrir os olhos, e enxergar o outro em sua frente. Não há como ser o contrário, não há lógica. Como deixar o outro nascer se ainda não se nasceu? Como deixar o outro com sua luz, se ainda, ninguém lhe deu à luz? Como deixar o outro ser o que se é, se não se permite a si mesmo ser o que se é? Está mesmo enxergando tudo com nitidez, ou ainda não nasceu, para poder ampliar a visão das circunstâncias? Exigindo contratos a todo tempo, de constituições que os próprios ignoram pelo poder quase agressivo de alienações religiosas?

Porém, o indivíduo sozinho, delira em suas vontades de ser o que não se é! Delira em ser aquela polaridade oposta de sua essência na qual ainda não se alcançou. Delira pois não se faz nada para alcançá-la; quando se entrega na prática, desvanece, desmonta, se quebra – pois percebe que na vida prática e na vida em comunhão, não era nada do que se imaginou quando estava sozinho – quando estava em seus delírios imaginativos do eu solitário.

O indivíduo sozinho começa a conhecer e reconhecer suas próprias vontades, mas se não há manutenção e limites, pode perder-se completamente dentro delas.

O indivíduo sozinho sou eu, que está escrevendo tudo isso, e tenho plena consciência do que sou e sinto; e o que represento para o mundo por oras me assusta, mas continuarei dissertando sobre isso, mesmo que minhas perspectivas não condigam com a do próximo.

Muitos, com suas indecências ou necessidades sexuais para satisfazer, acabam trocando tudo que possuem. E acabam por isto por se perderem com o passar do

tempo, acabam por não se identificarem mais como uma essência infantil – já se afastaram demais dela. Então, o ponto do indivíduo sozinho é a sua essência infantil sendo sempre reservada. Não que, o sexo não seja importante – mas nunca ao ponto de fingir quem não se é em troca de um prazer efêmero e de circunstância! De jogar fora sua essência em prol do hedonismo irreversível. Isto é absurdo; e algo que vai contra as leis naturais. Arruína-se um sujeito por completo, quando toma esta decisão, seja ela vinda da cabeça ou da nuca. Seja ela vinda do consciente ou do inconsciente.

Sinto nas presenças rotativas – que, os principais ouvintes dos indivíduos sozinhos são sempre os marginalizados; e os que se dizem muito bem-educados estão fechados para qualquer forma de entendimento e conhecimento novo que não se assemelhe com a forma na qual foram educados. E a esta situação, só cabe a paciência e a compaixão para com os mesmos.

Mas vamos lá: assim como não se pode comer alimentos que foram produzidos em climas frios, em países frios, estando em um clima quente em um país quente, pois se corre o risco de perder o contato com a sua própria natureza e com o clima atual aonde reside, entrando facilmente em colapso; assim o é, com as ações de um indivíduo: ele não pode agir friamente morando em um lugar quente, aonde todos se relacionam e interagem de forma calorosa. E vice-versa. Pois que, isto é irracional, logo se criará milhões de distúrbios e cousas mal resolvidas em seus trabalhos, relações, saúde, etc. Não se alinhar ao que está acontecendo na realidade atual, em sua frente – é falta de saúde. Enfrentar o que está em sua frente é exercício de saúde – e o indivíduo quando sozinho conhece muito bem esta tática.

Comer produtos importados geram distanciamento do mundo real, geram distanciamento da comida regional – assim como copiar comportamentos aparentemente “importados” de outras regiões do mundo, tornando aquilo parte da sua identidade – só o fará sentir-se mais e mais distante, delirante, lunático. Não entrará mais em consenso; o que sente, com o que vê! O que vê com o que sente.

Aventurar-se entre as culturas é algo muito diferente de identificar-se e tornar aquilo como seu, desprezando o lugar de nascimento e o lugar aonde atualmente reside.

Por mais que o indivíduo sozinho tenha sim, um caráter espiritual, místico e transcendental por exemplo, mas morando em regiões que desprezam isto e aonde cultivam cousas mais materialistas e vulgares, este indivíduo é obrigado a construir uma identidade particular e própria para se passar entre os vulgares, mesmo sabendo que não o é – e isto se chama adaptação do seu corpo orgânico com a região aonde se encontra. Não há como ser sombrio em climas quentes, não há como ser caloroso em ambientes gelados – a menos que se crie um casulo, uma toca, e permaneça lá durante toda a vida, e somente saia para buscar mantimentos. Isto é o que ricos fazem, por exemplo.

Quando a solidão passa de um estágio de solitude para um outro mais profundo e questionador, o sujeito começa a reparar nas arquiteturas dos prédios e das casas, e como os arquitetos pensam na probabilidade da luz do sol alcançar ou não alcançar

determinadas janelas e determinados cômodos das casas e dos apartamentos. Este tipo de solidão – não a sofrida, mas a observadora – é capaz até de modificar a opinião dos construtores acerca da precisão e da exatidão de como se estão construindo os prédios, e se os mesmos estão fazendo isso adequadamente – para não perturbar qualquer terreno fértil que viesse a dar plantações e comida de qualidade, atendendo talvez a demanda de uma grande fome.

Quando um prédio é construído, um terreno é perdido. E os terrenos são imersos em riquezas profundas; um prédio é somente imerso em sua própria grandeza, (construída por outrem!) tapando a vista do céu de quem deseja olhar para a imensidão.

O sujeito quando sozinho sabe que o conhecimento é a fonte de um poder inesgotável sob si mesmo e sob o outro – mas aquele que sabe realmente usá-lo, não precisa dele para interesses frívolos, o usa quando há a real necessidade, e o usa através da intuição, e não através de constantes memorizações de discursos, textos e frases.

O estado e as demais formas de poder social subestimam o poder dos sujeitos, estando eles sozinhos ou acompanhados. Subestima, crendo que o mesmo não é capaz de entender sua própria racionalidade e de usá-la a seu favor, ignorando que o mesmo já nasceu dotado de razão; mesmo com seu instinto animal vivo e alerta. Mas infelizmente, o estado só crê que o humano quando não obedece, torna-se somente um animal incapaz de controlar seus próprios instintos, nulo e vazio de raciocínio. Grande erro. E o subestimar a sua própria natureza de humano começa logo na infância, nos aprendizados escolares – aonde lhe dizem que suas ideias são inofensivas e bobas, por que ainda se está em fase de desenvolvimento. Subestima seu poder de criação por ainda ser somente um novo ser conhecendo o mundo ao seu redor. Subestima sua inteligência e capacidade de ir mais adiante, pois que, desejam todos limitados em caixas de ferro, inquebráveis e inalcançáveis no seu método de arrombamento.

Um ponto positivo do indivíduo sozinho e isolado é não estar à mercê desse tipo de discórdia de subestimação de suas próprias capacidades. O negativo é que não se pode ensinar nada aos que estão enlouquecendo com estas discórdias limitantes, pois se prefere estar isolado, intocável, intacto, imaculado, esquecendo de dar a mão ao que ainda não sabe, o que a si próprio já se sabe há tempos e ensina com olhos vendados.

Mas, a questão toda dos grandes poderosos são as substâncias e os teores insubstituíveis usados por eles para alienar todo o coletivo com tanta exatidão de uma cirurgia de uma importante veia arterial.

Substâncias muito bem pensadas e arque tipizadas, para se passar por uma coisa, sendo outra. A subestimação de suas próprias capacidades faz os indivíduos se alienarem ainda mais no que está sendo exposto aos seus sentidos durante o passar das horas do dia - as ideias absurdas e estimulantes, entrando em contato com a imensa fertilidade da cabeça humana. Ele se transforma em alienado, pois sua individualidade necessita ser reconhecida, é um instinto! E como não é reconhecida de forma saudável pois ninguém lhe ensinou tal libertação – o sujeito começa a fazer

coisas impensadas e a falar sobre assuntos que nem mesmo sente ânimo ou disposição de falar, somente para se convencer que faz parte de um grupo, ou do acolhimento fingido de um bando. O sujeito se aliena às vezes, por conta própria, como forma de autoafirmação social, pois sua individualidade necessita aparecer, ser reconhecida e respeitada. Mas não sabe como fazê-lo. Não sabe, e, pelo instinto, faz o que os outros fazem – sentindo-se melhor assim, do que sozinho, quando suas vontades não estão sendo vistas e sendo mortas com o tempo, com a falta de olhares curiosos perante seu corpo com vida.

A palavra mal-usada é sempre disseminador de discórdias, e a atitude malfeita é cansaço e mau-humor disfarçado de esforço. Tudo isso se pode perceber ao entrar em um ambiente com pessoas alienadas; suas respectivas naturezas gritam, imploram pela libertação das correntes sadistas e punitivas, semeando autoimagens de puritanismo. Nem os indivíduos mais puros possuem tanta pureza quanto a imagem idealizada de uma verdade absoluta e autoritária.

O que é a paixão? O indivíduo quando sozinho se pergunta. É a passionalidade enrustida, ou a liberdade do amor platônico? Ele não está à mercê de se levar por certezas absolutas, pois ele nega qualquer forma grotesca que o induza a sair de sua vontade de expansão, e de sua natural incerteza e questionamento sobre as verdades inalcançáveis. Por isso, não obtém certezas sobre nada, e talvez isso anule a emoção passional. Porém, a liberdade do mesmo também não é como a liberdade do corpo, deseja por todos os aprisionados em crenças e fantasias do coletivo. Sua liberdade é interior, e se contenta com ela. Contenta-se e por isso, desprende-se, automaticamente não se torna mais filho de embaraços e apuros, mas sim - senhor da sua própria colheita.

Como posso eu, dar certezas sobre algum sentimento subjetivo, se eles são eternamente maleáveis, tendem a ir e voltar com o tempo – e como gangorras, as mãos que as agarram na sua próxima virada para o lado direito, é a mão que a prende suspensa no ar, não permitindo que sua maleabilidade se entrecorte até o outro lado. Mas uma hora, a mão se cansa e decide soltá-la, o controle é inútil quando se percebe a liberdade personificada em sua frente; e não há sentimento algum que o faça parar.

A liberdade é inatingível para as mãos materiais – assim como a certeza absoluta.

O indivíduo sozinho não dorme por noites e não percebe que não dorme, pois não sente cansaço. Sente ardência nos olhos, mas tudo porque permaneceu deitado com os olhos fechados durante muito tempo e permaneceu assim, na mesma posição. Não sente cansaço pois ele é fruto dos desgastes emocionais do coletivo, da humanidade desenfreada para se tornar alguém, para se ter cousas efêmeras. O cansaço é coletivo – e o indivíduo sozinho não o sente, pois está nutrindo-se de si mesmo com sua própria energia e com seu próprio ânimo, distante das injúrias e das demais hostilidades mundanas.

Ele, quando olha pela janela e vê três homens ao longe, em uma varanda, vestidos de azuis e enfileirados, sempre imagina sincronia, e nunca um acaso da rotina de três

colegas com fardas trabalhando em alguma obra de um apartamento. Ele imagina o misterioso das fardas, a semelhança das posturas sob a varanda, e o horário dos três, simultaneamente, estarem um ao lado do outro. Não imagina o aparente, mas a porta oculta.

Tentamos driblar ao máximo a força do aparentemente mais robusto e rígido, como se estar em uma estrada cheia de cones pela frente, e se tenta atravessar a pista sem derrubar nenhum deles. Driblamos, mas ao chegar no final, sabemos que o robusto será engolido por um outro mais robusto. E que o aparentemente frágil, como eu ou como qualquer indivíduo sozinho – está sempre suscetível aos ataques do robusto. É como no reino animal, o mais frágil é atacado assim que o maior possui a chance de devorá-lo. Mas, aqui, há um grande bônus entre os aparentemente frágeis do reino animal e os aparentemente frágeis entre os seres humanos.

A fragilidade do animal é simples e automática; pois se baseia em instinto de fuga. Ela é objetiva e corre o risco, faz o corpo movimentar-se em busca de refúgios de auto salvação; salvação de sua própria A fragilidade do ser humano é interessante – quero dizer, os que possuem a aparência frágil, ao fundo de seu âmago, sabem que não o são, por conta da consciência que o humano possui já em si, diferente do animal, ainda em estado de desenvolvimento desta potência. Por isso, o indivíduo que aparenta ser frágil – uma hora, chega a chocar a todos! Com explosões, autonomias e autoridades repentinas, provavelmente advindos de um poder pessoal escondido e velado pela sua capacidade de sensatez e de respeito ao próximo.

Como se lê um artigo ou um texto sem título; não sabe sobre o que se trata, e, mesmo após a leitura, a sua definição de assunto continua duvidosa, pois geralmente, a linguagem é extremamente ambígua e dá significados complexos e duvidosos. Até que algo não tenha nome ou não se tenha dado um título adequado ao mesmo, continuaremos a pensar que a aparência de algo é frágil, quando não se posiciona sobre seu respectivo assunto e sobre o que o mesmo é e representa dentro do todo. Neste quesito, o indivíduo necessita posicionar-se e expor-se um pouco, para, ao menos, marcar-se como cidadão do mundo e sua presença se manter nas entrelinhas amorosas dos desaforos e atribuições mentais dos outros contaminados.

Mas, atenção! Uma coisa constantemente se confunde com a outra, e não podemos nos deixar estar avulsos e avessos às armadilhas e encrencas do que suponhamos ser aquilo na qual se apresenta exatamente em nossa frente! Atenção! Repito novamente. Repito novamente pois é necessário discernir: o afeto do apego, o assertivo do grosseiro, a ironia da malícia, a independência do desinteresse. É necessário o discernimento; podem se confundir para quem não possui olhos atentos, olhos de coruja, olhos de agraciar no escuro e festejar sua penumbra.

Mas, agir ou esperar? A arquitetura dos apartamentos modernos nos faz pensar nesta analogia quando se espera por muito tempo o elevador abrir a porta facilmente para lhe fazer subir; e a paciência por vezes não adianta na vontade de agir, de fazer, de mover-se. Por longos minutos, a paciência se esgota – então as escadas são perfeitas

para isto. Escadas ou elevador? Agir ou esperar? Aquele no qual se exige exercício físico, ou aquele no qual se exige a paciência reta e controlada? Os apartamentos nos dão este toque, esta escolha. A maioria prefere esperar ao invés de agir, até chegar ao destino final – observe seus olhares enquanto esperam o elevador abrir a gloriosa porta bem em sua frente: como se o elevador lhes devesse isto! Este abrir e olhar-se no espelho sentindo-se real como é, e para que o mesmo simplesmente suba com ele.

Uma galeria de ovos não se permitiria expor ovos de quintal em suas estantes – por ser natural e passível de morte ou decomposição, e por não estar nos parâmetros e nas potências artificiais adequadas de se manter algo em um museu durante longo tempo, sem a luz solar ou sem o contato com outras formas de vida. Uma pessoa real, verdadeira e prezadora da vida cintilante, realmente – estaria apta e incluída nos meios sociais normalmente, sabendo que tudo nos ambientes, mais ou menos funciona de formas artificiais e moldadas, como estátuas, assim como funciona um museu antigo e histórico? Estaria esta pessoa, apta a entrar, a locomover-se facilmente como alguém com presença regular e frequente, como alguém que está disposta a tornar-se múmia de um museu? Uma galeria de ovos não permitiria nada que fosse comestível e bem nutritivo para os olhos do público, estar ali em seus monumentos - com o medo ou o assombro da estética daquilo que está exposto e vivo, ser destruída pela fome (sensação real e primitiva) de alguém que passasse por ali. Esta situação então, nos mostra, que o indivíduo sozinho, quando isolado, prefere manter o fenômeno da vida dentro de si, do que enredar-se com suposições estéticas.

Mas ele comete um grave erro, no tocante em valorizar a vida dentro de si: não sabe que, a ausência de contato humano, também gera a falta de vida; está tão imerso no medo de perder sua alegria, que a alegria perde-se dele, por estar distante das diversas e outras potências que estão somente aguardando uma potência semelhante se manifestar, para que os mesmos demonstrem a vida existente dentro deles! E neste caso, o museu só será o passado de monumentos, não mais o lugar aonde se preze pisar os pés para sentir a realidade.

A galeria de ovos então, irá ao fracasso – pois o indivíduo fechado e isolado tornou-se um ovo real, um ovo de quintal, chocado, expelido do útero de sua mãe de forma natural. A galeria, vermelha, envolta de bolas brancas, e com formato de galinha feliz e alegre por doar seus ovos aos humanos prezadores de gostos e prazeres artificiais. Os ovos de quintal prevaleceram e foram bem nutridos! Por que o indivíduo sozinho pôde, finalmente, erguer-se diante dos infelizes, doando sua incrível vida interior – antes, enclausurada em um quarto escuro, obscurecido por si próprio.

Sei muito bem quando o verão chegou quando o sol invade completamente o quarto e não me sobra mais tempo para dormir durante o dia – como se o verão quisesse me acordar para a vida intensa que há de ser vivida com sua brilhante e calorosa luz. Não há cortina que o esconda; quando se tenta driblá-lo da janela fechando as cortinas, o calor se alastra completamente pelo corpo. Então, o convite para viver a vida torna-se um empurrão, uma obrigação. Não há espaço para preguiça ou inércia no verão – não se precisa de calendários para notifica-lo sua estadia e presença, nota-se seu calor em

seu próprio quarto invadindo sua privacidade tão bem quista, mas passível de destruição pela vontade da partilha.

Quanto mais tendemos a nos afastar de algo, mais aquilo voltará com maior força; a força triplicada daquela que se usou para se afastar. Só assim a percepção se ativa: nada está separado de nada, tudo afeta tudo, qualquer tijolo mal cimentado abala a estrutura inteira. Já devíamos saber disto – e de fato sabemos, mas o sentimento ainda não se modificou, a ilusão ainda não foi evaporada, colocada em um caldeirão a vapor para cozinhar até que suas impurezas se desfaçam no calor. É muito mais que isso! É muito maior do que algo que se vê!

O ato de passar roupa é precário e desajustado; torto, inerte, fora do lugar. O ferro é um metal com uma resistência completamente densa e pesada, e sua quentura entrando em contato direto com o tecido das roupas recém lavadas e acolhidas com a limpidez da sensação de pureza. E este tecido purificado, porém – dopado com a quentura densa do ferro, irá entrar em contato com a pele humana, sendo esta, extremamente sensível, fina e delicada. Diga-me; a quentura do ferro combina, com a extrema sensibilidade da pele? O ferro é denso – a pele, macia. O quão absurdo é a ideia de passar roupas após lavadas, limpas e dobradas? O indivíduo quando sozinho, pensa em tudo isto. Dentro de seu espaço, não há espaço para más formulações inadequada de preceitos ou conceitos sociais esquisitos – ele elimina todos, e cria os fatos e as crenças de seu próprio modo.

Ele possui também possui a sabedoria sobre o sexo, na atitude recorrente e constante, cria-se um desgaste para seus planos e elaborações mentais sobre como a humanidade interage e se diverte. Ele possui explicações equivocadas, mas muito bem formuladas. Por isso, quando se envolve com alguém, entende: não pode afastar-se de si mesmo, ou então, corre o risco catastrófico de perder-se no significado penumbroso e assustador do que a humanidade chama de diversão e prazer. Do que a humanidade chama de amor e paixão.

Ele se resolve e se reconcilia, entra em estado de reclusão perdurada - entende as relações de um outro modo, e busca a conciliação com o outro na intimidade; muitas vezes o grande absolvente e culpado de evaporar as rotinas programadas. Mas até então, necessárias para o bom convívio de uma disciplina. Disciplina econômica gera autenticidade interior – e com isto, não se torna mais dependente das desesperadas ideias de consumo e de vida perfeita, na qual o mundo vende-o com tamanha malícia.

Ouçó uma voz feminina autoritária, mas desconhecida:

- Venha aqui, saia deste lugar mofado! – Falou para mim.

Ele permanece e percebe, cautelosamente, as pequenas nuances dos detalhes dos objetos de sua casa aonde não consegue deturpar seu sentido mais profundo. Escova seus dentes, observa as cerdas desgastadas da escova, mas não sabe como aquelas cerdas chegaram àquele estado podre, se olha para aquela escova todos os dias, duas

vezes ao dia. Observa o fio dental, e seu sabor é menta. Por que um fio dental se tem sabor, se não se come, apenas serve como instrumento de limpeza?

Mas não é possível! Ele se emburrece com seu próprio poder de observação; sua enxaqueca começa a se alastrar pelas margens do seu cérebro quando não chega a um raciocínio de entendimento sobre as coisas; quando é incapaz de compreender alguma situação. Como pode, estes detalhes nos confundirem a cabeça e deixar-nos todos tontos e duvidosos de si mesmos, de suas capacidades e habilidades?

Nada disto me torna diferente dos outros lá fora, eu assumo. O indivíduo sozinho sou eu! E estar sozinho não torna-me diferente de ninguém – e também não é possível que, seja eu, alguém tão especial e importante assim para esta reserva tão precavida das extremidades sociais.

O indivíduo solitário se acostumou a sentir vergonha de sua própria existência quando parte para o mundo em busca de conhecimento. Qualquer mínima ação sua, pode significar um transtorno para ele – sei! Ele não suporta a possibilidade de sua presença ser um incômodo ou um estorvo nos ambientes e nos locais – tanto que exige grande número de pessoas, como que exige dois ou três pessoas no recinto. Ele está vivendo escavações de minas de ouro tão profundas dentro de si, que quando abandona o buraco fundo e a pá que retira a terra, quando sobre até a superfície; não sabe mais como o olhar dos outros está apontado em relação a ele, e se está apontando para ele. E se estiver, ele não saberá se é um elemento maldizente, pois se encontra perdido no tempo.

Eu, o indivíduo sozinho, sento e escrevo. Mas prefiro me chamar na terceira pessoa por que eu sou como uma pessoa distante do mundo, e é isto que acontece quando a solidão invade as ideias; elas se fixam em comportamentos antissociais e beiram ao prazer único e extenso em isolar-se pela eternidade. Eu sei, o isolamento é necessário para quem é solitário – ele não suporta as frivolidades e promiscuidades do mundo; as libertinagens que lhe jogam no colo para ser infiltrado em sua cabeça – sente horror de tudo isto, e por isso, foge. Também não é religioso, pois é extremamente crítico e criterioso com o que acredita. É cético e linear, não delira. Seus delírios começam quando o isolamento se torna sua única salvação de conforto e acolhimento para se estar em um caminho do meio.

Ele entende as instâncias sexuais como individuais e como coletivas. Há as vontades sexuais que são próprias dos indivíduos – mas há aquelas vontades programadas do coletivo sob sua própria individualidade, a sujeitando em arriscar em diversas situações na qual seu corpo não se sente nem um pouco confortável; apenas pelo efeito da coletividade em cima de suas vontades individuais. Então, no caso – aonde há o encaixe do indivíduo quando sozinho nestas redomas incapazes de afetos e carinhos?

Ele sabe que o significado de algo não para em seu fato aparente e transparente. O significado de algo convém a observar os milhares de fatos que formarão uma síntese no futuro sobre o verdadeiro valor de um sujeito, ou de uma dinâmica de vida, não

permitindo que o significado primário se alastre, até que se tenha a confirmação hereditária sobre a sinceridade do que se observa!

Ele analisa imagens de revolução e sente-se extasiado! E como não – sentindo todos em seu coração, de forma branda e genuína - mas estando distante fisicamente, distante dos males de todos? Ele deseja a realização da justiça plena em todas as relações nas quais faz parte, e luta por isto; pois sabe que esta justiça e harmonia contamina outras relações posteriores através do aprendizado! Então, faz o seu máximo para personificar a harmonia, e esperar que o próximo com quem entra em contato, também repasse o recado. E provavelmente passará – pois a sensação de paz é deveras marcante, é como tatuagem.

Mas aqui, há também um fator interessante sobre a solidão: sua pureza, que tanto preserva; ele ressuscita e vivencia a pureza em sua proporção mais elevada de castidade; privando-se de maiores prazeres, privando-se de brincadeiras e alegrias com os demais, criando um pavor irracional de contaminar-se com a malícia alheia. Mas, quando, em realidade, tudo isto não passa de uma explosão de delírios sobre os conceitos e significados da pureza. A verdadeira pureza emana das intenções das ações, e são feitas usando o coração puro, e sequer enxergam a malícia nos outros, e sim a influência. A pureza é, no sentido mais amplo – aquilo que já é nosso, mas não morre. A chama nunca permitiu-se apagar por este fato inconsequente e acinzentado de tornar-se adulto significar tornar-se sem alegria, sem cor, sem vida. A verdadeira pureza não teme nada nem ninguém, e por isso, é isenta das maledicências; pois não se deixa abalar, mesmo quando se entra em profundo contato com alguma camada já perdida de sua própria natureza essencial. A pureza mantém-se intacta, mas ao mesmo tempo se movimenta. Ela não sente-se apegada a nada, pois tudo para ela é alvo de ações bondosas e altruístas; usando a si mesmo como ferramenta de devoção e renúncia.

O que uma carteira de identidade representa para o mundo? Representa inúmeras possibilidades e oportunidades, claro. Mas em termos subjetivos, o que representa? A autoimagem estampada em um papel verde claro com a marca do seu dedo físico nele. É para provar, uma comprovação: você existe, você respira, você é um ser vivo! Ou, simplesmente é, a validação de uma nova máquina pairando nos ares das cidades grandes? O indivíduo quando permanece muito tempo sozinho esquece de sua identidade social, e conseqüentemente – da importância de sua carteira de identidade, ou melhor – de sair com ela enquanto vagueia pelas esquinas próximo de sua casa, porém sempre entre os vales, montanhas e lagos dentro de si mesmo. Ninguém, quando o aborda, irá perceber que o mesmo é desapegado de tudo que tange suas sociabilidades. De tudo que tange um contato mais ínfimo com as crias hilárias da sociedade. A identidade poderia ser jogada fora, e ele facilmente passa despercebido em todos os lugares por ser valorizador de cousas ocultas – apenas chama atenção de quem, também, desvaloriza a carteira de identidade. De quem desvaloriza aquela foto estampada no papel verde claro, que, de nada, representa seus estados espirituais, características intrínsecas ou humores recorrentes e extremamente maleáveis.

O que é a identidade, senão a prisão na qual tentamos todos os dias, fugir, esquece-la, deixa-la na sarjeta? Digo, mais do que qualquer antigo amor na qual se tenha sofrido e se tente esquece-lo, não há nada pior, não há sofrimento maior, do que esquecer uma antiga identidade. A identidade antiga talvez seja uma das maiores dores; maior que do que a dos amantes passageiros ou de pessoas que se foram – percebe-se que ela gruda em ti como carrapato quando encontra alguém de longa data ou um lugar de extensas memórias. Já não se é mais aquilo, mas algo em específico o faz recorrer a ela sempre quando é possível. Faz parte de ti, mesmo não sendo mais aquilo. É, mas ao mesmo tempo não o é.

Percebo também, a discrepância da sua identidade ilusória: o mesmo dança e diverte-se á sós, mas possui vergonha de seus próprios movimentos do corpo (aleatórios ou planejados) dentro de esferas desconhecidas de vida. Dentro de esferas desconhecidas de pessoas; não quer mexer em crenças e identidades que não a dele, que ameacem seu bem-estar e sua vontade de ser o que quiser a sós.

Ser requisitado ou pedir para que se retire? Ele não sabe qual das opções deseja: apesar do segundo ser uma abordagem magoável e quase que grosseira, ele sente-se bem retirando-se, pois isto significa que estará de volta ao lar, ao canto, ao sossego predestinado de sua redoma, logo em breve. Ser requisitado é agradável para sua presença, pois sente-se importante e necessário dentro de sua própria solidão; mesmo sabendo que, isolado, os indivíduos conturbados e tumultuados dos intensos fluxos de movimentos das cidades lembram-se dele: um sujeito isolado de tudo no dia a dia! Um sujeito recolhido e misterioso – tão distante da realidade facilmente abandonável (por ele) das multidões.

Bateram de novo em minha porta. A voz feminina novamente:

- Não me ouviu falar? Saia daí antes que fique doente. Venha ver um pouco de vida aqui fora.

Mas aqui, essa voz feminina não me via. Não atravessava em seu filtro ingênuo de altivez, que estou e estarei bem aqui, até determinado tempo. Quando não estiver, meu corpo avisará e eu simplesmente cairei fora e cairei adiante. Para outros centros permitidos e o que circunda entre minha voz sagaz e a minha voz impotente.

Exige sim, através da atividade doméstica para permitir a casa da humanidade limpa, certas precauções que devem ser tomadas a sério.

1! O cuidado com as cores dos ônibus, pois cada cor de linha diferente de ônibus indica um caminho diferente que irá se pegar na viagem pela cidade; suas rotas, os lugares que atravessam, e, sendo de cores diferentes, terão caminhos e destinos finais diferentes. Mas, quando se observa atentamente a rota, verá que todos de cores contrastantes se tocam nas estradas e nas rotas, tornando-se companheiros acompanhados de caminhada, apesar dos destinos serem diferenciados. Então, as cores, apesar de serem diferentes, são companheiros de estrada! Não há como se negar a companhia apresentada no momento atual! Negar a companhia é negar o

fruto do presente. Negar o fruto é querer a morte do fruto; seu contínuo processo de apodrecimento.

2! Estar dentro de um meio e dentro de um grupo durante muito tempo sem dispersar-se um pouco para realidades paralelas, gera o aprisionamento da imaginação, e neste quesito, se é importante desfocar o presente do externo – pois a presença não acontece somente através da observação no que está fora, mas na interiorização do que ocorre por dentro. Há estas duas formas de presença. Presença é estar atento, não importa muito bem para que direção, ângulo ou forma se dê e se suceda seu fiel encontro com as inspirações. Pois que, o mesmo grupo constantemente foca somente em um ponto, e não sai deste ponto; não viaja, não transcende, por isso é um grupo – por que tem preferência pelas mesmas coisas, e se não tivesse, logo se separariam e viveriam as outras tantas vertentes de concepções, tendo como parâmetro somente sua própria pureza de contemplação.

3! Como esperar realizar seus grandiosos sonhos em acolher toda a humanidade pútrida e decaído, sem objetivos mais elevados, se constantemente se sente ameaçado ou constrangido com qualquer fala ou mal-entendido que um certo alguém lhe empurra para seu eu? Como ajudar, levando todas as situações para a pessoalidade? Como progredir, pensar, repensar em soluções adequadas, se está constantemente tendo a perspectiva limitada de sua pessoalidade? Há de se entender: quando se ajuda, se dispende tempo pensando, repensando, desfocando-se aos poucos da realidade externa dos objetos – apesar destes objetos nos quais se olha e se deseja entender como os mesmos funcionam na prática, serem construções da humanidade; eles não bastam de um reflexo de quem o criou; e isto torna o entendimento sobre seu funcionamento mais simples. Então, é melhor conhecer o objeto original que está se olhando no espelho, do que ver o reflexo, e não entender de onde vêm; não entender quem o olha e o que exatamente, está fazendo-o gerar aquela cópia refletida e intocável.

4! Há de se quebrar e jogar fora os sonhos – pois eles, quando se tornam realidade, e quase sempre se tornam realidade, quando penetram nos buracos do que é concreto, saindo do campo da idealização – se tornam sempre fontes de trabalhos intensos ou até mesmo de cansaços eternos atrapalhando sua presença plena. Então, caindo com os pés no chão duro, entende-se que os sonhos eram somente pretextos e desculpas para alegrar-se com as suas próprias ideias criativas dentro da sua própria cabeça. Percebe-se que não gostava do sonho, mas sim de como se usava a imaginação para alimentar estes sonhos! Sabendo disto, usa-se agora, a imaginação para outros meios, outros focos, outras penumbras ainda adormecidas sem a devida invasão de uma luz solar.

Há de se entender o mais essencial e imprescindível: a comunicação exige gasto de energia – e pensar no que se diz, repensar depois no que se falou e como aquilo reverberou no outro, também. Pelo menos, para o indivíduo sozinho – que têm muito para doar, mas não o faz, pelo desgaste sentido após as constantes trocas. Carrega o mundo em suas costas, mas não aparece em frente ao mundo. Lidera as pessoas, mas

não aparece nem discursa em frente a eles. Somente acolhe e aconselha em cantos privados e em conversas pequenas, porém, sente-se líder mesmo assim – e por se sentir, se torna. Líder dos corações alheios, e não dos comportamentos.

5! 6! 7! 8! 9!

Já chega; não vou mais enumerar a limpeza da humanidade; mas percebo agora nas minhas caminhadas para tranquilizar-me aos montes depois de temporadas de má alimentação, o quanto a palavra poder ressoar exatamente como o seu próprio significado sugere. A palavra poder possui o tom, quando verbalizado, de algo muito poderoso e temível. O quão assustador é isto? Um poder então, é sempre usado para o mal, já que se teme ele? Ou seria dom? O dom é um poder positivado? O dom é o temível e assustador em estado de gentileza?

Qual é a verdadeira função de uma casca? Ela só protege, e realmente protege? Realmente exerce essa função com perspicácia ou ela muitas vezes é ignorada e simplesmente comida, mastigada e comestível, quando esta não seria sua principal mordomia em morar dentro do alimento? Dentro de qualquer substância valiosa, mas que sua casca somente está resguardando esta substância, fazendo, talvez, o ato de degustar, tornar-se mais intacto.

O indivíduo sozinho para de pensar na função da casca e nas contínuas agressões verbais que lhes são destinadas no correr do dia, e vai tomar banho. No próprio banho, ele confirma sua tese sobre os objetos serem reflexos e projeções diretas do próprio humano que a criou. Observa o chuveiro, seus impulsos elétricos dos fios fazendo a água ser direcionada até os buracos da ducha. Assim como, somos nós: precisamos de intensas descargas elétricas no corpo para poder fazer a água de dentro dele fluir para toda a corrente sanguínea e ser corretamente direcionada. Sem as descargas elétricas corporais, somos apenas zumbis fisiológicos! E não nos aprofundamos em nada mais. O chuveiro me mostrou isso – o chuveiro me mostrou a importância do sentimento.

Uma criança, ao tomar banho, observa os objetos interativos que há dentro do box. Acha as embalagens de condicionador e shampoo e suas informações deveras interessantes, mas quando seu banho acaba, tem de se distanciar lentamente e vagarosamente daquilo que achou interessante. Assim como, é tudo em sua vida – é uma criança, não controla nada ainda, pelo seu tamanho, idade e por sua imensa curiosidade e entusiasmo pelas coisas, lhe impedir – em convívio com outros mais velhos - de enxergar tudo como muito sério ou conseqüente. Porém, a criança tem memória, e há algumas que possuem ela mais aguçada do que muitos lógicos e racionais fazendo trabalhos profissionais de memória. A boa memória infantil permite lembrar-se sempre das coisas mais marcantes, de tudo que a entreteve, a divertiu, acalentou seus sentidos pouco usados e inovados a cada dia; permite a mesma comparar lembranças boas com experiências novas e fazer sínteses do que gosta e do que não gosta! Permite entender seus gostos e entender o gosto dos outros.

Uma criança com uma boa memória é uma criança que ama.

O indivíduo que está sozinho constantemente percebe e sente coisas que ninguém percebe e sente; quer dizer, sentem e percebem, mas não fazem ligações nem analogias com outras coisas que conheceram, viram e sentiram. Coisas anteriores. É necessário lembrar-se do passado para poder fazer as composições! Do que já passou e precisa ser preservado para ajudar o momento de agora a se erguer com mais força. E do que precisa ser jogado no lixo, pois corre o risco de contaminar o que está posto a mesa prestes a ser devorado.

O que demora mais de chegar, quando chega – sempre possui um gosto mais saboroso, aproveitável e com sensações extasiantes de presença! A demora toda para chegar é para que se possa aproveitar muito bem o que virá junto com o presente: os brindes e recompensas, que seriam – a sua presença atenta ao que se recebeu. Quando se quer algo e esta coisa vem com muita facilidade, se desvaloriza rapidamente e logo a deixa de lado. Se criam banalidades e trivialidades em volta do que foi ganhado de forma rápida e instantânea, e conseqüentemente, também não se terá o cuidado exigido para se conservar tal coisa ganhada. E então, seria uma forma de paixão?

Mas ao mesmo tempo, as paixões cegas e passionais não ultrapassam o limite da sanidade; elas servem como reflexos de si próprios. Crê-se veemente que se está apaixonado e que se morreria por alguém ou por alguma ideologia – quando esta morte não passará de uma morte simbólica, para tornar-se a pessoa ou a ideologia na qual se está apaixonado. A paixão serve para nos guiar até o que devemos ser. O indivíduo se isola por isso; para analisar suas paixões e discernir sobre suas demais mudanças.

Algo que é bem quisto ou bem casado há de se enfrentar a todo custo seu maior temor; não há para onde fugir, somente para dentro de si – e aí somente se cria mais e mais delírios, escapando do que lhe espera na próxima esquina: aquilo que mais se teme, aquilo que terá de se tornar.

- Não preciso ver vida aí fora, eu nutro a vida dentro de mim, eu nutro as pessoas em meu coração, através das lembranças. Não preciso ver vida aí fora! – Eu disse, para a voz feminina.

Ela, de nada respondeu. Provavelmente foi embora, crendo ela em sua verdade de acreditar na dependência social com o outro.

Mas estamos na vida como um jogo, teria eu consciência uniforme disto. Um jogo! Aonde, existe vez para um, depois em outra rodada, a vez do outro. Existe primeiro, a vez daquele que é estupidamente diferente de nós em comportamento – mas após algumas rodadas, há de chegar a sua vez de vencer sobre determinadas fases. E há desafios dentro do jogo na qual se é auspiciosamente melhor do que qualquer um; e outros desafios, que se é impossível para seu raciocínio vencer aquilo em pouco tempo, enquanto para todos, não se precisa mexer um dedo.

Há de se esperar a sua vez, a sua rodada de vencer. Há alguns que quando demoram demais a vencer uma rodada, e a atravessar de fase, sendo deixados para trás – quando

vencem, finalmente, quando fecham o ciclo da fase - se mostram os melhores jogadores do jogo! Há de se ter paciência com o jogo na qual escolheu jogar. Seja ter escolhido pela sua capa, pela sua sinopse, ou simplesmente por que assistia acidentalmente outros jogando – se escolheu, e aí o contrato com a máquina já está feito. Mas a máquina não deixa nada estacionado durante longas décadas.

Há de se ter tolerância com os períodos de revezamento com os outros. Os períodos de revezamento são necessários para se reter o que se necessita reter para nutrição interior; e para expelir e expressar o que se necessita ser expressado para a troca mútua e comunhão com os semelhantes.

Quem é sábio nunca se é sábio perto de jovens inconsequentes, pois eles não reconhecem um sábio quando vê um. Quem é um jovem inconsequente nunca se é inconsequente perto de sábios – pois os sábios normalmente não enxergam ninguém como inconsequente; apenas como alguém que teve suas razões subjetivas para agir da forma que agiu. Vê-se? São as horas de revezamento! O sábio não é sempre sábio, e o inconsequente não é sempre inconsequente; eles trocam de lugares conforme o professor-mundo lhe pede para sentar em uma cadeira diferente na sala de aula, para sua respectiva adaptação, aos mais variados ambientes, surgindo novamente, em sua miríade de conhecimentos.

O indivíduo isolado afasta-se de sua imagem social, não a permitindo que ela adentre jamais em seu âmago. Por isto mesmo, ele não é um indivíduo reativo; pois não há nada que o ameace. O medo advém do apego das criações sociais sobre sua imagem, e do mesmo ser destruído pelo poder do tempo, do ciclo natural das coisas.

Quem estará realmente liberto nas revoluções bem-sucedidas? A subjetividade dos indivíduos, ou simplesmente a presença física dos mesmos, que de nada vale, sem a liberdade subjetiva de ausência de medo de qualquer espécie?

Observa-se como uma pessoa é quando a mesma se encontra em situações escondidas, fatais ou vergonhosas. Quando a mesma leva um tiro – se mantém-se agonizando e chorando de dor, ou se simplesmente aceita a morte sem fazer nenhuma expressão facial enquanto espera a sua partida do corpo; ou quando, alguém está tendo fretes sexuais pela internet, se envia fotos pornográficas e obscenas, ou se suas fotos só mantém uma pureza erótica imaculada, sem envolver-se em desrespeitos a estética e beleza natural do corpo. São situações extremas e ocultas – e mesmo assim, o indivíduo mantém seu caráter, e o expressa com tamanha vivacidade em momentos como estes, sem saber, sem querer.

O indivíduo sozinho está sempre se tremendo quando tem de responder alguém! Com receio de causar alguma reação inadequada ou inesperada em alguém. Ele está constantemente em estado de alerta – não se deixa nunca converter-se ao medo, mas ao mesmo tempo, confessa para si mesmo suas inseguranças ao relacionar-se com o outro. O indivíduo sabe, no fundo – que não precisa de ninguém. Mas, e então? Não precisa de ninguém e por isto mesmo precisa se doar ao máximo para os outros! Pois é alguém com ausência de carências comuns e mundanas; ele possui responsabilidade

enormes, e quando se encontra parado, começa a inquietar-se e agoniar-se com sua falta de ação.

O pente de cabelo e sua composição, nos fazem notar que alguns nós que existem em cima de nossas cabeças e vivem nos emaranhando em cercas; precisam ser tirados a força através do ato de desembaraça-los com muita constância! Quando o pente está sendo deixado de lado, há de convir que os nós aumentam e os fios não ficam mais bem formados, e os restos dos cabelos tirados no ultimo desembaraço, estão ali ainda querendo ser jogados fora; se estão ali ainda, significa que a cabeça talvez, ainda os queira de volta. O pente precisa exercer sua função no couro cabeludo: ser comissário pertinente de desatar os nós e desembaraçar os grandes fios que nos nutrem com suas imensas cargas elétricas! Há de se manter atento a isto.

O indivíduo sozinho começa a se relacionar. Amorosamente ou afetiva-sexualmente e, sente-se bem nos primeiros dias por estar compartilhando algumas de suas ideias com uma pessoa real, mas logo depois se decepciona e se frustra com as opiniões das pessoas sobre sua pessoa. Tudo por que, ele pensa fundo, o outro não; o outro ainda está imerso em um senso comum acostumado a estar no raso e no frívolo. Nisto, o indivíduo sozinho se desespera, o seu mundo interior, intenso e profundo, está prestes a desabar, por conta das opiniões do senso comum começarem a penetrar tão fundo em suas ideias próprias. Ele não sabe o que fazer – isola-se novamente, mesmo estando compromissado? O compromisso para ele é sério, não pode deixa-lo, principalmente quando se trata de um pequeno pedaço da humanidade: a pessoa com quem se relaciona, é um pequeno pedaço da humanidade, e a humanidade, é a sua maior amante; não pode deixar qualquer peça de fora, ou para ele, sua missão estará incompleta. Não se sentirá honesto consigo mesmo, e nem com o outro, que, naquele momento, está representando o fogo do altruísmo.

Seu organismo começa a criar diversas formas de se proteger, através de intensas barreiras que batem no rosto do mundo, crendo que o mundo quer derrubá-lo de seu grande altar interior. Mas será que quer mesmo, ou ele próprio, não está disposto a dividir seu mundo interior com ninguém e fazê-lo ser entendível para todos, senão para ele mesmo? Ele não diz nada pois esperar ver como o outro, que está com ele – irá reagir a sua falta de ação ou a sua pura contemplação sob as coisas, ou sob simplesmente seu intenso pensamento sobre as coisas que acontecem. Pois é isto: quando se está atento ao que o outro fala, de repente se enxerga o outro como um espelho. Vê-se que o outro começa a se jogar e a se arremessar em sua escuta e em seu ombro. Se penetra no outro, de forma instantânea, por pura confiança.

O indivíduo quando isolado gosta de si, pois produz, inova, tem ideias próprias, mas assusta-se quando compartilha a si mesmo e um pouco do seu mundo vasto e intenso com o outro, pois percebe que todos os seus questionamentos irritam o mundo social e fazem-no sentir-se pequeno. Questionam e interrogam as ações e palavras dos outros – e os outros, tão imersos e interessados apenas nos prazeres e interesses materiais que lhes impõe durante o decorrer da vida, percebem o questionamento às suas ações como um jeito de ameaça-los. Compreensível – mas, após o pensamento se

aprofundar mais um pouco, verão que o questionamento feito, será para sua futura plenitude e bem-estar, e não para prejudica-los em qualquer âmbito.

Já disse que o indivíduo sozinho sou eu? Sim, sou eu, mas irei continuar falando na terceira pessoa.

Como o outro me enxerga, e enxerga o restante dos indivíduos sozinhos – por ora me desloca de meus objetivos! Como pode ser, tão distante e tão destoante, da minha realidade, esta realidade na qual todos eles enxergam?

Percebi que me comporto muitas vezes como uma bela mariposa que pousa sob algum objeto criado por algum humano. Ela, de tão bela, quer ser vista pelos outros mais atentamente e com mais proximidade: veja, mas, se qualquer mínimo movimento que ameace seu pouso em qualquer lugar, ela voa desesperada, para salvar-se de coisas que, ela sabe – são maiores que ela em tamanho, mas não em qualidade. E por isto mesmo, foge. Pois o tamanho maior pode dar a impressão de uma falsa fraqueza, por ser pequena e indefesa. Mas, tem asas, e só suas asas já representam sua grandiosidade em termos de qualidade.

A ideia de separatividade é uma ilusão – sei disso. O problema do outro não lhe dizer respeito é uma grande falácia; não lhe diz respeito hoje, mas daqui há cinco anos, o problema do outro será o seu problema, e se lembrará dele – e lembrará, que o menosprezou, por crer veemente em suas ideias convictas, de que o problema dele era unicamente dele. O indivíduo quando se isola reflete sobre isso também.

Ele se cala a grande maioria das vezes; se cala, se contém, se retém, permanece absorto em si mesmo, observando todo o cenário e tentando penetrar nas mais diversas interpretações acerca das coisas. Se cala, não por que não sabe ou não quer se comunicar, mas tem receio de desrespeitar alguma crença que destoe da dele; fala somente quando o outro lhe dá total abertura compreensiva para ouvi-lo. Fora isso, ele nasce, cresce e morre, sendo mero conselheiro; um protagonista de sua própria vida.

A ideia da separatividade é uma ilusão; ele insiste! Lhe dizem, em alto e bom som: “não preciso provar nada para ninguém”. Mas é claro que precisa; como espera ter paz e harmonia se não tentar compreender o outro? Como espera que o outro compreenda suas razões e seus motivos, se não faz o mesmo também? A provação vem daí: precisa-se provar inúmeras coisas para as pessoas, com o intuito delas perceberem, que a compreensão parte daí – de provar suas razões, seus motivos e suas vontades para o outro – para gerar a tão sonhada harmonia em convívio.

Desistir de tentar entender é desistir da vida.

Tem de existir alguma fortaleza que mantenha a estrutura serena para poder não se aliar a ideia de separar um do outro.

Vamos lá! Pensemos em uma máquina de lavar roupa:

Se tem as duas opções de sabão em pó e sabão líquido para ser inserido dentro da máquina e fazer uma boa lavagem; geralmente os indivíduos costumam usar uma das

duas. Porém, quando se usa as duas opções, não acontece absolutamente nada demais com as roupas. Nenhuma sai desbotada, descolorida, ou coisas semelhantes. Talvez essa analogia sirva para tudo em termos de relação: individualidade x companhia. A individualidade sozinha funciona, e a companhia também. Mas, qual é o grande problema de ater-se aos dois? Como espera ter uma individualidade rica e cheia de tesouros, quando não se está acompanhado? Bem ou mal acompanhado – isto é ilusão, companhia é companhia e apresenta complementos e nos traz algo de novo para pensar, independente desta ilusória dicotomia de bem e mal. E como espera sentir prazer em estar acompanhado se não se sabe o gosto da solidão para fazer este belo contraste?

Usando o sabão em pó ou sabão líquido, elas serão levadas. Mas não acontecerá nada com as roupas se ambas forem juntas e trabalharem em grupo em prol da limpeza da roupa.

Será que é proposital, alguns desenhos saírem com lados que deveriam ser iguais – muito diferentes e desproporcionais? Será que quem criou aquilo, pode ter tido a intenção verdadeira de fazer entender que até mesmo o esboço mais bem feito, seu valor definitivo pode vir a falhar? Sim! Talvez seja proposital, talvez seja para fazer os outros refletirem. Está vendo? Como uma boate de strip-tease e de intensas e involuntárias atividades sexuais pode nomear-se de um deus mitológico e necessário para entendermos o ato do amor profundo e do erotismo como algo necessário para a saúde e bem-estar? Como podem confundir estes dois mundos tão densamente diferenciados? O humano faz isto, constantemente, põe o divino no lugar da matéria; fala em nome dele a todo tempo, e o divino de repente fica com um aspecto de diabólico para os que vivem nesta realidade densa. Então, chega-se a um determinado momento de substância e subsistência, que ninguém mais sabe qual é o verdadeiro rosto do divino – ele foi tragado e amaldiçoado pelas interpretações rasas, equivocadas e precipitadas de quem ousa não abrir os olhos para enxergar mais além.

O indivíduo isolado cria sabedoria e não se percebe mais como fora de si em momento algum, e nem mesmo está disposto a se mover ou fazer esforço para algo que não venha a ser eterno e que não deixe marcas profundas; não está inteirado em energias que lhe movam para algo que seja fruto somente de emoções intensas e passageiras. Ele necessita transformar tudo em eterno; por isso, se afasta. Ao mesmo tempo que a ideia de se encontrar separado de todos é uma violência a humanidade. Ele se opõe contra o sistema, mas nunca aos indivíduos humanos que fazem parte dele, pois estes somente merecem a compreensão sobre seus atos impulsivos e inconsequentes, que são influenciados pelo sistema; e os fazem agir com desespero e prepotência.

- Sua vida interior morrerá senão afrouxar essa rigidez! – Ela me respondeu.

Os opostos se atraem e os semelhantes também. O oposto atrai seu semelhante e seu oposto; tudo atrai tudo, quando há a energia do amor presente. A questão de quem atrai quem varia muito, de acordo com gostos, vontades e prazeres em comum. Mas, quando se ama tudo e a todos, se atrai o seu oposto pois é um semelhante ainda

desconhecido de si mesmo, e atrai também um semelhante, pois se identificam em questão de ideais, mas nunca de essência, tornando-se assim, também, opostos! Quem ama verdadeiramente atrai semelhantes e opostos.

A banana ficando podre e preta no cesto de frutas nos diz alguma coisa; o desperdício e desvalorização ao natural em prol do artificial, do instantâneo ou do mais fácil. A banana apodrecida na mochila, na bolsa e nos demais lugares sempre nos dá a impressão de desconforto, de desvalorização ao ato mais nobre da natureza; de doar-nos um alimento rico e de graça; mas tudo bem. Os micos sempre comem, no final do dia, as bananas mais maduras.

Bananas!

É dever do indivíduo sozinho, ater-se aos seus atos de brincadeiras eternas, sua infância e sua alegria interior – não saindo de si! Ele sabe que todos estão sérios e melancólicos com a vida pois ainda estão presos às mais diversas e variadas crenças limitantes criadas pelo sistema; por isso, ele não pode perder sua alegria interior, por mais que lhe agridam. Pois é isto que irá salvar todas as pessoas com suas carrancas! Ele choca os outros com sua alegria de viver e sua inocência de criança. Choca, e é todo este choque que irá liberta-los. Poderá ser veemente incompreendido no início, mas ao final de tudo, não haverá ninguém que não se lembre dele, e não conheça seu nome. O indivíduo sozinho precisa doar-se, mesmo que doa, sofra e se machuque; sua doação irá valer todo o desgaste. Irá ver o amor sendo realizado em todas as pessoas; irá ver todos se unindo, finalmente!

“Foda-se o sistema!” O indivíduo que está sozinho sempre pensa, por isso mesmo se afasta; ele é secretamente um indivíduo rebelde, mas que não comete rebeldia alguma. Pois, antes de tudo, há de se tomar cuidado com os sentimentos de quem faz parte do sistema, antes de praticar ou de cometer qualquer ato de rebeldia contra o sistema. Os indivíduos que serão prejudicados neste ato de rebelião e supostamente de ir contra as autoridades repressoras, sentem, quase sempre, o mesmo peso da repressão neles próprios, e ainda serão prejudicados dez vezes mais pois também estão na mão do sistema, como aquele que praticou o ato rebelde. Então, há de se tomar cuidado com essas supostas liberdades e revoluções – primeiro, tornar todos os outros conscientes, após a consciência ter se alastrado por todos os lados e todos os campos de diversas pessoas, irão todos se unir em prol da verdade comum, a verdade da consciência maior; só assim a rebelião será concretizada – ajudando outros a se libertarem, um a um, pouco a pouco, e discretamente, sem fazer demais alardes; o sujeito sozinho sabe disso, e por isso se esconde e fica em reserva a todo tempo. Antes de se revoltar, pois, se está sendo injustiçado, observe todos a sua volta; todos estão sendo injustiçados, não há tamanho motivo para revolta – sim para a compreensão de uma união posterior, por estarem todos em mesma condição.

Mas, eu (ou ele?) ultimamente se escraviza pela estética quando pode, e esquece do conforto que deveria sentir. A estética das ideias e dos objetos; em tamanhos legíveis e proporcionais. Ele, de tanto que se acostuma a estar em casa, compra sandálias pela

estética e não pelo conforto que lhes dará. Então, quando percebe a sandália bonita e arrojada, mas sem o conforto esperado, se surpreende e se espanta com tamanho desconforto. Não pensa no conforto pois só anda e caminha pela casa, e não fora de casa, em longas estradas; por isso, não pensa no conforto, apenas na estética. Assim como as ideias; de tanto que as mesmas perfuram e penetram sua cabeça com tamanha formosura e embelezamento, esquece do conforto que deveria sentir, quando essas ideias forem, de fato, postas em prática, em vida cotidiana; geralmente, não é confortável, e acaba prezando pela estética da ideia do que pela sua vivência; ou seja, seu conforto. Esquece do conforto a se sentir, e não da estética a se pensar!

Malditos sejam os sujeitos assim – grandes salvadores de outros, mas grandes sacrificadores de si mesmos em prol de uma futura beleza harmônica da humanidade.

Claro, decerto – pessoas calmas não são pessoas santas; porém, há uma substância específica na calma que indica um maior aprofundamento em si próprio, e quando há aprofundamento em si, as coisas ficam mais amplas – pois começa a perceber a si próprio em todas as partículas de vida, e não há mais como enxergar um culpado. Pessoas calmas não são santas, mas com certeza – entendem a essência das coisas e conseguem observá-las muito bem nas entrelinhas.

Honra também significa dar o valor a determinada coisa de acordo com sua qualidade. Honrar não é submeter-se, mas entender o senso de justiça que rege todas as coisas. Honrar alguém, é validar suas ações e seus feitos, fazendo o mesmo receber a coisa na qual semeou. Dar o valor referente ao “produto”.

Olho para o ponto de ônibus e não há ninguém sorrindo, não há ninguém dando gargalhadas e não há ninguém feliz. A alegria nestas horas ia contagiar a todos; mas ao mesmo tempo, não que eles fossem tristes ou sérios o tempo todo, apenas querem manter esta imagem para a sociedade para poder manter-se no mesmo altar e pedestal para poderem ser respeitados; agora, o respeito deveria vim naturalmente até às pessoas! Se é um ser vivo e existe, já seria digno de respeito. Mas criaram uma ideia de respeito totalmente deturpada e dispersa, inventando uma crença de que se precisa conquistar o respeito, quando, em realidade, o respeito automaticamente já se é ganho quando respeita o outro e a todos os seres. Os animais precisam demonstrar respeito a um ser humano para o mesmo ser digno de tal coisa? Se é um ser que sente; isso já deveria ser uma amostra e uma prova muito bem suficiente para dar-lhe o devido respeito! O respeito que merece; e com isto, vêm a honra.

Vamos lá: as leis da sociedade também, são uma grande cilada. Enganam o verdadeiro caráter e esforço intrínseco das pessoas. O grande respeito obrigatório aos idosos que devemos ter, por exemplo – há situações controversas: há idosos completamente ingratos, mal-agraçados e agressivos. Se foi a vida que os tornou assim? A vida, a depender da capacidade de resistência de cada pessoa – torna todos assim, ou não. Neste caso, devemos dar respeito obrigatório a alguém que nos desrespeita, ou a alguém que nos trata bem, independentemente de sua idade? Conheço jovens que agem como se tivessem 70 anos, e idosos que parecem não ter saído da infância.

Mentalidade e maturidade parece não escolher idade cronológica! É isto, é este o fato – e as leis da sociedade parecem ignorar isto.

Alguma coisa nos impõe e temos que obrigatoriamente obedecer? Não é bem assim, não no mundo de um indivíduo sozinho e isolado – acostumado a pensar e refletir sozinho, com suas próprias ideias e reflexões a partir dos momentos aonde seus olhos próprios captaram e analisaram as coisas ilógicas e absurdas, indo contra o grande poder da verdade.

Se ver no outro é mesmo uma dádiva; não se briga nem se arma conflitos com ninguém e ainda consegue copiar suas qualidades e características mais marcantes!

Mas, existem os picos de isolamento de época em época para preservar memórias que foram construídas. Preservar, reter e sentir os momentos que foram vividos com tamanha intensidade, mas que ainda não foram gravados totalmente no cofre sagrado do coração, necessitado de ardor, paixão e amor – para acender aquela sua chama incandescente – é necessário isolar-se de tempos em tempos com o objetivo principal de intensificar as memórias para que elas possam criar vida própria, gerando maior acolhimento para com os outros que conheceu e amou durante a vida. As energias se esgotam e é preciso com urgência recomeçar. Sabe-se lá por que, talvez a cabeça tenha de fotografar as lembranças que já se formaram e já estão imaculadas; com o risco de, se não fotografadas e guardadas no coração, serem coaguladas e atravancarem o sangue de transpassar pela corrente sanguínea.

Já tentaram alguma vez, roubar e inibir sua imaginação? Nunca conseguirão; sabem disto. Sabem disto, e quando se finalmente consegue libertar-se de desejos intensos e desesperadores, sentindo-se disposto a encarar um dia de cada vez em toda sua plenitude, estes desejos de repente, tornam-se reais. Estes desejos voltam para si próprio, como um bumerangue – e aí, tem de pegá-lo, mas cabe a decisão do sujeito, se quer continuar com ele na mão mesmo tendo descoberto o alívio de estar fora do jogo; ou simplesmente, o arremessa e nunca mais volta ao seu lugar de posição inicial. Pois, de fato e em veracidade – quer desistir do jogo. Não conseguirão roubar a imaginação pois foi ela que o libertou do sofrimento da escravidão dos desejos. E irá continuar libertando-o!

O sujeito sozinho é amistoso, para evitar a escravidão. A escravidão de si e do outro, dentro das relações.

Os macacos irão para o céu, assim como os mais dotados de racionalidade podem ir para o inferno. Alguns ditos irracionais podem caminhar pelas escadas do céu e os ditos com intelectuais avançados, podem experimentar o calor do inferno – tudo é sobre impressão para eles, ao mesmo tempo que o verdadeiro definidor dos finais, são os âmagos e as intimidades centrais.

As cascas da parede branca vão se descascando aos poucos, e a moldura dos quadros vão perdendo o brilho. E as imagens dentro das molduras parecem, de repente, que falam conosco – de tanto tempo que residem aí neste calabouço cor de rosa e mágico.

Se importar com o que o outro pensa, não é se deixar ser afetado por fofocas ou coisas fúteis; se importar com o que o outro pensa é saber suas reais opiniões e percepções subjetivas acerca da minha própria pessoa! Não é querer saber se esta opinião irá ser externalizada e ouvida através de boca em boca, mas sim fazer-me ser entendida, pelos olhos individuais e sensíveis do outro.

O indivíduo sozinho sabe que a escola da vida acaba vindo até ele, quando passa por longos tempos confinado. Sabe que todas as escolas na qual estudou, acabam por se unir e formar uma grande e delicada família, na qual nutre com todo seu tempo livre e através de turbilhões de pensamentos corriqueiros. Alguns usam tempo livre para divertir-se, o indivíduo sozinho o usa para nutrir amor para todos os seus conhecidos e pessoas que ama, em seus pensamentos mais íntimos e conscientes. Talvez as noitadas sejam também um tipo de escola adicional, com tarefas e provas extras! Ou talvez não – talvez elas mintam no quesito de algo ali, lembrar-lhe de épocas escolares; talvez, o comportamento dos sujeitos, a sede de juventude, não sei.

Alguns liquidificadores possuem a capacidade de medir o volume de água ou de líquido dentro do recipiente; se nós, criadores das máquinas, somos iguais a elas, pois toda criação é reflexo do próprio criador – não devíamos então, tentar sentir o corpo mais profundamente e entender o limite de água e líquidos que estamos precisando? Há alguns que, para fazer um suco, basta poucos copos de água, mas para algumas vitaminas, se precisa de uma maior quantidade de água, podendo arriscar do mesmo engrossar demais – a quantidade de água dentro do nosso corpo é variável, pois tudo depende da nossa expectativa sobre o resultado final. O que queremos, como resultado final?

Eu tenho prazer em renunciar às coisas! Isto é uma espécie de pecado para quem vive na vida mundana, pisando na terra, no solo? Para os religiosos isto poderia ser uma marca de santidade – mas para os verdadeiros, pessoas comuns; isto para eles é um pecado, uma estranheza, uma possível ameaça? Ter prazer em renunciar às coisas que os outros tanto almejam e desejam para si?

Olha só, quando vemos a palavra girassol já imaginamos uma palavra só... Agora, quando cortamos um "s" da palavra, ela se parte, a palavra se torna duas. Gira sol. Percebemos o quanto a linguagem portuguesa é extremamente complexa e como se torna mais fácil aprender outras línguas ou linguagens do que a sua própria! E isto se co-liga diretamente ao fato de cortarmos qualquer cabo, defeito ou característica nossa e simplesmente nos partimos ao meio, não sendo mais um só, mas sim, duas personas diferentes e distintas. Por isso, o exemplo da palavra girassol é excelente para percebermos que nosso esforço não adianta se temos que sair de nós mesmos para conseguirmos o que queremos, com o risco de nos perdemos e nos tornarmos dois, ao invés de um; se perder. Assim como a palavra girassol se perde de seu significado quando cortado seu "s". Gira o sol, e não mais girassol. Já é outra coisa, não mais aquela palavra conhecida que tínhamos conhecimento. O quão louco é isto?

Então, como saber se estamos a um passo de um possível aprendizado ou de mais um aprisionamento de nossa própria essência? Através do pressentimento, da intuição. E este, não se pode nunca negligenciar, crendo que é coisa de sua cabeça, ou fruto de sua imaginação; pois corre o risco de cair em grandes armadilhas do materialismo. Hei de ficar atento às intuições! Não são frutos de sua imaginação, são pressentimentos advindos da atmosfera externa, absorvidas pelo interno!

- Você não sabe da vida para ficar aí preso, o mundo está lhe esperando.

- O mundo é incompreensivo sobre as coisas. Não entendem nada, e nem querem entender.

- Mas, no meio da incompreensão, se encontra alguém compreensivo, e é isto que irá valer a pena no final. O toque demorado, mas valioso de alguém que também compreenda e seja sensível ao mundo ao seu redor. E juntos andaram para uma estrada aonde se possa dar compreensão para os demais. Pode-se errar várias e várias vezes, mas sempre achará o seu caminho. Sem dúvidas. O isolamento esvaziado de sentido já não lhe cabe mais. Não percebe que está andando em círculos? – A voz feminina disse.

Aonde está a minha cabeça quando começam a me dar lições de moral sobre minhas próprias certezas internas e sobre minhas convicções? Aonde está minha mente quando sou engolida e absolvida pelas incertezas dos outros, mas mascaradas de certezas por eles mesmos? Aonde? Aonde deixo minha mente viajar quando cousas intermináveis e sem sentido batem contra o meu raciocínio sobre as contemplações contínuas dos episódios da vida?

Aceito tanto o outro que me afasto. Não é a sensação de exclusão que me ronda, pois tenho consciência de mim – mas sim, a aceitação e a compreensão profunda do outro, quando ele está em minha companhia. Deixo o outro ser como ele é, sem amarras e ou julgamentos; por isso, aceito tanto o outro que me afasto, pois, meu jeito de ser começa a impor algo, indiretamente, sobre sua personalidade e sua forma de ser – que me dói completamente os órgãos, os ossos e o coração. Minha personalidade também começa a querer se expor, e isso vai contra as crenças pessoais e os comportamentos de outros; o que me deixa em constante estado de turbulência emocional – por saber que estou agredindo a crença de alguém, por saber que estou desrespeitando ele de alguma forma!

Se não quero que façam isso comigo, por que faria eu, isto com o outro?

Respeito o outro, por isso me afasto.

Uma vez lembrei-me de uma mulher com nojo por que um mendigo havia beijado a mão dela; reclamava das bactérias e de inúmeras doenças contagiosas. Ora essa; lhe questionei sobre seus hábitos. Não se faz sexo, não se toca em maçanetas, não se lava louças, não se pega em pia suja e buchas sujas? Não se anda descalça, não se limpa armários, não se come alimentos industriais que só acumulam açúcares no corpo? Tudo isto gera inúmeras bactérias dentro de nós. E quanto as doenças, elas já estão em

nosso corpo – somos nós quem as ativamos, quando decidimos sentir nojo ou aversão, ira, ódio. Somos nós quem ativamos as doenças, não é um beijo de um mendigo que irá ativar isto em nós!

O que há de errado com a mentalidade deles é a fé na crença do senso comum; é a crença vazia, a crença infundada, a crença de não se ter crença nenhuma pois somente se ouve a voz distorcida de sujeitos vividos nas margens, sedentos por algo que os elevel! E não, alguém que os ajude a permanecerem na miséria espiritual que estão.

O indivíduo sozinho beija a mão do demônio se for preciso, para perseguir o que acredita. Beija na boca, todos os mendigos! O indivíduo sozinho tem isto de sólido nele: o não se deixar levar pelas falhas da cultura e do social. Pelas informações falaciosas dos seres influenciados pela cultura e pelo social, ainda incapazes de pensarem por si próprios no que os rege e rege suas ações e os acontecimentos que acontece com o mesmo com o passar dos dias.

Sim, de certo também – leio, observo e vivo a vida através de simbologias. Tudo que interpreto acerca das situações, possuem significados simbólicos para mim; por isto, meu aspecto filosófico por vezes engana os telespectadores, crendo que sou uma mera andante que racionaliza as situações que deveriam ser vividas com intensidade. Mas não! É apenas o simbolismo querendo repercutir em mim novamente, são apenas as simbologias que crio automaticamente em minha cabeça, após passar e passear por experiências.

Quando criança, havia um policial na qual eu havia perguntando do porque carregavam armas para lá e para cá, para onde iam, juntamente com suas fardas. Ele me respondeu que era para proteção do povo, “para proteger vocês”, ele disse. Então, lhe questionei: “como pode-se proteger alguém matando? Isso só assusta.” Ele então, se manteve pensativo. Minha indagação sobre o indivíduo sozinho também é essa – quando o mesmo está em total solitude, ele realmente seria capaz de usar de armas para proteção – de que não são verdadeiras proteções, mas formas de amedrontar. Quem protege, acolhe e ama, não assusta. É papel das armas, proteger? É papel das armas, ameaçar, amedrontar, causar um certo respeito baseado no medo.

Quando me dizem sobre guerreiros, ir para a guerra e guerrear, ou lutar para ser alguém - tudo me parece simplesmente patético e inútil. Estão induzindo que se derrame sangue nas arenas, nos campos e nas pistas! A guerra em si, é isto – o derramamento de sangue, seja este simbólico ou literal. Inclui passar por cima de outros, passar por cima de vontades terceiras em prol da sua ou da sua população; não buscam o equilíbrio ou harmonia, mas sim, cortar cabeças com o intuito de passarem pelo campo e serem os sujeitos dominantes. São batalhas sobre querer sempre se dominar! Aonde está o espírito de justiça nisso?

Guerra não é justiça. Fazer guerra é violentar a si mesmo, ao outro e ao que está sendo injustiçado; fazendo-o sentir-se culpado por derramar sangue de inocentes no final.

Mas eu me relaciono de igual para igual! Não, de desigual para igual, ou de desigual para desigual; é sempre, igual para igual! E é óbvio que eu me entrego! Mas a minha entrega total deve ser sempre a algo maior do que eu ou do que meus interesses egoístas e prepotentes, saciados pela limitância do mundo físico. A entrega deve ser total, mas para algo mais além!

Há sempre dois rostos desfigurados que querem fazer parte de um novo eu. Existem os rostos desfigurados, diversos rostos desfigurados – mas nunca se intimidam em pedir para fazer parte de uma nova camada do sujeito que está sozinho há muito tempo. Eles chegaram agora mesmo, dentro do meu coração – e meu sangue clama para que eu saia da cadeira e comece a dançar, antes que estes rostos me comam vivo. Não há nada de sintético em mim, mas mesmo assim, a desfiguração dos rostos se identificam com meu estado de espírito! Eu não entendo! Por que será, se, estou sozinho e elevando meu entendimento e compreensão sobre as circunstâncias e sobre as coisas?

Há algo de artificial e protético nisso tudo. Há algum tormento discreto que se faz posição. E eu preciso saber o que é.

A voz feminina bateu na porta e gritou novamente, cansada do meu silêncio e falta de resposta, comumente usados por mim como estratégia de protesto a fala e imposições do outro:

- Não há nada que ninguém possa fazer por você se decidir, por vontade própria, continuar sozinho.

Mas aqui dentro não me parece como morte ou deterioração da carne; pelo contrário, as vestes estão pelo avesso, mas eu não me importo, não me torno pálido ou desnutrido por conta destas vestes na qual usufruo estarem com seu lado contrário à ordem que lhes foi imposta quando foram fabricadas.

Existem homens que cospem em rostos de mulheres quando elas tentam beijá-los? Há quem diga que não – mas eu já vi alguns. Poucos, mas alguns. Quebrem as crenças que lhe impuseram na cabeça agora, ou correrá o risco de nunca ver o inacreditável e nunca ver o chocante, o inesperado, o incomum. E se não possui oportunidade de presenciar anormalidades, então não vive o bastante. Viver, que falo – é sentir a intensidade latente do ânimo fazendo seu corpo vibrar por si só, vindo de qualquer coisa que seja. Seja esta coisa um simples disco ou um simples livro, seja esta coisa rios de dinheiro – quem escolherá será a consciência individual do personagem caricato e autocentrado ao apreciar os estímulos.

- O céu não é plástico, sua alma não é ouro, seu sangue não é vinho e a vida não é uma pedra! – Ela continuava, e eu crendo que ela já tinha saído do vão da porta.

O que é isso? Trocando adjetivos plausíveis por simbologias incompreensíveis. Que bom que são incompreensíveis, eu pensei. Há muito o que se pensar sobre o que ela tinha me dito agora – pois eu não havia entendido nada sobre seus significados, iria permanecer por mais e mais tempo sozinho, pensando. Suas falas somente me induziam a um estado maior de reclusão, e talvez a mesma desconhecia desse seu

feitiço arrepiando Ihe contra o feiticeiro: ela mesma. Talvez seja, um gênero desconhecido, como aquelas bandas musicais desconhecidas que nunca sabemos como classifica-los, tudo isto - o arrepio e susto de se sobrepor ao entendimento, somente para poder se rebaixar a ele depois que entende-lo.

Eu guardo o mundo dentro de mim! E de certa forma, ainda duvido se é isto mesmo que preserva a solidão – que preserva a verdadeira autenticidade do ser sozinho – guardar o mundo dentro de si, estando em alta vigilância e proteção contra as perdições do outro mundo – o mundo que o espera do lado de fora. O mundo infestado de morcegos quando o dia anoitece.

Quando saio de casa para ceder favores aos outros, é com imenso prazer que me convoco para ser serviçal, pois sei de que os serviçais sabem e possuem conhecimento muito mais aprofundado do que aqueles que se sentam no sofá esperando comida na boca e farturas, sem nada a fazer, adquirindo conhecimentos que não servirão de nada, pois passam seus tempos agindo como zumbis. Quando alguém me pede favores, irei observar este favor, irei observar o processo deste favor. “Tira uma cópia dessa chave para mim”, me disseram. Eu vou até o chaveiro, observo ele fazendo a cópia de uma chave, e eu mesma aprendo a fazer quando eu conseguir a mesma máquina que a dele, ou até mesmo quando eu me deparar com uma máquina daquelas.

Muitos pensariam que estão me fazendo de tolo por estarem me usando para fazer favores, mas eu não me importo – aprendo com estes favores – quem ganha sou eu, e infelizmente, quem perde é quem vive me pedindo coisas.

E ócio não é inercia, como todos os criativos já estão cansados de saber.

Mas, o indivíduo sozinho normalmente se sente sempre cansado e impotente - diante das informações, vivências e experiências. Ele sente que sabe de tudo pois já tem o conhecimento todo dentro de si, sobre tudo da vida – então, quando experimenta algo, já sabe que aquilo iria tornar a acontecer, ou no que aquilo irá se tornar eventualmente no futuro, por isso – sente-se cansado e mais lento do que o normal para afazeres sociais e domésticos, pois tudo Ihe parece extremamente previsível.

Para afazeres, de qualquer tipo que seja. Sente-se cansado e não sabe bem o que fazer – já que a incompreensão quanto às questões mais elevadas está em toda parte, e sente-se impotente em explicar e ensinar tudo isso para os que não compreendem, pois sente que não teria essa força toda para ensinar ao mundo sobre suas questões elevadas de amor e compreensão, que esconde, vela e inibe, pois, sente vergonha de mostra-las em um mundo que está se movendo apenas pela violência, dinheiro e malícia. Sente vergonha de mostrar amor - mas que, no fundo, vive e morre por isso. E ao fundo, essa é a sua verdadeira motivação para movimentar-se pela vida. O motivo pela qual sente vergonha quando sóbrio, e na qual luta e move montanhas quando embriagado: o amor. O grande amor universal, por tudo e por todos.

- Me deixe aqui em paz, se for para estas coisas acontecerem, irão acontecer. Não entende? – Eu gritei – Não posso atrapalhar o fluxo das coisas, não tenho esse poder.

- Por passar tanto tempo sozinho, talvez você tenha sim. Quem cresce consigo próprio se afunda em alguma coisa inalcançável para os outros, talvez por isto, cresça algum tipo de poder em você.

Pessoalmente e impessoalmente, o indivíduo sozinho – ou seja, eu mesmo – odiava quando tinha de deixar de ser criança por algumas horas para fingir ser um adulto sério e compromissado, fingindo que se importa com estas burocracias e teatros que a sociedade cria e se passa através de uma imagem convincente da verdadeira realidade. O horário de almoço representava uma quebra do infantil e do começo da adulteridade: o de deixar os lanches, doces e salgados, para comer uma comida dita como nutritiva pelo mundo dos adultos. O horário de almoço era e continua sendo, um horário crucial para uma criança; parar de se comer o que lhe dá gosto para comer algo que lhe mandam comer por que faz bem – a obrigação de adentrar e interiorizar substâncias que não se deseja, em prol de um bem que eles nem sabem se realmente fazem bem mesmo – pois quem lhes diz isto é o mundo dos adultos, e não o seu próprio (o que verdadeiramente sabe a fundo as verdades ocultas e profundas do mundo a sua volta).

É o mundo da criança que conhece o místico. O mundo do adulto, com muita relutância e sem resultados – tenta conhecer o mundo místico, mas só o afasta mais de si, pois acha que nada tem a ver com criança ou com ser criança, ou com o universo infantil. O místico é infantil – e o adulto eventualmente faz uso de magia negra quando ignora esta verdade, por menosprezar e subestimar o lado infantil e o lado de toda criança que tenta lhe dizer as maiores verdades!

Assim como homens possuem seios não desenvolvidos, os adultos possuem uma infantilidade não resolvida. Já existiu, mas não foi desenvolvida como deveria ter sido resolvida. Os homens poderiam ter tido seios, mas os hormônios femininos não foram desenvolvidos no útero de sua mãe; por isso, ficou em seu estado incompleto, o de não-desenvolvimento das características necessárias para se gerar vida. Homens não geram vidas pois são incompletos em termos biológicos – adultos não geram criações pois não são resolvidos com sua criança.

Mulheres podem adotar um esperma e engravidar, gerar uma vida sozinha por elas mesmas. Homens não podem adotar um óvulo e colocar neles, não irão conseguir gerar vida alguma assim, pois não sabem como fazê-lo. Assim como, o adulto poderá adotar a ideia de uma criança e dizer que é sua, mas o mesmo continuará com o mesmo vazio e a mesma sensação de falta de amor e generosidade com o mundo – que é o que move o mundo da criança para criar estas ideias inovadoras! Nunca será a mesma coisa. Todos sabemos que nunca é a mesma coisa, por mais que tenhamos argumentos convincentes na teoria, na prática sabemos que nada se encaixará.

O adulto precisa tornar-se criança para entender o que ela é e o que ela representa para ele mesmo. Aspectos de desinteresse pelo mundo exterior como um definidor de rumo, insensibilidade quanto aos assuntos sérios demais e que envolvem repressão de sua autonomia, são sinais de uma criança saudável e resolvida consigo mesma. E é isto

que o indivíduo sozinho está tentando evitar a todo custo – os aspectos adulterados do mundo adoecido querendo lhe sugar esta criança que tenta arduamente proteger dos outros. Porém, há uma hora que alguém arrombará esta maldita porta aonde se esconde no sótão e verá suas armaduras.

A voz feminina novamente batia na porta:

- Sabe há quantos anos está aí dentro? – Ela resmungava.

- Há alguns dias, somente. – Eu falei.

- Dias? – Ela assustou-se com minha resposta – Querido, você está aí dentro fazem décadas! Me disseram que eu encontraria somente carcaças humanas, esqueletos, carne comida pelos insetos. Não sei por qual milagre alguém me respondeu quando decidi falar.

Eu estranhei. Eu olhava para minha pele e ela parecia nova em folha. Havia um espelho empoeirado no canto da casa aonde eu estava, o limpei um pouco e olhei para meu reflexo. Não havia nada de errado comigo. Ou com meu corpo, estava jovial como criança. Estranhei novamente sua indagação. Decidi não respondê-la mais, apesar da curiosidade ter fincado em mim por desejar saber do porque ela crê que estou aqui há tantos anos. Ou será, que a mesma está me dizendo isto tudo para induzir-me a sair daqui, a atravessar esta estreita porta que leva até o mundo real?

Mas, como uma digna criança que sou e tenho a ressalva de preservar – a curiosidade talvez iria me engolir se eu não soubesse de onde veio esta história. Saí do meu lugar de conforto, a cadeira aonde lia imensos livros com uma xícara de café – calcei meus sapatos e saí com meu pijama para abrir a porta. Ver quem era essa voz feminina que tanto clamava por minha saída; mas me surpreendi quando abri a porta.

Eu abri a porta! E não havia ninguém do lado de fora. Porém, haviam inúmeros e inúmeros presentes embalados em papéis de aniversário, como se, realmente – fossem presentes acumulados de anos e anos parados bem em minha porta. Como se eu não tivesse estado aqui nestes anos que comemorei meus anos de aniversários. Eu não cheguei a contar, mas não sei chegavam a mais de mil presentes, pois eles ocupavam o corredor inteiro do meu andar. Foi o primeiro corredor de presentes que me assustou na vida, pois talvez, eu tenha visto somente este até agora. E paralisei – não sabia mais o que fazer com aquilo.

Voltei para meu apartamento e fechei a porta, pensando no que eu tinha acabado de ver.

Mas, ora essa! O que todos aqueles presentes com cores de embalagens diversas e sortidas significava? Eu não queria saber – e nem o indivíduo sozinho e isolado, que se sabe; sua presença é eterna, mesmo quando ausente.

Voltaram a bater na porta.

- Passar tempo demais pensando não é bom. O tempo está passando. – Não consegui identificar se essa voz era uma voz feminina dessa vez.

Percebi por fim, também – que todos sempre tentam encontrar um vilão e culpa-lo pelas tragédias que acontecem. Todos querem ser heróis e por isto tentam achar o vilão – esta polaridade há de ser desmentida pela vontade de paz de compreender que ninguém é culpado pois todos possuem razoes muito íntimas e intrínsecas para fazer o que fazem. Todos possuem suas razões, razões particulares nas quais muitas vezes não desejam compartilhar pois sabem que serão incompreendidos – como sempre foram, pois ninguém nunca lhes disse que eles eram dignos e merecedores de coisas boas.

Todos possuem suas razões para fazer o que fazem e não existe vilão. E o herói de verdade não acredita que exista o vilão do lado de fora de seu coração, pois ele já encontra este vilão dentro dele mesmo, e trava batalhas internas e intensas para superá-lo. O vilão sabe que ele também é herói em alguns momentos; e o que há de mal nisto? Os papéis se invertem, uma hora ou outra. E o que há de mal nisto? Acha mesmo que crianças perdem tempo sentindo ciúmes? Elas estão tão intrigadas com conhecer o mundo a sua volta, ou para criar coisas novas – que não possuem tempo para saciar sensações medonhas, saciar vontades articuladas e formuladas por adultos. Que não passa de uma vaidade estanha não assumida para si mesma que se é – os ciúmes.

Toda a minha trajetória em perceber a realização dos fios conectados de todas as situações universais e pessoais – foi em um belo dia de aula no ensino fundamental – quando comecei a perceber que as palavras comumente usadas nos assuntos das matérias serviam também, para tudo em nós mesmos – e que na verdade as matérias na escola nada mais são do que reflexo de nós mesmos! As matérias na escola são a superficialidade, a porta se abrindo para uma diversidade de conhecimentos que ainda encontrará durante a vida. E é isto que me salvou, e ainda me salva, e ajudo outros a se ajudarem também: o conhecimento. O conhecimento oculto, aquilo que está debaixo das camadas superficiais dos assuntos triviais e das matérias de escola! Aquilo que está enterrado lá no fundo de cada pronúncia de verbo sobre o que se ouve todos os dias. Por exemplo; nosso corpo em estado alcalino é um corpo feliz e alegre – por que a química, que sempre ensina sobre acidez e alcalinidade; mas de modo impessoal, nunca nos disse sobre isto? Sobre como nosso corpo alcalino produz felicidade e tranquilidade? Por que as pessoas e o senso comum vangloriam tanto o sexo sem compromisso e somente o próprio prazer isolado dele, quando na verdade, seu ato feito com o ato mais puro de amor é capaz de fazer alguém entender o verdadeiro significado do cuidado e carinho ao mesmo tempo em que se é livre?

Por que os assuntos triviais e as matérias escolares escondem a profundidade do assunto em que se fala, seus becos escuros, suas esquinas sujas e sem saídas? Por que escondem as labutas e os temores das conversas que poderiam ser as mais engrandecedoras; se não fossem faladas com pronúncias e tom de voz formuladas com tanta malícia ou segundas intenções?

Tudo é importante – agora temos de ver em qual buraco está escondido a chave daquilo que tornará importante o que está se vendo, ouvindo, sentindo, provando, tocando. Por que escondem a capacidade de profundidade?

Estar no andar de cima de um estabelecimento vendo a visão ampla do andar de baixo é estar em um nível superior; ou seja, um andar acima. Mas isto não significa que sua visão ampla diminua a visão mais estreita e detalhada de quem está olhando de baixo para baixo, e não de cima para baixo! Significa somente, que se está olhando tudo de cima com mais amplitude, e isto não significa que se é superior ou se está em um pedestal – significa somente que se está no andar de cima! Os andares possuem escadas rolantes, quem deseja subir para lá, move-se um pouco as pernas. Significa estar olhando para o formigueiro sem estar sendo diretamente atingido ou denunciado por fugir do formigueiro. O mesmo com a profundidade – não há pedestal para quem o faz, somente a capacidade de ver as coisas com maior amplitude, e isto será um agrado e uma glória para todos, quando esta visão ampla for compartilhada de forma plausível e entendível para quem ainda beira nas sensações coléricas.

E além do mais, não há nada na vida que realmente possa ser levado a sério; exceto o sentimento dos seres vivos. Isto é primordial – pois o sofrimento do outro é sempre o meu sofrimento, o sofrimento do próximo é seu, e todos sabem disso! Todos sentem, mas ninguém diz o quanto dói ferir, e ser ferido. E assim esse ciclo vai se repetindo sem se darem conta, criando sofrimentos intermináveis dentro de suas próprias vidas, não percebendo que o seu sofrimento está vindo do sofrimento do outro que está próximo, que está ao seu lado e não o ajuda! Então, tirando isto – a importância que devemos dar ao sentimento do outro - não há nada na vida que seja feito para ser levado tão a sério, já que ela está aqui para nos mostrar o exercício da brincadeira! E como a seriedade se desmancha facilmente perto de uma brincadeira de criança; pura, sem malícia alguma – a seriedade não consegue existir mais, ela automaticamente se mutila nestas situações de alegria contagiante.

Nas minhas percepções sobre as palavras, há de se interagir com o que há de mais sutil e ambíguo dentro delas para achar as respostas e soluções para todos os problemas. Falando em uma coisa, em termos de outra – quando se faz isso, perceberá os emblemas e mistérios se alinhando e encontrando-se nos caminhos certos dentro um labirinto escuro. A palavra “queda” remete a um buraco que se cai ou quando a força da gravidade lhe puxa para o chão por que seus pés que estavam sob seu comando, pisaram em falso! E por que pisaram em falso? Por que seus olhos e cérebros não estavam atentos o bastante para livrar-se dos obstáculos que se seguiam logo em frente, por isso se tem a queda. E esse significado de queda pode adequar-se em todos os contextos possíveis: queda de pressão, queda de cabelo, queda de barreiras... A palavra queda se adequa a qualquer contexto que se vê esta palavra, e sua linguagem simbólica bem interpretada traz soluções para todos os problemas envolventes com esta palavra.

E é assim, com todas as palavras! O contexto literal é o contexto figurado, e vice-versa; não há separação – a pureza das cousas nos traz sempre esta cortina se abrindo para o

espetáculo mal visto, mas já aclamado e aplaudido pela crítica. É assim, com paus de madeira e artefatos de pedras que se cria a canoa de ferro. Não se separa um tijolo do outro com risco da casa desmoronar antes mesmo de sua construção ter sido finalizada. Não sabe o quão importante é, permanecer estável e fixo, mesmo com sua vida em movimento? Não sabe o quão necessário é? Viver só para ver tudo acontecendo, só para presenciar o mundo dando suas voltas e mudando tudo de lugar? Se não o quão necessário é, ainda não entendeu a ambiguidade das palavras.

- Quanto tempo se passou? – Perguntei-lhe.

- Só você saindo dessa porta e abrindo os presentes para descobrir.

Agora, seria eu, uma eterna acomodado em minha zona escolar – aonde ninguém me incomodava quando estava eu a brincar sozinho dentro da sala de aula. Mas agora, os incômodos apareciam de formas recorrentes; não querem mais que eu brinque sozinho dentro de uma sala de aula – desejam minha saída da sala e ainda jogando o brinquedo fora saindo de mãos vazias.

Uma guerra fria acontecia entre o universo dos adultos e das crianças. Na escola, ocorre sempre a pequena gritaria entre eles na hora do recreio. Logo depois, chegam em casa, almoçam e dormem – cochilam profundamente em seu leito.

Os adultos normalmente, demonstram em suas expressões rígidas – detestar a gritaria das crianças; mas não percebem que são exatamente o mesmo, moldados do mesmo barro, criados pelas mesmas mãos, a mesma estrutura carnal, as mesmas camadas de pele.

Homens grosseiros se embebedando em bares, mulheres fúteis e suas intensas fofocas, brigas de espíritos competitivos em lugares de trabalhos em prol do dinheiro para controlar – entre eles, esta é a gritaria das crianças em uma versão adulterada. (...)
Como pessoas de educação física com seus ilustres corpos como enfeites de si próprios – mas quando veem alguém caminhando por milhas e milhas de distância, não o reconhecem como seu igual por não estar vestido em roupas adequadas de educação física como eles. Sendo este, por ironia – este que não usa a veste apropriada de educação física, por ter andado milhas e milhas de distância, possui pernas, coxas e quadris mais definidos que os próprios educadores da física corporal, limitados a academias com suas máquinas programadas!

Não se dão conta! São peças fragmentadas, tolos palhaços, tolos advogados, tolos sagazes, tolos ingênuos.

Quem quebra cocos secos, lava louças, faz trabalhos manuais, e é servo recorrente de quem compra seus produtos e serviços – possui músculos mais definidos e maior resistência muscular e óssea do que os próprios professores de educação física, aprendendo tais coisas de jeito racionalizado e ensinando aos outros sem deixar fluir o próprio pulsar de seus corações com suas vontades particulares, e ao invés disso - ensinam através de métodos que vão contra as leis naturais – através de métodos

desonestos e rápidos demais de se conseguir as virtudes e riquezas do corpo; sendo estes instantâneos, ao invés de esforçados e naturais.

Mas, aonde estão as autoridades de poder? As autoridades são iguais a mim; ter medo de autoridade é, de forma ou de outra – possuir medo do sofrimento ou da morte. E estes, já superamos – eu mesmo já superei, quero dizer – sendo um indivíduo feliz e trancafiado em mim mesmo, não há mais o que temer, senão minha própria dissolução – mas as vozes dos deveres e da ordem estão vindo me bater a porta, para ocupar meu lugar desconhecido em alguma espécie de organização pessoal e social dentro do mundo, juntamente com os outros. O quão dramático e ao mesmo tempo, previsível isto seria?

- Você tem muito medo de se juntar aos outros. Tem tanto receio e tanto medo de ferir alguém que acaba não fazendo nada, em relação a nada. Tem tanto medo que os outros firmam seus valores de respeito e justiça que não se aproxima de ninguém, e perde a oportunidade de fazê-los entenderem estes valores. Não comete atos injustos, pois tem medo de cometer qualquer ato que seja, com medo de que pareça injusto para o outro. Você está paralisado! Está paralisado em seus próprios ideais e estagnando-os, impedindo que os mesmos se movam e se movimentem entre o mundo, mesmo que isto lhe custe ferimentos graves. – Novamente, a voz atrás da porta falou comigo.

A voz do dever! A voz dos deveres intuitivos, a voz feminina, que agora prefiro nomeá-la de voz do dever; pois foi esta impressão sobre ela que perfurou em mim desde que nos contatamos através destas capas de invisibilidade e telefonemas transmitidos por nossas vozes agudas e refinadas em nossa comunicação quase que substancial!

A voz do dever, é ela, também feminina e resistente ao seu “o” masculino. Minha intuição sobre ela (esta voz) é precipitada, no caso, minha intuição agora tornou-se masculina.

Querer não é poder, poder não é dever, e dever não é obrigação!

Dever é um compromisso intrínseco consigo mesmo em fazer o que é o melhor para o bem comum; o querer, baseado em instintos primitivos; diferindo do poder – este tem a capacidade individual de escolha entre o instinto e o bem comum, diferente também da obrigação! Que é quando há alguma força externa lhe apertando o braço para que faça tal coisa sem ter aquilo como nenhuma prioridade em seus objetivos de vida.

Agora! Quando passeio sozinho por livre e espontânea vontade, noto alguns detalhes absurdos em níveis impossíveis de se alcançar quando se está turbulento demais dentro dos costumes modernos – quando vou jogar lixo do lado de fora de casa, observo sempre aquele alarme de incêndio. “Em caso de emergência, quebre o alarme. “ Cor vermelha. Quebre! Emergência! Tudo isso se remete a incêndios e fogo; acidentes. Possuem contentamento em sentirem um ar puro entre seus cabelos e expirá-los para dentro dos seus corpos, sentem-se acolhidos nas águas de mares, rios, riachos, lagos. Quando estão livres de compromissos, gostam de pisar os pés descalços

na terra e de afotá-la para que a plantação seja bem nutrida e para que dê frutos. Mas, qualquer mínimo sinal de fogo, para eles é emergencial que se apague, é um perigo, entrar em contato direto com o fogo. Ele queima o que tiver perto – e é o único elemento temido! O que realmente tira a paz de todos os outros. A liberdade, o mergulho e a estabilidade – então entra o incêndio para transmuta-los, perturbando estas necessidades intrínsecas de cada elemento.

“Em caso de emergência, quebre o alarme. ” E se eu quebrasse, mas fosse falso alarme? Não houvesse incêndio algum, somente a minha força de quebrar o vidro? Continuaría sendo um incêndio mesmo com a minha impressão arrancada e deturpada dos desesperados, que têm preferência apenas pelo fogo baixo dos fogões? Que, ao subir o fogo incendiário fazendo seus rostos suarem, seus tremores já começam? Os tremores não devem começar; mas sim a permissão para que o fogo entre em contato com o corpo. Aceitar a possibilidade de morrer dentro desta transmutação e enfrentamento para com o físico também é uma forma de coragem!

O incêndio é normalmente visto como coragem; o fogo é seu supervisor, quem mede seus níveis intensos de honra e quem lubrifica sua bravura.

Uma criança necessitada de café, um cachorro pulando como um canguru, um carro cedendo espaço às pernas para caminharem, alguém socialmente bonito cometendo plásticas, pessoas responsáveis entrando em colapso interno por reclamarem de suas irresponsabilidades! O absurdo de repente faz algum sentido quando o desespero bate em sua porta? E eu crendo – que era a líder de toda a comporta do manual de instruções das rotinas e obrigações das pessoas – quando tudo isto é deveras desprezível para qualquer um atravessar a porta do absurdo e do impossível. Arrancar meus fios de cabelo – cabeça que coça, cabelo que cai – não por agonia, ansiedade ou ira, mas por uma passageira fraqueza subjetiva.

- A vida concreta me reprime. – Eu disse para a voz do dever.

- Você mesmo se reprime, quando está na vida concreta. – A voz corrigiu minha fala.

Claro, me reprimo em alto e bom som. Para todos ouvirem e se atentarem aos ruídos – mas agora, me reprimo e me vivifico para mim através de comportamentos e exercícios isolados, e é gratificante perceber a máquina, somada a humanidade única que somos nós. Isto ninguém percebe! Como uma câmera fotográfica trabalhando para produzir um filme de longa-metragem, meus olhos captam os vislumbres de tudo que meu corpo alcança – e minhas respiração, o toque dos meus pés no chão, minhas mãos entrando em contato com objetos – são os sons primários e espontâneos do filme, e como é prazeroso ouvi-los! Como um recente filme francês, ainda sem falas montadas, sua visão sobre si mesmo na rotina surge abraçando tudo ao seu redor através do isolamento.

E é maravilhoso! Assim como perceber que sementes de abóbora me fazem chorar, percebe-se também que o fogo do forno para ser aceso precisa ser supervisionado no

mesmo segundo que se liga; com o risco de o gás cativar o ar e esquecer de sua função.

- O afastamento se faz necessário na maioria das vezes, necessito que entendam e aumentem seu grau de compreensão acerca das coisas. – Eu falei – Só o distanciamento provoca a verdadeira compreensão, quando se está próximo demais de alguém, acaba-se que começa a projetar suas expectativas individuais na pessoa que está próxima. Só o distanciamento provoca a falta, a ausência, e esta ausência do outro, nos faz perceber o amor por ele, ausente por tempos.

- Entendo sua colocação, solitário. Mas não se pode distanciar-se pela eternidade! Enquanto se está ainda em uma carcaça física cheia de carne pesada que se chamam os órgãos, lhe pesando o andar, não se pode ficar neste estado para sempre, corre o risco de se deteriorar antes da hora, mesmo que se esteja profundamente feliz em sua própria companhia, o corpo uma hora sentirá a falta de um semelhante para ocorrer trocas e compartilhar sentimentos.

A ausência de palavras pairando no ar e de de comunicação verbal deixa o indivíduo nas trevas de si mesmo? Quer dizer, não sei exatamente – mas a impressão dada é dar com o rosto nos fatos calados, ansiosos por lhes mostrar alguma direção quando as vozes se quebram dentro de alguma zona de quietude. O estar com a mente calada, estando em lugares monótonos e fechados, mas calmos - levam o indivíduo ao confronto com seus demônios? A ausência do verbo o leva a sentir seus instintos mais primitivos? O leva a sentir-se dentro de uma carcaça de carne, decerto, mas há alguns com dificuldade de enxergar a extravagância do instinto, então deixemos para lá – ele ocupa espaço demais na vida de um indivíduo que preza por valores sólidos e é vazio tentar segui-lo depois de um certo tempo.

Porém, o português não faz sentindo dentro do inglês por ser uma língua de extrema complexidade e incapaz de causar qualquer conforto a quem exercita o inglês fluentemente – sabemos dos portugueses intrusos e invasores, ambiciosos por terras que não são deles – mas nem todos sabem que sua língua é igualmente como eles: de difícil digestão – não desce facilmente, é difícil de entender, e quando se entende, não há proveito nenhum no tempo gasto, se vê o que se viu desde o começo: os intrusos, o desejo somente por aquilo que é do outro; o menosprezo pelo primitivo, pelo simples e pela união. Os índios estavam certos – deveriam desonrar o português! Neste sentido, o primitivo é certo e não há forma alguma que a língua atrapalhe o processo de enfrentamento com seus demônios. Os índios honram o primitivo no tocante de honrar a ancestralidade – e é isto que o indivíduo sozinho produz e tatua nele desde o começo. Não honra a sociabilidade fútil, mas sim a ancestralidade, com todo seu desejo por solidão a flor da pele o comendo e o dilacerando, como uma estátua viva e desobediente de sua postura de pedra!

- Ao invés de fechar-se em seus valores, por que não os ensina aos outros, estes que tanto repudia, por terem valores humanitárias tão pobres?

- Não é óbvio? – Eu disse para a voz – Eles não entenderiam, já estão mergulhados demais no que é supérfluo e vazio para suas próprias existências.

- Nunca é tarde para tentar. – A voz do dever disse-me com o tom cauteloso e ao mesmo tempo autoritário, algo com um quê paternal, como um pai tentando ensinar ao filho como interagir com o mundo – Lembre-se que para mudar algo, sempre terá de correr riscos, e correr riscos para mudar algo mundialmente, exige o desapego de todos os desejos mundanos. Exige abrir mão de si mesmo.

- O que chama de desejo mundano?

- Essas questões, que só quem vive muito intensamente dentro do mundo entende. Influências sociais, status, reputação, dinheiro para bens desnecessários, sexo somente pelo bel prazer, desejos de guerra e de conflito com o que é diferente, sentimentos de ciúmes e vingança desenfreados... aprenda a se cuidar, mas não esqueça, quando se aprende algo, sempre será obrigado a repassar esse conhecimento adiante para os ignorantes. Senão, tudo estará arruinado, será como um eterno prisioneiro encarcerado em uma torre de marfim. Se tornará como eles, e de nada fará diferença.

- Mas a gravidade acaba lhe empurrando para estas vertentes sem querer... E acaba-se sendo interpretado como um deles e jogado em um buraco de ambiguidades perdidas dentro do que pensa sobre si mesmo. – Eu disse.

- Não se diz tão resistente? Sempre terá a si mesmo, seu refúgio e felicidade em seu isolamento. Então, o que tanto teme perder quando sair por essa porta e conhecer o mundo em lucidez, com sua visão clara e nítida?

Mas é claro! Me lembrei do porquê sempre me interessei quando criança, pelo gênero de filmes e seriados de drama – quando os assiste, se cria uma vontade irresistível e sem fontes confiáveis, de viver aqueles personagens assistidos. Do espectador tornar-se o protagonista enquanto suas emoções estão a flor da pele adentrando na história e narrativa criadas pelo criador do filme ou seriado. Mas agora fez sentido. O drama em sua origem significa ação, e o ato de emocionar-se, de interpretar, de desejar viver aquilo que se assiste, são os motivadores da ação! Ninguém sente vontade de mover-se na vida senão for para representar uma postura, uma imagem ou um personagem. Todos sabemos que os personagens inspiradores de nossa são os que realmente nos fazem mover pelos ambientes e nos auto afirmar: são os personagens, criados por nós próprios com nossa imaginação, com a ajuda do gênero dramático, nos fazendo crer em diversas identificações com quem está ali interpretando – com o ator; caricato, famoso, charmoso. Impelido ao norte da representação, inspirando o público a empanturrarem-se de intensos dramas em suas vidas cotidianas.

As mensagens que enviamos para papai Noel no dia do natal não parece ser assim tão verdadeira. São mensagens folclóricas enviadas subitamente de um desconhecido – e que as crianças desconhecem de seu entorno e de sua raiz. Quando descobrem a inexistência desse papai, se decepcionam também por perceber, que a maioria dos pais nunca chegarão aos pés deste idealizado, o que insiste sempre em agradar a todas as

crianças com seus presentes. Algumas crianças quando crescem, tentam se tornar eles para seus filhos – e os mais determinados conseguem, os guardadores de sonhos de crianças, ainda vividos e muito bem alimentados. Por isso, evito sair de casa no natal também – quem diria, as pessoas do meu prédio dão sim este festejo para clamar uma ausência de felicidade perpetua em suas vidas estranhas, cinzas e penumbrosas? Quem diria – e assustam suas crias com suas confusões diárias. E as crias tendem a crer a vida do mesmo modo cinza e estranho na qual os pais escolhem se submeter a viver.

Apesar de algumas mensagens de propagandas serem criadas unicamente para seduzir o público, elas não deixam de ser verdade em um contexto mais geral e subjetivo, quando analisamos a vida em um rolo de filme, ou do andar de cima.

Vou dar um passeio pelos arredores da minha casa vazia e bagunçada, noto sempre como meu armário se encontra organizado. De onde vem meu incrível senso de organização parado somente por esta maldita voz do dever pedindo-me para que não guardes estes tantos “sensos” que possuo somente para mim, e vá extravasa-lo pelo mundo afora? O meu armário organizado é sinal duvidoso de interesse pela ordem. Os atletas dizem que precisamos manter o corpo sempre em movimento para sermos saudáveis; os intelectuais dizem que precisamos manter a mente sempre ativa para sermos inteligentes, e eu digo que necessitamos dos dois, na mesma medida, na mesma proporção – e para um avançar, o outro precisa estar parado. Para a mente raciocinar, o corpo precisa estar estável; para o corpo funcionar, a mente precisa estar parada. Se não for assim, como o armário estará organizado, sem o raciocínio lógico para mantê-lo em conformidade, e como sem o movimento, para a conformidade poder se concretizar?

A voz que fala comigo e me assustou com seus sermões de chamadas para a vida, mais me parece agora como uma figura importante e insatisfeita com a situação atual dos vislumbres mundiais, que cintilam entre sua áurea invisível e contamina seus cílios e pálpebras lastimadoras por uma visão global melhor e mais satisfatória para os sentidos, que perseguem o espírito que comanda estes sentidos. Há tempos eu poderia crer na virtude das grosserias, palavras chulas e do bombardeio de violências como uma forma diferente de extravaso e insatisfação. Mas percebi, então – esta insatisfação nada mais passa de incapacidade de visão ampla e próspera. A vergonha e a preguiça de servir ao outro quando é possível. De onde surge esta vergonha e esta preguiça? A fortaleza da fraqueza, a fortaleza do acolhimento. De onde surgem estes renomes e palavreados para descreve-los como meras poções e líquidos de pura fragilidade?

O acolhimento só se mostra frágil quando quem acolhe, está acolhendo sem a vontade surgida do coração – quando está acolhendo pelo peso na consciência, e não pela pureza do coração – então, sim, talvez, o acolhimento seja uma fraqueza, mas não quando o coração quer, não quando o coração deseja, incendeia e alardeia por um mundo mais sofisticado em termos harmônicos! Não, não isto – a força dele não precisa nem mesmo ser nomeada para se prontificar e ser imagem de reputação fiel do que significa um amor universal.

Eu experimento com a imaginação, então vou ao mundo diretamente. O sigo como quem não o entende, mas que ao fundo, o guarda e o revela para ele mesmo quando está em desamparo e tormento. O mundo não sabe que o guardo dentro de mim, e talvez isto seja deveras tão alucinante para quem o habita que não precisem mais usar qualquer espécie de entorpecente para realizar-se na contemplação de tudo que já sabe.

Assim como, a atmosfera de um ambiente ao ar livre rapidamente é modificada assim que inúmeros carros se tumultuam na estrada vazia. Ela se torna poluída e diluída por poros sujos e imundos de gases nefastos e promíscuos, extremamente prejudiciais para a plenitude emocional do planeta composto de águas antes tão límpidas! Assim, começamos a necessitar de mais anestésias para superar o ar poluído sentido, sem saber que se é sentido. Não é possível ver com os próprios olhos, esta transformação, mas ela ocorre e afeta a todos presentes com corpo e alma. E há alguns mais sutis já capazes de anunciar e alertar a mudança do ar; há outros ainda confusos sem saberem de onde vem este desconforto cru e pedregoso, como uma agulha no pé descalço.

Como não ter uma câmera fotográfica por ausência de dinheiro, acaba que se tirando as fotos e fazendo filmagens com seus próprios olhos e capacidade de captar os movimentos exteriores; e usar sua memória cerebral como um verdadeiro arquivo de fotos e vídeos! Como a câmera. Tudo que se precisa para isto, na verdade – é o foco total no que se está sendo gravado, assim, será sempre lembrado depois. Não há por que comprar alguma câmera quando, por vezes, a câmera fotográfica já está embutida em si mesmo.

O indivíduo sozinho já cansou de chegar a esta conclusão, e já acha inútil demais ter de comprar estes itens criados pela sociedade, pois sabe que tudo reside dentro dele. Porém, a voz do dever o tempo todo o chama, o clama! Lide com a materialidade! Lide agora com ela, pois está em um corpo material! E assim, ele sente-se induzido e seduzido, mas ao mesmo tempo recua pois sabe que a materialidade um dia se dissipa. E depois? E depois do escoamento total do gelo? Depois dos ombros caídos de tanto peso? Depois da pele desgastada vindos de toques triviais e banais; toques intocáveis, não se permitindo serem tocados com regularidade por pura pompa ou desprezo ao alheio?

- Não percebe? – A voz do dever falou como uma ordem, novamente – Já se apaixonou, agora é sua vez de ser apaixonável. Já sofreu, agora é sua vez de ser o que sorri. Já foi trancado, preso, exilado, agora é hora de não temer sua própria liberdade. Não reclamou das injustiças cometidas com sua pessoa, agora é hora de perceber a justiça voltando como bumerangue para si! Já acessou todas as coisas ocultas, agora é a vez deles. Não percebe os papéis se invertendo enquanto engrandece seu grandioso mundo interior, necessitado também de ser visto pelos outros! Vamos lá, levante dessa cadeira! – A voz do dever falou como uma ordem.

Os preconceitos estão mesmo em toda parte, pensei comigo mesmo. Até mesmo nos detalhes irreparáveis! Como as culturas existentes em todo o mundo permitem que os

americanos sejam os mais atraentes e mais bem quistos? Música, filmes, livros? As outras culturas merecem o reconhecimento posto também, senão, as guerras continuarão por esta discrepância inexata e inequívoca do filho preferido! E o restante dos filhos sendo deixados de lado! Assim é como, os estados unidos aparece para o mundo, para o globo, para a mãe terra – como o filho preferido. E os outros filhos o olham com tamanho destemor ou raiva, ou então, tentam ser igual – mas como não conseguem, frustram também todos os netos e bisnetos que já saíram de dentro dele – ou seja, o povo residindo nas terras do continente.

As guerras acontecem por que não suportam o lugar do filho preferido. As guerras acontecem pela síndrome do filho preferido, acontecendo enquanto todos disputam o leite materno primordial e sagrado da mãe terra! Mas ninguém o pode ter, pois a mãe terra sustenta todos ao mesmo tempo e de forma igualitária de acordo com a necessidade individual de cada um - e sem ela, sabem eles que morreriam – o filho único quer ser o mais inteligente, mas depende de todos os outros irmãos, pois todos os outros irmãos trabalham sempre para uma harmonia melhor para sua respectiva mãe.

E em relação aos animais? Por que há alguns mais preferidos por alguns povos e outros mais desprezados? Cachorros são amigos leais pelo brasil; mas fonte alimentícia extremamente prazerosa na china. Enquanto aqui se comem animais mortos, na índia seu contexto é revisado e a ideia lhes estranha.

Tudo isso não passa de preconceitos, e os preconceitos surgem pelas discrepâncias culturais. Nunca é tarde demais para mudar.

Desprezam a volta dos círculos da vida, mas esquecem que a terra é redonda. E inevitavelmente, a grande volta em círculos irá retornar, pois de nada existe de plano, mas sim círculos em terras redundantes.

Tudo na vida se trata de estimular a criatividade. O dinheiro é uma muleta, ele não resolve coisa alguma. Tudo que se compra com dinheiro se pode você mesmo fazer com suas próprias mãos, através de trabalho manual e inventivo. Criativo. Criação. Tudo na vida se trata de estimular a criatividade para prosperar, em todos os sentidos. O que interrompe este processo é o de ouvir os não-imaginativos que já desistiram e interromperam completamente o processo de sua própria imaginação e agora vivem como bichos; atacando e recuando em qualquer tipo de ataque, evitando o contato verdadeiro com alguém de uma forma legitimamente humana.

Evite interromper os processos intensos de criatividade em prol de dar ouvidos aos lobos com sangue na boca, aos lobos enraivecidos com o que mesmo criaram para seu bando e suas crias - recusando-se a fazerem parte do seu próprio processo humano de criação, recusando-se a serem também criadores de alguma invenção primária para o bem comum. Evite abrir mão de sua criatividade para os lobos; eles acham que a criatividade é uma espécie de comida que um dia acabará e irão morrer em escassez. Mas, não sabem: a criatividade é inata do humano, basta que a acesse! Ela não acaba, não há como possuir retirar escassez de uma substância completamente abundante.

Quando há trabalhos de obrigação nas quais não se gosta de fazer, transformar o cenário daquela coisa desgostosa na qual se está a fazer é sempre uma boa pedida. O cenário pode ser modificado para seu próprio bem, para sua própria estima, para elevar-se acima do que acha que é!

- Irei. – Eu disse calmamente para a voz – Mas, ainda preciso me arrumar.

Os papéis rasgados, amassados e rabiscados do passado servem para induzir o presente e o futuro, proclamar os três em comunhão, satisfazer os três predicados do tempo, separados por ordem do efêmero e por negação do eterno. Não percebem a imensidão da virtude dos três mosqueteiros andando de mãos dadas em uma praça infestada de jovens mal-agraçados e indispostos para tentar entender a vida? Quando um dos mosqueteiros chora, os outros dois o abrigam, e entendem a vida em conjunto; não há jogar fora aquele choro visto em estado emocional e perturbador. O choro já se encontrou caído no rosto branco de um deles, e já é tarde demais para fazer aquela gota salgada voltar ao estado de estabilidade.

O banco está vazio, mas as almas continuam ali mesmo indo embora. A inconsequência de se sentar em um lugar aonde não lhe pertence e de nada lhe acrescenta é satisfazer as tolices passageiras da aparência – não sabem disto? Saia de onde não foi convidado!

E o indivíduo sozinho sabe; sempre sabe – por isto mesmo, não pode ir pelo impulso - precisa se arrumar. Mas se arruma agora, em presença – nunca pensando em possibilidades de futuros e repetições de passados passagens.

Tudo está em seu lugar, tudo está no seu devido lugar. Uma grande qualidade vem, por detrás, também, um grande defeito. E o defeito reúne a qualidade, tomando propulsão para que ele se manifeste. O defeito insiste em esbarrar-se nas bacias de água que estão no chão por detrás das cortinas do palco. Mas tudo bem; o defeito aparece, nos fazendo entender do porquê aquela qualidade ter sido tão perfeita e intocável – pois existia um defeito ali por trás, trabalhando arduamente para que esta qualidade soasse mágica e extraordinária.

Sinto falta da tristeza, sinto falta da melancolia – hoje em dia, elas estão durando muito pouco em mim. Não sei se isto é bom ou ruim – o trabalho vem junto com a criação, a criação aparece defronte ao trabalho. A intensa produtividade não permite que a tristeza flua – mais uma vez, não sei se isto é bom ou ruim. Só sei que temos que exagerar as medidas e moderar os excessos de exageros. Mas a alegria interior, não pode, de forma alguma, descer as camadas para o estado de ira profunda em meio aos obstáculos. A alegria deve subsistir de frente ao que o tenta desmanchá-lo com força física.

Parar de nomear as sensações as impede que se tornem um estorvo na sua caminhada pela vida. Quem lhe ensinou a nomear coisas como boas ou ruins a partir do que sente? Quem lhe ensinou o que era dor, o que era tristeza? As angústias mundiais não passam de vaidades e egoísmos não-assumidos, mascarados como estas sensações de tristezas. Egoísmo por que não se abre mão do seu lado para ver o outro, vaidade por

que não se permite estar em posição de humilhação para poder enxergar o outro mais claramente. E tudo isto gera intensa angústia, pois está se negando a unidade, a compreensão, o amor – está impedindo a si mesmo de desenvolver-se pessoalmente e coletivamente.

Mas tudo bem. O indivíduo isolado já mantém este grande segredo embaixo de um manto sagrado e dourado embaixo de sua cama, que o mesmo chama de “grande verdade”.

As camisas brancas e limpas se dando melhor com os raios solares e com a pele que a veste, e as camisas pretas vestidas nos corpos revoltados preferindo lugares fechados e abafados, eu nunca saberei o porquê. O sol escolhe suas cores preferidas, e a lua também. A alegria escolhe suas cores preferidas, e a tristeza também.

Porém, há sempre os pequenos TOCs do indivíduo sozinho, criados por sua inconstância mental por tanto tempo vivendo dentro dos seus próprios métodos:

1. O indivíduo sozinho come amêndoas, massa al dente – firme mas não dura, macia mas não grudenta – e encontra-se com receio de coisas cruas demais por achar que sua acidez não será o bastante para preparar uma deliciosa vantagem de caráter perante os outros insatisfeitos com a realidade. Ele come o que há por vir dentro da cozinha e tem medo de ter de sair de sua zona criativa chamada seu próprio quarto com suas invencíveis máquinas e criações elaboradas por suas mãos, para ir comprar comida e ter que abastecer seu preenchimento criativo com artefatos rotineiros e triviais – sendo ele acostumado a viajar para lugares diferentes em sua própria cabeça, temendo a perda da liberdade interior e imaginativa para ir buscar mantimentos para seu estômago poder se estabilizar um pouco no costume da vontade do corpo material. Mas ora bolas! Ele tenta inovar como faz com suas máquinas – na cozinha – mas tem medo. Medo que seu corpo rejeite e isto afete radicalmente seu cérebro que tanto cria. Então, até mesmo a sua própria cozinha – que se mantém a alguns passos do seu quarto – é um grande mistério para ele. O mesmo não sabe explicar muito bem o porquê, mas é. Um mistério para mim, o indivíduo sozinho.
2. Ele não sabe como chega à conclusão de necessitar da cozinha para poder criar e procriar, filhos e mais filhos para a humanidade, sem necessitar da cozinha enchendo sua barriga sem grande êxito, pois o vazio do estômago volta a incomodar logo quando está em processo criativo. Não há ninguém com ele e não haverá mais – será sempre ele e a cozinha dentro das masmorras férteis e engenhosas do poder criador. Ele come batata doce e inhame pois lhes disseram sobre seus valores nutricionais, e ele acreditou. Mas já lhe disseram que ambas as raízes podem ser venenosas comidas com casca, e ele acreditou – então retira a casca todos os dias antes de comer. O quão o indivíduo solitário pode tornar-se supersticioso ao ponto de acreditar em informações voláteis da

internet e dos meios de comunicação da era moderna? Que vão mudando, a cada dia, semana, ano, época? Sim, ele se torna um pouco supersticioso pois não sabe muito bem para onde ir – seu eixo às vezes se perde, se esgueira e se ancora em alguma armadilha criada pelo seu próprio sexo, desprovido de inteligência, carente de qualidades coronárias. Mas ele por si só é modelado por uma coroa – porém, não se permite apaziguar-se pela coroa que o rege. Seu instinto fala asneiras e divindades. E seus ouvidos se abrem para essa comunhão.

3. Sustentar maldizeres sobre os outros em sua própria boca - isto para o indivíduo solitário, é a pior das discórdias cometidas por sua pessoa. É como se estivesse em cima de um edifício de vinte andares, e de repente caísse, despencasse de lá, para o toldo branco do décimo andar. Machucou-se um pouco, mas não morreu. Olha para cima e não vê mais o céu, mas roupas estendidas, concreto e pessoas brigando, fica então, enraivecido, enfurecido, se torna colérico, pois desceu do alto do edifício. E desceu do alto por que sustentou maldizeres e fofocas sobre os outros – e deste ato, surge a cólera, pois conseqüentemente o maldizer que se verbalizou sobre o outro, volta para si em outra fase de sua vida. E então, não há mais retorno ou retrocesso – apenas a aceitação da consequência.
4. A humanidade existe e preexiste nele com cascatas e cataratas. Ele desconhece as causas mas conhece os sintomas. Seu leito de morte e seu leite materno são duas cousas mescladas: uma não se separa da outra quando age e entra em contato com o que é humano. E ambas as coisas são necessárias para que se conviva muito bem com a natureza dual dos acontecimentos. Isto é um dom, isto é um dote, isto é um poder. A habilidade de ampliar! E há muitas máquinas inventadas que desconhecem a amplidão. E mesmo quando ampliam, a qualidade do que foi ampliado sai tosca. E não é revelado, por tanta vergonha de ter saído tão mal feito.
5. Rejeita o pai, acolhe a mãe e neutraliza o irmão. Seria isto, uma espécie de autoproteção, ou está rejeitando a sociabilidade com os demais, quando age desta maneira? Está impedindo a si mesmo de agir como quer e impedindo a si mesmo de avançar socialmente? Por ser emocionalmente maternal e racionalmente antissocial?

Há aqui, um inconfessável alçapão. Já sabem? O indivíduo não consegue decidir. Entre ele e o outro – quando dá a mão para o outro, se perde de si. E quando está dentro dele, está constantemente pensando nos outros. Então, não há como sair desta armadilha! O que fazer? Um sempre leva ao outro.

O decoro é pertinente, mas não supera o lugar das inovações e das revoluções, constantemente aparecendo em forma de imagens na cabeça do indivíduo sozinho.

Talvez ele devesse seguir a voz do dever. Sabe que deve, sente que deve – afinal, é o dever com quem fala!

Mas, aqui, vão mais algumas coisas que o indivíduo sozinho se encontra atordoado em cima da corda bamba quando se depara com o mundo:

6. Tudo bem. O pudor e a moral são importantes para se ter respeito, mas o respeito dura somente para questões relevantes e extremas aonde a sabedoria governa todos os campos. De nada adianta ter pudor e moral em suas atitudes quando sua sabedoria é baixa e seu conhecimento é vazio. Ela tem fundamento dentro da perspectiva de mostrar a direção e o caminho ao outro, se portando como um juiz; mas não como um deus severo que bane tudo que desonra sua moral particular. De nada adianta também, punir os desinibidos e inconsequentes, quando são eles que mantêm as diversões e o entretenimento dos ambientes, proporcionando o equilíbrio da atmosfera. Isto seria burrice e estupidez por parte dos moralistas, e eles sabem disto. Por mais que se aborreçam com jeitos poucos respeitosos de alguns, ele próprio necessita manter o respeito para quem é desrespeitoso, pois sabe que seria injusto. Causaria um desequilíbrio ainda maior.

De repente, uma outra voz surgiu falando com ele no vão da porta. Ele reconheceu não ser mais a voz do dever.

- Mas também, não se force a nada. Faça tudo no seu tempo devido. Tudo bem? Quando se força a força que tem, ela acaba por te derrubar no chão.

Esta voz me soava como uma outra suspensão de vontade. Não mais a vontade séria do dever, mas algo como mais entendimento dos processos humanos e como são guiados pelo coração acerca disso. Me parecia mais como uma voz do querer. Eu ajo e estou pronto, quando assim, meu coração ter a vontade apropriada e necessitada de agir. Faço isso do meu direito de querer a ação na minha hora, no meu tempo. A voz do meu querer. A voz do querer.

- Eu sei. – Eu respondi – É ilógico eu pensar que possuo algum jeito de me forçar a sair daqui e a interagir quando não tenho certeza do que estou fazendo.

Por tanto tempo sozinho, acredita ele que sua fonte maior de serotonina seja o contato profundo com outras pessoas. E de fato, acaba tornando-se isto mesmo. De tanto que espera o outro, se situa absolutamente aonde está. Por mais que tenha já desenvolvido seu mais alto grau de espiritualidade e racionalidade intuitiva, torna-se melodramático e envolvido nos dramas alheios quando está muito sendo absorvido demais pelo mundo. E ele mesmo acaba sendo alvo de inúmeros dramas, principalmente ele – por ser o ser humano diferente, pois passa tempos e tempos sozinho, e para eles isto cheira - para alguns até fede - ao estranho e esquisito.

Carcaças e mais carcaças! A maioria não sabe que é assim e não possui interesse algum em saber. A vida é tão irritante como também pode ser duvidosa, questionável. A vida é tão questionável como também pode ser magnífica. (...)

Mas nós temos o jeito intruso de crer em nossa aparência e magnificência como centros. Acha mesmo que os cachorros possuem a capacidade de discernir se estão feios ou bonitos nas capas, propagandas e ilustrações de sua espécie, feita para seus "donos" olharem? Então por que nossa estética é tão superior? Por isso me exaspera o fato de placas de "proibido entrar" para animais em ambientes públicos. Como se nossa estética valesse toda essa privação alheia.

Talvez por isso o espaço infantil me soe tão mais atraente nos parques que frequento.

- Entretanto – A voz do querer me fez ter mais bom senso - você já sabe dos grandes mistérios do corpo analisando a si mesmo, e dos grandes segredos das estrelas analisando também a si mesmo! Quem deveria ter este conhecimento não tem, não acha melhor mostra-lo para quem deveria ganha-lo? Não se precisa de grandes mistérios, você descobriu tudo isso, não lendo em livros, mas vendo em si mesmo, e isto é algo ingênuo e infantil, algo que não se precisa de nenhuma preparação para expor. Não é como uma preparação de um discurso, mas sim o discurso dentro da espontaneidade da vida.

E ela estava certa. Porém, vamos ver aqui em minha cabeça:

- Mistérios do corpo
- Segredo das estrelas
- Mistério = Segredo? | Corpo = reflexo das estrelas?

Um é o outro, no fim. Não se precisa de muito para entender, apenas permitir que a imaginação se intrometa em suas verdades completamente adulteradas, portanto, corrompidas.

O que o envolve tanto nos mistérios mais profundos do universo? É o fator do mesmo se encontrar sozinho? Ele envolve-se em todas as áreas do conhecimento, no final das contas, por estar interessado na profundidade de tudo que olha! Como por exemplo:

CORPO: MEDICINA, BIOLOGIA, NUTRIÇÃO # ESTRELAS: ASTRONOMIA, ASTROLOGIA, GEOGRAFIA...

E a lista não acaba. Por estar tão interessado em tudo, se envolve com tudo, e tem vontade de dominar toda espécie de informação referente ao que se aprofunda, ou seja, a tudo que olha, ouve, toca, cheira, come.

O indivíduo sozinho sabe - eu sei, do céu estrelado, do meu próprio corpo e dos desenhos animados preferidos da infância, pois pressente que eles moldaram sua cabeça e forma de pensar – muito mais que qualquer presença física. Sente-se

infinitamente apegado á figura materna pois é o seu centro emocional – e para desvendar mistérios, se precisa primeiramente entender seu centro emocional. E quando a mãe se irrita, enraivece, ou até mesmo morre – o indivíduo sozinho, que também é oculto, dá um jeito de harmonizar este centro sozinho – talvez até mesmo se tornando sua própria mãe quando ela não está mais aqui. E quando ela ri, ele sente-se alegre também – é um sinal de que seu centro está em paz. Se alivia.

Se lembra dos seus desenhos e das suas pinturas – enquanto os outros obtinham prazer na violência não nomeada, ele se sentava e criava.

Os adultos desconhecem seu poder e conhecimento, por isso não o entendem – o mesmo não vê prazer nos prazeres de adulto. Por mais que o ocultista tenha corpo de mulher, ele não sabia sobre os orgasmos múltiplos ou a incrível sensibilidade dos seios das mulheres, até dar este prazer em alguma delas – e achou este mistério do corpo altamente impressionante – e repete sempre quando pode, para comprovar que a biologia e a fisiologia são tão sensíveis e divinas, e ao mesmo tempo tão relativa para cada uma, ou cada um – sentir a sua maneira, este prazer altamente censurado. E por ser censurado, torna-se uma obsessão. E da obsessão, se cria a perversão. Se nada fosse censurado, não haveriam tantas desgraças. A tranquilidade se tornaria reino, e a desgraça seria rara.

Até mesmo o vocabulário e a linguagem de alguém descreve perfeitamente seu gênio mental e instintivo – se é feminino, masculino ou simplesmente andrógono, neutro, mercuriano. E por que o gênio mental frequentemente segue o mesmo gênio do instinto.

As dores de cabeça facilmente passam quando a mente se concentra em algo muito maior; ideias grandiosas e sublimes! Quando se encontra foco no intangível, no que está ainda no campo do céu estrelado, e não ainda em terra.

Dizem que, eu sendo eu, soa revolucionário. Dizem que, eu seguindo a minha própria vontade, sem me deixar interromper pelos desejos de outros, soa revolucionário. Dizem que sou um exemplo para eles. Um modelo a ser seguido. Desarmo exércitos com a minha risada e com o dom da brincadeira. O dom da brincadeira usada sem malícia ou egoísmo dentro das situações, modifica visões e lares familiares, constrói pontes de heroísmo e leveza sem precisar mencionar qualquer palavra sequer. Há de se brincar com a vida, há de se entreter até mesmo com as discórdias pois estas quando cometidas por si próprio, se tornam vantagem para seu mundo particular. Lhe espancam, lhe violentam – mas a violência para você foi um fato, e não um trauma! E vê os cortes no seu corpo como tatuagens, marcas que podem se transformar em diversos significados simbólicos ao longo da vida! Este é o exercício da brincadeira – ver o peso como uma intensa possibilidade da leveza.

- Sim, eu acho. Mas como começar? Como seguir, do meio do nada? Não tenho parâmetros. – Eu disse – Às vezes me sinto encarcerado no mesmo ponto, sem ter como sair.

Apesar disso, nunca precisei andar em grupos. Nunca precisei que minha afirmação pessoal viesse de grupos instantâneos e aleatórios das cidades por onde andei e morei. E agora estou aqui, revestido de ausência de julgamentos e de desconfortos emocionais em prol de uma existência social – que ao fundo, é uma farsa. Porém, é uma farsa por ora necessária para que se surpreenda sempre a subjetividade alheia. Sem a farsa, não haveria a intimidade – tudo se tornaria íntimo e nada mais iria ser surpreendido.

Mas, o que fazer quando sou profundo rápido demais e por ora isto em si já assusta as pessoas? E quando minha profundidade já se cansa de ser mostrada logo de cara, e depois mostro algum quê de superficial afastando-se da intimidade com o outro, o chocando? Mostrando a intimidade no aspecto social, e mostrando um aspecto social na intimidade? Há de ter uma razão específica para tal artefato meridiano; dividindo complexamente minhas virtudes e defeitos em gomos de uma tangerina azeda, sem seu doce natural.

- E também não sei realmente se há espaço para mim lá fora, tudo anda caótico. Quero dizer... Sempre andou. Apesar de muitas vezes parecer que possuo uma postura um tanto harmoniosa, mas ao mesmo tempo autoritária, não passo de alguém com uma necessidade de segurança. – Completei.

- Mas isso é uma grande bobagem e falácia da sua parte! – Uma outra voz surgiu, e não era a voz do dever nem a do querer, reconheci pelo timbre e o tom – Sua necessidade de segurança é a necessidade de segurança de todos. Assim como você precisa, todos precisam também, apenas estão perdidos dentro de uma presunção e arrogância de dar pena, e não enxergam que também precisam dessa segurança, para terem sua sonhada paz emocional.

A garrafa de água com material de vidro brilhava como diamante após sua limpeza; eu olhava para ela e ela olhava para mim como se eu fosse assim, reluzente como ela. Mas eu não era; estava apenas saciando uma vontade única de ser límpido como ela. E aumentando a vaidade particular de ter dotes profundos como uma água limpa perto de seu corpo, sendo capaz de hidrata-lo a qualquer evento.

- Está tão dentro de si mesmo e tão dentro do seu próprio espaço, que começa a acreditar que é uma coisa e age de tal maneira, quando, no social ou em público, se torna uma pessoa completamente diferente. Então, começa a se sentir confuso consigo mesmo, em perceber muito claramente o seu outro lado tomando forma novamente. O lado que não mostra para si mesmo, o lado social com o qual sempre se surpreende, e isto acaba lhe tornando um mistério para si mesmo. E por acreditar que você é um mistério por nunca estar identificado com sua persona social, e sim consigo mesmo, a visão de mundo de outros também passam a lhe enxergar também como um mistério. Isso não é brilhante e ao mesmo tempo tão complexo? – A voz completou.

Essa é a voz do poder! Eu tinha dito para mim sobre o dever e o querer, mas havia alguém faltando. Essa voz era a do poder. O poder fazer. E ela me mostrava o meu poder, quando me dava o quadro mais ampliado sobre minha própria pessoa – me

demonstrando as qualidades concretas de como o eu pode se confundir estando por muito tempo sozinho, ou por muito tempo socializando. O poder se reúne em um núcleo fundado na ação quando nos permitimos ver tudo como é, e não como o desejo ou a obrigação os transforma. Não como o querer ou o dever os precipita.

E me é estranho as situações comuns e cotidianas: todos parecem sempre tão abertos a terem relacionamentos amorosos e tão fechados para amar o primeiro que aparecer em sua frente. E eu, sinto-me tão fechada para relacionamentos amorosos e tão aberta para amar o primeiro que aparecer em minha frente! Sinto sempre, minha ação em caminhos inversos aos dos deles e delas.

Pois se trata de ser consequente ao que se quer e ao que realmente se deseja no fundo da essência – a cobiça ou o seu despertar, sensações de ciúmes e inveja, sentimentos de posse para com as pessoas, não me animam nem um centímetro o espírito, e por isso mesmo tendo a fechar-me para as propostas mundanas; por mais que estas me soem pacíficas, ou até mesmo seguras – como essas três vezes estão fazendo com que, assim soem após as ideias introduzirem-se em meus tímpanos.

Quando cuido das minhas pequenas plantas ainda a muito crescerem, tocando a terra e a afofando, sinto intensamente a vida, penetrando devagar no meu humilde e receptivo sistema nervoso. Um toque de alguns segundos naquelas migalhas marrons, é capaz de curar uma vida à beira da falência de algum órgão deficiente. É capaz de salvar-se das mãos da morte. E a terra sabe deste seu poder fenomenal, por isto mesmo faz questão de cheirar e incomodar o concreto, o sujando, como uma forma de sinal – para tantos e tantos indivíduos turbulentos entenderem que a terra no chão de suas casas não é sujeira, é um aviso! É aviso de vida! Aviso da vida necessitar ser vivida em sua plenitude e intensidade!

- Você está certo. – Eu concordei com a voz do poder – Mas de onde eu tirei isso, de que eu não posso? Eu devo e eu quero! Mas por que este sentimento de não poder me atinge?

- De sua mãe! Não internalizou tantos “não podes” em sua pequena cabeça infantil? Inocentemente, por ainda preservar sua pureza de essência, infelizmente também se identifica com os tratos maternos que lhes foram dados?

Minha mãe! O encanto principal para guiar-se em torno da vida. Lembro-me bem de sua sensibilidade para perceber se eu dormia ou se eu passava a noite acordada, mesmo eu estando de olhos fechados por horas e horas. Como ela sabia? Como ela sabia que eu estava acordada se eu fingia tão bem? “Coisa de mãe”, me disseram, quando me perguntava sobre estes pequenos acontecimentos de infância e constantemente tenho a vontade de compartilhá-los com todos. Talvez, compartilhando meus questionamentos sobre minha infância, todos ao meu redor façam o mesmo.

Ela ouvia os mínimos ruídos rondando a casa, mas ela foi obrigada a entender os detalhes, as minúcias, as entranhas subjetivas da sutileza, as estranhas vibrações

extremamente sutis para um olho comum, material feito de carne e osso enxergar à primeira vista. Pois, foi muito bem treinada por mim – sua principal professora de captação de sutilezas; eu praticamente não me mexia, não fazia sequer um movimento em sua barriga em época de gestação, e talvez isso a atormentasse de modo tão misterioso, que a mesma decidiu analisar mais o ocorrido. E quando eu nasci, ela entendeu o porquê. Quando eu cresci, ela compreendeu o porquê de não me mexer – meus movimentos são tão não-sonoros e discretamente invisíveis, passam facilmente despercebidos – mas ela aprendeu a perceber. Pois era mãe com um quê de instinto maternal em essência, e desejava aprofundar-se na personalidade de seus filhos. E foi daí, então - que ocorreu a minha fenomenal metamorfose; me transformei em sua professora de captação de energias sutis de entendimento sobre as sensibilidades.

Os ossos e as cartilagens não ficam muito claras e respeitáveis ao corpo diluído ao que é conhecido, a cada vez que se mastiga alguma ideia inteiramente nova; especialmente para uma mãe de primeira viagem com um quê de amor universal dentro dela. Mas eu trouxe para ela e a busquei dentro de sua fonte feita de nuvens do céu azulado com textura de querosene - a sua faísca completamente acesa e personificada em sua linhagem mais próxima.

Eu ouvia agora, a água que pinga, água da torneira, água mineral; água. Modéstia significa medo da cobiça, proteção total contra a inveja. Quem age com modéstia não quer receber as sensações corriqueiras do mundo. Dá-lhe vontade de esconder-se e só assim poder ter um canto de requinte para si mesmo com o intuito de provar para si mesmo seu real valor e talentos, visto com nitidez com seus próprios olhos. Mas as vezes os olhos acordam irritados e não há como ter a visão adequada.

E os tons de irritação sempre nos levam a um caminho de distorção. Todos já sabemos disso. Agora, como eles começam? De onde eles vêm? Como chegam? Quais são seus comportamentos mais típicos? Se acomodam, invadem ou são educados? Me falam tantos verbos diferentes que as minhas indagações sobre elas são a própria teoria do espelho – ninguém está certo sobre mim, mas ninguém também está errado. Enquanto tento enxergar em mim algo que me disseram e tentar mudar a todo custo, aquele meu defeito desagradável incomodando uma pessoa em específico, vou percebendo esse defeito como inexistente em mim, para começo de conversa – e começo a observar, em realidade, aquele defeito era do outro, não meu! Ele simplesmente passou para mim, e eu acreditei, tentei mudar algo em mim que não existe! Tentei mudar uma ideia, uma fantasia, e não algo concreto. Algo que já é perfeito, vai tornando-se defeituoso e desfigurado; não por que se deteriora, mas por que começam a pôr o ideal da perfeição em caixas e mais caixas, até ele mesmo tornar-se e sentir-se impotente dentro de sua própria perfeição.

Quem destrói a perfeição são as opiniões. Destruindo a perfeição, só haverá guerras. Perfeição não é estado de deus imaculado e intocável, perfeição é estado de auto aprimoramento constante. E no auto aprimoramento da perfeição, só se releva seu próprio mistério de querer tornar-se diferente do que é, a não-aceitação de seu estado atual.

O mistério é sempre consequência de um afastamento não-explicado. Por isso, sou nomeada como tal? O mistério está circulando entre todas as esquinas, ares, pilares de ventos e passagens de terra. Tudo volta para o tempo da escola – tudo que construí durante a vida não é escola, mas veio dela. Há sempre alguma ligação nitrogenada para a época escolar que me corrói o intestino e me faz roer unhas de nervoso. Me afasto por não parecer comigo e por não me lembrar de épocas tenras, não me fazem lembrar de quem eu realmente sou; mas ao mesmo tempo me aproximo por perceber que tudo está ligado a estas épocas tenras de idade escolar! E não há como fugir do que se construiu a não ser que se mude de nome e se faça plásticas artificiais em seu rosto. Há alguns que se irritam pelo computador quebrar, eu me irrita quando ele está vivo. Quando ele morre, apesar de dificultar um pouco a rotina – posso dar um aleluia e olhar mais profundamente para a vida fora da janela.

A cozinha da casa de minha mãe sempre cheira a carne e por isso me afasto. Mas, minha mãe tem um instinto de amor universal e desejo por inclusões intensas de todos e por isso cozinha alimentos que não contenham sofrimento, então me aproximo. Conhecidos e colegas (por que não sei se confio na palavra amigo) me chamam para abusos do uso de sexo e drogas, então me afasto. Mas eles possuem amor não reconhecido dentro deles e reconhecem em mim uma essência amorosa e todo eles são incapazes de cometer qualquer maldade consciente, por isso me aproximo novamente. Ah! Esse eterno afastamento e aproximação, essa eterna guerra fria de saciar-se dentro de mim mesma em relação ao mundo é extasiante e cansativo ao mesmo tempo. Me parece agora que o teclado tornou-se um piano, aonde escrevo tudo com ressonâncias instintivas e com emoção, sem pensar muito, assim como se faz quando se toca piano há muitos anos. A música que está tocando o emociona mais do que suas mãos emocionam o piano.

Me sinto contaminada com teorias antiquadas e impensadas pela boca de quem os fala. Contamina o cérebro de quem absorve; conseqüentemente contamina as possíveis criações de quem absorveu. E daí então vai tudo para o asfalto, para a masmorra, para a prisão de uma torre caindo aos pedaços com chuvas desabadas de telhas e telhados.

Alguns dizem que é o café que dá energia, alguns dizem ser o açúcar, outros dizem ser a comida, outros dizem ser a paixão; eu digo que é o movimento. O ato de movimentar a mente e conseqüentemente o corpo é a verdadeira geradora de energia.

As ações e atitudes sempre contém palavras inseridas em sua essência, mas as palavras quase nunca possuem atitude e ações embutidas em suas vestes.

Quando tendo a contar sobre minhas ideias particulares para alguém e que fazem sentindo em minha cabeça e provavelmente fará sim, na cabeça de quem também ouvirá, não acreditam em mim – ou acreditam ser mais uma viagem mental. Quando alguém não acredita em algo, minha expectativa é que os mesmos testem em si mesmos! Mas não acontece; seus julgamentos os tornam seres estranhamente endeusados exclusivamente para eles mesmos.

Queria falar isto para as três vozes que dialogam comigo, mas provavelmente leem meu pensamento também; mas uma ideia enumerada em minha cabeça talvez não seja o bastante para elas lapidarem, dilacerarem e engolirem o que tenho a lhes expor, mas então causo um tormento em suas presunções do mesmo jeito:

1. (*)

De tanto olhar para minha condição corporal por ter estado tanto tempo sozinho e isolado, pude notar alguns fatos nele e supor algumas possibilidades: que os alimentos que consumo se separam em alimentos masculinos e femininos. Alimentos que aumentam o índice de glicemia no sangue, são alimentos masculinos. Alimentos que abaixam o índice de glicemia no sangue, são alimentos femininos. Alimentos com baixa nutrição tendem a nos deixar mais concentrados em coisas objetivas e racionais demais, quadradas, repetitivas e entediadas, perdendo o sentido das pequenas coisas. Alimentos com alto valor de nutrição nos faz estar mais em sintonia com nossa própria subjetividade, alinhando a pequena coisa que se observa com uma grande ideia. E além disso, existe o equilíbrio para tudo: quando o corpo muda, o comportamento se modifica, mas em breve o comportamento anterior que a pessoa tinha, passará para outra área de sua vida.

Quem se alimenta excessivamente bem e evita as invenções modernas dos modos de se alimentar, preferindo tudo que é cru – acaba tornando-se vítima de uma área mística e oculta, por estar distante de condições enfermas e das doenças em geral. O mesmo com quem se alimenta excessivamente mal – tende a aparentar ser igual a todo mundo, por mais que não o seja, e que todos percebam também que não o é; mas o mal-estar consigo mesmo o leva para perto das doenças.

Quando o corpo é altamente feminino, o comportamento social provavelmente não será; quando o corpo é másculo, provavelmente o comportamento social não será. Tudo é feito para gerar equilíbrio. Tudo é nascido para o equilíbrio; sempre que algo novo nasce, o que é velho não é jogado fora, mas reciclado, se tornando uma outra vertente e apoio para o novo se estabelecer corretamente.

- Isso faz sentido sim. – A voz do poder respondeu essa minha ideia pensada, e eu sabia que a mesma leria meu pensamento! – Mas você só pode influenciar alguém com ela se for para o lado de fora da sua casa, pare de ser tão idiota. – Ela irritou-se de repente.

Enquanto alguém vive, é impossível não se lembrar deste alguém vivo. Pois se está vivo, se tem vida, essa vida ronda pelas lembranças e memórias de quem a avistou ou vivenciou algo em sua companhia. O indivíduo isolado, por mais que deseje estar a todo tempo sozinho – constantemente é assombrado com as intensas ideias das pessoas que conhece e já conheceu, e começa a se ver obrigado a voltar para a convivência com os mesmos; pois as lembranças atormentam, quando não bem nutridas e regadas. Ele, realiza-se então na conclusão de que o passado está sempre presente; e que não há distinção alguma entre os três espaços de tempo, os três se

interligam, formando eternamente uma aglomerada sinfonia de granizo, caindo dos céus, emocionando, e ao mesmo tempo – lesionando.

Meu antigo cachorro gostava sempre de se igualar a mim – detestava ser inferior; não diferente, inferior. Vivia em uma casa somente com humanos adultos, suspendia sua cabeça para olhá-los e saía de seu habitat de andar de quatro patas para tornar-se um andante de duas patas por conta dos humanos! Isto é desprezível; mas era sua única alternativa em se igualar com o fim de receber preciosos afetos e carinhos, assim como doá-los também. Agora, quando eu me sentava no chão, ele se sentia mais próximo de mim – se animava mais, corria, lambia e fazia inúmeras estripulias quando eu tomava a humilde decisão de me sentar no chão. Ele finalmente, me via como igual – pois eu estava mais próximo. E é assim que acontece com todos, mesmo de diferentes espécies: tentam se igualar, um ao outro, com o único fim de estabelecer uma comunicação única e afetuosa. Assim me lembrei dos desenhos animados, aonde o humano se misturava com macaco, gorila, cachorro, gato, e tentava ele, estabelecer comunicações vantajosas entre ele e a espécie na qual o mesmo convivia. E um sempre acaba seguindo o outro – os seres vivos possuem o natural instinto de aproximação e imitação dos comportamentos com quem convive ou com quem se apegam. E nisto, iremos de aprender com desenhos animados com conteúdo exclusivamente educativo; e nisto, as crianças crescerão se lembrando destes desenhos a medida que vão tomando conta de tudo a sua volta, e achar soluções para seus problemas imediatos: lembrarão dos desenhos que assistiram, e se estes foram educativos – as soluções para os problemas serão rapidamente solucionadas com intensa capacidade de coligação de pontos criativos com as lembranças marcantes.

Vamos duvidar da gravidade? Vamos duvidar do que se percebe em frente ao espelho como um absolutismo ideal? Vamos duvidar do duvidável? Eu me abro para isto e estou disposto, mesmo que isolado. Tomo impulso para possíveis companhias e para estar com o coração em companhia, para aonde a velocidade do meu questionamento poder alcança-lo em raciocínio; ou, o seu raciocínio poder acompanhar a velocidade do questionamento. Quem inventou estas teorias que todos acreditam e tomam como verdade mundial? Meu corpo cai no chão mas posso não sentir o chão e nem mesmo ser ele que me segura – a gravidade então será invalidada.

A sola do meu pé é branca por que não toma sol, está sempre olhando para o concreto, e nunca para cima! Assim como a ausência de chocolate-cacau em meu corpo deixa-me menos criativa. O cacau é um fruto solar, então? Em épocas que deixei de ter cacau em meu sangue, a seriedade se transformou em acidez e esta acidez modificou meu modo de ver as coisas, o tornando mais carrancudo.

Por que acreditar em gravidade quando se acredita a vida toda que o lápis bege é um lápis cor de pele, se ambos são verdades universais? Eu olhava para os elementos vivos da minha sala no jardim de infância e analisava crianças com peles de cores diferentes; então me perguntava: Por que cor de pele?

Não irei perder meu tempo com o que não é infantil; com o que não me lembra infância, os primórdios, a inocência crucial para se acolher o mundo! Lembro por que eu era tão próxima de homens e na vida atual faz todo sentido então tento retorno ao estado de cumplicidade natural.

Pessoas surdas possuem um dom; não são manipulados por discurso algum e captam coisas mais sutis dentro de comportamentos alheios. Autistas e microcéfalos não são ausentes de comunicação, apenas tem dificuldade com a comunicação verbal; mas dentre todas as outras formas de comunicações, eles são mestres; e os outros lhes parecem estúpidos perto deles - por isso são incompreendidos. Toda a questão subjetiva das "deficiências" é compreendida pelo próprio indivíduo como algo benéfico para ele mesmo, mas a grande questão dessas diferenças é quando entram no convívio social, perdendo sua autoestima por conta da malícia nos olhares. O convívio social atrapalha o bem-estar destes indivíduos em se sentirem bem com eles mesmos, com seus rótulos e julgamentos obscuros.

Como os acolchoados de espumas, solenes e perenes – das paredes dos studios e das salas de cinema, tudo, muitas vezes é similar a este inumerável silêncio escondido; distante dos campos e das altitudes, aonde tudo basicamente circula em torno de sua própria imagem e sua gama de investimentos para a mesma ser preservada antes do ingrediente final. Ser reservada, antes do trabalho estar pronto e satisfeito aos olhos de quem aprecia!

Atores ganham bilhões como recompensa de seu trabalho pois seu trabalho lhes custa sua própria imagem; ficando ela, guardada para a eternidade, sendo sempre lembrada, diferente do trabalho manual, braçal, aonde se vende a força física de trabalho, mas se pode reconquistar ela no dia seguinte, com bastante descanso. A imagem não se reconquista: uma vez exposta, se tornará lembrada e algumas vezes, lendária. Os bilhões a se ganhar talvez equilibrem o lado da dignidade do ser na qual vende sua imagem. Por isso, de nada adianta o aconselhamento impensado, o aconselhamento em vias de interpretações, e não de fatos. Aconselhamento entrando em vias interpretativas são deveras inúteis; pois que, aconselhará o outro ao seu lado com base no que acredita dentro de si, e não com base na situação atual do indivíduo com sua própria singularidade subjetiva.

Surgindo alguém com aconselhamento em bases amplas e enxergue o outro como um diferente de si, saberá sempre o que dizer.

A companhia me é agora necessária. Não para provar pontos de vistas; mas para provar indagações.

- Talvez o não querer companhia seja o medo de crescer e sua forma atual se transmutar para uma outra forma; medo de perder a essência? Não acontecerá, está atolado dentro dela, mesmo que queira sair dela, não sairá. Vá logo, antes que o medo lhes crie correntes mais pesadas para prender seus pés delicados com dedos finos! – A voz do dever ordenou-me.

Eu então me levantei da cadeira com proeminência e ousadia para mim mesmo.

Tive uma surpresa agradável e um tanto chocante – as vozes saíram detrás do vão da porta, e eram, em sequência: uma aranha, uma formiga, e uma barata. A voz do dever, a voz do querer e a voz do poder.

Os insetos falavam comigo a todo tempo e nunca pude perceber a sutileza desse detalhe quando abri a porta, ansioso pela procura da voz. Não pude perceber a sutil firmeza e companheirismo dos insetos! Os seres minúsculos tão eletricamente captadores de substância etéreas.

O quão estranhamente indiferente eu fui por ter desprezado sem perceber as pequenas nuances de vida expostas nas plantas apodrecidas em meu jardim. Apodrecidas por que não as molho, deixo as mesmas morrerem; mas não morrem, meus vizinhos possuem extrema compaixão com minhas plantas. De vez em quando ouço eles passando por aqui, quando suas sombras se refletem em minha janela. Talvez, minha casa cheire a desespero, e os mesmos sintam-se tão tremendamente incomodados com minha ausência de presença física instantânea e alegre, que os mesmos cansam de esperar por minhas ações. Ah! Talvez eu esteja residindo em uma residência boa.

As opiniões são inúteis e fazer o que se deve fazer nunca se é feito. As opiniões não salvam ninguém da morte; mas as ações podem mudar e salvar vidas. E a barata tinha me dito isso, estava me alertando sobre isso – quer dizer, a voz do dever! A voz do dever me empurrava para essa intuição alarmante. Eu deveria fazer – era o meu dever.

A rapidez da barata querendo me dizer algum alerta – talvez o poder também fosse substância de emergência, coisa organizada e planejada, para agir conforme o imaginado e a observação. Era velocidade de ação e maior velocidade em reação! O poder era isto – a rapidez com que a barata passava de cômodo por cômodo, me parecia um letreiro, um grande circo voador ao mesmo tempo que também seguia sendo uma saída de emergência.

Há algumas verdades que precisam ser guardadas no interior de nossas cavernas emocionais – são tratos e acordos feitos com a sabedoria divina das aranhas – a voz do dever – na qual nunca podemos mencioná-las á toa; somente uma vez para que ela dê propulsões necessárias para a materialidade avançar e evoluir mais um passo. Um passo de cada vez, meticulosamente; dando um salto com este pequeno passo.

Assim como as aranhas – dão um salto com sua teia, sem saberem que estão a formar a mais estratégica e meticulosa teia já inventada para a proteção dos seus semelhantes. A voz do dever falava pelas entrelinhas na teia de sua aranha.

- Ande logo. – A aranha saltou em meu braço, e me picou levemente.

Imediatamente levantei, abri a porta e deixei os insetos em casa. Mas pareciam querer me perseguir de frente a minha coragem. Ouvi então, o tom de voz do dever se transformar um pouco, anunciando:

- Há propósito – ele relatou - você pensa ingenuamente que é um homem, mas é uma mulher. Seus instintos primitivos vibram de forma viril e máscula, mas o modo como se relaciona com os outros, é e sempre será gentil, delicado e quase maternal. Sente-se pai de todos, mas será mãe do mundo.

E falou, como quem sabe de algum segredo universal responsável por reinar e reger todos os corações.

2. Sobre o indivíduo acompanhado

2.1 Distante do quadrado – A fase vegetal

Desci as escadas como quem se atrasa para algum compromisso fatal ou definidor de vida. Mas talvez eu só estivesse atrasada para alcançar a vida em alguma linha cronológica, deixando-a passar entre meus dedos sem eu ter me dado conta.

Desci as escadas e me esbarrei sem querer com um dos vizinhos.

- Ariel! – Ele gritou – Olha por onde anda! Aonde está seu patrão?

- Eu não sei, não aparece em casa há dias. – Eu disse, com a voz um pouco trêmula, depois de ter segurado sua vibração há tanto tempo estando sozinha.

Quando todos irão entender? Está tudo caindo e desmoronando em uma decadência profunda e ruminante, não há mais tempo para analisar posturas e hierarquias entre patrões e serviçais, reis e servos, ricos e mendigos. Todas as partituras separatistas das relações pessoais e sociais - estão sendo absolvidas. Estão sendo levadas pelo gelo da Sibéria. E todos irão presenciar com seus próprios olhos – que o mundo extraordinário das esperanças não está tão distante.

Esse vizinho mal atencioso ainda não reparou que sou um ser humano que respira, sente e alegra-se, ignorando isto e me tornando um objeto de um patrão. Mas, apesar de toda essa estrutura social estar entrando em estado de decomposição, me agraciava e me fazia sentir com as energias renovadas, sempre quando eu descobria como algum monumento de trabalho da sociedade funcionava; quando eu descobria com meus próprios olhos, olhos de criança! Quando eu via de perto, quando eu me tornava íntima – da sociedade, trabalhando e construindo tudo isso que existe hoje, e quais são os processos que os levam até aos conflitos, doenças e guerras, ou que os levam até o sucesso, a vitória e a harmonia de si mesmos com o todo.

Eu queria entender! Eu queria entender tudo! Distante do quadrado! Distante do pensar quadrado. Queria não; quero. A voz do querer chegou em meu ouvido:

- Então entenda! – A formiga passava em meu rosto, pinicando meus sensíveis poros da bochecha.

- Estou tentando. – Eu disse-lhe, enquanto a mesma ainda parava em alguns pontos do meu rosto para ser mais precisa em sua escuta – Mas por aqui não começou muito bem.

O meu vizinho então, passou por mim e foi passeando nas escadas. Eu saí do pequeno prédio de três andares aonde eu residia, e fui sentir um pouco de ar nas esquinas

tranquilas daqui. Eu morava com meu patrão e o mesmo estava sempre viajando, então eu tinha tempo de sobra para mim mesma. Não exatamente para mim mesma – pois tinha trabalhos a se fazer, mas para observar os mínimos detalhes que regem toda a gama de grandezas que costumamos apreciar ou admirar.

- Vê se vai trabalhar! – O vizinho gritou para mim já no andar de cima – Seu patrão não está aqui, mas estamos lhe vigiando, qualquer coisa direi a ele que está preguiçoso e ele te deixará sem comer durante dias.

O trabalho só é válido quando possui a nobreza da criatividade inserida. Sem a força criativa, o trabalho é uma ação inútil, vazia, tola, imunda; e nada acrescenta, senão repressões.

Viajo, viajo, viajo. Conheço tudo ao meu redor mas no final, quando volto para a casa tudo me pareceu um sonho, uma brincadeira ou um jogo na qual eu jogava em tela real. E talvez eu seja muito racional no meu trato com a magia da vida – refletindo sobre como ela é criada, processada e expressada ao vivo.

Apesar de o tempo todo me forçarem a ser menos racional e não tanto intolerante e intransigente com as diferenças do outro, eu mesma faço este esforço dentro de mim, e é sufocante ver como todos o fazem também, se reprimindo, se diminuindo para caber em uma realidade que não os contempla. É sufocante como todos caem neste mesmo padrão de cidadania. Tenho a tendência a ser abstrata demais em cima da base de todos os meus discursos, mas todo ousam expressar sobre como aparento ser extremamente racional – quando o que vejo são argumentos e mais argumentos saídos de mim desenvolvidos a partir de um esquema obviamente abstrato e inteligível pela lógica. A lógica só acontece pois eu falo sobre as minhas ideias abstratas: e a fala é linguagem, e linguagem é lógica – ou seja, meu raciocínio abstrato é diminuído para caber na caixa da linguagem. Por isso, as ideias aparentam serem meio racionais; mas não o são – tudo isto é um truque da língua primária, da fala ordinária.

Mas que maldição; são quase três horas da tarde e ainda não acabei de ter vergonha das minhas futuras socializações. Acho que desaprendi como fazer isso – como falar com os outros desconhecidos, como me sentir à vontade fazendo-o, sem esforço algum, sem me julgar ou julgar o outro do que quer que seja. Talvez isso não passe de um apego a alguma imagem criada no passado; que agora em momento presente talvez a imagem ainda se faça viva. Mas não importa – sendo eu, uma imagem ou não, estou respirando, e por respirar, necessito que o ar seja compartilhado também comigo. Mas qual é o grande problema de manter-se afastado durante um tempo e prestar mais atenção em si e no que acontece em todas as suas redomas de sensações, do que no senso comum criado e procriado para lhe tirar deste centro flexível e austero, perspicaz e ingênuo, que é si mesmo?

Sou um vegetal. Percebo isso quando saio de casa e vou para o mundo, vejo as pessoas conversando e tudo me parece estranho; tudo me convoca às estranhezas. Percebo que estive vegetando para mim mesma nos períodos mais minerais possíveis. Mas tudo bem; por que o vegetal se desenvolve, apesar de ainda não ter consciência;

ele é nutrido pelo sol e pela água, pronto para doar vida, brotando do solo; ele vive, respira, sente! E isto para mim já era o suficiente, por enquanto.

Por que olhar para si mesmo parece algo tão temível? Eu nunca saberei – pois estou sempre olhando para mim, e isto me traz benefícios em muitas situações, principalmente nestas: a de ouvir sermões de pessoas semidesconhecidas.

Talvez, quem desenvolva a racionalidade lógica e honesta – tenha o maior senso de abstração do que qualquer artista afiado. E a cura está sempre no nada, na inação, na imobilidade do corpo; no ponto de vazio aonde perfuramos e espetamos o pé quando chegamos nele, mas logo depois torna-se relaxamento instantâneo, quando a parte pontuda se distancia do pé. O movimento é bom para respirarmos a vida e vive-la com intensidade, e para o trabalho - mas não é bom para refleti-la, aprofundá-la em nós ou para nos curarmos – nestes três fatores, precisamos do repouso e do estar parado em algum ponto específico, observando alguma nuance na paisagem, que não faz sentido algum.

A curiosidade é necessária para a construção de palácios criativos! Mas a curiosidade saudável: aquela que, no momento em que conhecemos e descobrimos do que se trata, não deixamos na reserva; não enjoamos, enojamos, ou injuriamos após algum tempo ter se passado. Não falo da curiosidade fútil e malévola. Falo sempre daquilo que se conheceu e se descobriu mais a fundo sua gruta escura, mas vê que se transforma em mais e mais versões desconhecidas dele mesmo quando entra luz na caverna, e com isso – adaptá-lo a um poder de análise singular com o intuito de criar teorias e mudanças em cima disso. A curiosidade sempre é necessária – até mesmo para alimentar as grandes paixões e os grandes amores.

Mas, apesar de tudo, não trocaria meu papel de serva por ser rainha; não trocaria o subalterno por este tipo de riqueza; quando serva, preservo meu papel autêntico de criadora autônoma de mim mesma, observando os arredores e os mínimos detalhes, me dando gastos e energias para as sutilezas dos serviços, preservando também a minha imagem, quase nunca sendo vista – querendo dizer que, existe tempos para expressar-me sem ser vista, e quando exposta, ser exposta sem me importar com a expressão, pois de nada tenho, e de nada tenho a preservar de imagem ou reconhecimento. E quando se é rainha e se preserva essas riquezas nobres, se há sempre a preocupação com o problema de todos e a expectativa deles pairando em cima de sua áurea; e quando se tem tempo livre, quando finalmente pensa em si mesmo e em seus problemas pessoais, se está, na verdade, pensando em sua imagem, e em como ela está circundando entre as dinastias e os povos, dependentes de suas ordens, escolhas e mandatos.

Pois que, o quarto do patrão fede sempre a mofo sem eu aqui para limpá-lo, e seus amigos e colegas o odiariam se eu não estivesse aqui para ser odiada em seu lugar; as vontades de fazer conflitos e guerras estão dentro deles, mesmo eu, semeando as ações destoantes de suas ordens ou não. Então, odiariam o patrão – pois mantém preso esta vontade de ódio, e eu sou a primeira pessoa a aparecer em sua frente para

que os mesmos jorrem e despenquem esta água dura, esta água sólida, este gelo irreduzível em cima dos meus ombros macios, mas estufados de comprometimento com os sentimentos jogados em cima deles.

Assim como colocam servos para sofrerem a rebordosa dos problemas dos patrões; colocam cachorros ferozes para proteger propriedades materiais de políticos ridículos e autocentrados, achando-se guerrilheiros, mas incapazes de resolver problemas de relação harmônica com o outro por puro orgulho, e criam violências à toa; usando animais como meros instrumentos de proteção ou benefício particular, egoísta, sendo assim, tamanha é a desgraça que se alastra depois. Tamanha é a desgraça que o universo provoca em forma de avalanche, em suas vidas. Observa-se como tratam os animais, e observa-se depois, como irão estar emocionalmente daqui há anos seguintes.

Vê-se que dois mundos não cabem na mesma moeda, na mesma página, no mesmo canto? Quando um dos cachorros urina em um carro, e o dono da propriedade se enfurece com o animal; o animal lá tem consciência de bens proprietários e das loucuras fogosas do capital? Vê-se? Que são dois mundos que não se encaixam, em vertente alguma? Há algo de doentio nesta relação, neste processo. E eu tenho de sempre fazer limpezas no ouvido para retirar excessos de ceras que são produzidos dentro de mim, pois meu corpo inconscientemente se recusa a ouvir estas ideias frívolas e comuns quando saio pelo mundo, quando saio de casa, quando saio e enfrento a famosa realidade tendo de dar passos firmes no chão, na qual chamam de ganância. E assim mais e mais cera é produzida pelo meu corpo para tapar a audição de ouvir coisas aonde não me engrandecem, não me acrescentam, não me levam para o caminho destinado – o corpo é sábio e sabe o que faz.

Talvez o grande motivo de eu mesma apreciar tamanhos conhecimentos e construir todas as coisas em torno deles e não querer que ninguém saiba, é que, a sensação horrível de estagnação ao receber tantos elogios é péssima para o auto aprimoramento pessoal, para a construção de artefatos inovadores. Quando alguém está sendo observado, sente-se julgado, reprimido, injuriado – as melhores satisfações e construções se dão fora da luz quando ninguém está olhando. Talvez por isto mesmo eu preserve a posição de serva e subalterna; posso construir coisas sem mérito algum, sem a pressão do reconhecimento, sem a pressão de uma possibilidade de fama – afinal, sou uma subalterna! Por isto posso me sentir uma rainha dentro de mim a vontade, sem alguém me vigiando em como estou agindo, pensando e sentindo, já que ninguém se importa realmente com minha existência. Ser um trapo para os outros talvez tenha lá seu grande merecimento da dádiva humana! Ser um trapo talvez tenha sim, algum valor para humanidade, se engrandecer com a humildade dos servos; desejosos pelo conhecimento mesmo sabendo do previsível futuro de não conseguir nenhum fim com ele, então ele próprio torna-se o fim para o servo, e se engrandece com livros mofados e tralhas construídas por suas mãos, fazendo grandes invenções.

O reconhecimento, para o servo que sabe usar o conhecimento na prática, torna-se tão pavoroso quanto um barulho de um liquidificador ligado para uma pessoa silenciosa e compenetrada.

Sei que estou sempre a reconhecer-me e a me conhecer novamente, diversas e diversas vezes, isto para mim torna-se um prazeroso hobby; então, não preciso fazer ou sequer considerar como esforço, algo a se conhecer ao meu redor, ou nas partes externas do mundo – pois se estou a me conhecer, conhecerei o restante das matérias palpáveis logo em seguida. Tudo aonde toco, foi criado por alguém como eu, com as mesmas potências e as mesmas capacidades; então, por que conhecer com mais profundidade uma teoria, um objeto, uma máquina, uma área, um hobby; quando tudo isso exerce a mesma potência em mim mesma? Assim – estou tão distraída me conhecendo, quando me volto novamente para o externo, percebo que conheço tudo também, pois volto minha atenção para o externo com outros olhos, quando conheci mais um fragmento desconhecido, escondido nas minhas entranhas durante anos, um pouco mofadas.

Se sou subalterna, não foi oferecido a mim, o direito social de ser pomposa, diplomática, refinada, calma e serena. Porém, ironicamente, sou todas essas coisas internamente! E claro; quem conviver comigo há de perceber isto em mim – ou então é só mais um cego entupido de cadeiras, mesas e arranjos petrificados de luxúria – tornando-o incapaz de olhar o óbvio.

Mas, independentemente das circunstâncias absurdas ou tediosas, eu saí e fui caminhando pela calçada pedregosa. Andei, mas vagarosamente, mesmo eu sendo guiada pela minha própria consciência, cabeça com ideias firmes e fixas – sendo guiada pelo meu eu consciencioso, eu ainda colhia resquícios de tragadas de valores coletivos grudados em minhas paredes cerebrais. Pois! Minha aparência não mostrava e nem fazia a audácia de expor isto; de ser alguém estritamente maleável. Mas, assim como alguém com uma pele bonita, sorriso brilhante e olhos vivos é capaz também de soltar e expelir dejetos horríveis de dentro de si, assim era, alguém firme e forte – também capaz de demonstrar a maior eficácia de flexibilidade e volubilidade possível em frente a certo caos e a certas decisões. Cabe a ele escolher se expele ou encarcera os excrementos, as fezes desejosas para serem eliminadas deste jogo sangrento de se estar empatando um corpo vivo e sadio de respirar um ar limpo e puro.

Se não sabe como confiar nas ruas, nas esquinas e nas estradas desertas e isoladas, ou até mesmo em pessoas – seus semelhantes – ainda desconhecidos, há de tentar com as mínimas cousas e com as mínimas ações, sem precisar mover um dedo, somente com o próprio auto estímulo mental. Quando, ao exemplo de gostos musicais – não se prende somente ao seu próprio estilo musical preferido, mas procura mesclar em conhecer todos os gêneros e estilos musicais possível, saindo de sua toca e de seu casulo emocional de identificação com seu gênero predileto – já se está dando um grande passo, avançando para a confiança no desconhecido e no que o desconhecido têm a lhe proporcionar em termos de harmonia interior e companhia. Música é companhia, assim como as pessoas e as ruas, esquinas e avenidas. Se misturam; percebendo-se,

quando mescla para um gênero diferenciado, abre-se o campo imaginativo e consciente-compreensivo, passando a entender como aquele lado funciona.

Mas eu já sabia para onde ir dali – meu avô paterno morava por aqui, talvez eu achasse o dinheiro por pura intuição. E foi o que fiz. Fui andando perdidamente até me sentir familiarizada com as ruas, e reconheci seu prédio facilmente pela cor roxa chamativa que ali inventaram de pintar e emoldurar imagens e monumentos cinzas. Apertei o botão do interfone e entrei, facilmente. Estranhamente, meu avô não estava em seu apartamento, mas embaixo, no corredor do térreo do prédio – jogando xadrez com algum outro idoso, provavelmente seu amigo do prédio. Ele me olhou indo em sua direção.

- Se não é a minha neta preferida! Mas que surpresa agradável! – Ele levantou-se de sua cadeira com a ajuda de sua bengala, com a fumaça de seu charuto tapando a minha visão sob seu rosto.

Seu amigo virou-se rapidamente para me olhar nos olhos – parecia ser um idoso desconfiado e inseguro. Me parecia! Não queria lhe causar nenhum desconforto com meu julgamento precipitado; porém, há sempre uma razão bem específica para alguma ideia de repente pousar em minha consciência. Ideia, situação imaginativa ou pressentimento – há sempre alguma razão; nunca é a toa, nunca é um delírio qualquer; achamos que é quando estamos sempre concentrados nas questões materiais – mas quando o tempo passa, percebemos que o delírio era, em realidade – a realidade, mas a realidade inconsciente e subjetiva de alguém, não a concretude.

Dar risadas e mais gargalhadas sobre o sotaque dos japoneses, incluindo os mesmos irritadiços gritando em qualquer situação aonde se esteja exposto várias pessoas de diferentes países, é algo desrespeitoso e injusto com sua cultura e sua língua? Se sim – assim seria também, duvidar da credulidade do idoso e desconfiar de sua debilidade; imposta normalmente para os de terceira idade. Sabemos ser não bem assim – a terceira idade quem forma é o próprio indivíduo experimentando seu aspecto senil, e não o senso comum dando ordens sobre como se deve agir nesta idade. Se deve agir como quer, pois, é isto mesmo que ele deve fazer para manter sua saúde em forma e viver bem mais dos que os anos impostos pelo tabu – os cem anos.

O idoso deve agir como quer ou senão corre o grande risco de se render às suas doenças. Agora entende! Agora entende como a vontade exerce grande poder sob nós? Não é à toa de que temos o medo de baratas, o pavor de aranhas e as formigas apenas olhamos e até achamos engraçado. A formiga dentro da casa do meu patrão representou a voz do querer – enquanto as outras, o poder e o dever – são as mais temidas por todos que as olham.

- Não lhe conto as últimas, cortei o açúcar completamente, estou me sentindo novo em folha! – Meu avô disse, enquanto seu amigo continuava a olhar para mim com desconfiança, mas disfarçando, virando seu olhar para as peças do tabuleiro de xadrez – Mas claro, ainda persisto no meu charuto. Sente-se conosco aqui, estamos fazendo um campeonato de xadrez.

Estive pensando sobre o açúcar recentemente; por qual objetivo então criaram o açúcar desta forma para consumirmos se o mesmo prejudica em nossa saúde? Eu sei – mas saindo de todos os aspectos industriais, a indústria encontra objetivo em tudo que nos atinge, não somente prejudicar. Em aspectos subjetivos, o que há de afetar? Se o açúcar não tivesse sido extraído de lugar algum, se vivermos sem ele, estaríamos melhores – mas sem levar tudo na doçura, tudo irá soar muito amargo, azedo ou salgado demais. E, mesmo assim – o ser humano possui essa vontade insaciável de criar alguma coisa nova, então, se não tivesse extraído o açúcar, teria possivelmente extraído coisas muito piores da natureza e colocar em nossa mesa – e talvez a saúde de todos estaria bem pior. A imaginação do ser humano e sua vontade em criar, desmontar e montar novamente da sua própria forma - normalmente entra em conflito com a estabilidade e os ciclos da natureza. E é assim, a vida dos humanos! Lhes deixando diferenciado dos animais, aonde estes respeitam mais os ciclos da vida, não tendo tanta imaginação desenvolvida para poder saciar em ações idealísticas, muito além da procura pela solução de necessidades básicas.

- Por que cortou o açúcar? – Lhe perguntei.

- Já senti há um tempo que deveria dar um basta, já percebia que estava me prejudicando, mas nunca tive a coragem de parar. Não consigo ficar sem jogar açúcar nas coisas, sabe? E isso incluir também, ficar sem jogar açúcar no meu precioso paladar.

Apesar do meu avô e de seu suposto amigo desconfiado aparentarem ter mais idade e um pouco débeis – suas almas eram puramente curiosas, ainda sedentos por experiências novas e aventuras com intenção de chocar e causar grandes surpresas. Já eu, apesar da minha pouca idade, poderia eu me entender como alguém mais velha do que eles – e normalmente eu era, quando alguma situação de conflito ou algum obstáculo surgia diante de nossos rostos e fazia-nos inteirar com o que há de mais velado em nós mesmos.

Obstáculos ou dificuldades em nossa frente indicavam a consciência mais alerta, e por consequência, maior atenção a sombra, guardada por tanto tempo quando se os tempos estavam ainda tranquilos e serenos, e não ameaçavam retirar qualquer matéria que normalmente causa aconchego e conforto em contato com nossa pele ávida.

- Mas enfim, a entregadora do meu almoço veio aqui, mas não se conteve em me dar uma sobremesa recheada de doce. Tudo feito com doçura tem o poder de nos hipnotizar! – Ele completou.

Eu concordei com ele com a cabeça.

Meu avô sempre me relatava desta entregadora, mas nunca a vi – já passei uma boa temporada vindo para cá e pegando o almoço do meu avô na portaria para levar até ele, mas nunca presenciei esta entregadora chegando a porta e deixando o almoço ali. Eu apenas recebia, nunca vi o rosto da esforçada trabalhadora que faz estas entregas de porta em porta.

- Ah! Minha neta, suba comigo até o meu apartamento, quero lhe mostrar alguns dos meus maiores segredos. Airton! – Ele olhou para seu amigo - fique aqui, cuidando do nosso tabuleiro. Já volto. – E Airton aparentemente se emburrava mais ainda com sua fala.

- Benjamim, estamos no meio de uma partida! – Airton gritou com meu avô, enfurecido, com suas veias pulando para fora.

- Será rápido, você nem vai notar que saí. – Meu avô disse descontraidamente e relaxado, dando leves risadas.

Fomos de escadas até o segundo andar. Meu avô insistia em não precisar de ajuda para subir as escadas, já que sua velhice não interrompia sua natural vitalidade para a vida, como dizia ele.

Enquanto subíamos, eu observava os degraus da escada, acreditando eu agora, que uma rampa poderia ser mais útil para uma subida mais rápida, ágil e habilidosa para quem já se desgastou do hábito de subir. Os degraus atrapalhavam a ideia de continuidade, de continuar subindo e avançando, causando um medo em quem sobe, um medo de tropeçar! A rampa era a subida contínua; a escada não, a escada é uma ideia de separação da própria rampa. Não são os paraplégicos que possuem dificuldade em subir escadas – somos nós, os andantes e caminhantes que achamos estranho a ideia da subida instantânea, a subida sem desconfortos e sem medos, a subida pela rampa.

E tudo é passível de separação pelos comportamentos pouco altruístas das pessoas; tudo é passível, como foi vítima de separação! As pessoas se separam por conta de ideologias diferentes – áreas de atuação de profissão, religião, países, cor de pele, classes, cursos universitários; tudo que é criado na sociedade foi feito para causar ideia de separação em todos eles, ingênuos e inocentes – sem saber o que fazer direito, com tantos caminhos lhe causando tonturas.

Chegamos lá e a primeira sensação boa que senti foi retirar os sapatos e tocar o tapete marrom de sua sala de estar. A textura entrando em contato com a sola dos meus pés, me fazia ter sensações de conforto caseiro. Novamente; outra casa. Meu avô retirou também sua sandália e pude observar as solas dos seus pés, encrespadas e sujas. Quando mais novo, ele sempre reclamou de nunca ter conseguido um corpo esbelto, forte e robusto, com grandes músculos – sempre se manteve bem magro. A resposta então, me veio agora: ele nunca prestou muita atenção em como estavam seus pés, e suas solas – a forma como caminhava, como corria, como se movimentava através do comando dos pés, nunca prestou atenção aos calos e verrugas, o cuidado com esses dois grandes mestres – nosso portal principal para a entrada no reino da atenção ao mundo material, ao planeta terra, às germinações, crescimentos e fins dos ciclos. E, claro – ao crescimento do seu próprio corpo, a grande personificação da materialidade. Então, como ele queria que seu corpo fosse musculoso e robusto, se nunca se permitiu entrar nos ambientes, atento ao mundo material, escolhendo permanecer apenas em

sua própria imaginação? Os pés continuavam sem cuidado e não vistos pelo seu dono, e seu corpo não crescia, não evoluía.

O corpo não sai do lugar enquanto não se olha bem para onde anda! Irá viver tropeçando em ilusões e alerta nas outras dimensões, nunca totalmente presente nesta aqui, aonde seus pés estão firmados no chão, aonde os mesmos tocam e sentem as mais diversas texturas, grosseiras ou sutis. A firmeza de um piso, a fofura da terra, as cócegas de um carpete, a limpeza de um tecido lavado.

Por que às vezes o céu se encontra inteiramente azul, e outras vezes as nuvens simplesmente tomam o lugar da estética azulada? Sem mais nem menos, interrompe o fluxo e o contraste com o marrom da terra, embranquecendo completamente o circuito aéreo? Me perguntei sobre isso agora, mas talvez seja inútil perguntar para meu avô sobre isso dando o momento de agora, percebendo ele, demonstrando pequena ansiedade em me mostrar logo a tal coisa secreta. Mas não me interessava saber sobre respostas puramente lógicas e factuais; eu queria a verdade mais abstrata e intransigente, aquela perpetuação indecifrável dentro de uma redoma plastificada e sem cor – mas de tão firme e centrada acaba-se criando coloração.

Passei pelo corredor de sua sala – havia um espelho que cobria toda a parede. Bom – olhar no espelho me fazia sentir mais segura para enfrentar o que estava por vir; por que será? Por que será que a nossa imagem provoca tanto efeito imediato em nossa consciência continental e viajante? Quando nos deparamos com nós mesmos, há um choque fenomenal; entre o que estava em nossos pensamentos e o que achávamos que éramos, com o que acabamos de ver ao nos ver refletidos. É contrastante: o que há em nós que reina e reverbera através das ações e sentimentos, e a imagem que formaram para nós. Há uma força de mil cavalos em mim, mas me olho no espelho e vejo alguém absurdamente pequeno, capaz de ser passado por cima pela inocência no olhar. Porém, não condizia: sentia-me forte! O que haveria de errado, então? Entre o que sentimos sobre nós, e o que está sendo mostrado?

Enfim, meu avô me levou até um gabinete, e ligou a luz do cômodo. Havia milhares de livros e um globo de mais ou menos cinco metros de altura; fiquei impressionada e encantada com seu tamanho.

- Diga-me minha querida neta – Ele retirou seu charuto da boca e pôs na mesa bagunçada com materiais não identificados – Lhe agrada a ideia de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo?

- Por que essa pergunta? – Rebatu sua pergunta.

- Gostaria de viajar ao mundo? Já teve este interesse? – Ele, então, rodou o globo, me fazendo ver todos os continentes para me dar uma perspectiva mais ampla do planeta.

- Acho melhor não, prefiro preservar meu canto, sabe, avô. Me resguardar.

Ele deu risada da minha resposta – sua risada foi tão alta que me provocou um pouco de susto.

- Mas você fez isso durante a sua juventude toda! Por que? Tem medo de lidar com o diferente? Por isso não quer sair daqui? Tem medo de conhecer as pessoas reais?

- Na verdade, eu...

- Você sente que já as conhece. – Ele me interrompeu e completou minha fala – Sim, eu sei disso. Sei que as conhece muito bem, sempre foi muito observadora, não acha que notei? Mas vou lhe dizer uma coisa: você conhece apenas seus psicológicos, comportamentos e fisiologias, mas não conhece suas criações. As criações que saíram a partir dessas três composições combinadas. Se viajasse ao mundo, tudo que veria seria uma manifestação incrível da criação! Não acha isso fascinante, Ariel? As culturas, as vestes, as regras, as leis, as relações, suas visões de mundo completamente destoantes da sua.

- Sim. – Eu respondi. – É tudo muito fascinante, mas do fascínio surgem as obsessões.

- Agora, minha neta, me responda uma coisa – Ele ignorou minha fala - Se você vivesse na época primitiva, qual função ou cargo você acha que teria? – Ele novamente pegou seu charuto - Há alguns que caçavam, há outros que cuidavam dos mantimentos, e você? O que você acha que você faria vivendo como eles viviam? Sendo que nesta época ninguém sabia se comunicar, da como como nos comunicamos hoje.

Eu parei um pouco e pensei. De fato, foi uma pergunta interessante. Eu, de tanto que me conheço, sei bem que ambas as opções dadas pelo meu avô não caberiam para minha verdadeira função. Eu não acredito que eu estava predestinada a estar em um cargo tão simplório como este, simplesmente por que eu buscava algo muito mais profundo, idealista e utópico do que simplesmente me bastar e me satisfazer com as necessidades básicas completas. Eu precisava de algo mais. Minha alma precisava de algo mais do que isso, o que era primitivo para mim era muito pouco; eu o usava como meu tutor para chegar em um lugar desconhecido. Caçar para mim me soava muito cansativo, eu acabaria pensando que eu não chegaria a lugar nenhum fazendo aquilo. Cuidar de mantimentos ou de crianças para mim me soava muito passivo e monótono, não havia nada que eu pudesse fazer para agir conforme algo que eu acreditava. Queria algo mais aceso e que tivesse dado vida com ânimo às pessoas de diversas aldeias! Criação!

Era isso! Eu precisava agir conforme algo que eu acreditava ser o certo a se fazer – sentindo que ambos os lados trabalhadores estavam se beneficiando, sem um causar atrito com o outro. Eu era uma espécie de anciã, sem necessariamente ser uma, dentro do mundo primitivo. Uma figura misteriosa e indecifrável, morando no lago ao lado das cabanas e dos muros aonde construirão suas casas. Sempre, e sempre, olhando para meu próprio reflexo na água – não por ser narcisista, imitando o mito – mas sim, como eu pensei antes de chegar ao apartamento de meu avô: olhar meu reflexo me dava segurança no mundo material, me ensinava exatamente o que eu estava passando para as pessoas; me fazia entender como alinhar quem eu sou com o que estou a mostrar para os outros que se aproximam de mim. O reflexo é fascinante, ele tem muito a

ensinar – mas cuidado para não se hipnotizar por ele, pois neste caso – seu ensinamento didático se torna malévolamente manipulação.

Me afasto de quem mais desejo estar perto. Essa é uma verdade não-assumida para os outros, mas expelida para mim mesma. É dificultoso, é tardio. Agora! Talvez com o mundo e as viagens, seja o mesmo; os afasto de mim porque quero estar perto deles em meus pensamentos. Se se aproximarem de mim no contato real, como ficará eles em minha cabeça? A idealização acabará; não terei mais eles em contato íntimo através dos meus pensamentos, tudo ficará morto por dentro. Não, talvez não – não se tornará morto se eu não me acomodar nas insatisfações, decepções e frustrações vistas no mundo e em sua população. Ainda não!

Mas, eu respondi ao meu avô, calmamente, e interessada em sua pergunta e também animada com a minha resposta.

- Talvez eu fosse a pessoa que criasse a linguagem! Ou talvez, a pessoa que criasse as diversas formas de se comunicar. Talvez eu inventaria as palavras, o alfabeto, a nossa língua. Não sei. Mas não me contentaria somente com essa busca para satisfazer as necessidades básicas, me dando por satisfeita com tão pouco.

- Boa resposta, minha neta. E assim são os gênios! Seus pensamentos funcionam da mesma forma.

O gabinete do meu avô tinha um cenário bem antigo e monumental, como de um sebo. Enquanto ele falava algumas coisas para mim, fui passeando entre as estantes, abrindo livros quaisquer, e um deles, logo nas páginas finais, dizia algo como: "**Toda palavra é acompanhada de vibração. Quando alguma voz a pronuncia, a voz também automaticamente acompanhará a vibração da palavra.**" De fato, o é. Eu concordei com a frase e logo depois fechei o livro, colocando-o de volta na estante. Quando, em minha vida toda, olhava para determinada pessoa e notava sua áurea, comportamento e preocupações extremamente sutis, porém, suas palavras eram de baixo calão, me dava um pouco de náuseas por essa pessoa estar dizendo coisas que não quer somente para ser aceito – o mesmo com pessoas que importam-se com coisas meramente mesquinhas e efêmeras, mas falam sempre palavras bonitas, bondosas e bem formuladas. A pessoa nunca queria dizer as palavras que realmente combinassem com ela. A palavra é estratégica e engenhosa; há de nos cercar de enfeites e benfeitorias, ou de demônios e traumas - mas ao fundo, quem as pronuncia não corresponde e nem mesmo está no mesmo grau da tal da vibração das palavras que pronunciou! A vibração delas engana muito bem sobre a imagem de quem as pronunciou. Ouvir as palavras, mas ouvir principalmente e antes de tudo; a vibração e a força da voz de quem pronuncia – são mais essenciais para se definir a palavra dita do que a palavra em si, nua e crua.

E talvez as pessoas verdadeiras e honestas se alinhem no parâmetro exato e decodificado da própria palavra que pronunciam e escolhem pronunciar. Eles sabem, que a palavra escolhida por eles para ser falada, está de acordo com sua vibração atual, está de acordo com sua emoção íntima e secreta, por isso não sente agonia em

expressá-la; pois a mesma está sendo sacrificada e usada com o intuito único de se perceber. Não é como os manipuladores que usam palavras acima de si mesmos, ou como os tímidos e reservados com vergonha de seu mundo interior, escolhendo palavras que estão abaixo deles para poderem se encaixar no mundo – mas o verdadeiro e honesto está alinhado. Alinhado consigo mesmo. E por isso ele é capaz de se diferenciar dos demais, por entender que o que diz está vindo do coração, esteja ele agora com veneno, ou vazio de qualquer emoção, ou cheio e transbordando de amores.

Olhei para a parede branca com manchas desgastadas do tempo; haviam dardos, havia uma peteca pendurada na janela. Meus cabelos eram curtos demais para que uma peteca grudasse nos seus nós e emaranhados, como assim era, quando criança. O castanho do meu cabelo não me permitia lembrar do porquê o nome daqueles grãos eram castanhas, se eles não tinham a cor castanha, como a dos meus cabelos. Enquanto meu avô tagarelava, eu ia perdendo a consciência dessa dimensão aos poucos, facilmente penetrando nas memórias infantis e nas possibilidades de ideias inventivas saindo e partindo dela!

A descoberta das coisas que expandem o mundo e o universo talvez estivesse sempre conectada e fazendo funções vertiginosas com a minha infância. Olhava para os instrumentos de meu avô, pendurados no teto, um avião feito à mão, provavelmente por ele mesmo – sendo ele, um ótimo inventor e cientista. Um avião! Será mesmo que o ser humano foi feito para voar, se não possui asas? Antes, quando todos os continentes eram unidos, formando uma só camada de terra e solo para se pisar, se era mais fácil navegar pelos mares e oceanos, sendo este um só – pois não se era interrompido a navegação por conta de terras a vista, já que ela era uma só. Então, o ser humano foi feito para voar ou navegar? Ele por si só pode construir um barco com pedaços de madeira, entrar nele e se permitir ser levado pelas ondas do mar; mas, agora, talvez, ele não tenha tanta proeza assim em criar asas por só, que o faça voar rapidamente pelos ares e entre as nuvens.

O avião é invenção moderna; e mesmo o avião não bate suas asas, voa por comandos e acaba se tornando uma máquina – e não são asas, apenas uma máquina!

Cortei o papo do meu avô que já estava ficando prolixo, e perguntei-lhe:

- Por que me chamou até aqui, avô? O que quer me mostrar, afinal? Por que está me fazendo essas perguntas?

Ele, então, respirou fundo. Não parecia exatamente satisfeito com a situação atual de alguma coisa que acontecia.

- Não te sinto mais tão presente quanto antes, minha neta. Não sinto mais sua presença. Te trouxe aqui por que queria te fazer entender o quanto a vida merece ser recebida com atenção. Ela é muito mais do que você pensa que é.

- Eu sei que ela é muito mais. – Respondi – E minha presença está aqui, estou aqui, presente, com você, em sua pequena biblioteca.

- Se sabe que a vida é muito mais, por que se recusa a querer visita-la com seus próprios olhos? Por que recusa a pôr sua presença ilustre em um lugar tão vasto e multifacetado neste lar, nosso planeta inteiro? O que está lhe prendendo?

Mas, o que eu estava procurando, afinal? Senão melhores companhias e uma melhora geral da minha relação com o todo? Da minha presença já ser um fator de soma para os que me rodeiam dentro da minha realidade imediata e passageira?

Quer dizer, não de uma forma instantaneamente supérflua ou de uma forma sorrateira estorvando o tempo de um alguém que apenas quer se divertir; mas sim, causando familiaridade e conforto aos outros. E para mim, eu não sei se eu realmente me dava este prazer de conforto para mim mesma; como eu daria ao outro? Algo que, em mim, era duvidoso de afirmar? Era duvidoso de se manter como um rei soberano e indestrutível? Nada em mim beirava como um despotismo de um tirano; sendo assim, não havia como dar total segurança nem dos meus melhores sentimentos, postos para correr na corrida da segurança para o outro.

Talvez o que permaneça em mim é este azul ácido insistente em colorir apenas as vestes escuras de mim enquanto o brilho fica sempre se mantendo escondido – o azul quer escurecer mais ainda! E então, permito-o escurecer? Sim, por que não? O azul, quanto mais escurecido, mais profundo está emergido. E quanto mais emergido, por consequência, mais conforto. Eu sei, tudo isto me parece contraditório para se encarar; mas como por exemplo, quando visto uma roupa que me é confortável ao invés de apelas para instrumentos sociais de uma imagem a zelar e preservar, me perco. Perco o melhor de mim e isto é terrível – mas, quando escolho e opto por me manter confortável comigo mesma em qualquer lugar, como se eu estivesse em casa, é aí que tudo se modifica para mim. É neste ponto crucial aonde me torno dona do mundo pois estou dominando a mim mesma, não suando em excesso ou andando com passos falsos e rápidos correndo de algo desconhecido que, fazendo a gentileza de esconder – sou eu mesma; me escondendo de mim mesma naquele momento aonde não estou sendo eu quando atravesso a rua, a ponte ou as estradas.

Tenho de ser eu em todos os lugares! Só assim, a segurança irá me manter com os passos muito bem centrados, sem calos ou verrugas o tempo todo crescendo e criando forma em meus pés desajeitados com receio de minha aparência pessoal ser a social. E ela é; eu desejo que ela seja, a mesma aparência, em ambos os lugares.

Quando tenho de simplesmente andar como querem que eu ande, já aí neste pequeno detalhe, é um retrocesso imenso para o meu aprimoramento pessoal, por isso me afasto de todas as expectativas possíveis. E afastar-me de expectativas inclui afastar-me de pessoas que criam imagens e idealizações sobre a minha pessoa; mas o que eu sou, afinal? Uma eterna subalterna, submissa às ordens de alguém, não posso esquecer-me disso.

Mas, além disso, acho sim, que quase morremos todos os dias. Pois estamos vivos, mesmo em posição subalterna ou em posição soberana – estamos vivos e quase morremos! Quase morremos hoje, ontem e amanhã, por que todos estão vivendo e

arriscando suas vidas. Ouso dizer – que, até quem não se arrisca, também corre perigo de morte. Ou perigo de vida, por estar quase vivendo, cometendo o não risco. E quem não transmuta, acaba ficando com cheiro de mofo – dizia eu para mim mesma sempre quando eu esquecia de limpar algum cômodo do dono da casa.

- Sabe que tenho deveres e obrigações, não posso simplesmente largar tudo e rodar o mundo. – Eu disse.

- Por que não coloca a volta ao mundo como um dever e obrigação para si mesma?

Então, de repente, uma aranha apareceu debaixo da escrivaninha do meu avô, descendo lentamente para o chão com sua teia. E logo embaixo, havia uma grande formiga, como se esperasse a presença da aranha pousar no piso de madeira velha do gabinete. Quando se encontraram, uma começou a brigar com a outra, estranhamente. A aranha tentava agarrar a formiga com suas patas, mas a formiga aparentava sempre resistência e fortaleza em ceder. Não entendi muito bem o que aquilo significava, mas estavam querendo me mostrar alguma coisa.

Mas, enquanto isso, notei na janela de seu gabinete, a comunicação inocente de duas crianças. Uma, perguntou o nome e a idade da outra. Isso me fazia lembrar da infância – quando criança, também me comunicava com outras crianças desconhecidas pelas janelas de outras casas! E, havia parecer um estranho código entre elas, sobre estar aprisionadas em um universo adulto e querer, desesperadamente sair de lá! Sair de lá de qualquer forma, como se aquilo se consistisse e criasse resistência em um modelo de prisão. Então, uma outra criança aparecendo na janela era sinal de salvação. Uma salva a outra através das janelas abertas e através de novas aberturas para o ar entrar – observar esta comunicação me lembrou de que a salvação se encontra bem em sua frente.

Abri outro livro aleatório em uma das estantes dos fundos. Medo de monstros é medo de si – medo de pessoas raivosas, iradas e surtadas é medo de perceber o seu próprio instinto primitivo – a raiva igual! A anatomia humana era mesmo fascinante; era sobre isso que o livro se tratava, abri na parte dos olhos. Olhar nos olhos dos outros significa analisar seu globo ocular para perceber o momento que a alma, o espírito entra em ação na emoção, atravessando intensamente o globo ocular, causando a hora exata aonde o espírito se conecta com a emoção, fazendo a conexão com a anatomia, com o biológico, gerando as transformações no olhar. O globo ocular está aí para nos mostrar – suas cores, brilhos, formas e estilos uma variedade de espíritos, com diferentes intenções e vontades. Antes eu analisava as pessoas a nível emocional; agora vou mais a fundo, olho a anatomia do olhar, que reverbera na emoção, e posso ver mais claramente o estado do espírito, e muito além de seu estado presente, posso ver a essência deste espírito - muito além do simples estado atual de emoção.

Fechei o livro e olhei para meu avô.

- Para que girar o mundo se já o tenho bem aqui na sua biblioteca? E uso minha imaginação para chegar até os lugares que quero, apenas lendo ou assistindo

estímulos inusitados, aparecendo em minha frente, em uma página de um livro ou apenas caminhando pelo quarteirão?

- Aí é que está! – Meu avô bateu em sua escrivaninha, emocionado – Se visse tudo ao vivo, sua imaginação estaria bem mais excitada! E suas conclusões seriam mil vezes mais precisas.

- O mundo todo pode ser visto também através dos olhos de alguém, basta simplesmente olhar nos olhos, cruzar olhares. – Eu disse, ignorando o que ele falou, concluindo a minha fala.

- Estará conhecendo o mundo interior de alguém, neste caso, sua única e indissolúvel visão, não estará conhecendo as criações vivas de diversos mundos interiores. E entenderá então, as guerras! Para pôr no pedestal o melhor mundo interior. Brincando de deus, basicamente.

- Sim, eles brincam de ser deus. – Eu concordei – Credo que sua criação e invenção é melhor que a do próximo. Como se existisse um concurso, e tivesse um juiz para escolher o melhor. Mas entenda avô, estou aqui em sua biblioteca e tudo me parece familiar demais, e o bastante e necessário para conhecer o mundo. Todos eles do mundo todo querem julgar o certo e o errado, então não me interessa conhecer suas ideias de separações e conceitos pré-concebidos, ao vivo e a cores. Estou bem aqui aonde estou.

- Mas, aonde está seu sentimento de pertencimento a algum grupo? – Ele perguntou.

- Isso nunca existiu em mim.

- Ora minha neta, sabe que não é bem assim! Até um rei ou uma rainha necessitam se sentir pertencentes a algo. Vai ser aprendizado e te ajudará a sair do lugar aonde se encontra. Trabalha para uma pessoa ingrata que não lhe reconhece como a pessoa que é, e faz isso apenas pelo mínimo sustento, e por que acha que merece, tem um senso de moral muito grande para estar aqui. Usa seu dinheiro para comprar coisas que ninguém pensa em comprar quando tem pouco dinheiro. Tudo para desenvolver suas habilidades artísticas e adquirir mais conhecimento, ao invés de gastar com estas frivolidades sem tamanho, mas está sempre buscando autonomia, sempre. Me admira isso em você, minha neta. Por isso quero que se permita entrar nisso que estou lhe propondo.

- Mas estamos aqui filosofando, criando teorias. Estou confortável agora. Se eu for para o mundo, sairemos desse plano e eu irei me debater com as coisas mais frívolas do mundo prático! De que adianta ter o senso de moral quando o mundo não valoriza isso, pois vão estar todos enfadonhos e ranzinzas com suas próprias verdades, se separando do mundo, por estarem eternamente na brincadeira de ser deus, e do restante, serem seus falsos seguidores?

- Está com medo de viver as sensações do corpo, ao invés das sensações de suas viagens mentais?

Não respondi. Achei estranho sua fala.

Eu olhei para o chão, e a aranha e a formiga que brigavam, de repente – começaram a andar juntas no centro do gabinete. Pararam de brigar em menos de um segundo, e estranhamente fizeram as pazes. Talvez seja isto: a voz do dever e a do querer andando juntas. Foi isto que me fez acordar agora. No início brigavam, mas logo depois do desentendimento havia uma percepção de si mesmas como iguais - nascentes e poentes - dentro de um mesmo ritual de vida no planeta e começavam a caminhar para o mesmo destino; e o destino delas foi atravessar a porta entreaberta do gabinete.

Isso me lembrava do quanto eu havia criado uma certa aversão pelo hábito de fechar portas de cômodos de uma casa. Eu sorria, alegrava-me, e havia sempre alguma porta sendo fechada; eu trabalhava, limpava, organizava, varria e alguma porta de algum outro cômodo se fechava. Eu atravessava os corredores da casa e as portas todas fechadas; não permitindo o ar entrar e ventilar a casa toda. Não permitindo a total harmonia de um embelezamento de uma casa. Um horror e uma cruz às portas fechadas! Prefiro-as entreabertas, para que o dever e o querer possam andar harmoniosamente juntos, e não um na frente ou acima do outro, como se existisse um pedestal ou uma espécie de seguidor. Isto significa dizer: o dever não pode ser dever e não será verdadeiro, se não vier puramente da vontade do coração – e a vontade do coração é a vontade da alma, e a alma deseja, anseia, quer! É a voz do querer!

E eu sei; usar técnicas e táticas medievais em circunstâncias modernas não é milagroso – a vivência veloz e rápida demais, incapacitando quem vivencia, de entender a experiência, afundando no lamaçal da sabedoria - não alimenta as táticas medievais de limpeza e higiene; e suas respectivas visões conforme seus extremos contatos com o pisar na grama e na terra. Ficava-se sem comer para se purificar e tornar o corpo mais forte e rijo, já que não tinham um terço das coisas que inventaram hoje na modernidade. A era atual fresca e saída do forno, no ponto, como um progresso - tornou tudo mais fácil e ultrapassado, mas não significa que se é de tudo insignificante. Combinar as sensações extasiantes de contato com algo maior e a natureza, com as sensações irritadiças e melodramáticas de cidade grande nunca foi uma boa soma, e nunca dará em bons resultados. Os medievais usavam as técnicas mais precárias e misericordiosas, e quem é primitivo ainda contribui com isto; os místicos entendem o modernismo como fonte de algo que possa ser contribuído para a evolução em pequena escala; mas não excluindo totalmente as poluições e agressividades, pois até elas possuem algum grau de participação para o desenvolvimento da raça humana.

Sabemos disso – eu sei. Eu sei. Mas valeu a pena tentar entender os medievais – assim como tento entender os insetos de diferentes espécies que caminham juntos pelo gabinete do meu avô. O julgamento fere o que é pessoal, mas a essência nunca se permite abalar por ela; continua a fazer o que sempre fez e o que se é sabido de se fazer por ela, pois não há julgamento que derrube uma vontade feroz. Por mais que esta vontade não seja guiada por algo maior – uma vontade é uma vontade, seja ela de ordens inferiores ou superiores.

Mas notei algo estranho: como meu avô sabia tantas coisas sobre minha pessoa se não éramos tão íntimos? Conversávamos, mas não creio que haveria tempo dele me conhecer tão profundamente como está me descrevendo dessa forma. Eu o cutuquei, ele me olhou, enquanto acendia o charuto.

- Avô Hércules – Eu lhe chamei pelo seu nome uma das poucas vezes, talvez indicando que fosse um aviso para a minha fala ser tratada com mais prioridade e seriedade que antes – Como sabe tanto sobre mim se nunca chegamos a conversar sobre estes assuntos tão pouco falados?

- Primeiramente – Ele deu uma tragada no charuto, como se tivesse pronto para discursar um seminário – Achei realmente muito estranho você não ter sofrido tanto com a morte dos seus pais naquele acidente, e depois disso ter se contentado em ser uma mera empregada, com toda a criação cuidadosa e cautelosa que você teve, como uma nobreza. Mas, depois este mistério foi desvendado por mim, vasculhando papéis antigos de seu pai.

- Por que este mistério foi desvendado por você? O que achou nos papéis antigos dele?

Ele levantou-se de sua cadeira, chegou até o final do gabinete, havendo uma parede perto da janela com um cofre branco muito bem escondido entre os livros antigos. Ele sacudiu um pouco a poeira do espaço do cofre, e pegou a chave que estava dentro de um dos livros; aparentemente perdido entre as páginas. Ele se agachou para abrir o cofre, havia uma papelada imensa, quase como um dicionário grosso de setecentas páginas. Não entendi o que era aquilo até ele se aproximar de mim com aquele peso em seus braços – quando jogou na mesa, pude ver que era minha letra, então me lembrei: eram as coisas que escrevia quando criança, até a fase jovem de hoje. Havia me surpreendido que meu pai tenha guardado aquilo por tanto tempo; mas não entendi do porquê aquilo era tão precioso para meu avô.

- Meus escritos! – Eu me pronunciei, um pouco surpresa e animada – E fui folheando-os com vislumbre de saudosismo da época.

- Minha neta, me permita perguntar... – Ele relutou – Você por acaso já leu alguma coisa escrita da bíblia, ou versões religiosas de livros?

- Eu já li sobre várias coisas, mas não sei se realmente as memorizo. Não sou tão boa em me lembrar de coisas que li. Por quê?

Ele me parecia estar fazendo um grande mistério em relação aquilo; e eu acreditava ser apenas mais um melodrama moderno dos dias de hoje. Mas me sinto segura, apesar disso – só me sinto insegura quando não como. Detesto também, algumas discussões e apresentações formais pois aquilo me lembra a superficialidade que todos vivem; dizendo ou falando coisas sem significado algum apenas por falar – sem nem mesmo medir a palavra, sem nem mesmo medir a profundidade da palavra dita. De onde vem isto que falo, por que falei? Com que intenção e que motivação teve esta fala? Eventos

sociais e apresentações formais – são o escárnio e a personificação da falta de pensamento aprofundado; falta de pensamento realmente pensado.

- Bom... – Ele escolhia as palavras cuidadosamente – Me parece que você... escreveu a bíblia, mas de um jeito infantil e mais interativo.

- Eu escrevi a bíblia?

- Os ensinamentos que a bíblia oferece, foram escritos pela sua mão. Mas com uma linguagem diferente. Seus escritos me pareceram meio sagrados, minha neta. Seu pai guardava isso em seus documentos, provavelmente ele também achava isso.

- Mas por que isso é tão importante? – Perguntei.

- Você não acha estranho uma criança ter tanto conhecimento religioso ou até mesmo expansivo sobre o mundo? Sabe, as coisas sempre estão em nossa frente, mas não sabemos que esta coisa é a solução para o grande problema que perturba a todos! Assim como, a figura de uma simples garota como você, nunca estar no inconsciente coletivo, como uma pessoa nobre e salvadora, pelo seu porte pequeno e humilde. Mas se iludem.

Isso me fez lembrar de algo engraçado; a solução do problema estava literalmente em nossa frente, pensei isto uma vez quando me sentei no sofá da sala de estar com as pernas e os pés encostados na parte de cima do meu corpo – comecei a lembrar do quão perdi a capacidade de prestar mais atenção aos detalhes do externo, e comecei a focar em ideias irrealistas; o quanto, deixei de estar presente na situação material, densa, confinada no toque. E havia um calo na sola do meu pé aonde o tocava, e quando eu o apertava, me parecia inusitadamente que toda a minha atenção para o presente voltava! Ora que, meu problema de falta de atenção estava resolvido e se deu bem em minha frente, literalmente – era um calor que nasceu e foi crescendo na sola do meu pé. Fui eliminando ele até sentir que tinha sido uma bactéria que se alojou em meu corpo durante anos, causando a minha falta de atenção; incrível, não é? O quão um pequeno calo pode fazer com a capacidade incrível do cérebro? Ora; não sou médica e nem queria ser considerada uma, isso era simplesmente pensamento abstrato, raciocínio imaginativo; somado com a intuição sob o que se sente do acontecimento.

Sei que quando minha barriga incha, algo que comi não foi bem absorvido. Não foi bem absorvido porque não estou movimentando o corpo como deveria. Sei que quando nascem espinhas e cravos, meu estômago está inflamado. Inflamação envolve irritação e ira no emocional. E não sou médica! Médico é só mais um nome inventado para ser dado a um alguém intensamente curioso por desvendar mistérios indecifráveis e que abrangem toda forma de vida e o que estas formas de vida são capazes de realizar. Não sou médica; nem mesmo profeta ou um gênio, como meu avô queria me indicar ou deduzir – não caía mais nas histórias dramáticas das pessoas que se surpreendem com o extraordinário; quando presenciam um traço autônomo ou qualidade de talento, grande demais para seus raciocínios lentos entenderem, precisam

rotular urgentemente, antes que aquilo saia do controle de suas próprias ideias de controle sobre o mundo que os cerca! Precisam engavetar em alguma caixa mal bordada e mal pintada, e permanecer lá até seu total exame e análise ter tentado calcular uma frieza que não existe – a frieza da inspiração -, durando décadas e mais décadas para decifrarem algo que é grande. Mesmo sabendo que esta coisa na qual rotulam e ousam acatar um julgamento, poderá salvá-los do enfadonho desgosto de passear e caminhar, saboreando o passeio todo como repetitivo e automático em suas rotinas intelectuais.

- Não sei. – Respondi.

- Não sabe quem você é? – Meu avô me perguntou, mais como uma capacidade retórica e imediata.

- Na verdade, quem eu sou é quem eu não sou, certo? Quem somos não passa de uma mistura abstrata e artística, quase que formando uma pintura em um quadro, ou uma escultura que foi moldada pouco a pouco, de comportamentos, falas, ações e valores que apreciamos, gostamos e digerimos como seguras para nós mesmas, enraizando aquilo em nós mesmos desde a idade mais infante. E daí, vamos continuar a fazer isso durante a vida, enraizando tudo aquilo que vemos e que se encaixa com nosso temperamento primordial, formando quem nós somos. Mas quando desmanchamos a imagem, quando tiramos a máscara, só temos nosso temperamento, e não mais personalidade, traços ou perfil algum. E este temperamento pode ser primitivo, calmo, inseguro ou flexível. Talvez este temperamento que venha conosco tenha a ver com o período de gestação e com o parto.

- Talvez seja isso mesmo. – Meu avô disse – Está vendo como sabe das coisas?

- É, estou começando a concordar com você. Talvez aqui se encontre tudo muito enfadonho demais quando não estou em uma biblioteca como essas. Tudo muito previsível, e quando há hábitos até mesmo de cidades diferentes, até mesmo de outra cultura! Eles incendiam e correm, pegam o extintor vermelho e querem apagar a chama viva do que é diferente.

- Infelizmente, minha neta, é essa a realidade em todas as outras culturas e países, eu receio. Temo pela união do mundo, nunca se sabe quem irá morrer e permanecer vivo pelo poder maligno da não aceitação.

- E em outros planetas? – Perguntei como uma pergunta séria, ao mesmo tempo soando curiosa.

Ele riu; um riso satisfeito, simpático e de apreciação a pergunta, seu riso soava como tudo, menos como zombaria.

- Espero que um dia alguém descubra isso!

Talvez, pelo meu avô ter sempre vivido em meio a grandes bibliotecas e a transitar entre histórias de folclores do passado, e a expectativas de melhoria sociais vigentes para um futuro destrinchado, depositando em alguma pessoa que aparecesse em sua

frente estas expectativas, do seu grandioso sonho realizado ou fazer projeções nesta pessoa afim de que se parecesse com alguém capaz de mudar, governar, liderar alguma ideia específica com o intuito de melhoria global; mas eu não era essa pessoa, eu era somente uma subalterna, e talvez sua credulidade já esteja também afetando seus neurônios, em acreditar realmente sobre meus escritos se assemelharem a algo sagrado – ora, eu era uma criança, tudo que uma criança escreve poderia ter potencial de ser assemelhado a algo inexplicável e sagrado. Ou não é?

- Eu construí um prédio há muito tempo atrás – Ele falou – E cada andar desse prédio contém uma área específica e interativa para cada área de conhecimento. Sempre tive essa ambição desde muito cedo, de mostrar para o mundo como o conhecimento pode se unir, todo em um só - fiz então, com que todos os andares e apartamentos do prédio estivessem conectados. E de fato, estão, assim como todo prédio que vemos construído por aí, todos os apartamentos conectados através de redes elétricas, gás e água filtrada. Assim é com as áreas do conhecimento! E quando tinha sua idade, tive esta grandiosa ideia de esboçar o desenho do mesmo com minhas próprias mãos, contratei construtores, pedreiros e arquitetos para melhorar o desempenho.

- E como se chama esse prédio? E aonde está ele agora?

- Nomeei de edifício Olhos de Deus. Ainda está firme e convicto, pessoas trabalhando dentro dele. Pessoas indo e vindo para saber como fazer seus interesses prosperarem através de suas imensas curiosidades diante da vida! O prédio é feito especialmente para aqueles com grande intensidade para conhecer a vida mais de perto! Está escondido em uma esquina por aí, muito bem protegida por mãos secas e rústicas. Tenho a intenção de lhe mostrar, quando, talvez, aceitar meu precioso convite hereditário e imagético, talvez enigmático.

- Não acha que os religiosos ficarão irritados com esse nome que deu para o edifício? – Mudei de assunto.

- Mas eu não menciono religião alguma, menciono deus! Para o nome deus, existem diversas e diversas interpretações e relativizações acerca do próprio. Que nem mesmo sabemos se realmente deveria ser chamado no masculino, isso foi apenas uma invenção de nós humanos. A força criadora foi interpretada da forma que bem quiseram interpretar. Mas, ele não é uma pessoa, é uma força, então pelo menos não sofrerá as consequências das mais diversas interpretações do seu nome. Assim é a pureza, não sofre as consequências das interpretações de sua forma.

Assim como acredito que a pureza está em todos os lugares, em seu estado puro e imaculado – sem nada para revertê-lo em malícia ou em um estado mais deplorável e sujo; acredito também no poder e na força serem conjuntas e em nada se igualam a destruição de um suporte aparentemente maléfico. Quando me dizem que não há pureza na terra, penso na sagrada água de coco que residia na camada mais imperfurável da fruta, e nos alimentos brotados da terra que estes nascem limpos vindos até mesmo da própria bactéria da terra. Até mesmo as minhocas verminosas que habitam dentro dos alimentos e se usurpam deles após algum tempo possuem

seus próprios métodos de purificação; até os germes, os que habitam o reino das bactérias; possuem suas estratégias de pureza para seu pequeno corpo elástico e minúsculo, para seu corpo vivo e quase invisível. Por que nós não teríamos a purificação em nós mesmos, sem entrave ou empecilho algum de demais rótulos transitórios e sarcásticos?

- Avô – Voltei ao assunto – Mas o que o fato de você ter criado esse prédio tem a ver com a proposta que me oferece? De ver o mundo?

- Como assim o que tem a ver? – Ele tragava em seu charuto, parecendo animado com a minha pergunta – Todos os países e culturas são regidos por essa pirâmide de separação de conhecimentos. O que cada um coloca como princípio e prioridade para o bem de um país, se encaixa em alguma área de conhecimento. Cabe a você conhecer todas elas, se é que já não conhece, achar as ligações entre elas e projetar nos países, nos continentes, e assim, terá uma solução perfeita que contemple todos os gostos, pois estará exercendo o dom da diplomacia. E esse dote é essencial para a harmonização das relações, sejam elas pessoais, políticas, sociais, informais, não importa muito o modelo que se constitui, mas a intenção que há dentro desse modelo já reformulado milhares de vezes.

- E quais são essas áreas de conhecimento? – Lhe perguntei.

Eu tinha um interesse extremamente questionador e ao mesmo tempo autoritário, como quem impõe – de conhecer a verdade mais a fundo, talvez isto tenha me perseguido desde criança; e talvez esta perseguição tenha me tornado o avesso do profano. O avesso da expectativa sombria do inconsciente coletivo, do comum senso de perceber o outro apenas como sua própria projeção, como um espelho quebrado, estilhaçado, com seus cacos espalhados no chão para quem encontrar-se com eles e espetar a sola dos seus pés, verá o grave erro de prender-se a sombra de um fantasma que não é nem mesmo seu, mas do outro.

Lhe direi que todas as fases de vida são essenciais e imprescindíveis para a coleção e bagagem virtuosa da alma; as fases alegres, penumbrosas, misteriosas, perdidas, felizes, fases de auto realização, fases de derrota. Tudo para mim soa como o mesmo, por que todas elas fazem parte de um conjunto expansivo de auto aprendizado, auto aperfeiçoamento e desenvolvimento. Os erros não deixam de ser trabalhados para serem lapidados ainda mais, somente porque se está em uma fase alegre e realizadora; assim como, as alegrias e motivos para sorrir não desvanecem ou tornam-se nebulosas somente por que se está em uma fase de perdição, aonde lhe custa achar encontro com algo prazeroso. Se é preciso medir os pratos da balança; tudo está no lugar no instante em que este lugar está de pleno encontro com seu sentimento; e isso é o bastante. Isso é o bastante para entender a medição exata de milímetros e centímetros da justa balança; da harmonia do peso de ambos os lados prevalecerem como entendedoras de si mesmas.

E todos os sistemas sociais são assim, ridículos e capazes de usurpar sua natural alegria de ser livre e autêntico. Dono de si, dono do mundo e dono da sua própria escolha

para onde quer que vá. Odeio as questões de horários, regras e regulamentos com o funcionamento pouco altruísta e compreensivo no que tange a vida pessoal do outro. A vida pessoal e íntima não deveria ser um alívio? Penso eu. Penso, mas não chego a esta humilde resposta – pois a resposta que se dá a ela é percebendo o quanto os sistemas invisíveis podem transformar nossa relação de foro íntimo em uma completa fonte de acordos e contratos – jogando fora o que nos faz estar vivos agora; o sentimento. Se são assim em foro social, cumprindo acordos racionais, então será assim em foro íntimo e nem se realizam de que jogam suas vidas foras e estragam sua pele, seus olhos criam olheiras e seu olhar agora é de um zumbi, e sua barriga vai inchando, estufando, até seu corpo explodir com tantas mazelas acumuladas - e por ter vivificado contratos sociais em foro íntimo – o único foro aonde nos permitimos ser nós mesmos.

O corpo não está bem e precisa de ajuda. Talvez daí entre o ato de expandir, de expansão. A expansão marítima e governamental vem também com a expansão do corpo. A expansão sarcástica advém também da expansão sisuda, alegre e despreocupada. Despreocupada. Pronto. O corpo já foi solucionado, já está bem agora; então, ele se volta novamente ao conhecimento unificado de tudo que une os continentes. Isto aqui também é uma forma de confissão: percebo que quando descuido de mim, também estou descuidando do meu trato com o outro. Quando descuido da minha saúde e me mantenho despreocupada em como vou me sentir, assim também fico com o outro. Quando estou mal-humorada comigo mesma, abre-se uma espécie de porta aonde também estou suscetível a me encontrar mal-humorada em minhas próprias palavras sobre o outro; quando é o horror culpar o outro pelo seu mal estado. Sou adaptável às diversas circunstâncias de trabalho, mas isso não significa que isso me tornará escrava de algum padrão alvoroçado e intransigente!

Cada um é escravo de si próprio! Não são escravos de horários ou regras por que elas vieram depois da existência do primeiro humano capaz de se ter consciência; e como todos ainda se mantem em modos animais, algumas leis são para suprir de qualquer modo – o lado animal; a consciência está para lá e muito além e aquém de mais de dez mil leis escritas pelos antiquados! Mais uma vez, sou adaptável a ser submissa, silenciosa e reprimida. Mas isso não faz de mim um ser ausente de consciência, mas sim – com uma conduta moral de excelência; me fazendo olhar o ponto do subalterno em uma perspectiva mais à frente dos patrões.

E nisto, o olhar do subalterno para o padrão me faz revelar uma angústia libertadora – a doença traz sabedoria para a saúde, assim como o subalterno traz os sentidos de honra para o patrão. A cada vez que a saúde torna-se senil e debilitada, assim o corpo promete mais placidez, prontidão, parado como uma rocha. Consequentemente, o pensamento tende a desenvolver-se mais, já que não há muito movimento; como teria se a saúde tivesse presente. Assim, o patrão atento também nunca saberia o verdadeiro valor do servir e honrar compromisso se não tivesse um semelhante parado em sua porta esfregando panos e lavando pratos, objetos do patrão, usados por ele próprio.

Mas aqui estou eu com meu avô tornando-me vegetal juntamente a ele; praticando ideias inexploradas e irredutíveis ao comum. Estou aqui com ele e isso desenvolve em

mim um senso de ânimo, entusiasmo e animação – o compartilhar de ideias com alguém que é capaz de acompanhar seu raciocínio absurdo e incongruente é alarmante; é marcante e suscetível sempre aos acertos de sínteses soberanas sobre as soluções dos males causados pela vertente extremista social invejando e extorquindo o solo fértil da privacidade.

- Então, vamos lá. – Meu avô começou pegando um pequeno pedaço de papel amassado da sua gaveta - O que há entre as artes, comunicação, forças armadas, arquitetura, medicina, biologia, química, física, mecânica, agricultura, educação, filosofia e outras ciências do social, nutrição, música, direito, decoração, teatro, e etc., tem em comum? Tudo e ao mesmo tempo nada. Todos se parecem pois almejam um mesmo ideal, perseguem um objetivo, um ideal, um princípio; e vão afincando para realizar o objetivo, mas não possuem nada em comum no tocante do processo de realização, eles se repelem uns aos outros, crendo que um atrapalha o desenvolvimento do outro, e vice-versa; competindo entre si nas masmorras mais torturantes de toda subjetividade humana. E sabemos: a subjetividade humana é composta de cômodos de casa! – Ele parou, levantou-se para pegar um copo de água no filtro no fundo do gabinete, e voltou, continuando - Se permanece sempre em um cômodo, realizando seu conforto ali, mas uma hora ou outra irá precisar passear pela casa inteira, com o fim de não somente usufruir do espaço, mas de tratar-se em limpeza e arrumação.

A cada vez que a voz é abaixada em tom, é aumentada em argumento. A cada vez que a voz vai se afinando com um tom de voz mais baixo e harmonioso, o que tende a leva-lo até esse nível é o aumento do nível de conhecimento. E ele está em toda parte, nós sabemos, nós sentimos! Ouço mais os outros pelo seu jeito de ser, pelo seu tom de voz, pela verdade ou pela dissimulação em seu olhar do que, de fato, pelo conhecimento que me passam; pois, sim, o conhecimento está em toda parte e chegando em uma biblioteca, vídeos hobbies ou cursos de músicas que veremos boa fração dele – então, se ouve ou se assiste alguém, não pelo conhecimento que o mesmo passa, mas pelo seu gesto e sua postura diante do outro em sua frente.

Recorrer a justiça de estado, governos e maiores instituições poderosas para trazer justiça em relações pessoais e íntimas, é sim a pior ilusão de pacificação e acordo. Se o íntimo não se resolve no íntimo e se torna público, há nisso, alguma justiça? Quando não há conhecimento do que se sente em relação ao outro, de quem se é e do que está sentindo na situação, como poderá ter um diálogo honesto com o outro que lhe feriu, se os ferimentos são quase sempre causados pelas falhas e desvios na comunicação sem ou com palavras? Recorrer à justiça social para apaziguar relações íntimas é o estado mais bruto e mais elevado de indiferença ao outro que se pode chegar; é a alienação total ao seu próprio poder de comunicação e autonomia, intrínseca em si mesma.

E claro, se dar bem com todas as pessoas exige por vezes extrema diplomacia e flexibilidade diante das coisas que se acredita dentro de si, de seus valores – abrindo mão de suas ideias para abraçar a ética do outro – mesmo que esta seja injusta e desumana. Entender sua desumanidade e injustiça como sendo isto no plano geral, e

não no plano pessoal do indivíduo – sendo ele ainda, vítima de sua própria ignorância quanto ao estado amplo das coisas. Mas, apesar de se abrir mão do que se acredita quando se dá bem com todos, à medida que a compreensão é aumentada, o medo vai se dissolvendo nas mais diversas esferas e camadas de juízo íntimo e social – uma acaba seguindo a outra. E ausência de medo significa, acima de tudo, poder viver a sua própria verdade. Viver a sua própria ética; e isto é verdadeiramente alcançado quando se entra no paradoxo de se abrir mão de sua ética para abraçar o mundo do outro, sendo flexível para com ele – mas firme com seus propósitos.

Sabemos que ninguém possui opinião ou também valores dentro de si pois constantemente apenas repetem o que outros próximos de si falam. Ninguém realmente possui a força de querer saber, entender e entranhar aquilo em si, para que em sua fala, possa soar como se realmente seu raciocínio tivesse sido abençoado e alarmado pelas mais belas chaves do labirinto que leva até o final da conclusão de um pensamento muito bem fortificado e construído. Mas mesmo com isto; há de se desistir de seus próprios valores e detrimentos pelo outro? O outro; tão constantemente influenciado por qualquer coisa que ouve em qualquer canto e lugar do mundo? Tão constantemente influenciado que, chega a pensar que muda de personalidade sempre quando muda de pensamento ou emoção! Tão estranhamente flutuante... Há de se comparar a solidez dos valores com a flutuação inacessível de especulações distraídas e transitórias? Não; sabemos que não – mas como se adaptar ao mundo que é assim? Eis meu maior questionamento! É como se todos fossem criados em formas de xícaras e de repente quisessem ter uma forma de um copo de vidro; isso não é mudança. Amadurecimento é aceitar seu formato de xícara e encher esta xícara, sem deixar o líquido transbordar.

Mas com meu avô, quando o mesmo entender o porquê deu me submeter a ser somente uma subalterna, talvez entenderá minhas piores aflições.

As coisas mais baratas são as melhores! Eu dizia para mim mesma. E as coisas que não valem nada, de grátis – são mais valiosas ainda! Percebi sim, ao olhar mais atentamente para o globo do meu avô e lembrar que ele na verdade tinha sido um presente de minha mãe; e por ter sido um presente, talvez, ele tenha recebido com a função principal e primordial de ser uma peça rotineira no dia a dia do meu avô – um alarme da verdade, talvez. Tudo porque foi dado de grátis par quem usa; tudo que é pago pelo próprio utilizador sempre tem um ar de meu e posse, e nisto, o uso do objeto automaticamente me é estranho e me causa náuseas emocionais – me repudia usar. Me custa comprar, me custa utilizar o que não foi dado ou doado. A compra me lembra trabalho não altruísta; e trabalho não altruísta para mim é escravidão emocional. Me é penoso comprar; a utilização para mim sempre irá ser de pouco uso, por conta deste valor simbólico na qual automaticamente ofereço ao objeto. E as coisas caras, geralmente, se esvaziam rapidamente de valor – não vale a pena.

Eu ter conhecimento de como uma caixa lotérica ou um banco funciona é ter conhecimento da escravidão dos meus semelhantes. É tomar rédea de como meus semelhantes são diferentes de mim por não entenderem mais a fundo seus próprios

processos de escravidão individual. Tomar conhecimento de como se sacar notas de dinheiro é estar preparada para enfrentar o mundo material da pior forma possível! Escondo. Escondo não por ganância, mas por preservação de caráter. Cédulas parece que se tornam pessoas vivas que precisam ser salvas de um sequestro quando vistas nas mãos de alguém! Agora, diga-me; como suprir isto? Os valores de amizade, amor e psicológicos vão sendo deixados de lado para prestar atenção em cédulas que quase criam pernas e andam sozinhas, fugindo desta loucura aonde todos lhes colocam! Nem as próprias cédulas se valorizam tanto assim quanto os obcecados por elas.

Assim como, alguém que se irrita com alguma situação por vezes não está realmente irritada com toda sua profundidade emocional; mas sim, apenas acostumado a repetir um padrão comportamental que está acostumada, e o repete, para sentir-se seguro nas situações. Cada um com seus mecanismos de defesa contra essa mão invisível que esmaga a todos os corpos encolhidos dentro de sua palma! Assim como as intensidades emocionais esfriam tão rápido quanto um café expresso; os valores não hão de mudar, mas o modo como se esquentam e esfriam as expressões desses valores sim.

Mas eu precisava me arriscar. Era isso. Eu precisava arriscar-me nas impossibilidades desastrosas do mundo aonde o físico está incapacitado de tocar as ideias grandiosas. Mas só assim eu conseguiria a expressão certa, a expressão motivadora para percepções mundiais ou maiores além da minha própria. Era preciso que o mundo soubesse dos seus próprios conhecimentos.

Mas enfim, quando dei por mim, já estávamos saindo de seu gabinete, saindo do seu prédio, deixando seu amigo Ailton lá sozinho com o tabuleiro de xadrez; e indo de encontro até este prédio de todos os conhecimentos. Quando chegamos lá, me pareceu um prédio abandonado, beirando quase ao desmoronamento. E as bandeiras dos países, estendidas bem na frente do prédio – notei que a grande maioria delas continham a cor vermelha em sua composição – era de se esperar: cor vermelha é cor de sangue, cor de vida, a cor representada pela intensidade que se é viver tudo com fervor e vapor! E os países, criações de países, marcações de territórios em todo o lugar do mundo representa exatamente isto: a busca insaciável pelo que é seu, pelas conquistas; impulsionada pelo poder do fogo universal. O vermelho da grande parte das bandeiras dos países. Talvez tudo isto esteja também relacionado com a ativação da vontade violenta que rege os acordos territoriais e de posse de minérios e vegetais raros e importantes. A vontade de associar sempre ao que é rude, bruto e sem refinamento – o vermelho.

Todos dizem o quanto alguém está irreconhecível ou simplesmente diferente; mas não se lembram! Não possuem a memória aflorada o suficiente para perceber que todos continuam o mesmo pois se resgatam sempre o que já foram, tiveram ou ainda serão. A busca insaciável pelo vermelho provocante das bandeiras é sempre o saciar-se de algo que não se tem ainda, ou que achava estar incompleto em si; mas é um grande erro! A cor vermelha vai procurar possuir territórios e dominar seus iguais achando este que irá mudar algo nas leis universais. Há sempre algo que ronda e sonda o eterno – há

sempre algo que se tornou, mas que no fundo, já se era aquilo há muito tempo. Entende? O possuir é inútil pois a natureza lhe mostra que o possuir era uma ilusão, através de suas inumeráveis catástrofes, matando e dilacerando vidas – mas com o objetivo de fazê-los perceberem o óbvio! Em estados depressivos, se encontram cegos para o que fazem-no sorrir e o que o fazem alegre, e se esforçam em ajudar quem está afundado neste poço, e em estados eufóricos, tentam apagar o fogo e acalmar a euforia de quem está perdendo a noção dos limites de si próprio e do respeito ao outro. Para tudo é preciso certo equilíbrio com o fim de balancear os dois extremos dessas ilusões.

- O grande problema é que todos querem que eu continue no passado, estagnada e estacionada como eles, nos mesmo hábitos e nos mesmos problemas. Sou a única disposta a me aperfeiçoar a todo tempo! Por isso, sou vista como uma estranha e indiferente aos relacionamentos. Todos eles se fecham em uma espécie de personalidade eterna e ilusória, se permitindo cair no buraco do comodismo. – Eu falei aleatoriamente para meu avô, que se empenhava fortemente em abrir a porta do prédio, quase caindo aos pedaços – Eu não, e por isso muitas vezes me encontro sozinha, vagando pelas ruas sem ninguém de confiança o suficiente para entender esse lado meu de auto aperfeiçoamento.

- Isso, minha neta! Entende por que não pode ficar estagnada? Tem que sair daqui! – Ele então, arrombou a porta, apesar de sua idade senil aparentar debilidade ao seu corpo.

Quando dou por mim, estou sem dormir. Mas o estar sem dormir não é necessariamente um sinal ruim sobre si mesmo; se está pensando demais em cousas produtivas, e talvez isto seja o que verdadeiramente leva alguém até atingir seu potencial máximo. O seu limite, o seu doar-se ao máximo de si mesmo em prol de algo muito maior que ele. Tudo bem, estou projetando todos os outros em mim mesma – mas sou assim; não posso nunca perder meu tempo pensando em frivolidades estranhas na qual meu mundo interior desconhece, acabo me perdendo de mim mesma, nem que seja apenas por alguns segundos. Não posso perder-me de mim mesma nem quando o relógio chega a cronometrar um minuto. É difícil competir com um espaço dentro de uma atemporalidade que desrespeita seu espírito e o faz a todo tempo querer sair de suas raízes e encontrar fixidez em canto desconhecidos – por conta de instituições ou ideologias falseadas de respeito! Claro que, quando me livro delas, a vida se prolonga e começa a ter um sentido único e idealizado. E nunca mais se quer voltar atrás; nunca mais se quer ser o que se era antes.

Não se quer trocar a vida plena por nada mais. Apenas pela libertação dos seus semelhantes; de todos os seres vivos. O humano, com seu grande potencial de consciência e de expandi-lo, não deveria saber disso? Não deveria saber de como suas imensas e incontáveis atitudes desonestas reverberam pelo mundo até alcançar a raiz e o umbigo de todas as criações?

O ser humano não deveria ser considerado o ser vivo mais importante de todos; mas sim, o mais responsável por todos os outros e pelos demais elementos existentes. Ele, dotado de consciência; sendo assim, seu dever como ser consciencioso e capaz de expandir esta consciência, incorporar um caráter de proteção e nutrição com todos os outros seres e com a fiscalização de maus agouros sobre consciências que se recusam a expandir, causando conseqüentemente, escárnio e posse em todos os demais elementos, os deteriorando e piorando cada vez mais seus estados naturais. É seu dever, como humano, ser responsável; e não ser deus. Aonde estão, os que assumem essa responsabilidade pelo mundo que vivem? Preferindo a maioria deles se isentarem completamente da sua capacidade de ter consciência, por consequência, de assumir a responsabilidade – e ainda existir e perambular por aí como se estivessem ainda na fase animal. O humano que não quer assumir responsabilidade alguma, deseja arduamente comportar-se e voltar ao seu estado de animal. Não percebe o mesmo que já ultrapassou esta fase e que agora tem uma consciência, pedindo urgentemente para que acorde e abra os olhos, para as inúmeras e incontáveis responsabilidades que possui diante de todo o mundo, o planeta, a espécie, a raça!

Os iluminados então, não passam simplesmente de pessoas extremamente responsáveis. Consigo, com o outro que se aproxima e com o restante dos ambientes do mundo por onde caminha.

Passamos por irresponsabilidades e por caminhos não tão agradáveis para nossa persona e desenvolvimento de caráter, mas de tudo isto não é ruim ou que provoque tantos arrependimentos. É necessário transpassar por experiências que não tem nada a ver conosco; para sabermos conscientemente através dos sensoriais sentidos, que não somos aquilo, e termos ainda mais foco e atenção ao que realmente nos prende e nos faz palpitar, nos voltando para onde realmente somos, com mais certeza e dignidade – e responsabilidade, o foco principal do ser humano evoluído.

Estou ganhando ou perdendo algo com isso aqui?

O sopro miserável e escasso que a humanidade se propõe a fazer, com tão pouca e tão falha respiração, é o que me drena e me dilui a um estado de impotência e cansaço, me tornando incapaz de mover-se em direção ao melhor caminho para todos. Mas eu não desisto, apesar dos seus sopros ridículos serem toscos e nunca trabalhados para sentirem a vida – não desistirei, pois, a grande maioria deles, nem mesmo sabem o verdadeiro significado de sentir a vida. O sistema e toda sua forja que não sabemos exatamente de onde vem e como diretamente e com quantos anos isto começa a influenciar nossa mente, se camufla em nossa corrente sanguínea até não podermos mais respirar a vida, até não entendermos mais a vida, e entende-la apenas como um jogo de ganhar e perder, como usar e desusar, como ter sucesso; e não como preservar, renovar-se, e não ensinam, como a derrota em alguma disputa, na verdade, é a melhor vitória para a nossa alma.

Tudo bem. Estou aqui presente e ninguém me impede. Meu avô talvez, mas ele me convocou até essa missão aqui, então não posso mais recuar e dizer que fui vencida pelo medo, de conhecer as injustiças do mundo com meus próprios olhos.

- Venha logo. – Meu avô me puxou até as escadas – Agora, vamos subir cada andar rapidamente para você ter uma noção de como eles se organizam por aqui?

- Quantos andares tem esse prédio?

- Cerca de... trinta?

- Vamos subir trinta andares de escada? – Minha pergunta foi espontânea, mas ao mesmo tempo se mostrando assustada com sua resposta.

A imagem que temos de prédio é que seja sempre tudo muito organizado, limpo e muito bem decorado. Este prédio era diferenciado; possuía suas janelas e portas extremamente sujas e ainda em estados rústicos, mas não deixando de ser pomposos – as escadas não eram pintadas e nem mesmo possuíam algum suporte concreto, uma subida de mal jeito, sua perna poderia manter-se presa dentro do buraco que ela formaria ali, no instante em que se pisasse. Mas, enquanto íamos subindo vagarosamente, olhando com atenção para os degraus, eu ia conversando com meu avô sobre demais temas e necessidades subjetivas.

- O que eu não entendo, avô, é como os pais tratam os filhos, como se fossem suas heranças em termos de personalidade. O que eu não entendia em minha relação com meus pais talvez tenha sido isso durante todo aquele tempo. Herdamos coisas deles, mas ao mesmo tempo, precisamos seguir nossa própria caminhada, criar, modelar e reformar nossas trajetórias individuais, criar nossa história; não simplesmente copiar a de quem veio antes, sabe? O que me diz sobre isso?

- É, minha neta, você matou a charada da vida humana neste planeta. Então eles terem morrido para você pode ter sido um certo alívio? Tudo bem, pode dizer, você não vai soar como uma insensível ou alguém sem sentimentos. É normal sentir isso, quando algum ser vivo não sente que possui liberdade, e quando se abrem situações que o mesmo possa exercer isso. Sentem-se libertos, por consequência, aliviados. A vida é grande e bela demais para nos prendermos às certas crenças ultrapassadas.

- Sinto saudade, claro que sinto. Mas desde que me ocorreu o acontecimento, estou aprendendo a andar com minhas próprias pernas, e a experiência está sendo ótima.

- Sim. – Ele foi conclusivo.

- Acho perigoso, semear a ideia de que amor significa obediência e submissão. É servidão, mas uma servidão que se escolhe, nunca pode ser obrigatória, senão o amor se perde.

- Está certa. – Meu avô foi perdendo o fôlego enquanto subia as escadas, mas continuava seu raciocínio – Mas também, cabe aos filhos, quebrarem essa ilusão na cabeça dos coitados, que ainda acham que os filhos têm de viver na geração passada,

na geração deles. A honra em seus nomes é necessária, mas a honra com liberdade! – Ele então, clamou essa fase com maior glória e fervor.

Eu dei risada de seu gesto.

- Sim, eu tenho isso em mente. Mas agora eu sou eu.

- Sim, você é você. – Meu avô falou – E eles eram eles! Nada de cópias, hora de inventar a si própria!

Paramos no **terceiro andar**. Entramos na porta do andar, e vimos todas as salas abertas. Escrito “Comunicação” bem grande, como um outdoor entre as salas. Estávamos no andar da área da comunicação.

Pensava constantemente em meus isolamentos; eles eram, em sua grande maioria, para meu senso maior de autopreservação. E poderá vir demais religiões com seus dogmas e doutrinas ariscos e penumbrosos, semeando punições – mas estou sempre atenta às razões do meu próprio isolamento! As pessoas na vida cotidiana querem insistem em colocar-nos em postos e em posições aonde eu já sei de tudo aquilo intuitivamente, querem me inteirar e me encaixar em coisas inúteis, que não me servem mais para meu progresso! No meu isolamento, trabalho para a humanidade, assim penso – com os meus escritos, mesmo que somente lidos anos e anos depois de minhas mãos terem escrito os mesmos. Os dogmas são tão pequenos, comparado a incrível vastidão que é o universo, com seus milhares de galáxias que protegem a mesma quantidade de planetas que esta galáxia que nós vivemos, e que provavelmente possui outros tipos de vidas com invenções e estilos de vidas melhores que o nosso. Muito melhores! E acreditamos, caímos nas prisões mentais; mas quando pomos o rosto, a cara no mundo, vemos, enxergamos a grande verdade: somos tão pequenos!

Dentro da esfera da comunicação, haviam alas acesas e alas apagadas. Dentro das alas, existiam diversas intenções com a qual podemos usar a comunicação. Havia salas com o nome escritas: “persuasão”, logo em seguida, a outra: “influência”, e assim as alas iam sendo subdividas de acordo com a intenção que se pretendia com aquela área. Sentia uma energia diferente cada vez que me aproximava de determinada ala; apesar de todas elas englobarem uma mesma área, cada uma possuía um campo completamente diferente, na qual transmitiam sensações extremas uma da outra.

A comunicação em si dispersava o trabalho manual, dispersava os trabalhos tradicionais; a comunicação foi feita para dispersar. Pois é na dispersão que se acende novas ideias e novas portas para outras esferas de entendimentos. E só podemos nos dispersarmos de todas as coisas; deveres, trabalhos, preocupações, responsabilidades - quando nos comunicamos. Sem ela, ainda estaríamos presos nos limites de um quadrado.

Enfim, exatamente, o pedir talvez seja um motivo razoável para iniciar a conversa e a comunicação com alguém. Quando a pessoa não se sente digna ou não acredita que possa iniciar um próprio assunto individual na cabeça de algum desconhecido, ela apela para o pedir esmolas; talvez muitos mendigos só queiram simplesmente

conversar e manter alguma conexão com alguém. Para, quem sabe, começar a pensar diferente a partir da conversa com outrem. O pedir esmolas é um jeito discreto e envergonhado de pedir atenção. Mas como não se sente no direito e nem digna de pedir diretamente e honestamente, inventa-se mil desculpas para poder alcançar este objetivo que o envergonha.

Desde o ensino primário, era fenomenal brincar com as palavras e observar como elas soam com junto com a vibração da minha voz, as expressando genuinamente. Às vezes combinavam com ela, às vezes minha própria voz criava repulsa por certas palavras; talvez pela sua conotação exagerada em pronúncia.

Continuamos a subir as escadas. Paramos no **quinto andar**. O andar aonde tinha escrito "Forças armadas". Esse andar me instigou extrema curiosidade. Suas alas tinham como: "Artes marciais" e "Atividades físicas". Achei curioso como duas cousas tão grandiosas poderiam representar e estar dentro de um andar e de uma área tão menosprezada pelos físicos. Armamentos, armas. Meu avô então, talvez tivesse reparado minha dúvida quanto a isso, e ele falou algo como:

- Sim, quem usa armas tem como princípios os mesmos princípios dos físicos e dos lutadores das artes marciais. Esses não usam armas, mas estão todos no mesmo objetivo, o objetivo da luta, e de cessar e driblar o adversário. E tomam como base as lutas antigas e as estratégias de leitura do corpo mais antigas também.
- Entendo, mas eles semeiam coisas diferentes para as pessoas. Quem usa armas semeia violência e medo, não? E quem luta, não necessariamente semeia violência, mas a resistência, resiliência, honra, justiça.
- Claro, mas quem usa armas, mesmo que inocentemente, minha neta, pensam intensamente na justiça e na honra. Se arrepiam com atos de justiça e de honra. Pense bem nisso! É só fazer a conexão.
- Está me dizendo então, avô, que quem coordena e organiza assassinatos em massa por puro ódio e desejo de posse, são semelhantes aos que lutam por questões de honra e dignidade, aos que lutam pela humanidade? Acha mesmo que são semelhantes?
- Minha neta, todos nós somos semelhantes. Temos as mesmas vontades e desejos, mas em alguns está latente, adormecida. A diferença é como cada um deles direciona essas vontades e desejos. Por que fica com essa postura tão intocável?

Eu entendia, todos os pontos aonde meu avô sempre queria me levar. Quando ele me perguntava do porquê das minhas constantes posturas de um ser "intocável", por sempre achar que o meu desconhecimento sobre as coisas era o conhecimento certo – eu o respondia, por que eu sou. Eu sou um ser intocável! Um ser, que nunca foi tocado profundamente. Ou talvez, que nunca ninguém tenha me alcançado em termos de profundidade, ou do desvendar a si próprio, como eu, que me empenho constantemente na tarefa e nesta árdua e prazerosa rotina. Até os seres intocáveis possuem sim, suas razões para serem; e por vezes o realmente são. Mas não como se

fossem deuses, mas sim como seres que ainda não foram alcançados em termos de conhecimento ou profundidade por ninguém conhecido, por isso se recolhem em seus casulos. Por isso eu me recolho em meu casulo de vez em quando. Mas não o respondi por enquanto.

Estou entre um pedregulho espinhoso, sem saber qual direção irá me dirigir para aquele fiel posicionamento que bombeia e ao mesmo tempo bambeia. É assim como tudo que advém do esforço físico: Causa tonturas de tanto rodar e movimentar-se em uma mesma posição, mas o coração possui tanto bombeamento que se é quase impossível da tontura se rebaixar para outros níveis negativos do corpo. Pois o coração ainda está ali, alerta e sutilmente recheado de vida! – apesar dos movimentos de bambolê, que lhe tonteiam após sua brusca parada giratória. Já parou para pensar como as armas mais covardes e fracas, frágeis, são aquelas armas com balas, na qual se atinge o adversário sem o mesmo perceber, para mata-lo, e não para derrotá-lo e driblá-lo? O quão covarde e infantil é, não derrotar, não vencer o adversário, não olhar para seus pontos fracos e conseguir aponta-los, e sim, simplesmente mata-lo? O quão fraco é esta posição das armas com balas? Que não exigem habilidade alguma de movimentos estratégicos de quem o usa, para atingir o adversário, como o uso de uma espada exige – e simplesmente apertar um gatilho e ver o adversário ser derrotado em nome de algo que nunca regeu aquela disputa; em nome da apelação, e não da verdadeira força interior?

Nada é escamoso, e nada é macio. Tudo se engloba e se mistura, formando o concreto – o meio do caminho entre ambos. Duro, mas não escamoso. Confortável, mas não macio. E quando é um concreto aonde suas respectivas cores alucinam e embriagam a vista, torna-se então um concreto capaz de mudar vidas. Um banco de concreto que fala através das cores.

A vergonha de usar maiô na infância se deve ao fato da minha estranha virilidade e vitalidade física ser latente para mim mesma, enquanto eu usufruía com sinceridade de outros fragmentos da minha alma idosa, que eram muito bem explícitos e aceitos, como por exemplo, o gosto por usar maiôs. E a minha virilidade e sentimentos sexuais detestava – via esse meu lado como uma desonra e ameaça aos seus aspectos de guerra e militares. Mas com o tempo ele vai aceitando esse estranho lado incombinável com o dele; mais sábio e excêntrico. Não tão sisudo e dado às formas bélicas de viver. Talvez. Veremos como as diversas formas de saciedade se dão no decorrer da grande corrida e disputa de dualidades em formações humanas! A estrutura das Forças Armadas mostrava a dualidade através das exposições bélicas.

Quero dizer, vamos aqui analisar o contexto: as balas rápidas e lançadas na velocidade da luz, fracas e covardes, são usadas para matar vidas reais, quando, quem o lançou não passava de um servo da brincadeira impura, das perversões, do divertimento malicioso. Veja bem: a vida existiu dentro do útero, conseguiu ser parida, e nasceu! Nasceu para ser ele mesmo em essência; nasceu para ver e entender a vida, usufruir dela com responsabilidade. E então, simplesmente, um distraído e alienado sobre o verdadeiro significado da luta e da guerra, puxa um gatilho por ódio – ou seja, a

dispersão, a falta de foco do verdadeiro objetivo da luta, e mata. Mata uma vida real, não era uma vida cujo estava interpretando algum personagem – queria que o fosse, somente um personagem – mas foi toda aquela carcaça de carne, na qual nascemos, com a pele macia e sedosa. Não era um teatro, como eles fazem quando estão com armas na mão – estão interpretando um personagem; mas matam um que não estava dentro da sua própria peça, dentro do seu próprio roteiro, nem dentro do seu cenário. O quão fracas e covardes são as balas que voam na velocidade da luz, atingido o órgão do cérebro ou coração, esperado durante nove meses dentro de um útero para ser formado, materializado?

- Tudo bem, avô, entendo o que fala. – Eu falei – Vou esperar por mais respostas.

Veja bem como qualquer mínimo detalhe pode fazer alguém pensar; atravessando um andar e seus diversos corredores com suas alas, pode-se perceber a imensidão de valores ali presentes, ou a busca de valores; mesmo que vistas de formas superficiais e pouco analíticas ou contundentes. Não somente pensar, mas questionar-se do que será que existe de possível investigação intensa e sondável por ali por aquelas alas, quando tudo que se julgava sobre elas eram mínimas minúcias e pequenos objetos somente olhados por visões microscópicas.

Então fomos para o andar seguinte, **sexto andar** – moda. Entrei então no corredor, observei a ala: “Vestimentas e acessórios” Vejamos aqui, algo interessante: o ser humano está sempre achando que está sendo inovador em seus modos de inventar a si próprio e a inventar peças que sejam utilitárias para o mesmo. Mas não percebe que grande parte de suas ideias são estritamente recebidas e dadas para ele, vindas do universo natural e animal. As famosas bolsas que as mulheres costumam carregar como símbolo de feminilidade, moda e utilidade simultaneamente; carrega, secretamente, a força de um canguru, principalmente as fêmeas cangurus. Por terem suas bolsas ambulantes e andarem pelos demais desertos com ela, carregando filhotes e mantimentos.

Então, a moda era mesmo uma invenção de nós, humanos? Ou a ideia é simplesmente pega do estado natural de outros seres que usufruem de suas modas naturais e embutidas em seus próprios corpos e métodos de viver – mas sem os mesmos terem a consciência que praticam moda. Se soubessem, o couro de bois e vacas seriam poupados de serem arrancados a facão desses animais para criar uma moda falseada e individual dos humanos! E se veriam, eles próprios, como naturalmente estilosos. Assim como os cangurus o são, assim como os bois, o são.

Como é horrroso falar sobre as inutilidades e erros da humanidade enquanto se olha para a imagem das fezes de um deles! Fezes cobertas de pontos vermelhos e brancos, provavelmente infestados de vermes cujo sentimentos dele se assemelham às mesmas matanças e desejos por crueldades. Quem não eleva-se em consciência, estará sempre a mercê de tornar-se agente e cúmplice dos maiores erros dos humanos mais egocêntricos pisados em terra e que, por infortúnio, conseguiram certo reconhecimento e idolatria por passarem métodos pouco empáticos adiante, para os

não-pensantes não pensarem e simplesmente executarem as mesmas burrices. Tendo que:

Burrice = não é ser parente do animal burro, burrice é a ausência de discernimento, de senso, de noção, quando a capacidade cerebral de formular pensamentos é pouco desenvolvida.

Vê? Até mesmo o significado de uma simples palavra óbvia em seu ponto e objetivo, poderia ter se tornado uma avalanche de desentendimentos e más interpretações.

A moda criada pelos humanos, então, poderia ser parcialmente, uma invenção burra? Tendo em vista seu alto grau de exploração das coisas naturais e que são feitas para serem deixadas em seu habitat natural; pois mexendo nas mesmas, se afeta por completo toda a atmosfera do planeta terra? Se causa distúrbio no método de voos de certo tipo de ave, por exemplo – todo o resto pode se desequilibrar; até mesmo os terrestres.

Afinal, o que faz os humanos levarem tão a sério coisas que não são feitas para ser levadas tão a sério, como diplomas, valor de provas para medir inteligências (sendo que estas são múltiplas e indecifráveis em cada um), sucesso em conseguir trabalho em empresas e instituições ilusórias e controladoras, e levam na esportiva e na brincadeira, coisas que não são feitas para serem levadas na brincadeira ou na esportiva, como questões de saúde e a matança de milhares de animais, ou as injustiças que reprimem a liberdade e a expressão individual de cada um? Dá-se risada de alguém que passa horas e horas vomitando após beber litros de cerveja, ou de alguém que dá pequenas porradas em um animal para irritá-lo, mas se desespera por que não encontra uma vaga de emprego, se desespera por que não é incluído no sistema desumano? O quão estranho é isso? Ignorar algo humano e real, e valorizar o desumano e ilusório?

A mosca que se deleitou no meu ombro me deu o sinal sobre este andar! Costureiras em uma ala, suando sem parar com expressões preocupantes de ansiedade. Estranhei. Mas me perguntei, então, até mesmo este prédio com todas as áreas de conhecimento presentes, com a função e objetivo de instruir outros sobre a importância deles, é capaz também de alienar e causar sofrimento a alguém? Como essa mulher que observo nesta ala? Será? Queria perguntar ao meu avô, mas tive receio de sua resposta.

Nono andar. Artes cênicas, plásticas e liberais. Certo; aqui encontramos uma série de contradições do senso comum.

Possuem a imagem da arte como um mero objeto de entretenimento; quando, analisado mais a fundo e nas entrelinhas, através das pequenas minúcias e detalhes da criação a ser observada, como um filme por exemplo, vê-se que ele pode ser um veículo modificador de vidas dentro da realidade prática e material! Como ousam ver a arte como um simples objeto de entretenimento, como se fosse uma mera casa de bonecas ou um peão? Brinquedos de criança? Quer dizer, perdão. Até mesmo os brinquedos de criança têm o seu valor primordial para modificar algo grande e essencial para a vida humana, global, mundial. Um peão (brinquedo de criança, infantil)

resistente, veloz e potente, pode fazer o trabalho que um construtor, pedreiro e arquiteto com seu trator pode não fazer – é só depositar fé no valor do objeto em ação. Mas duvidam da fé; deste poder invisível que move todos os seres.

Como ver um filme, uma leitura, como perdas de tempo – se ao final da degustação do mesmo, ele poderá ser um modificador decisivo de alguma vida, ou de vidas? A depender de como se deguste, e de como foi feita a criação. Por que a forma como foi feita, muito provavelmente estará sua energia eletromagnética ali presente. E há pessoas que não se sentem em casa dentro de suas próprias casas; como sentir-se em casa, então, dentro de uma obra de arte? Se uma obra de arte é, em sua finalização, sempre uma espécie de casa para se aconchegar?

Assim como, fazer o que se deve fazer sem saber o que se está fazendo é necessário; para posteriormente, em um futuro distante, saber com convicção o que está a fazer.

Décimo segundo andar. Nutrição! Eu já sei a resposta para todas as alas deste – quer um corpo perfeito, sem defeito algum? Há de se comprar um boneco inflável ou simplesmente não nascer aonde tudo é carne e osso. Um corpo perfeito seria um corpo sem desejos. E quem não possui desejo algum, está quase morto. O quão contraditório é isto? O cuidado com os grandes mistérios do corpo? E o quão contraditório é a ceia de natal com um animal morto e tostado no fogão para ser comido, com uma figura pintada de Jesus Cristo em um quadro na sala de estar aonde está a mesa com o animal tostado? Nutrir o espírito com morte é desnutrir o corpo. Nutrir o corpo com morte é desnutrir a mente. Quando como uma manga, e seu açúcar entra em meu sangue, sinto o mesmo coagulando tudo; as minhas feridas e as demais micoses, já em estados de cicatrização e em quase desaparecimento, de repente, se abrem novamente e começam a coçar, retardando todo o processo de excremento das impurezas que provocam as feridas e as micoses. O açúcar então, estagna a fluidez completa do sangue, permitindo que sujeiras e mais sujeiras se acumulem entre os órgãos? Talvez o açúcar seja mesmo, alimento para crianças, com seus corpos ainda novos, como folhas em branco. Mencionei isto para meu avô.

- Minha neta, mas você acha que me sinto como um velho? É claro que não! Me sinto como um jovem, por isso mesmo ingiro tanto açúcar! O que importa é como você se sente, e não como seu corpo está. Olhe, estou todo enrugado sim, mas meu cérebro não está enrugado! Por isso preciso das doçuras da vida.

Eu ri de sua resposta. Continuamos subindo, apesar do cansaço físico já estar folegando um pouco meu avô.

Astronomia; **décimo terceiro andar.** O quão engraçado é perceber, após observar a imagem do universo (até aonde conseguiram captar com seus telescópios potentes e modernizados com ampliação de três mil vezes) que não somos, nem ao menos, um terço de um pequeno fragmento de poeira dentro do cosmos! Mas, ao mesmo tempo, e em contrapartida, nosso corpo orgânico (este pequeno fragmento de poeira cósmica) é intensamente afetado por tudo que o toca e que entra em contato com seus sentidos. Somos tão unicamente afetados por tudo, e ao mesmo tempo, insignificantes

em escala universal. Assim como uma pequena poeira que se esconde atrás da porta de um quarto, após sua retirada, muda por completo, os ares que ventilam o quarto, mudando a energia dos móveis e dos objetos por completo. Apenas a retirada de um pozinho de poeira. Assim, somos nós, entrando em contato com qualquer vestígio de vida ou de substância que contenha partículas subatômicas. Os planetas são feitos da mesma substância; assim como as luas e demais satélites que os regem. Tudo deixa rastros; as nuvens são os rastros de intensos ventos. Deveríamos olhar para o céu para saber o que faremos no minuto seguinte, e não para os relógios e seus horários limitantes!

Décimo quinto andar. Arquitetura. Este é interessante, inclusive sobre a estrutura deste prédio. Os prédios modernos e outros reformulados e reformados são os relativamente abençoados por seu aspecto de cobertura, de estarem literalmente cobertos – com ar fresco e pisos de madeira. E analisando as estruturas dos prédios antigos, percebe-se claramente que os mesmos não foram esboçados em desenhos com preparos para ter sua laje como uma cobertura; de causar indignação e revolta. Como se criações e invenções antigas também não precisassem ou não tivessem a necessidade de serem cobertas, protegidas, aduladas, mimadas.

A arquitetura dos prédios é sempre baseada no desenho inofensivo e despretensioso de alguém. Os ricos precisam dos artistas para formularem o cálculo da imensidão dos desenhos dos prédios aonde os mesmos sonham e sonharam em morar. Ninguém se esquece de ninguém, todos precisam de todos. Um é co-dependente da função do outro – com formas e aspectos que se rechaçam e se divergem. Como as folhas secas que caem do pé de mangueira, precisam de uma erupção do ar, o alto astral dos ventos, para poderem correr pelas calçadas, pois não foram criadas com pernas e pés.

Mas veja aqui, se pararmos para pensar aonde ficamos mais da metade do nosso tempo: dentro de casas, instituições, museus, casas de shows, enfim, tudo que foi construído pelas mãos de construtores. Na verdade, estamos dentro de coberturas de tijolos com cimento mais uma tinta ou papel de parede para dar a falsa impressão de que estamos em um lugar seguro, protegido de qualquer mal. Já se observou como criam uma casa, como se constroem estas imensas mansões? Estamos dentro de um lugar construídos por tijolos e mais tijolos! Nossa vida é cercada por tijolos amontoados!

Aqui está o lapso da chama da luz de uma vela: não dar importância para algo é o que realmente lhe atrai. Não estar atento ao que se busca e ao que se quer alcançar, e estar compenetrado no oculto e no invisível desta coisa que se busca, é a riqueza e o amadurecimento da concretização. Cortar, anular, lapidar os excessos e a intensa dificuldade no entendimento é a volta para o estado perpétuo e pleno das emoções – sem demais flutuações – pois neste estado tudo já é manifestado; é o estado do manifesto completo de todas as coisas, sem separações de um tempo para outro. Há sempre um corredor dentro de cada andar de um prédio, que, quando se está parado no meio dele, se ouve uma voz; e acha veemente em primeira instância, que a voz está saindo de uma porta fechada em sua frente. Quando, presta atenção mais

atenciosamente, a voz na verdade sai de uma porta atrás de aonde está parado, e está pronta para ser aberta por alguma sombra que se movimenta, sendo facilmente identificada pelo espaço do olho mágico. E a porta da frente continua fechada. A porta da frente é a arquitetura celestial e igualitária para todas as construções; sem diferenças contrastantes de luxo ou de confortos, maiores ou menores para ninguém.

Entretanto, acho interessante como conseguem materializar um desenho em um papel em poucos anos. Como conseguem transcender o esboço e o poder de um grafite chegando até as mãos de coisas concretas, pesadas e formadoras de um sustento de tijolos, tintas e buracos, formando o que estava no desenho feito! A arquitetura explica como a imaginação também tem força.

Décimo oitavo andar. Mecânica e eletrônica! As alas deste andar eram diferentes de todas as outras – mais modernizadas e um pouco robotizadas. Com vozes automáticas e quase ninguém presente, apenas números e máquinas com funcionamentos automáticos. Algo que me intrigava em artefatos tecnológicos – todos eles eram representações muito precisas de nós mesmos. As máquinas criadas são reflexos da nossa própria máquina, da máquina que controlamos todos os dias: o corpo humano. Dizem que, as fábricas e as indústrias projetaram equipamentos para serem quebrados e darem defeito daqui há um ano, ou pouco tempo, na qual causa isto, um consumismo maior por precisarmos comprar mais. Mas... aqui está um grande segredo: os equipamentos e máquinas tecnológicas quebram rápido somente quando usados todos os dias, durante muitas e muitas horas! Se viciam nos artefatos tecnológicos esquecendo do que é real (e o vício em algo depende unicamente da pessoa de parar ou de continuar), e a responsabilidade de suas mentes fracas e frágeis vai para as criações tecnológicas. Se não usássemos os artefatos com tanta frequência e vivêssemos o que há de viver de real, eles durariam mais, muitos e muitos anos, mais do que o esperado e o estipulado – se não tivesse se tornado em um vício. Assim é com o corpo, quando não está constantemente sob pressão, vivendo intensos perigos e altos riscos, se encontra mais preservado e mais jovial – com as máquinas tecnológicas é o mesmo.

Vigésimo andar. Psicologia. Esta área para mim me é tão familiar e consolidada em meus pensamentos que nem sei sobre o que falar sobre ela. Quando algo está há muito tempo fincado em sua cabeça, como se espera que se tenha algo definido sobre ela? Os questionamentos sobre a psique humana são um dos assuntos mais indefinidos em minha cabeça; pois analiso todos os aspectos vindo de todos os lados sobre ela. Vejamos, porque, tudo que vemos agora no mundo material surgiu da psique humana – então ela talvez seja uma das principais áreas a serem pensadas, repensadas, questionadas e revisadas. Ideologias, crenças, países, conflitos, brigas, guerras, famílias, amor, atração química, filmes, músicas, livros, objetos tecnológicos, matadouros, filosofias, drogas, rótulos, mídias, namoro, amizade, demais modelos de relações humanas... praticamente tudo já criado no mundo veio da psique humana. Tudo que se possa imaginar, talvez o que eu citei não seja nem mesmo dois por cento. O que é a psique humana se não, tudo que nos cerca e nos ronda? Possíveis declarações de amor

e manifestos pacíficos, e possíveis planejamentos de assassinatos em massa e ataques passionais. Tudo é criado e desenvolvido na psique. E o que é a psique? É somente uma fração da composição da massa cinzenta e gosmenta chamada cérebro, ou faz parte do espírito – substância indiferente ao corpo orgânico?

Paramos um pouco para descansar no corrimão da escada entre os andares. Pensei comigo: para ir ao mundo então, terei que me emburrecer? Ou seja, fingir que sou algo que não sou para estar dentro e padronizado dentro de todos eles? Não, emburrecer não, mas sim um leve fingimento. Não! Talvez não, talvez eu nem precise fingir reflexo algum de mim. Talvez eu só vou ser eu mesma dentro da explanação das loucuras estacionadas e exibidas das estranhas rotinas das pessoas, que eu prefiro chamar de rituais. As rotinas são rituais inventados pelas gerações.

Vigésimo segundo andar: Direito e questões de justiça. Apesar de tudo me parecer conservador e contido demais, a seriedade do ramo é necessária para que se possa absorver e observar muito bem sua própria sensibilidade diante do problema existente em sua frente a ser resolvido – sim, há a positividade do conservadorismo: a retidão, ela que ergue o equilíbrio entre os lados que se desentendem arduamente e se agridem. Preservar a fala e certos comportamentos para que se mostre a verdadeira noção de exercer a justiça, apesar sendo um mero observador, e não um comediante ou um interesseiro puro em finanças da profissão. Ser um verdadeiro justiceiro em busca da perfeição e da harmonia das relações humanas; que só tendem a ser trágicas quando o humano se dilui a si próprio e se entrega a vícios desnecessários e corrompe seu caráter, destruindo os relacionamentos – que só chamam pelo sino da justiça quando esta destruição já ameaça o fim da vida de um dos lados, quando esta destruição não se basta em destruição e quer ser a morte física, de dois lados desentendidos e agindo como crianças que ainda desconhecem do seu lado primitivo e ainda não aprenderam a necessidade da ordem e das regras, com o objetivo de que nenhum lado saia ferido, desentendido ou inferiorizado; sendo as formas de comportamento, sendo igual para todos. Era para ser este, o princípio do direito e da justiça. Mas aonde encontramos fieis na causa deste princípio? Os poucos fieis, detestam o contato com os soberbos e arrogantes que se induzem pelo caminho apenas do exagero de finanças e de bens desnecessários.

Vigésimo terceiro andar. Ciências naturais. Ah! Como é interessante e satisfatório perceber a biologia do corpo sendo afetada diretamente pelo poder da gravidade e pelos mandamentos da tabela periódica, indicando-os diretamente quais metais de quais famílias podem ser conciliados e alinhados com a fortaleza do seu estômago. É interessante notar como tudo que é criado normalmente possui um eixo de rotação, algo que os permita sempre estar em movimento circular, arredondando tudo – esgotos, xicaras e copos, panelas, olho mágico, binóculos, discos, planetas, e se segue mais adiante com uma imensidão de rotatórias. Imagine-se que talvez, os átomos de hidrogênio que formam as estrelas e constelações seja mesmo criado para fazer precessões (ou seja, movimentos circulares); sendo assim, tudo que está embaixo e é criado pelo ser humano e pela força maior, também acaba repetindo o mesmo padrão

químico dos átomos, dos elementos químicos que formam as estrelas. Por isso, também e talvez, o humano tenha o vício inconsciente de andar em círculos durante sua vida; anda em círculos o tempo todo durante sua jornada na vida, durante o caminhar até o seu destino – é sempre um movimento circular, nunca é retilíneo. E isto é explicado! Pelo movimento circular formado pela química, que forma o destino dos corpos biológicos, que atingem e vão de encontro com toda a realidade física.

E este reflexo dos corpos celestes atingindo os nossos corpos físicos, determinando como nosso corpo irá ser encaminhado e em quais situações e pessoas irá se envolver; de tudo que está em cima no céu, reflete em tudo que está embaixo na terra, é explicado pelos estudos mais temidos pela sociedade; **as ciências ocultas**. Na qual este, nem sei mesmo se daria somente para um andar com poucas alas, falar sobre eles, pois englobam tudo e todos e absolutamente a vida no geral, seria impossível reduzi-los e encaixa-los em um pequeno espaço dentro da imensidão de um prédio, já que estas ciências não nasceram para serem encaixadas em lugar nenhum, por isso mesmo que são ocultas. Tudo que se oculta não recebe rótulo, caixa de programação, ou nomes. Não fica à mercê de ordens estranhas na qual se obedece sem questionar, sem nem mesmo saber de onde está vindo aquilo ou de qual direção. Elas não nasceram para competirem com outras áreas de conhecimento – elas não são deixadas de escanteio por escolha própria, pelo seu aspecto extremamente exigente de querer saber a verdade de todas as coisas; não somente de um fragmento, e se bastar nele. Há alguns que desprovidos de moralidade e de conduta justa usam-no para interesses íntimos baseado em suas malícias e egoísmos, mas, há outros poucos, com grande dotação de sensatez, consciência e coerência, fazem-no bom uso para o bem comum e para o progresso da humanidade.

As ciências ocultas eram inúteis para aqueles que tinham prazer e se contentavam com conversas fiadas e opiniões de grupos. Eram ciências desnecessárias aos que viviam no leme do chão, da superfície – de aonde, pisar no chão já era o bastante.

Por isso, e talvez, meus escritos de quando criança que meu pai guardava, seja coligado a estas ciências, e beire ao sagrado; por simplesmente estar fora de campos de competição e de ganâncias, fora do campo de interesses; somente no campo de semear o conhecimento e a verdade por amor, não mais e nem menos do que isso. Era interessante me conhecer através da interpretação dos outros sobre o que eu criava, e o que aquilo representava para eles.

Vigésimo sexto andar. Medicina. Tudo bem; aqui estavam coisas muito óbvias para mim. É óbvio que as sete áreas do cérebro precisavam ser desenvolvidas para gerar o equilíbrio total no ser, e por consequência, iria emanar pelo seu corpo inteiro. Quando, quem adoece e se deixa apodrecer dentro da própria doença, sempre serão aqueles com as áreas primitivas do cérebro (habitando na nuca) mais ativas, e as áreas da frente da cabeça (as conscientes) em estado de inação - a moral, a auto-observação, percepção sobre o ambiente externo e reflexões cotidianas sobre os acontecimentos. Seus lados ambiciosos, animais e domésticos ainda falavam mais alto do que gerar um estado mais próspero para todos seus semelhantes com a ajuda destas quatro áreas,

que permitem deixar em estado de inação; e não se importam mesmo se elas estavam desativadas. E é óbvio também, que seremos eternamente médicos de nós mesmos; não é nunca o outro, nós mesmos sabemos o que sentimos e o que estamos a repassar para o outro, e os sintomas corporais são apenas sinais que devemos ouvir e interpretar adequadamente, para guiar-nos de volta ao caminho do começo, ao caminho da nossa natureza, aonde nós realmente pertencemos. É nós mesmos e aonde nosso coração deseja nos levar. Quando há palpitações, nervosismos ou qualquer coisa que faça o coração movimentar-se com extrema rapidez, é o verdadeiro caminho para aonde devemos ir – pois ele está chamando, está implorando por mais vida, por entusiasmo! É aquele caminho – o caminho do medo, do receio, do nervoso, aonde o coração está sempre prestes a pular da boca. É a porta para a felicidade; mas a maioria tem medo de atravessar a porta, por isso, adoecem e continuam alimentando as áreas primitivas do cérebro.

Certo! Este nome não sou eu pois não o escolhi. Assim como me lembro das vezes da infância quando comecei a gostar de bolo e brigadeiro, em um dia específico de tédio em um aniversário na escola, também lembro quando ouvi pela primeira vez minha voz gravada em um áudio, quando os celulares já podiam gravar vozes. Me animei, me surpreendi e me assustei. Assim como não escolhi gostar de bolo e brigadeiro, também não escolhi meu nome marcado e gravado em mim como tatuagem no cartório, e nem escolhi o timbre da minha voz. Me pergunto se estas decisões são justas, e quem coordena elas. As coisas mudaram, não tenho mais vício em bolo e brigadeiro por que passo mais tempo sozinha; pois na vida adulta se desenvolve mais livre arbítrio, diferente das festas de aniversário dentro da escola. Não me assusto mais com minha voz gravada por que fico cada dia mais silenciosa. Mas meu nome continua o mesmo, pois quem o decidiu, nunca fez parte a minha escolha individual.

A escola bane e avisa que as viagens mentais estão erradas e nunca caberão em resposta alguma de suas provas calculistas. Por que sabem que, se todos de repente desinibissem suas imaginações e darem as asas apropriadas para suas ideias, as regras escolares passariam do estado de obediência, até o isolamento obsoleto. Suas ordens seriam machucadas e destruídas pelo poder imaginativo dos seres que se permitem exercer toda essa potência subjetiva. Percebe-se? As regras marcam presença quando há ausência de criatividade e inovação. E então a educação e o aprendizado vão por água abaixo; aprender não se separa nunca do criar. Será apenas pura memorização, não aprendizado. Na escola fui conhecida por aquela que procurava sempre alguém que falasse coisas interessantes e com profundo significado – constantemente ouvia trivialidades e assuntos estranhos de malícias repassados de gerações passadas para suas bocas. Falavam mais sobre pornografia e nomes para fins de depreciação de professores do que refletiam sobre a valorização de suas amizades naquela época pavorosa e prisional, que é a escola; “quem está comigo agora? Quem é verdadeiramente meu amigo aqui?” Ninguém se perguntava. Isso me causava aflição. A solidão tomou consciência de si mesma neste período.

Olhava para o mapa-mundi estendido lá embaixo pela janela de um dos últimos andares e observava claramente as alternâncias entre Nordeste e Sul. Sendo que: nordeste = calor, sol, mar, areia, minerais, vitaminas, felicidade composta nas relações calorosas. Sendo que também: sul = frio, tecnologia, contatos pessoais desapegados, calçadas, muros, cidade. Quando não se tem as gratificações da natureza, achamos gratificações do lado de fora; com as cousas inventadas pelas mãos humanas. Estilos alternativos e alimentos que viciam o paladar são boas disfarçadas.

Penso que prédios com áreas de conhecimentos são perda de tempo, pois muitas vezes todas as áreas de conhecimento são uma coisa só e separando-as, nos dá uma ideia de que elas não têm a ver com nossa existência, provocando uma súbita sensação de indecisão em nós. A decisão em aprofundar-se em somente uma, não passa de ilusão quanto a si mesmo e sua identidade, com um pouco de arrogância.

Todo conhecimento, independentemente de sua forma e de sua substância elementar, tem a ver com nossa existência, mas somente se adentrarmos nela intensamente e com paixão, se é capaz de alcançar e fazer emergir essa realidade. Olhos muito vermelhos e nervosismo e raiva nas expressões, não significam pessoa maléfica, pois escolher ser maléfico faz parte da escolha do espírito; olhos vermelhos e raiva em expressões é artefato orgânico, ausência de descanso ou de estado emocional tranquilo. O que causa estado emocional conturbado? Não fazer o que se gosta, fazer o que não se gosta, obrigações que não escolheu para si mesmo e para seu estilo de vida.

Países são marcações de territórios, induzido pelos machos humanos; criações de culturas são obras de fêmeas humanas. O humano repetindo o padrão animalesco, ainda sem alcançar a total consciência da unidade. Fêmeas humanas criam a cultura familiar, do foro íntimo levam até o foro social; Machos precisam chamar algo de meu; como cachorros, que mijam sem querer mijar em algum lugar para marcar seu cheiro ali, não se bastam com algum pequeno objeto, precisam de uma pequena parcela de terra da mãe-terra, que a mesma dá de bom grado, mas ele nunca se basta; como criança mimada, nunca está satisfeito.

Com a aniquilação de todos os países e todas as culturas, se cria o sentimento de igualdade entre todos do planeta; se cria a sensação de verdadeiro desenvolvimento da humanidade. O respeito às diferenças; a cultura e a países diferentes, a raça, gênero, orientação sexual – no caso, se dá somente com a dissolução das suas próprias crenças sobre o que é certo e o que é errado. Para o respeito deixar marcas, se é preciso se diluir, se desmanchar, se anular para poder entender o que há do outro lado. Sem isso, não há desenvolvimento algum, não há comunhão ou estado de conciliação entre os seres. Talvez isto não seja somente um achismo de minha parte.

Chegamos no último andar! **30**. Enquanto eu pensava, nem mesmo percebi a quantidade de escadas que subimos sem eu e meu avô trocarmos uma palavra sequer.

- Minha neta, abra a porta.

Eu empurrei devagar. Estávamos em uma cobertura! Pessoas diversas aglomeradas em pequenos círculos. Escrito então, a placa logo na entrada "Humanidades".

Meu avô colocou sua mão em meu ombro, se apoiando na parede e bebendo vários goles de água gelada que estava em sua bolsa sem parar.

- Está bem, avô?

- Sim, as escadarias só me cansaram um pouco.

Ele apontou para a placa, após beber água.

- É aqui. Chegamos ao nosso destino. É aqui aonde tudo começou, e aonde tudo vai terminar. Me entende? Se lembre disso.

- Avô, não acha que as culturas e países deveriam ser desmanchados para que todos possam se ver como iguais?

Ele então, me olhou com estranhamento.

- E destruir a história da humanidade? É claro que não, como acha que eles teriam rumos? Viveriam como animais novamente, creio eu.

Seria uma destruição que provocaria atrito ou uma destruição que implementaria uma renovação? Me perguntei. As destruições não são de todas ruins; às vezes retornar e regressar para o estado anterior, ao animal sem consciência - é necessário para que o humano renasça de uma outra forma.

- Mas eles já não vivem assim? – Perguntei-o.

- É, você pode estar certa. Mas criaram a religião para isso, não? Para tentarem um pouco, elevar suas respectivas consciências, para não vibrar em timbres primitivos.

- Se destruímos a história da humanidade, iremos destruir as religiões, e destruiremos também as guerras e as enchentes de fome e pobreza nos países. Iremos analisar os solos de cada lugar e levar todos dali, pois não iriam possuir condição alguma de morar em ambiente aonde não chove. Refazer tudo, mas com os fortes em espírito no poder, e não os fracos de espírito.

- E quem seriam estes fortes de espírito que estariam no poder? – Meu avô me perguntou.

- Nós! – Eu falei com ar de indignação, como se o mesmo não tivesse pensando nessa possibilidade.

De uma coisa também não entendo e não me averiguo. Quando se fica doente, é um bom sinal – é uma coisa boa. Como podem enxergar como um mau presságio? A sociedade inteira cria estes rótulos, dividindo tudo em pequenas repartições que mais tarde acabam se encontrando e percebendo, ao final das contas, que nenhum era muito diferente do outro; mas foram postos em caixas diferentes, para acreditarem na fragmentação de suas almas. E agora cabe a cada indivíduo coletar as diversas partes

de si mesmo, na jornada dentro de uma sociedade que fragmenta a si própria – para uma total e plena, perpétua felicidade. Tudo bem; sabemos que os mais positivos, posicionados e seguros são aqueles que vivem mais e mantêm uma boa postura, e por consequência, melhoram a saúde, pois andar com sua coluna reta reduz e evita sintomas de doenças; quem sabe até, cura todas elas.

Agora, sabemos porque os bons tendem a andar curvados em sociedade mascarada e pouco desprezível para questões humanas – e sabemos agora por que dizem que somente os bons morrem cedo ou vão-se embora rapidamente – é tudo sobre a coluna vertebral. Além disso, pessoas seguras não possuem inquietação alguma em seus pés, o que faz com que não acumulem calos ou verrugas que lhes impedem de andar corretamente como quem anda para viver, caçar ou nutrir. Como quem não possui desvios no andar por falta de estima em si mesmo. Aonde tudo isso começa? Aonde toda estima ou falta de estima por si começa, como alguém torna-se inseguro ou medroso, ou torna-se seguro, exibido? Ah! Época de escola. Tudo isso se forma na época da escola. A escola treina-os para a sociedade – sabemos disso. E, felizmente ou infelizmente, a vida continua sendo uma eterna escola; com os mesmos grupos, conversas, fofocas, padrões e rótulos, e ainda com a supervalorização do mesmo método de aprendizado. E felizmente ou infelizmente, saímos da escola literal e decidimos aonde vamos nos encaixar na metafórica e simbólica escola, que agora possui outro nome. Moldam nosso jeito de ser dentro do mundo, sem que nos apercebamos do fato.

Apesar de ser uma subalterna, sou uma mestra em acumular traumas em mim e fingir que não reinam dentro do meu universo. Sempre demonstro e exponho o que decido expor; minha passionalidade é controlada e exigida, é solicitada somente para imprevistos específicos, ou talvez ela surja também para assustar os mais inconsequentes, distraídos e que beiram a psicopatia. Queria não ser assim; digo, meio como algum objeto que beira a uma excentricidade tímida. Desejo ardentemente sentir-me confortável em minha própria pele e em meu próprio corpo, usando a minha voz tão baixa e tão alta, sentindo-a sempre como algo que perdure pela eternidade e que não seja somente um pequeno som ou pequeno ruído que estivesse fisgando os tímpanos de quem estivesse próximo. Queria o conforto da minha voz no coração do eterno; e por falar em coração, é estranho também notar como todos possuem lugares íntimos e profundos dentro de mim, todos, que me refiro, todos que já conheci.

E há um eu, em algum lugar, dentro do coração de todos? Espero que sim. Assim como sei, que toda e qualquer forma de informação e conhecimento, estão sempre no campo da verdade e da transformação – quem o torna sutilmente debilitado é quem o semeia; pois que, junto com a informação, também irão ser misturadas com a mesma, as intenções e o estado de espírito de quem está semeando a informação ou conhecimento. Há de se ter cautela, não com o que fala; mas com as intenções ocultas e secretas por detrás da fala. Há um lugar dentro da escola que nunca quer se redimir para o lugar de um ensino superior! Quer sim, continuar aprendendo e digerindo, errando e continuando. O ensino superior exige perspicácia em tudo e a falha é vista

como mal estudo, quando o estudo em si é relativo, varia de universo pessoal. Então, como ceder? Há sempre uma luta dentro de si mesmo sobre permanecer na escola ou estar no alto da cadeia social, com os ensinos superiores, aonde seu nome já lhe denuncia o ar de altivez e prepotência. Na escola ninguém sabe de nada, e alguns desejam isto ainda: não querer saber de nada, mas não por que desejam a ignorância, mas pela recusa ao patamar de se acharem melhores do que alguém, pela recusa aos papéis de disputas e competições por cousas insignificantes; que os mesmos sabem: nunca trazem satisfação espiritual ou tranquilidade no olhar e nas expressões, no final de todo o esforço.

Agora me pergunto se sintomas e crenças sobre como as coisas aparentam ser, são meras ilusões de tudo que se diz superior; de qualquer ordem que se permita se pressupor superior. Não é mentira? Teste em si mesmo. Pare de pensar no problema, e veja, assim, o que ocorre. A solução. Sim; a solução ocorre.

O único motivo por qual procuro respostas no oculto e no místico somente é para comprovar tudo que já sei e tudo que sempre soube – para comprovar, tudo que sempre senti em relação a vida, as pessoas e seus modos de estarem no mundo e a criação de suas relações. E sim, normalmente está lá. A resposta normalmente está lá, mas escrita de um outro modo. E é sempre de um outro modo; tudo que sentimos se concretiza nas planícies de tudo que é físico, mas através de um método mais acinzentado e sem muitos enfeites e decorativos, como normalmente o é no plano das ideias, aonde se está a intuição e a imaginação trabalhando juntas.

Assim como certas palavras soam pesadas demais quando ditas a alguém, como “mentiroso” ou “desprezível”, certas verdades também não podem ser ditas em qualquer instante de circunstância com o risco também de soarem como um peso para a leveza e a distração ocorrendo no ambiente. O peso tem de vir para entrar em comunhão com o que já está pesado, para poder isto que já está pesado se elevar através da reflexão sobre o peso que está se atraindo para si. Não em sentido de causar desequilíbrio, mas em sentido de causar impacto no nível da consciência.

A vida social tem de ser íntima; a vida íntima tem de ser social, a única coisa na qual se necessita trabalhar arduamente durante a vida é fazer com que ambos se entendam e sejam coerentes um com o outro. Eles não podem se desentender pois correm o risco de se amarrarem e se enforcarem em uma corda na qual os mesmos deram corda demais para aquilo que era um insulto às coerências exigidas pela vida para harmonizar as boas relações sociais.

Seguir regras inventadas pela sociedade é uma grande mentira para o seu ser, seu corpo e sua mente e de nada lhe nutrem. São sempre ideias previsíveis e monótonas, sempre regras aonde nosso corpo sente ser uma limitação tamanha para o mesmo! Ele pode muito mais do que isso, ele pode muito mais do que estas crenças com suas intenções para podar completamente tudo que há em nós e que podemos controlar em nós mesmos, nos tornando assim, facilmente controláveis. Reprimindo o inofensivo corpo desejando se mover, se movimentar, reprimindo a inofensiva mente, desejosa

para criar e inovar – e reprimindo a alma, desejosa por viver com toda intensidade possível, os acontecimentos inéditos. E assim se acabam quase todos, dentro da vida: se tornam vítimas do radicalismo de alguma ideologia ou vertente de movimento qualquer, que por vezes, sem fundamento ou embasamento; quando se observa mais a fundo. O indivíduo gasta sua energia de vida em podar-se e reprimir-se ao máximo, acreditando estar lutando por algo. E acabando também a não libertar ninguém das amarras das regras limitadoras; nem a si mesmo.

- Vamos, minha neta. Não há mais tempo para conversa. Já é hora de você ir.

Mexi meu corpo então, após algum tempo apoiada entre a parede do último andar. Percebia sempre que a energia do corpo era igualmente proporcional a energia da mente – pois bem, sendo assim, quem exercita o corpo e não exercita a mente, usa a energia da mente para fins brutos, toscos, arrogantes e pouco voltados para causas de comunhão, que estabeleçam um objetivo de ajuda coletiva. E quem exercita sempre a mente, mas nunca o corpo, acaba sentindo-se extremamente sobrecarregado com tanto racionalismo e esquece-se da subjetividade, para deixar as ideias avulsas e flutuantes pelos ares para as mesmas poderem se configurar com continuidades e com mais e mais implantação de ideias novas.

Sinto sempre que há um afastamento entre eu e a sociedade, e é verdade! Sinto-me contaminada cada vez que me aproximo dela; por isso, preciso observar bem antes de ser protagonista. A contaminação ocorre de todos os lados – através de regras, conselhos, atividades sexuais e relações desarmônicas, alimentos, palavras, comunicação, e etc. Se deseja sempre uma ideia de desintoxicação – tudo que não faz parte da sociedade, tudo aquilo na qual eles mantêm como um padrão ideal para eles, deve ser anulado, aniquilado e extirpado para uma total sanidade e saciedade da saúde perfeita! Não há de permitir-se o aniquilamento de si mesmo por aniquilar suas imposições; que, ao fundo, não se importam com isto, quem importa-se é si próprio, depois de absorver todas estas lamúrias, prosas maliciosas e infestadas de sujeiras, e as opiniões inúteis que degradam, rasgam e desgraçam sua estima, sobre sua aparência e forma de ser - que não são nem mesmo verdade – quando se vai olhar a perspectiva de outras culturas, outros países, outras raças. Se percebe com isso, a pequenez dos julgamentos rápidos e não analisados.

- Vou para onde? – Perguntei.

Ele me olhou e sorriu, seus olhos começavam a brilhar.

- Conhecer as tribos.

3. O indivíduo em grupo

3.1. Circulando entre e dentro de um ovo – A fase animal

Aqui vejamos o formato oval parecido com os círculos aonde sempre andamos e damos volta quando sozinhos com nossa própria consciência se expandido e retraindo, expandindo-se e se retraindo. Como o coração inocente que pulsa para fora e retrocede o sangue sem saber que o faz.

Os grupos nos dão uma ideia de circular, assim como dar voltas. Assim como a consciência humana, os grupos avançam e recuam em termos de unir-se e unificar-se com tudo e todos. Avançam pelo altruísmo que foi inspirado, mas recuam pela individualidade instintiva.

Os grupos são como panelas. Grupos são panelinhas.

Assim como, antes de entrarmos em contato com alguém ou com bandos, grupos, tribos, seja lá o nome da comunidade. Há sempre as nossas sensações que nos levam até lá; e estas sensações são as sensações primárias e genuínas, e há as sensações nomeadas e classificadas, rotuladas – que se geram após a sua entrada em determinado grupo. E normalmente estas sensações classificadas são a mesma sensação antes sentida, a genuína, mas de forma mais intensificada pelo grupo; ou talvez por alguma forma de comunicação específica que englobe também algum grupo. Não necessariamente o contato direto com o grupo lhe trará intensidade na sensação. Mas sim, é isto! O universo dando as cordas para que se nomeie a sensação e não o perca de vista, talvez isto haja conexões com a intuição.

Se racionalizando melhor a sensação, dentro do grupo, será melhor aceito. Ou não se racionaliza, ou deixa a sensação flutuar, perdurar no oceano denso e fundo que entra em colisão com a objetividade da sensação. O que fazer com a sensação; o oceano não lhe diz, mas as ondas que levam os corpos e as cousas perdidas, de volta para a areia dizem sim.

Circulamos arduamente entre tudo, observando os mesmos padrões de comportamentos humanos, que são regidos pelos mesmos sentimentos, aonde cada sentimento lá dentro possui um valor diferente. Mas ao final, encontramos pessoas com intenções boas e ruins dentro de todas as comunidades, grupos e diferentes panelas. Esta é a circulação dentro de um ovo! Esta é a circulação dentro de uma vida com formato oval. Como medir parâmetros adequados de moralidade e conduta ética de cada grupo? Como? Não há!

Muito provavelmente todos cheiram ao mesmo sentimento de estranhamento e vontade de intimidade, simultaneamente. Todos eles são desconhecidos, mas ao mesmo tempo uma possibilidade de grandes laços e aprendizados. Então, para que lado ceder e interpretar? Para que lado exatamente, multifacetar a si mesmo criando enredos, contextos, narrativas e roteiros particulares inventados de sua vida privada e particular, para mostrar exatamente que é como eles?

Há sim, um desgaste intenso de energia vital. Há um desprendimento de sua própria essência e uma prisão de vitalidade dentro da configuração e da formação de sua própria imagem, confundindo muitas vezes a essência, fazendo a mesma se desconectar de sua forma natural de pensar, fazendo-a se afastar, com o tempo, arrastada de sua mentalidade, agora contaminada pela empolgação estranha em mostrar-se uma coisa que não é.

A sociedade e seus grupos tendem a tornar tudo muito dramático e inspirador para criar desastres emocionais que se interiorizam pela eternidade no coração das pessoas; fazendo as mesmas acreditarem mais em traumas e em coisas que elas não conseguem ver, somente se ouve falar – do que nas próprias cousas que criam e vivenciam em seu mundo interior.

As notícias da televisão e das demais mídias talvez seja uma das culpadas. Há então, uma razão por eu mesma somente atravessar os círculos ovais e não fazer parte de nenhum deles? Por este aspecto dramático sobre os acontecimentos sejam eles naturais, universais ou provocativos não sejam acontecimentos tão grandes para mim, por não representarem nada demais, apenas um vai e volta eterno, um dar e receber perpétuo, nas correntezas das demais vidas e suas vertentes: pessoal, social, histórica e mundial?

Todos eles lutam pelas suas próprias liberdades individuais, mas separados um do outro. Lutam pela sua tribo, e não pela comunhão de todos; e se não for deste jeito, não é liberdade, são constantes guerras frias e batalhas inacabadas, com pontas soltas.

E sabemos: o que está acontecendo no mundo agora neste momento, é o que sempre aconteceu e irá continuar acontecendo, pois, os humanos tem as mesmas pré-disposições para fazer o que fizeram no passado, para fazer o que fazem no presente, e para fazer o que ainda irão fazer no futuro – é a humanidade, com seus mesmos parâmetros e ideias um pouco deturpadas do significado de paz e união. Notícias são inúteis – elas somente causam medo e nos desfoam do nosso centro fazendo-nos prestar atenção em fofocas; elas não informam sobre nada que acontece no mundo, somente confundem e aterrorizam as mentes sobre a ideia de mundo, fazendo-os acreditar que tudo é um grande horror e que não vale a pena viver dentro dele. Tudo é trágico e devastador para eles! Um mínimo de sensatez seria muito útil para a situação; as coisas boas do mundo e das pessoas são renegadas por conta do melodrama inventado pelas notícias. E, felizmente ou infelizmente – os grupos são influenciados por tudo isso e por todas essas ideias, pois há alguns que chegam sempre a serem vítimas do assalto de sanidade global.

Atletas acreditam que a atividade física salva a saúde de todos; mas e aqueles que possuem toxinas e venenos impossibilitados de serem excretados de seus corpos, aonde, a atividade física ajuda estas toxinas a penetrarem e a circularem mais ainda em suas correntes sanguíneas, causando até uma perda de energia?

Quais verdades universais são essas que não são contrariadas de forma alguma e que podem desmentir ou desmistificar um problema enorme, aonde sua solução é encoberta sempre pela desculpa de ser uma verdade absoluta e universal que não pode nunca ser contrariada? A solução está ali. No contradizer o absoluto.

Mas, apesar de toda minha mentalidade ácida quanto a formação de tribos, havia em mim uma habilidade estranha em me lembrar de todas as casas na qual já entrei e passei, nem que a entrada tenha se dado somente uma vez em vida. Me lembro como se tivesse entrado nela diversas vezes; e isso se dá em mim principalmente pelo fator da cultura familiar ser um foco de solução de muitos problemas da maioria das tribos. Casa, lar, aconchego. Eu não sei; mas as culturas não se desenvolvem a partir da cultura íntima? A partir da cultura daquilo que se ama incondicionalmente, ou daquilo que despreza até o fim de sua vida por não ter lhe dado devidos merecimentos de amor?

Há sempre uma seriedade que advém sempre de uma ingênua credulidade acerca do mundo – que se forma, cria molduras e quadrados para se manter estabelecido sem conflitos dentro das tribos. Pois que, para esconder-me, preciso da postura séria, para camuflar minha vontade de não estar em um quadrado.

Talvez meu receio acerca da minha identidade ser desrespeitada não é, em hipótese alguma, importar-se com o que outros pensam sobre mim, mas sim, os mesmos confundirem o que eu decido mostrar com o que eu realmente sou. E constantemente as pessoas estão se perdendo em suas acusações precipitadas, por confundirem sempre a imagem de alguém com seu caráter e personalidade. Estão sempre a encarnar a autoimagem na cena dos bastidores. Quando todos sabem que ambos são bem diferentes um do outro, um surge para equilibrar o outro. Em tudo há contradição e complexidade, basta sabermos como essas contradições se desenlaçam e formam nossa decisão em mostrar-nos como somos e o que temos de fingir para preservar nosso verdadeiro eu.

Sinto constantemente que minha cabeça está em todos os lugares, por isso me ausento em presença, mas a presença é uma energia tão forte e impactante que não sabemos se há um paradoxo nesta afirmação – de pensar em outros tempos dentro dos seus imensos milímetros de meticulosidade nos espaços atemporais, mas ao mesmo tempo ter uma presença que esteja atenta sempre aonde seus sentidos corporais enfrentam no segundo, minuto, hora de agora.

Entrei em um lugar estranho agora. Todos usavam roupas despojadas e desleixadas, não tinham problema algum com imagem ou simplesmente a preocupação em aparentar boa impressão. Pareciam ser agradáveis, simpáticos e abertos a qualquer um; aceitando facilmente as diferenças. Todos bebiam bebidas alcoólicas e fumavam.

- Sente-se conosco! – Uma delas, com o olhar avermelhado e quase fechados, me disse sorrindo estranhamente, pegando delicadamente a minha mão.

- Venha aqui minha amiga, pegue uma cerveja. Aceita um cigarro? – Ele me ofereceu já tirando da carteira.

- Não bebo e nem fumo. – Eu falei, decidida de minha altivez.

- Ah, sério? – Ambos se surpreenderam com a minha resposta decidida.

O rapaz então, me olhou com um olhar de soslaio e se afastou delicadamente. Assim como ela. Mas esperou um pouco, para ver se eu teria alguma reação de mudança de ideia quanto a aceitar suas bebidas. Não houve nenhum posicionamento meu; então se afastaram. Mas eu os observava de longe. Me pareciam serem todos, pessoas amigáveis e generosas, mas ainda sem rumos individuais ou ideias firmes. Bebiam e fumavam por que gostavam ou para serem aceitos?

Quando não há nenhum compartilhar de hábitos, rituais ou opiniões entre as pessoas da tribo, elas tendem a se afastar daqueles que estão indo pelo caminho diferente que não o da sua tribo específica. Com hábitos, rituais e opiniões distintas. Não há nada

mais para aquele indivíduo naquele espaço; não há mais o que beber da mesma fonte, então irá beber em outra.

E são de bandos, como animais. Mas! Também possuo um lado animal, e ignorá-lo seria considerar tudo que é animal como inferior. Somente por que a consciência necessita ser alimentada, nutrida e sempre desenvolvida, não há de anular o fato de que o lado animal também está sempre presente. Como os animais humanos que acham-se desenvolvidos o suficiente com consciência limpa, matam as outras espécies de animais e seres vivos; crendo que os mesmos são inferiores. Por isso, talvez, ignorar o seu lado animalesco seja tratar tudo que é animal como inferior; e dizendo-se isso, pode-se fazer o que quiser – inclusive matar, toda forma de animal e de bicho. E isto está fora do princípio da vida. A consciência não exclui o lado animal; o lado animal não anula a responsabilidade de que se precisa ter com seus atos voltados para seus desejos individuais. E isto só me deixa ainda mais encucada com o fato do meu não-pertencimento a tribo alguma ser uma grande verdade em minha vida. Se preciso sim, alimentar meu lado animal, por que não estou em nenhum bando?

Talvez eu me camufle. Talvez eu me camufle intensamente até o ponto de adquirir interesse, conhecimento e envolvimento com todos. E eu sei por que alguns pontos e aspectos serem de tal forma; a sociedade é lenta e suas regras foram feitas para tornar ainda mais lento o raciocínio humano – podando a imaginação, o raciocínio também é afetado; com isso, seus trabalhos nunca são gratificantes e satisfeitos, irão surgir sempre problemas que nunca se resolvem, pela imaginação ter sido podada e nunca colocada na prática.

Os problemas só se resolvem com a imaginação. Os trabalhos da sociedade, em si, foram feitos para não serem gratificantes! Por existirem regras e leis demais – como esperam que alguém saiba pensar com perspicácia e sensatez, fazendo todos de reféns e prisioneiros de leis; fazendo-os esquecerem do lado animal que necessita de liberdade? Assim, surgem os atos passionais e incontroláveis na vida íntima, profissional e social.

Alguns grupos possuem mais de cem pessoas, mas nenhum resolve um problema em sua frente, e muitas vezes, com a solução estampada ao lado do problema. Então, quando chega alguém que pensa sozinho, em poucos minutos, identifica e sinaliza a solução para aquele problema que estava durando por décadas dentro do mesmo grupo. Então o grupo o venera; mas a veneração e a adoração são inúteis – ele simplesmente soube pensar com a própria cabeça, sem interrupção ou traumas sociais infiltrados em sua humilde mentalidade.

Ok. Já sabemos sobre certas tentativas que são infrutíferas da atividade física, com toxinas demais no corpo, poderá causar possíveis acidentes. Sabemos que o veneno passeia mais rapidamente pelo sangue quando há esforço físico; e esforço em todos os sentidos! Quando há de forçar-se a fazer algo, há de logo depois perceber que há sempre o sentimento de fingimento existente em seu interior. Nunca é natural; pois bem, o forçar-se não advém da natureza interior, logo, não gerará bons resultados.

Para nada, para nenhum lado ou nenhum campo. Sabemos que sentir a energia das coisas independe da fisicalidade delas. A energia é sempre obra do ultra dimensional invisível e que sabe se esconder com bastante inteligência, como a criança esperta que sempre vence das outras no esconde-esconde. Então, estar parado como rocha também provém os melhores resultados. Os resultados vêm, para o bem ou mal.

O lugar aonde se teme e se receia é sempre o lugar aonde devemos estar no final das contas. Quem tem dúvidas disso?

Fui então, me aproximando de outro círculo. Todos eles vestiam ternos e eram finos e pomposos. Fui me aproximando, somente me olharam da cabeça aos pés e mantiveram um ar arrogante e presunçoso, ignorando minha presença. Me senti intimidada, mesmo sabendo que não havia razão para tal. Continuei estendida em frente aos mesmos, que pareciam discutir sobre assuntos secretos.

- Ei, quem é você? Por que se encontra parada em nossa frente? Pode nos dar licença?
- Um deles, usava óculos escuros e um cabelo entupido de gel, se aproximou, com o tom de voz ameaçador.

Eu não respondi. Simplesmente pus as mãos no bolso e toquei em um gomo de notas de dinheiro. Quer dizer, pelo tato, me pareciam ser dinheiro. Eu então, retirei do bolso para saber o que era, realmente. Sim, era um bolo enrolado de notas de cem, amarrados com o elástico amarelo. Este homem que se aproximou então, olhou para minha mão, e disfarçou sua arrogância. Sorriu de uma forma falsa.

- Venha, se junte a nós. Quem é você? – Ele então, começou a ser agradável.

Mas me afastei quando notei a mudança inesperada de personalidade do homem. Será mesmo que a realidade é essa, e devemos nos bastar com ela? Um indivíduo mostrar mudança de personalidade por conta de pedaços de papel com a criatividade de registros governamentais dentro?

Como um pote de suco difícil de ser aberto pois quem o fechou apertou demais a tampa, apenas os próprios indivíduos do grupo conseguem se abrir dessa forma para eles mesmos; há uma espécie de pacto solene entre eles que não os permite nunca mudar? Modificar a identidade, que para eles, é sempre imodificável? A pessoa mais adequada para abrir o pote de suco seria quem fechou pela última vez; outros que tentarão talvez não consigam, assim, a pessoa mais adequada para provocar a abertura dos mesmos para fora de seus quadrados, seria, quem os fechou nisso. Seus pais, amigos, infância, ou ele mesmo?

Agora, de repente, caí em um buraco estranho logo depois de ter dado alguns passos. Dentro do buraco havia outro círculo. Mas estes, eram formados por pessoas com extrema vitalidade física, com músculos formados e muito bem definidos - todos estavam suados e bebendo água gelada. Vestiam roupas com malhas leves.

- Prontos para mais uma corrida? – Uma mulher que parecia a líder, disse, com a voz alta e assertiva.

Todos repetiram em coro que sim. Então, perceberam minha presença, e me encaram aparentemente sem causar julgamento algum a meu respeito. Me pareceu algo interessante que os mesmos que se esforçavam em manter o físico não julgavam tanto quanto os que mantinham seus corpos parados a todo tempo. Foi o que percebi em suas expressões de “nada” para minha presença.

- Oi querida, posso te ajudar? – Ela colocou a mão em meu ombro.

- Não, acho que caí no lugar errado sem querer. Não sei.

- Não, vamos resolver isso! Me diga de onde veio, vamos até lá leva-la! Estamos na Avenida 500, sabe aonde é? Aonde você estava? – Ela falava com muita vitalidade na voz, entusiasmo e empolgação pelo seu físico estar ativo.

Percebi então, mais uma vez, a disposição mental estava mesmo conectada com a física. Eles não se negavam a mover seu corpo, para onde quer que fosse. Mas talvez não fossem prestar atenção aos detalhes pela empolgação interior estar lhe alegrando os nervos, fazendo-os esquecer das minúcias a serem vistas até chegar ao destino certo. Não julgavam; mas por que estavam olhando somente para o próprio desenvolvimento do seu corpo. Estavam atentos na função de se movimentarem, e não na função de ajuda para alguém, isoladamente e especificamente.

Ok. É o coração deles que pulsa de modo que não possuem controle sobre sua pulsação – logo, precisam agir a partir da primeira situação que encontram que requeira ação, e mais ação. Este talvez seja o coração de um atleta.

- Não, tudo bem, eu encontro o caminho. – Eu falei.

- Não, queremos te levar!

Mas, algo atrás deles me distraiu; um outro círculo meio estranho, todos vestiam jalecos brancos e com boa apresentação, aparentavam uma sisudez até meio forçada. E, quando passava por eles após distrair o círculo dos esportistas suados e empolgados, me deparei com seus olhares.

- Bom dia. – Um deles disse para mim, seriamente.

Mas, há aqui um interessante detalhe; analisavam a textura da minha pele e todo o restante do meu rosto, cabelo, qualidade da cor da minha boca... talvez se surpreenderam com o brilho nos meus olhos, mas não entenderam como isso entrou em conflito com minhas imensas olheiras. Olhavam para meu cabelo, faziam expressões desagradáveis quando viam minha espinhas e cravos. Tudo bem; eu entendia. Observavam meu peso; minha carne, muito osso ou muita gordura? Muita gordura é bom, muito osso é ruim. Isso em espécies carnívoras. Nós humanos tendemos a magreza pois nos torna mais ágeis e hábeis, mais sutis para aprimorar-nos em esferas de intelectualidade e consciência - diferente de um leão que não usa sua rapidez e intelectualidade com tanta frequência como nós, pois passam dias e dias dormindo e se recuperando de densidade da carne que comeram.

Eu era magra. Me julgaram com seus olhares; “ela não se alimenta direito?” Seus pensamentos.

Agora, o que me é certo, uma pessoa é o que é, e isto é intensamente refletido em sua aparência. Por que abominar defeitos que são de sua própria personalidade? Por que abominar as falhas e deficiências corporais quando estes são apenas insatisfações comuns que todos tem vivendo em sociedade? Sim – tudo que está no corpo, está também na personalidade, ou no estado de espírito atual. Então, por que? Porque abominar os defeitos e as insatisfações, senhoras e senhores que vestem jalecos brancos? Por que? Por que abominam os sentimentos humanos?

- Bom dia. – Eu respondi, algum tempo depois.

Não sei exatamente aonde estava, só sei que surgiu um outro buraco bem em minha frente, e escorreguei nele sem querer. Mas o escorregão e a queda não me fizeram adormecer ou desmaiar.

Mas caí em um terreno aonde somente tinham pessoas bem vestidas, usando óculos, lendo livros ou com livros embaixo do braço, e falando bonito, com um vocabulário extremamente arrojado. Tão arrojado que chegava a ser difícil de entender sobre o que falavam ou sobre o que achavam graça e se divertiam, afinal de contas. Me aproximei.

- Então, sabe que há um curso inexistente na qual rege os paradigmas e parâmetros sociais? Sim, há os diversos preconceitos enrustidos e inconscientes, nas engrenagens instantâneas de toda classe. As arquiteturas dos prédios, por exemplo, são pensadas, a partir de um parâmetro óbvio e consistente de divisão de classes! – Um dos homens que usava óculos na qual eu estava perto falou, como se estivesse constantemente indignado.

Eu não sabia do que ele falava, não sabia mesmo; mas me apreciava sempre as trocas; não os discursos isolados, mas as trocas. Não sei ele estava trocando algo com a mulher com quem conversava, ou se estava somente discursando algo que leu em algum livro. Pois que, eles tinham esse hábito; os indivíduos que acumulam informação compulsoriamente: o de discursar somente por que leu, mas não se sabe nunca se realmente aprendeu sobre o que foi lido. Por que, se aprendeu, com certeza irá existir a pré-disposição para aquilo ser preenchido na prática.

- Sim. – A mulher respondeu, afirmando sua frase – Há a pobreza dividida por classes.

Eu estava em pé ao lado deles, mas creio que os mesmos não me notaram. Fui chegar mais próxima de outros do mesmo grupo, mas me pareciam falar exatamente a mesma coisa que eles, porém, com outras palavras, talvez até mais difíceis de serem entendidas pela lógica e através do óbvio. Os outros do grupo estavam entretidos demais também, nas suas conversas.

- Então, temos que lutar. Lutar e resistir! – Um deles se retratou como um personagem, após essa sua fala, soando um pouco dramática.

Fui andando. Caminhando, caminhando, caminhando... ainda atenta a esse grupo que falam coisas difíceis, mas que não me dizem coisa alguma sobre solução nenhuma para nenhum problema, apenas repetições de falas que ouviram.

Caminhei tanto que me percebi no meio de uma pista! Aparentemente era de madrugada, mas quase amanhecendo. Os carros e ônibus começavam a passear pelas avenidas. Algo estranho aconteceu; fui jogada para o outro lado da avenida, estranhamente. Caí no chão com muita força, mas não quebrei nada. Caí em frente a uma casa com luzes azuis e amarelas, piscando. Entrei devagar e lentamente. Sim, havia um outro círculo dentro desta casa simples e comum, com paredes descascadas.

Havia discos, DVDs, e inúmeros equipamentos eletrônicos. Dois do círculo analisavam a paisagem com telescópios e binóculos.

- Já estou identificando as treze luas. – Um deles disse para o resto do círculo. - Só queria poder focar na Andrômeda mais atentamente...

Percebi que este círculo não se interessava muito por pessoas e pelas suas presenças. Não se interessavam, e com direito, por que as descobertas de outras estrelas escondidas no céu eram mais interessantes do que interagir com quem estava próximo. Quem estava próximo fisicamente normalmente só atrapalhava as grandes descobertas, e eles estão certos em se manterem afastados, a infecção e a contaminação mental através de ideias é muito intensa de quem vem de fora, para quem deseja descobrir uma existência e algum fato que estão ocultos. Por isso, somente me mantive como uma observadora anônima da paisagem aonde o mesmo analisava as galáxias.

Olhava para o telescópio novamente com suas lentes para cima, querendo aproveitar o momento ilustre de inúmeros brilhos. Se um deles pensava que apareceria inesperadamente uma nave espacial ou intergaláctica, seria talvez, muita ilusão de ficções. Pois que, as vidas fora da terra realmente perderiam seu tempo precioso vigiando a nós, indivíduos que residiam bem na periferia da periferia de todo o universo, distante de todo centro intergaláctico? Com suas imensas tecnologias a serem mostradas e comprovadas a todo tempo, desejariam vim até a margem da margem da via láctea?

Havia sempre estrelas que brilhavam mais do que outras no céu da cidade grande. Será que essas estrelas tinham algo de especial que as outras? Dentre bilhões delas, apenas sete ou oito apareciam a olho nu pelo olho da cidade. O que havia nestas estrelas que as tornavam obras consagradas da noite?

Mas tudo bem – muito além de quando um produto, alimento ou substância azeda, não significa que a mesma perderá seus nutrientes ou seus elementos; somente significa que já passou da fase do amadurecimento, e em relação a seu gosto ou a sua validade, quem tem o discernimento é quem vai usá-lo para tal fim, e não a substância servida em si.

Há de se tomar cuidado com a natureza e respeitá-la; não se brinca ou se diverte jamais com as suas leis. E quando digo natureza, me refiro a própria natureza interior de cada ser humano, pois que, quando se desrespeita sua natureza, ou seja, quando sai de si e de suas próprias necessidades individuais, para fazer agrados a outros, acaba desrespeitando a si mesmo. E quando se desrespeita a si mesmo, ocorre a técnica do refletor – o desrespeito irá para todos os outros seres vivos que entrará em contato com o objeto desrespeitado, e também, para os demais elementos que fazem parte do ecossistema. E agradar outros, não é ajuda-los. A ajuda advém do apoio e do aconselhamento refletido, agrados são favores feitos a um, que o próprio deveria estar fazendo por si mesmo; são mimos passageiros.

Mas me lembro! Me lembro sempre, das muletas que usei no colegial, dos remédios químicos que usei por influencias de instituições poderosas, me lembro de vidros de garrafas quebradas no chão e na parede por ataques de fúrias. Me lembro! Me lembro também, da raiva que sinto quando entro em contato com os grupos. É como se, distante de todos, sinto e emano todo o meu amor para a humanidade, mas a cada vez que me aproximo, são decepções e frustrações com o modo como todos pensam – seguindo um ou outro por falta de firmeza em si mesmo. Me aproximo, sinto raiva. Me distancio, emano o amor. Sei que todos possuem sim, fraquezas que precisam ser superadas e ajudadas, mas se colocam nesta situação por que todos estão, e não querem, de modo algum estar de fora das coisas, pois sentem medo de estarem sozinhos; pois não possuem nada dentro de si para poder ficarem sós. Mas, quanto mais pesado se é, mais este peso lhe levará para baixo.

- Olhem como estas formigas conseguem ser calculistas! – Um homem ao fundo disse, analisando as formigas andando com folhas em suas costas até o formigueiro – Se organizam melhor do que nós.

Este homem fazia parte de outro círculo, mais ao fundo. Estavam todos concentrados no modo como os pequenos insetos e répteis se comportavam em busca de alimentos e segurança. Se concentravam na natureza perspicaz de cada espécie.

Então! Estamos aqui ou não estamos aqui? No ar da cidade não podemos ver nada que realmente nos faça impulsionar a nós mesmo para abrir-se para a vida de verdade, não podemos presenciar com exata atenção e minuciosidade toda a gama de riquezas e frutos que a vida vivida com intensidade tem a oferecer! Por que os itens materiais vendidos e objetos sempre comprados aonde se tem contato são ultimamente e confidencialmente mais importantes do que a própria essência das relações humanas, mais importantes do que andar descaço pelas calçadas da rua, do que criar um objeto novo, inventivo, aonde a ideia saiu de sua própria e única cabeça pensante que teve a audácia de raciocinar como cada peça caberia e encaixaria ali para funcionar corretamente? Pensava nisso enquanto estava sendo induzida inconscientemente ao consumo desenfreado... então, o que estamos a fazer, se não comprando objetos com o afim de nos ajudar a desenvolver e evoluir um lado na qual desconhecemos por completo, e quando o interesse pelo assunto, tema ou conhecimento surge; estamos ali com aquele objeto para nos auxiliar?

E até para isso, em certos momentos, usamos os objetos compartilhado de outros para nos ajudar a ver a vida de forma mais dinâmica! Certo? Como por exemplo, o uso constante de telescópios e binóculos para podermos enxergar mais além do que nossos simples globos oculares podem ver.

1. Objetos materiais, matéria, serve-nos também para o aprimoramento do conhecimento e por fim, aprimoramento do nosso espírito e equilíbrio das emoções; quem inventou as ordens de materialismo compulsivo (consumismo) com prol de prender-se a isto e fechar-se para a humanidade estava negando o impulso criativo e se autodestruindo de jeito pouco articulado; não era inteligente em nenhum nível. Assim como aquele círculo de homens de terno pelo qual passei; não me pareciam ser inteligentes, afastados de suas próprias humanidades.
2. As cousas materiais são feitas para nos servir neste mundo, fazendo com que o corpo e mente sintam-se plenamente adequados e confortáveis no plano terreno; planeta terra, plano da terra, impedindo que os seres recuem ou se distanciem daqui, aonde vieram com algum objetivo. E a criação da matéria e de objetos materiais exige esforço (cabe a cada um estar disposto a figura-los para seu bel conforto, conhecimento e autoconhecimento).
3. Os objetos materiais também servem para o exercício constante da brincadeira, da distração e do humor. Quando as relações e conexões humanas em sua proximidade estão conturbadas e atrapalhando seu campo emocional de bem-estar, os objetos materiais lhes servem como refúgios positivos de descarregamento de energia, lhes dando sempre um prazer e bem-estar momentâneo. Acontece que, quando se torna vício, estes refúgios, se tornam drogas maléficas para os neurônios; perdendo o discernimento de realizar a separação do real e do irreal.
4. Nada que é material é ruim; mas tornam-se densos ou sutis, dependendo da mão que o toca.

O binóculos e o telescópio, por exemplo! Grandes instrumentos que nos servem para desvendar o céu estrelado com tamanha vivacidade que nos esquecemos dos propósitos domésticos e das nossas necessidades básicas. O que está em cima está sempre embaixo, e por isso mesmo descobrir as constelações já era em si uma forma elucidativa e extasiante de autoconhecer-se. Até mesmo para entendermos o processo das formigas trabalhando e caminhando precisaríamos de um objeto material - uma lupa! Uma lupa é um bom instrumento para analisar a voz do querer – a voz da formiga e sua família. Que, por sinal, aparecia em meu caminho para me sinalizar algo que cabia a mim saber interpretar.

Estilos visuais, estilo de roupa são usados também para passar a imagem de algo – até para querer transparecer alguma característica nossa que nos defina em nível de personalidade, teremos que usar os tecidos em cima de corpo; os tecidos que também são objetos. Certo. Vi um círculo olhando pela janela de onde eu estava – com roupas chamativas e elegantes, com cores brilhantes, dando para ver tudo

daqui de cima. Tinham uma certa valorização por roupas estilosas e que chamem uma certa atenção para quem estava usando a roupa; mas, dependendo da roupa que se usava, poderia se atrair pessoas que em nada reflitam em sua personalidade e no que deseja para sua vida.

Tomar cuidado com as roupas que se usa é também cuidar das pessoas que irá atrair para o estilo de vida que decide viver.

Há sempre a energia de guerra e ira de Marte entrando em ação no meu interior quando um homem se aproxima; e há sempre a energia da beleza e do requinte venusiano quando alguma mulher se conforta em minha presença. Está tudo recebido e dado, de forma muito bem alinhada ao que é; recebem o que sempre transmitem. Há dúvidas disso? Há homens que me transmitem senso de beleza e requinte da Vênus aclamada, e há mulheres distorcidas que me provocam ira total em minha harmonia, fazendo-a ser facilmente diluída.

Pois bem! A verdade e a vida real muitas vezes parecem ser mais produtos de ficção do que a própria ficção, que se diz ser irreal.

- Alguns tamanduás, em um segundo, podem raptar todas essas formigas trabalhadoras para seus estômagos e todo seu processo de construir um formigueiro digno para suas descendentes vai por água abaixo. – Um que olhava o telescópio, disse para o outro que analisava atentamente as formigas – A vida é extremamente rara - Ele completou, ainda atento ao que via nas estrelas do céu.

Tive a impressão de que todos aqui dessa casa se concentravam somente em coisas fragmentadas e minúsculas – apesar de saber que não são, mas eram conhecimentos que não interagiam diretamente com as interações entre os humanos e seus problemas de relação no dia a dia. Se relacionavam com o conhecimento em si, mas não como forma de observação e questionamento das coisas supérfluas que as pessoas comuns traziam todos os dias; que quem interagia em sociedade normalmente está acostumado a ouvir, participar, falar ou perceber. Eu os entendia; entendia por que preferiam se enclausurar em algum canto para entender o sutil com maior vitalidade e consistência. Quem, em nível de curiosidade profunda e intensa, quer se relacionar com estes seres que se contentam o tempo todo em viver dentro de uma carcaça e uma capa ilusória de uma personalidade, sendo que, mais cedo ou mais tarde, será destruída pelo inverno das revelações maiores?

Resolvi descer então. Havia um círculo de muitas e muitas mulheres, muito bem arrumadas, charmosas e amigáveis e agradáveis com elas mesmas. Achei genuína a relação que as mesmas tinham com elas próprias do seu círculo, carinhosas e ouvintes; então, resolvi me aproximar. Mas comecei a ouvir o que saía de suas bocas e me decepcionei; fofocavam compulsoriamente. Falavam em termos pejorativos sobre outras meninas diferentes delas e sobre suas próprias amigas que, em suas próprias palavras, as odiavam ou criavam intrigas e conflitos, pois “aquela p*** sempre rouba os homens de mim”. Havia outras que diziam, “aquela

p**** rouba as mulheres de mim”, sendo elas, se relacionando com alguém do sexo macho ou alguém do sexo fêmea – causavam pequenas intrigas e conflitavam ou odiavam uma a outra, por conta de cousas mesquinhas, e desimportantes para o desenvolvimento da humanidade e da cumplicidade e lealdade entre elas mesmas. Me decepcionei. Elas me pareciam ser gentis e amigáveis; solidárias e generosas. Talvez sejam! Mas estão absortas demais na imagem que formaram delas mesmas.

Mas tinham somente duas que se aproximaram de mim, sorridentes e calorosas, que se mostraram com comportamentos diferentes das outras.

- Oi! Quer se juntar a nós? Está sozinha aqui por que? Está sem companhia? Podemos te ajudar?

- Estou bem. – Eu sorri de volta – Estou só apreciando a paisagem.

Pela sua expressão, tinha achado minha resposta estranha do que estava acostumada a ouvir, mas me deixou em meu canto.

- Tudo bem. Mas qualquer coisa, pode se juntar a nós! – Ela repetiu, insistindo pela atual harmonia entre as mulheres que a mesma tentava formar dentro do círculo.

É óbvio que há aqui há uma extrema contradição: ao mesmo tempo em que se amavam, se odiavam quando seus interesses por homens entravam em jogo. Mas se uniam novamente quando tinham de reparar em algo extremamente diferente e caçar daquilo. Aqui há, estas duas meninas que se aproximaram de mim, agindo diferente, com pureza, compreensão e ternura. Deduzi que fossem as mais racionais do grupo. E geralmente sempre havia. Sempre havia os mais racionais de um círculo para mostrar a perspectiva do quadro amplo. Estavam desejosas por me acolher no seu grupo, mas achei melhor não.

Vi outro círculo ao lado delas. Completamente diferentes em estilo e vestimentas, todos estavam com expressões zangadas e fechadas. Me pareciam estar reclamando por horas de alguma coisa que não acontecia em suas vidas.

- É, temos que trabalhar duro para sobreviver. A vida não é fácil. Temos que sobreviver! Mas é assim, uma falta de respeito com todos nós.

E todos repetiam o mesmo, compulsoriamente. Eles se perguntavam por que repetiam isso, quem colocou esta verdade em suas cabeças? Se perguntavam se realmente acreditavam nisso que falavam? E se me respondiam “a vida colocou isso em minha cabeça, a vida me fez ser assim”, então eu lhes respondia: “que tal então, mudar sua perspectiva e visão em relação a vida?”. Ficavam calados. Quando existia alguém lhes indicando e sinalizando a solução, ficam calados e se negam a ver; pois aquela solução não lhes levará para o caminho que desejam de uma forma fácil – querem o caminho fácil, por isso falham e tropeçam, em conseguir o que desejam.

Então, cheguei em um círculo de pessoas extremamente motivadoras, sociáveis e um pouco extravagantes em termos de alegria, eram eufóricas até o talo de suas

essências. Me aproximei com meu rosto observador e analítico, então, um deles jogou confetes em mim, e falou:

- Por que esse rosto emburrado? Seja você!

Ser eu? O que significa isso? Talvez seja este, um conselho muito desagradável para ser dado a alguém. Ninguém sabe quem se é, ninguém nunca saberá; até os que atravessam a vida inteira com esse questionamento desde crianças não chegam a conclusão nenhuma, pois as conclusões são rasas, tolas e caretas demais.

Conclusões são coisas de adultos carrancudos que criam leis e regras sem sentido, para, quando alguém sair de casa, segui-los sem o mínimo discernimento, seguem somente pelo medo da punição de não seguir. O quão estranho é isso?

Quem sou eu?

Quem sou eu?

Quem sou eu?

A pergunta ecoou na minha cabeça. Apesar de me perguntar isto desde a idade da puberdade, nunca cheguei a conclusões (a coisa de adultos carrancudos criadores de regras e leis). Alguém um dia, já descobriu quem se é? Acho que não. Veja aqui – existe o que transmitimos para os outros a nível espiritual, ou seja, a nível energético, que eles interpretam como o que somos, a energia que transmitimos para eles; porém, para a pessoa que transmite, ela não consegue se ver de fora, então, ele se torna uma substância abstrata e indecifrável para si mesmo; pois não se vê de fora. Mas, quando percebe sobre si mesmo a nível social, sua aparência física, status e carreira, gostos e ambições, vê claramente tudo isso, mas não se sente satisfeito com o que chama de “eu”, pois a vida material em si, é feita e nascida para acabar em vazio. Pois então, a pergunta sempre volta “quem sou eu? O espírito, que transmite, mas não se vê, ou o corpo que se sente o tempo todo, mas nunca está satisfeito com suas sensações? Quem sou eu? ”

Quem sou eu, é o corpo que sente a pressão abaixando e subindo, ou o espírito elevando-se nas ideias enigmáticas ou se tornando mais denso em suas ouvidorias de conversas fiadas?

Mas tinha algo em comum em todas as pessoas do grupo que falavam comigo; suas vozes emitiam sons parecidos que me transmitiam a mesma sensação – sensação de desêncaixe e distanciamento de suas realidades. Como poderia eu, responde-los em seus temas e assuntos em comum se o som de suas vozes não era aclamado pelos meus tímpanos que se conectavam diretamente ao meu modo de raciocinar? Agora, vejamos! O som é interessante, e entender os componentes do som é mais interessante ainda.

OS SONS!

+ Quando ouço sons, vozes, falas, ruídos, sussurros, não há em mim, respostas prontas para aquilo que acabei de ouvir. Há em mim, primeiramente, a identificação

da voz ou ruído – a vibração, volume, altura, afinação, timbre, intensidade do som... para só depois, do meu raciocínio ter captado todas essas nuances, eu ser capaz de dar uma resposta digna ao som que me foi direcionado. +

Mas há um outro mais esquecido entre eles:

OS TOQUES!

+ Infelizmente, as vozes não podem ser tocadas. Mas o toque pode ser sentido, pode-se sentir a maciez, as escamas, o felpudo, o liso, o grosso, o vidro, a poeira, a colcha, a terra, as peles diversificadas! E nenhum dos sujeitos dos círculos entendeu o valor delicado do toque, como entendem o valor do som; as conversas e músicas estão em todos os lugares, em qualquer região para onde escolha se encaminhar para seguir a vida, mas não o afeto. Carinhos, abraços, massagens. O toque está em falta? O toque está escasso, secando? Seus galhos acabaram de quebrar. +

% Mas enfim, a vida é uma eterna contaminação e infecção mental, de uma forma ou de outra; além da escassez de certas habilidades humanas desenvolvidas. Me dizem para aproveitar a caminhada enquanto ando, ao invés de desejar que a mesma acabe logo. Mas, como aproveitar? Se quando se toma conhecimento de certas coisas que se vê e o por que elas acontecem, não quer mais aproveitar a caminhada em um local infestado de poluições e injustiças? Tudo bem; mas sempre vejo alegria no mínimo – como olhar para os enormes carros potentes que sujam a atmosfera, e ver a formação de rostos e expressões zangadas, como eu fazia quando mais nova, como eu imaginava aquilo. Talvez, os carros tenham expressões tão enfurecidas por colocarem eles em um nível de potência e velocidade que o mesmo não quer estar – como os cavalos que são feitos de serviçais para os homens ignorantes, como os touros que se tornam enfurecidos por perceberem que são usados como instrumento de diversão maliciosa, e sendo humilhados constantemente.

Existe sempre a padronização involuntária de comportamentos e discursos, o tempo todo, dentro dos meios sociais. Já sabemos disso! Certo? Todos fazem e falam a mesma coisa, usando algo de motivação social como base para isso. Ninguém parece seguro o bastante para falar algo que ninguém esteja falando no momento atual; ninguém parece seguro o bastante para FAZER algo que ninguém esteja fazendo, ou que ninguém nunca fez. Isto me parece duvidoso e questionável, eles possuem potencial para isso, mas não usam pois preferem se encaixar nas caixas – por isso quis permanecer como uma subalterna, me alivia de estar de frente de coisas que me irritariam os nervos. Sendo subalterna, estou somente comigo e com meus próprios pensamentos, o que me ajuda a identificar certos atributos, virtudes e falhas, do outro que se aproxima, de forma mais atenta e construtiva, sem necessariamente ataca-lo.

Estes círculos na qual estou passando me pareciam como isto – a sociedade em fúria, tentando ao máximo estar em alguma posição de identificação. Mas, eles sabem; quando estão sozinhos sabem que existe algo de errado. Eles sentem. Com eles, com

seu grupo, com o próximo, com os rótulos do mundo. Mas passo por uns problemas existenciais horríveis quando sei que sinto que o outro sente aquilo, pois sinto aquilo também! Mas a diferença é como eu me comporto, fazendo o máximo para me distanciar do erro e encontrar a solução, enquanto o outro quer aproximar-se cada vez mais do remoer o erro que o faz sentir daquela forma, esquecendo da probabilidade de soluções.

- Buscar referências é algo correto a se fazer quando se é autônomo o suficiente para modelar e esculpir todo o roteiro de sua vida, sem ajudas externas? Quais são as referências para alguém de um círculo poder sair dele e tentar alertar os outros companheiros que estão vivendo em uma grande bolha ilusória?

O círculo extremamente alegre e eufórico ainda estava ao meu redor, me encarando com seus olhares dispersos e pouco autoconfiantes.

- Somos amor livre! Você aceita a forma livre de amar?
- Não entendi. O que isso significa, exatamente? – Perguntei.
- Amor sem posses.

Ora essa... como assim? Que redundância é essa? Eu disse, então:

- Mas o amor em si, já era transcendental, já transpassava todas as barreiras de posse e controle. O amor não entende essa linguagem. O amor em si, não necessitava nem mesmo da presença física do outro para se abastecer, o amor transborda por si mesmo, só com o próprio resquício de alguma lembrança. O amor é a liberdade, em si. Ele não precisa de "adeptos", pois quem o sente, o sente sem precisar se nomear disso. E quem não sabe dessa grande verdade é alguém que ainda está aprendendo a amar, ainda não ama.

Eles não me responderam. Se olharam, como se estranhassem a minha resposta, e saíram caminhando na direção oposta aonde eu estava, sem se despedir, aleatoriamente.

Será que as pessoas acham normal relacionar-se com alguém, sem liberdade e sem respeito a individualidade do outro? Será que a sociedade inteira considera isso normal?

Creio que o amor livre para eles signifique, lá no fundo, somente usufruir da libertinagem exagerada e de atos sexuais sem moderação e sem valores impostos na relação sexual. Mas, por que colocar a palavra "amor", sendo ela uma palavra tão poética e transcendental, em uma coisa que tem a ver com desejos imediatos, e não com a construção da eternidade?

O que estou fazendo aqui, flutuando em cima dessas diversas ignorâncias, sobre como tratar o outro de forma mais harmoniosa e compreensiva?

Novamente, como eu disse; o pertencimento aos círculos gera uma auto ilusão em todos que nele habitam e assim se identificam com suas rotulagens específicas.

Como dizem que nada está sutilmente conectado? Sinto, quando os calos estão ficando cada vez menores nos pés, a atenção com o que está acontecendo ao meu redor retorna. Sempre retorna! Retorna quando estou fazendo o que deveria fazer há tempos; cuidar do que me leva até os lugares, do que me mantém estável no plano do chão – os pés.

Mas, me sinto constantemente perdida no tempo quando digo para alguém que há 4 anos atrás foi ontem; e a pessoa me diz que isso faz tanto tempo! Mas, o que é tanto tempo assim? Quatro anos para mim são como quatro dias! O que é “muito tempo”? O corpo pesado enxerga quatro anos como uma eternidade; um corpo leve e flutuante enxerga quatro anos como quatro dias. Um corpo que carrega muitos pesos emocionais e culpas também carregará este peso em forma de gordura e açúcares não metabolizados em seu corpo! Gerando mais peso. Um corpo ereto e pleno metaboliza qualquer coisa, logo, torna-se leve.

Mas entenda! Se desejarmos que o tempo pare, ele para, somente se nós nos esforçarmos para ficarmos mais jovens e saudáveis. O tempo para quando estamos fortes e rijos; não envelhecemos nunca. Agora, o tempo sempre passa muito rápido para quem sente-se envelhecido na disposição e na energia vital. Podemos ir até Júpiter e voltar sem precisarmos sentir que se passaram várias décadas desde que abandonamos a Terra? Não! Isso está na cabeça de quem cria as teorias astronômicas – não de quem sente-se forte e saudável para ir até fora do planeta, curioso para querer presenciar as estrelas até de outras galáxias! O tempo passa para quem está envelhecido; não para quem está com vitalidade. O ontem parece ser hoje, e o hoje parece ser um amanhã; e a infância parece que foi ontem! Para quem tem energia de sobra para aglomerar todas as lembranças e entender que fazem parte de uma coisa só que vive, revive, e pode sempre ser resgatado a qualquer momento.

Mas! Estou aqui com todos esses círculos e ainda não cheguei a nenhuma conclusão sobre minha própria existência no meio deles, enfim. Assim como os cães entendem apenas seus próprios latidos, e os pássaros entendem apenas seu pio, quando estou a abrir a boca e a falar, a expressar meu raciocínio, o pressentimento que tenho é de estar falando com outros seres de outra espécie; não da minha. Até aonde isso é estranho? Mas também tenho a impressão dos mesmos estarem dentro de um corpo humano e estarem adormecidos quanto a ideia de serem humanos! Como se não tivesse caído a ficha de que possuem senso de observação, discernimento, consciência – uma dotação especial do humano, que deveras ser desenvolvida; pois não é uma outra espécie, é um humanoide! E por ser humano, deveras usufruir por completo de sua dotação; ou então estará erroneamente desrespeitando as leis naturais e universais, pois está desrespeitando a espécie na qual veio e nasceu. Não queira ser um lobo, queira ser um humano com traços de lobo; não queira ser uma águia, um leão, um peixe; queira ser um humano com traços destes animais.

Gatos não possuem medo de cair de janelas, não por que possuem sete vidas, mas por seu calculismo ser a base de sua calma para permanecer na linha tênue de alguma janela; não há nada de supersticioso na vida de um gato, eles se comportam como os de sua espécie se comportam, fazendo seus cálculos intuitivos sobre como serem cautelosos o suficiente para dormirem em cima de um muro.

A ênfase está aonde, senão na apreciação das coisas? Mas na apreciação podemos ver duas cousas distintas: pureza e malícia, sendo que:

PUREZA = quando se encanta, gosta, toca e aprecia a pele de um cachorro, de uma zebra, de um tigre dente de sabre, de uma girafa, ou de uma baleia, e deixa-o quieto em seu canto depois de apreciá-lo e admirá-lo.

MALÍCIA = quando a apreciação e admiração das peles e de toda formação natural não basta aos olhos de quem vê, e sente a necessidade de arrancar, destroçar e destruir para fazê-lo ser seu, transformando-o, por exemplo, em um objeto de uso pessoal; o retira de seu habitat, atrapalhando e desequilibrando todo o ecossistema e a cadeia natural.

- Percebam agora: existe uma fração pequena de pureza dentro da malícia, que é o ato da admiração; mas a malícia não existe dentro da pureza, pois a pureza não deseja destroçar ou causar dano em nada.
- Agora, para uma coisa maliciosa tornar-se pura novamente, há de se puxar esta fração pequena de pureza que há dentro dele, e trazer para a linha de frente, para a liderança, para o comando do objeto malicioso, e pôr ordem em todo o resto da equação.

O uso da imaginação possui limites também. Não podemos destruir o que nasceu perfeito somente para formação de uma ideia que está na nossa cabeça. Podemos construir estruturas e inovações a partir do que está avulso e solto; não do que está fazendo parte necessária de um ciclo harmonioso.

Então, cheguei a um círculo quase que notoriamente aleatório em minha frente, caí em um quarto ou gabinete – e o círculo estava com uma lâmpada e seu respectivo manual, e tentavam arduamente entender seu funcionamento dentro dos fios internos que se passavam atrás da camada de gesso da parede.

- Acende! Apaga! Acende! Apaga! – Um gritava para o outro do quarto enorme, do canto direito até o canto esquerdo, ordenando-o para que o mesmo desligasse e ligasse a transmissão.

Ele então, olhou para mim (o que gritava), e franziu o cenho.

- Olá, quem é você, posso ajudar?

- Não! Caí aqui por engano, já estou de saída. – Eu disse, com um tom de voz baixo.

Mas ele estava tão atento a tecnologia da lâmpada, que não percebeu que eu não tinha ido embora e estava ali, os observando em seus experimentos.

A tecnologia é sagrada e deve ser bem quista por isso; mas por ser sagrado, não deve ser um vício; sim um refúgio, um apoio, uma ajuda. Quando este se torna necessidade, prioridade e comodidade, já se foge da realidade e não é mais uma invenção ou uma inovação advinda da engenhosidade da mente humana, mas sim mais uma toxicidade, como as fumaças de carros, as bebidas venenosas e as conversas toscas e vazias.

A eletricidade e invenções tecnológicas são a prova viva de que a consciência humana pode funcionar – mas de todo resto, de toda a gama que não procura desenvolver isso também, acaba também, somente em um poço de lama eterno de usufruir de tudo e não criar nada para ninguém usufruir. Mas que injustiça! O inventor da lâmpada sabia disso, sabia que em tempos onde se necessitasse de uma luz a mais, se poderia servir como auxílio e ajuda – mas transformaram sua invenção em um vício, uma eterna necessidade elétrica – por que agora seu corpo não é mais nutrido com cousas da terra, ou com conexões humanas, ou com luzes do sol e das estrelas, mas sim por redes elétricas das cidades, telas digitais e luzes artificiais - e isto é pavoroso de se pensar para a plenitude de um humano. Se nenhuma espécie se interessa pelas luzes artificiais, por que nos interessaríamos, em termos de sobrevivência?

A lâmpada é sobrevivência de ideias! Por que não se inspirar nas lâmpadas e na era digital para criarmos as nossas próprias máquinas, ao invés de somente tomar emprestado a facilidade que lhe foi dada, com a invenção do outro?

- Mas as redes sociais e os meios de comunicação também são tecnologias e são servas muitas vezes do estado, por que o estado rege as relações humanas de forma inconsciente, sem que ninguém perceba isso! As regras e as normas das redes sociais seguem as regras e as normas das leis do estado, da nacionalidade, tudo que é crime na vida real, é também crime na vida virtual – e isto é um ultraje, um horror, uma desonra às tecnologias! Pois que, a tecnologia deveria ser revolucionária, e não vendida às vontades do estado, mas enfim... vamos voltar aqui às tecnologias de comunicação: TELÉGRAFO – TELEFONE – CELULAR – Porque o celular é a última invenção comunicativa ao vivo que transcende a sílaba do "Te"? Será que a sílaba "Ce" tem um significado oculto sobre como conversar se tornou um vício moderno? A fala tornou-se uma coisa viciante desde a invenção dos celulares, mas não pela invenção ser uma maldição, mas pela propaganda da invenção que se tornou necessária para a alienação das mentalidades.

Tecnologias, tecnologias... A revolução, mas a maldição. Ou será que as maldições são as propagandas?

Enfim, de repente, me vi tendo que pegar um ônibus para ir para um outro lugar. O que me era estranho, por que esse tempo todo, andei quilômetros e quilômetros a pé, passeando por esses grupos! Por que agora terei que pegar um ônibus? E não sinto sede nem fome; não quando estou conhecendo o desconhecido. Quando

estou sendo apresentada ao que estava escondido por tanto tempo, não sinto que as necessidades orgânicas são prioridades.

Então, vamos aqui agora: o corpo precisa ter autoestima para permitir que a mente seja livre. Sem autoestima, a mentalidade está presa em padrões. Quando desmistifica o padrão e torna-se belo para si mesmo sem ninguém se dar conta disso, se distancia da mediocridade social e consegue ser realmente livre. LIVRE, o que quero dizer com essa palavra? Liberdade interior – aquela na qual todas as ideias não parecem estranhas e se dissecam, se explora todas elas até maneja-las no dia a dia, pois não lhe parecerá mais estranho, já que se dissecou ela completamente.

Esses grupos na qual venho agraciando com minha presença, somente ou estou fazendo pela motivação da autoestima de estar fora dos padrões. Como poderia eu, conseguir me aglomerar com os outros sem permitir que eu mesma também não estivesse fora de uma das bolhas? Estou fora das bolhas por que me libertei dos padrões; por isso sou livre, e presenteio todos com a minha presença liberta, sem dizer nada, nenhum discurso, nenhum controle.

AULAS DE CULINÁRIA E DE MATEMÁTICA: Parei em dois círculos aonde interagem mutuamente, após descer do ônibus, e estavam bem em frente ao ponto que parei. Estavam no meio da calçada da rua, as aulas de culinária me pareciam como aulas de química, e as de matemática me pareciam mais contas que se faz quando se está organizando sua vida financeira. Não parece? As equações e situações-problemas da matemática são um preparo para a organização do começo da vida aonde já se entende o custo de bens materiais e as casas que se deseja comprar para morar. E as aulas de culinária são tão experimentais, exatas e certas, cada ingrediente deve estar na medida certa, no tempo certo de cozimento, e etc, tudo muito bem contado e medido, que, assim como as experiências químicas de laboratórios, uma gota a mais de uma composição dentro do alimento a ser preparado, pode modificar completamente o gosto do alimento! O gosto ou a forma como o corpo irá receber o alimento, que seja. Mas são assuntos que sempre estarão lá para ajudar um ao outro. Química e culinária – Matemática e organização da casa, da compra de imóveis, etc. E achei interessante, como estas ambas áreas interagem entre si mutuamente.

Assim como meias, esses dois círculos formaram pares. E isso foi fenomenal de se ver. É tão gratificante achar o outro par da meia que estava sozinha, perdida, depois de tanto tempo!

Mas me é estranho as ideias agora – como venho passando por esses círculos, estando fora de seus rituais e hábitos, mas ao mesmo tempo, me vendo neles. A vida é isso. Uma eterna identificação com tudo, e logo em seguida, um afastamento repentino por de repente ter acordado dessa identificação! E talvez, os grupos com suas formações sejam isso – o desejo de identificação com alguma coisa em específico, a ânsia que o ser humano possui em pertencer, fazer parte. Manter-se

distante para todo sempre é loucura para eles, mas manter-se identificado com somente uma coisa durante muito tempo, também é uma forma de loucura – é a famosa alienação.

O que é nossa individualidade senão, um aglomerado de comportamentos que aprendemos de pessoas que admiramos, odiamos, amamos, respeitamos e nos apaixonamos? São comportamentos que se mesclam, de várias pessoas, e entram em nossa aguda memória receptiva, e formam nossa individualidade – mas ela nunca veio de nós! A sua formação veio principalmente da convivência, seja em presença física, seja através da ficção, ou de personagens criados por outro na qual entraram em contato com sua mentalidade curiosa. E quem permanece com a mente curiosa já crescido, certamente mudará de individualidade muitas vezes ao longo da vida. Mas quem já se fechou nos comportamentos que aprendeu quando mais novo, só irá experimentar um tipo de individualidade – esta, na qual já se está completamente fechado dentro dela.

Agora, entenda; somos: **caráter + individualidade, sendo: caráter (raiz, casa, o sol nascente, seu coração) + individualidade (formação, necessidade de outras pessoas para crescer, aonde o sol se põe, razão)**. Será que o humano é essa incrível conta matemática? Na qual virá a se tornar mais complexa ainda, de acordo com o tamanho e a qualidade da tristeza e rigidez que adquirir ao longo da vida? A vida é guerra?

Guerra significa estar em movimento e em ação, mas guerra também significa estar parado, atento, sério, auto dominante.

Então, fui para outro círculo – um círculo zangado. Insatisfeito com suas vidas envolvendo finanças.

- Eu ainda tenho que ficar bancado ele em casa! É um absurdo isso! Não sabe ter seu próprio dinheiro, aquele preguiçoso.

- Pior é a minha situação. – Uma delas respondeu – Nem mãe eu sou, mas tenho que bancar meu irmão mais velho, que mora comigo e parece uma criança. Depois que nossa mãe faleceu, ele pensa que virei a mãe dele. Um completo preguiçoso e malandro, não trabalha. Mas não posso jogá-lo para fora de casa, minha família insiste para que eu financie ele pois nenhum deles mais pode fazer isso.

- Talvez família consanguínea seja um grande fardo em nossas vidas. Um fardo obrigatório que não podemos simplesmente negá-lo ou nos demitirmos desse “emprego”.

Mas no final de tudo, fazendo a conta de quantas vezes doamos e recebemos dos outros, acaba que a conta está sempre certa; não tem do que reclamar, já que se doou muitas vezes, mas também se recebeu. Somente se lembrar de fazer a sua parte no meio das diversas advertências! Com o fim de harmonizar tudo; e para que, o banco esteja sempre intacto. O banco que me refiro, é o banco do doar e do

receber. Pode ser sobre finanças, mas pode ser sobre amor. Mas as pessoas colocam ênfase nas finanças quando falamos em banco.

Bancar alguém vem de banco; banco é um ambiente aonde se saca e se vai depositar algo de valor, seja isto cédulas, presença ou amor. Mas todos não bancam uns aos outros? Quando se está com um amigo perdido e sem saber para onde ir, não está a banca-lo? Quando vê alguém perto da morte por estar sem necessidades básicas, não irá banca-lo? Quando alguém querido morre, não irá bancar o seu enterro? Quando alguém lhe furta, não está a bancar o furtador? O banco são as eternas relações de troca que a humanidade se propõe a ter um com o outro. Bancar alguém é ter amor por essa pessoa! Por que reclama? Está cuidando dele dentro de um sistema desumano! Por que reclama do seu ato de amor pelo outro? Por que não se sente honrado de si mesmo por gerar este ato de amor para o outro?

Esse círculo continuava reclamando de finanças após mais de dez minutos terem se passado. Decidi me distanciar. Não notaram minha presença.

Uma mão estranha e sem rosto tocou em meu ombro, e disse:

- Não está cansada de tanto rodar por aí?
- Ainda não. – Eu falei – Alguém ainda pode me surpreender.

E a mão me abandonou, desaparecendo pelo ar.

Eu então, parei em um centro budista. Aqui, todos estavam em silêncio, com expressões de serenidade, vestindo roupas brancas ou no mínimo leves para o corpo. Mas, quando entrei, todos olharam assustados, como se um leão estivesse entrando! Eu me sentei silenciosamente em uma das cadeiras do final da sala do pequeno centro.

Eles se denominam espiritualizados. Espiritualizado vêm de ESPÍRITO. O que é ser espiritualizado? Viver seu espírito, viver seu próprio espírito! Então – seus dogmas, crenças e deveres sobre o que se deve ou não fazer já estava contradizendo o que ser espiritualizado significa.

Honrar seu espírito incluir fazer o que se quer fazer! Aceitar-se como é, seja a si mesmo um apreciador de fantasias, sonhos, astrologia, estudante de teorias, trabalhador, apaixonado, coisas que os mesmos chamam de “ilusão”. Mas esta ilusão não é estar seguindo sua própria vontade, não é estar seguindo o que atrai seu espírito? Seguir sua própria vontade não é honrar seu espírito, entusiasmado e vivaz? E honrar o espírito é, na verdade, o significado de ser espiritualizado?

Para que se sentam em centros de meditação e fazem tantos cursos para se chegar sempre no mesmo lugar: a sua própria vontade? Pura e ainda imaculada. Nada mudou; apenas se voltou para o que já sabia que se era. A pessoa deseja se curar de algo que não existe. Todos eles já são espiritualizados sem perceberem isso, mas

alguns se perdem no meio do caminho por acharem que as vontades que advém do seu espírito devem ser reprimidas.

Mais uma vez, a necessidade de pertencer a algum grupo! É o que os move e o que faz os mesmos se perderem de si. A intenção de espiritualizar-se é alguém conseguir fazer o que quer fazer sem sentir culpa por estar fazendo-o. E a culpa internalizada advém dos dogmas e crenças extremistas de religiões e famílias! E são coisas que os próprios espiritualizados fazem sem perceber! Embutindo mais e mais regras, rótulos! Vamos parar; eles não vão chegar a lugar algum com isso aqui. Ninguém vai chegar a lugar algum com nada disso.

O homem que discursava algo em baixo som, sorriu de um jeito pouco espontâneo e disse:

- Pode se sentar. Fique à vontade. – Falou um pouco mais alto para eu poder ouvir.

Muitos aqui provavelmente já estavam presos nas regras das crenças espiritualistas e nem percebiam isso. Quem irá alertá-los? Quem irá acordá-los para a grande verdade da vida terrestre? Que todos, em suma, estão com a pré-disposição natural para confundir mais ainda vossas cabeças e vossas mentes, já confusas; e indo pelo caminho fácil das aparências?

Todas as religiões têm algo a acrescentar para o desenvolvimento do nosso espírito, mas ao mesmo tempo não precisamos delas para viver o espírito!

Espiritualidade = Religião dogmática e com regras sobre conduta e como se comportar. Religião limitante e que ameaça uma existência feliz. Não há diferença – é tudo religião que te priva de fazer o que se deseja, que te priva de VIVER SEU ESPÍRITO. E se não se está vivendo seu espírito, não está feliz. Isto é óbvio, não é? Mesmo sendo óbvio, por que continuam com fé nas mesmas crenças aonde os resultados são sempre catastróficos?

- Com licença, aceita um chazinho? – Um homem que trabalhava no centro me ofereceu, gentilmente, chegando do meu lado sutilmente.

Eu aceitei. Pelo aroma, me parecia ser de camomila. Eu precisava mesmo relaxar? Ou já estava relaxada o suficiente? Enquanto eu sentia o sabor e o líquido quente descendo na minha garganta, eu ouvia eles falarem: "Viver o presente. " Mas como se não vive o presente? A todo tempo estamos vivendo o presente – quando acordamos, quando sentimos a água entrar em contato com a pele, quando saboreamos um alimento, quando sonhamos acordados nos transmitindo para outra dimensão, quando nos coçamos, quando sorrimos ou olhamos para alguém, quando estamos depressivos deitados em nossa cama, sentindo toda a intensidade autodestrutiva do nosso corpo orgânico...

Tudo é presente! O passado são lembranças de forma emocional, e ninguém perde a memória. O futuro são ânsias por construções de projetos, relações e demais itens gratificantes e que dignificam o ser humano; pois ninguém é capaz de viver

eternamente no desleixo e na preguiça. Tudo isso é presente. **Como não se vive o presente? Como se está fora dele? Nem mesmo os sonhos usurpa esta vontade do corpo de estar acordado!**

Aparentemente, o homem que me ofereceu tinha derrubado a minha cadeira no chão! E eu caí junto com a cadeira, tombando drasticamente. Só me lembro que todos da sala do centro budismo me olharam, e então adormeci. Mas acordei no minuto seguinte, em outro lugar.

Agora eu estava com homens velhos e sérios com imensas papeladas em cima de uma mesa enorme de negócios.

- O casamento não pode ser abolido. – Um deles falou – Isso iria desestruturar tudo, essa união matrimonial é a validação social. Sem essa união que gerará o controle da procriação para gerar mais lucro, como as indústrias irão continuar ascendendo? Vocês me deem uma solução agora, ou uma estratégia inteligente para isso.

- Não só a procriação...

Claro! A procriação gerada de sentimentos de posse e ciúmes, que fará com que a relação seja mais artificial ainda, e fará com que sofra e sofra! E dentro do sofrimento da relação artificial, vai-se buscar meios no externo para se curar de algo artificial. Psicólogos, psiquiatras, indústrias farmacêuticas, médicos, consumismos excessivos, comidas que não nutrem, drogas, o que mais?

Assim como boa alimentação aumenta libido, aumenta sensação de liberdade, por consequente, irá defender esta sensação por seguinte.

- Os trabalhos de empregados e as relações matrimoniais são o sustento do nosso muro, da nossa grande torre. São eles as validações dos seres em sociedade, se todos estão negando isso, precisamos criar novos meios de coloca-los de volta dentro do labirinto. – Um outro afirmou, colocando alguns envelopes na enorme mesa.

- Não podemos deixar as indústrias falirem! Vocês não estão percebendo a gravidade que tudo isso está tomando? – Um deles falou desesperado, batendo com as palmas da mão na mesa de vidro.

- Podemos deixar tudo como está, vamos deixar as indústrias falirem, não vamos segurar nada. Não haverá problema algum em criar novas indústrias ou até mesmo uma nova sociedade, eles cairão novamente, em tudo que for dito e posto, como eternos palhaços. Nós sabemos... A mente deles é extremamente fértil, qualquer ideia que entrar, vai se instalar e se alojar como um verme dentro deles, e assim, corroê-los aos poucos. Só nós aqui sabemos a grande verdade sobre suas enormes contradições e aflições. – Um outro disse, mais seriamente, com mais prepotência e mais segurança no que dizia.

Essa sua análise foi, em última mão, perspicaz e dura. E apesar dos mesmos não estarem usando essa sabedoria para libertá-los, e sim para enclausura-los, me despertou a lucidez e atenção para este homem que havia pronunciado isto. Eu sabia disto também, mas eu não sabia que somente eles sabiam disso. Será mesmo? Ou será que todos os humanos sabiam disto, porém em termos mais subjetivos, sem racionalizar? Sem levar esta verdade para o campo da consciência ou da intelectualidade ativa que se propõe a praticar as ideias?

- Mas isso... isso vai durar muitas décadas, talvez chegue até a um milênio. Criar uma nova sociedade? Até a destruição e reestruturação de tudo e de todos eles. O que há contigo? Que ideia absurda é essa? – Um outro respondeu-lhe, arrogantemente.

Percebi-me então, em um lugar inusitado. Portões, salas, portas e janelas de vidro, parecia ser um centro empresarial, mas era mais do que isso. Era muito mais do que qualquer coisa que eu já havia imaginado. Aqui parecia ser uma outra geração! Uma espécie de ideal do ano 3000. Será? Eu não haveria pulado então, os diversos anos e ter me enroscado neste grupo? Que grupo é esse?

(...)

+++ Este grupo é o 1%! Este grupo é o 1% da população que obtinha a verdade universal sobre todas as coisas, mas que fazia a questão de omitir e esconder para alcançar objetivos pessoais, confortos e a dominação e alienação de toda a população com o fim de deixá-los sem saber por que estão a sofrer tanto assim. Não eram ricos, não eram milionários, não eram bilionários – esses nomes não alcançam nem um terço da riqueza material que realmente tinham. O ambiente aqui era surreal e infestado de imaginações inalcançáveis pelos vivos comuns e arrastados pela famosa rotina sarcófaga, reduzindo aspectos significativos das inteligências, infestadas de potências com potenciais para ensurdecer um tímpano de um terráqueo!

Mas o sofrimento advém da não-partilha, os humanos sofrem, pois, há algum humano em algum lugar que ainda não está sendo humano o suficiente. A humanidade só existe quando está no nível da consciência; e a consciência se adquire com a impessoalidade e a visão vasta universal que leva à partilha. Estão na terra, vivem na terra, usufruem dela, por que não partilham o que dela usufruem? Sem isso, ainda continuam sendo animais, embebedados de puro instinto. E este grupo, apesar de aparentar elegância e refinamento em comportamento, eram os mais instintivos, pois seu lado animal sobrevivia nas sombras; e não há nada pior para um animal do que viver em penumbra e desviado da luz.

Enfim, eu saí daqui voluntariamente pois não suportava estas conversas com fins maliciosos, e aonde eu já reconhecia a possibilidade de todos atravessarem suicídios e auto-destrutividades por desespero, após se perceberem, o que fizeram com tudo e todos.

Naveguei por aí. Até encontrar meus próprios pés andando e caminhando na areia. Mas estava navegando! Em alto mar, estranhamente. O que um navio faz senão navegar? Ele anda sob as águas e isto é sobrenatural – uma máquina ter poderes sobrenaturais é incomum? Não sei, mas não vamos ignorar este fato de um navio poder nos transportar em alto mar, nos impedindo de afundar dentro de dez mil metros de profundidade!

Nada deve ser ignorado. Tudo que existe é um sinal de alguma coisa para alguma outra coisa, e mais tarde tudo isso fará sentido no final, pois se conecta aquilo que aparentemente era insignificante até um ato de maior relevância. Não ignoras nada! Ignorar algo é ignorar existência, vida, uniforme e suporte para o fogo vivaz sobreviver e iluminar as almas, as tacando fogo nas lacunas mais insaciáveis de sonhos e fantasias.

Ter visto as constelações pela noite uma vez quando em idade tenra, me fez acreditar em astrologia – eu não acreditava no que eu não via, até ver as constelações brilhando no céu a olho nu. Não é impressionante como uma visão que alcança um dos nossos sentidos pode arruinar e arrumar todo o rumo das nossas crenças, levando-as para uma outra estrada? Daí os pés então começam a caminhar para uma outra direção, os próprios pés não precisam mais da bússola manual que as mãos seguram; os pés já sabem o caminho intuitivamente através da nova visão que alcançaram através dos sentidos. A intuição dos pés tomou o lugar da lógica da bússola.

Fios e mais fios! Fios que me prendem no mesmo lugar não podem ser considerados para meu avanço agora. Eu sei, tenho comportamentos meio anárquicos e por isso mesmo isto me possibilita transitar entre os diversos círculos e grupos, notando suas faculdades semelhantes, mas com crenças divergentes; talvez isto seja uma coisa boa, mas aos poucos, sinto estar me distanciando do meu trabalho usual e diário – o de uma subalterna. Que descobriu através do próprio avô, sobre a importância dos seus escritos. E agora? Depois de ter navegado em alto mar e pisado em areia quente em menos de cinco minutos. E agora? Desmaiei.

Acordei no piso do corredor da minha antiga escola.

SALA DE PROFESSORES - Aqui estava eu, eles discutiam sobre profissões, alunos, lanches e refeições diárias, assuntos, debates sérios e políticos, filosóficos e históricos. Mas há algo engraçado; fui parar na abstração da escrita e do desenho, dos hobbies preferidos, por não entender muito do que eles falavam. Existe mesmo a necessidade de se forçar um aluno a ouvir coisas que não se quer? Sim! Por que, isto equilibra o cérebro a atingir seu campo de imaginação, não focando somente no que está posto, duro, feito de solidez em sua frente, com pregos, martelos e força feita da carne - se refugiando assim, em seu canto cerebral aonde os limites não existem e nada é dissolvido e diluído pelo poder reducionista de tudo que agora se pode tocar com as mãos. Professores, falem, expliquem, ordenem que os alunos os ouçam! Isso só os fara se voltarem mais para dentro, atingindo o pico

mais alto e mais elevado das vertentes artísticas e finas do mundo de sucesso interior.

Ser obrigado a ouvir o que não se quer sempre se gera bons artistas. Professores são os propulsores para a tal glória. Deus não grita e não responde oração alguma, mas sempre cria algo a partir do que ouviu. Ele não responde, ele cria, esta é a função servidora endeusada de deus. Não responde, cria. Ouve, mas não demonstra que ouviu.

A filosofia era o prato preferido da sala dos professores. Todos bebiam da mesma fonte. Havia uma folha solta na escrivaninha com um cabeçalho e esta única questão:

“ Como se diferenciar um do outro?

1. Seu caráter (Resp.: aquilo que se está intrínseco dentro de si, que não se percebe pela própria pessoa, mas facilmente visível para outros que o conhecem)
2. Seu eu mais íntimo (Resp.: aquilo que se mostra quando entramos em um grau de profundidade maior em uma relação)
3. Seu eu social (Resp.: como se relaciona com a sociedade e as relações sociais)
4. Sua imagem (Resp.: o que os outros formam e constroem da interpretação de seus comportamentos e falas, de sua pessoa no geral) “
(?)

Claramente, aqui vemos que são equipamentos usados para fins divergentes, diferentes um do outro em sua utilidade e objetivos. Mas, quando vemos os quatro sem função alguma, ou sem dever para ser cumprido, não se tornam todos eles – substâncias da mesma composição?

Qualquer coisa é sempre alguma coisa! A vida é nova todos os dias que se acorda. Quando se acorda e enxerga o sol, ele está sempre diferente do dia anterior. Pena que, não podemos olhá-lo com tanta profundidade e hipnotismos como podemos olhar para a lua.

Um dos professores me percebeu em sua sala, fez expressões de espanto.

- Quem é você? Posso ajudar?

- Eu sou.. – Ele me interrompeu.

- De que série e turma você é? Sabe que aqui a entrada é proibida para alunos, não sabe?

Mas ele mal sabia que dava para ouvir todas as suas conversas do lado de fora da sala! A parede da sala deles era mais fina que a própria camada de frieza que eles tentam por nas relações dos alunos uns com os outros. Proibindo de beber água, de ir ao banheiro, de exercer comunicação. Aonde estava todo o calor do mundo dentro do ambiente escolar?

Não deu tempo de responder-lo, jogaram uma pedra em minha cabeça do lado de fora da sala. Desmaiei de novo!

E agora, estava em um camarim. Estava em uma sala fechada com ar-condicionado. Havia cantores, pianistas, flautistas, violonistas, guitarristas, bateristas, baixistas e mais alguns com outros instrumentos adicionais para suas futuras apresentações. Batucavam, conversavam, riam alto, gritavam, cantavam, corriam, pulavam. Achava engraçado suas relações com a música; até quando interagiam com os outros era sempre em um ritmo e um tom adequado para a conversa. Se acostumaram tanto a trabalhar com melodias que sua própria vida em relação se torna uma melodia incansável, de notas graves e agudas. A fala do próximo para eles era como se esperasse a próxima nota da música em que faziam parte. O piano esperava a próxima nota do baixo, o baixo esperava pacientemente a voz do cantor dar a partida no ritmo para ele entrar; a guitarra ia da extrema força e intensidade até o mais acústico de suas cordas, contanto que a bateria também fosse, mas a bateria só iria se a voz do cantor também fosse! O piano e o pianista ficariam sozinhos ao finalizar a música. Por estarem sozinhos no final de tudo, deveriam se mostrar em som com mais maestria do que a própria voz do cantor.

O centro de música deveria ser composto por um grupo harmonioso. Ou então, como a música poderia sair harmoniosa?

Como poderia se dar, uma falta de amizade em todo um coro, uma ópera, uma banda? Como suas músicas poderiam sair dignas para o ouvido? Me diga, como? Se falta harmonia nos bastidores, com toda a certeza, irá se faltar harmonia no centro e nas apresentações; pois mais que se esforcem para apresentar harmonia na melodia, falharão miseravelmente; pois que, aonde há ausência de amizade, há ausência de uma melodia harmoniosa. Cada instrumento e voz irá vibrar em um tom e com uma nota diferente do esperado, do que foi programado e do que foi posto para a música sair perfeita para o público.

Me lembrei então, de grupos de dança aonde eu participava quando criança, minha mãe me obrigava por eu ser uma menina – mas aqui, entenda, nunca me dei bem com grupos, e não queria estar ali; não queria fazer parte e nem mesmo contribuir. Resultado? Na apresentação para o público, era eu a única a sair e a errar todos os passos, ritmos e movimentos criados da dança para seguir a música. Nas filmagens eu pude me ver: era eu, a única a errar os passos. Isso quer dizer então – que eu nunca desejei aprendê-los em primeiro lugar! Só daí, podemos ver o contraste com as outras meninas. Talvez (e provavelmente) seja o mesmo com grupos musicais, com eles seja mais intenso ainda, por se tratar de serem eles os responsáveis por refinar o ambiente aonde está a plateia!

Eu estava em uma plateia agora. Observando todos eles se apresentando, e estavam com a mesma harmonia que presenciei no camarim. Estava apreciando suas melodias, até que alguém me cutucou por trás na poltrona aonde eu estava sentada. Eu me virei. Parecia ser um segurança.

- Me acompanhe, por favor. – Ele sussurrou no meu ouvido.

Eu então, me levantei. O segui até uma porta fechada, aonde o mesmo abriu com uma chave que tinha no bolso.

- Por favor senhora, entre aí. Quero lhe mostrar uma coisa.

Entrei. Ele acendeu a luz.

Nossa! Era uma sala enorme com inúmeras câmeras mortuárias – aonde se depositavam cadáveres humanos, pessoas mortas. Ele abriu uma das câmeras. Era como um congelador, depositando coisas para os mesmos permanecerem congelados durante muito tempo e não apodrecerem. Ele abriu uma com um cadáver que estava aberto! Todos os seus órgãos estavam expostos! Apesar de aquilo ser fascinante aos olhos, era ao mesmo tempo assustador.

Quer dizer, não me assustava tanto, era a mesma coisa que faziam com os animais, não havia muita diferença em ver carne humana congelada, se durante toda a minha vida presenciei carne de animais sendo congeladas dentro de casa, para depois serem esquentadas, tostadas, fritas, e depois comidas. Se alguém decidisse fazer isso com a carne humana congelada, qual seria a grande diferença? O humano ainda dominado pela consciência, deveria ter feito coisas muito piores que um animal, que de nada, tinha a culpa, era carne inocente. Se comesse a carne humana, estaria comendo carne maliciosa e perversa. E não uma carne que foi inocente em vida.

- Você sabe quem trabalha com isso? – Ele me perguntou.

- Com isso o que?

- Com cadáveres. Pessoas mortas.

- Hm..- Eu pensava em uma boa resposta – Os cientistas forenses? Anatomistas? Biólogos?

- Você não sabe? – Ele pasmou.

Me perguntava por que diabos havia uma câmara mortuária dentro de um centro musical.

- São corpos mortos. – Eu afirmei – Poderia ter qualquer utilidade para qualquer pessoa dependendo de sua intenção com eles quando entrasse aqui. Até mesmo para comê-los, cozinhá-los.

Ele fez uma expressão de nojo e logo depois franziu o cenho.

- Olhe menina, preciso saber quem é o grupo que analisa essas coisas. Essas salas com essas câmaras apareceram aqui essa semana, e não sabemos quem as colocou aqui.

- E por que você acha que eu sei de alguma coisa?

- Não sei, lhe vi ali na plateia e você me pareceu com uma cara de cientista. Achei que isso poderia ter sido obra sua.

- Mas e se fosse, o que queria que eu fizesse? Um cientista que assiste uma ópera teria condições de lidar com sua funerária enquanto ouve a melodia de uma ópera?

Ele me olhou, irritado e sisudo.

- Você está querendo justificar uma ação irracional de alguém. Tome cuidado com isso.
- Me deu um sermão repentino.

Não entendi esse seu sermão; sendo que:

1. Qual a diferença de pessoas mortas para animais mortos nas geladeiras de todas as pessoas os que possuem uma casa para se abrigar? Dizer que pessoas mortas são mais importantes e aterrorizantes é rebaixar e inferiorizar as diversas espécies que dividem o planeta terra conosco. Desrespeitá-los é caotizar o ecossistema.
2. Ação irracional para quem fala e afirma, não para quem fez. Quem fez, possuiu seu próprio raciocínio para tê-lo feito.
3. Se ele me interrogou, não seria óbvio que eu respondesse? E se respondo, automaticamente, estou justificando o ato! Estou respondendo a sua interrogação! E o mesmo me ataca com afirmações redundantes, com tons ameaçadores; mas que, no contexto que se aplica, foi uma afirmação ameaçadora que o mesmo provocou.
4. Se eu não respondesse nada, o mesmo também me destruiria com alguma afirmação ameaçadora, pela ausência da resposta adequada que o fizesse chegar até o destino que queria.

Dane-se, não há diferença! Filosofo o tempo todo na minha cabeça, relativizo as situações, penso sobre todos os lados, valido todas as perspectivas; e este segurança pode ter achado que sou só mais uma malandra ou falastrona que tenta enrolá-lo e persuadi-lo através do discurso e da oratória pouco sentida ou envolvente. Mas, dane-se! Este segurança não sabe quem eu sou e muito menos sabe sobre meus pensamentos; posso ser confundida com algo que não sou como ocorre muitas vezes, mas sei quem eu sou e isto que importa. Não necessito prova-lo algo sobre mim; se se interessar pela minha pessoa, com o tempo, irá perceber que suas impressões estavam erradas. E geralmente, erram. Geralmente, estão sempre errados; todos errados.

Eu falo B, eles entendem V. Falo sobre o final, eles entendem o começo. Ajo com alegria, eles interpretam como teimosia. Falo com sentimento, eles entendem raiva.

O que seria isso? Uma distorção da realidade de todos eles, causados principalmente por compostos e composições químicas que entram em contato com seus sentidos? Que maldição é essa que se alastra na cabeça de todas as pessoas que os impedem de expandir a mente? Por isso estão todos em grupos, formando diversos círculos por aí! Por que não conseguem expandir, por consequência, precisam se infiltrar em algum grupo, se encaixando, reduzindo suas respectivas capacidades cerebrais.

O meu constante excesso de esperança me fazia acreditar que um dia a pessoa que estava me negando a compreensão agora, um dia iria entender o meu lado e minhas razões. Mas, em situações mais emergenciais e mais práticas, tentava arduamente não ficar tão esperançosa assim, pois isto iria me fazer negar a materialidade posta no segundo em que estou presente. Que deixemos a esperança para ser sentida com intensidade em momentos de solidão! E se não há momentos de solidão, é recomendável que se crie; pois são deles que nascem a esperança.

- Não importa mais isso. Já está aqui. – Eu lhe disse.

Eu então, ouvi aplausos do lado de fora, A ópera acabou, e eu estava aqui, parada em frente a diversas partes de cadáveres humanos. Isso aqui me levaria para onde agora? O segurança então, abriu uma das câmaras e me mostrou um pé direito de alguém. Me segurei para aquela imagem não me causar enjoo, por que queria ouvir o que o segurança tinha a dizer.

- Vê isso? – Ele apontou para folhas inteiras dentro da carne congelada do pé.

- São vegetais? – Perguntei.

- Sim. Por que diabos tem vegetais dentro da carne do pé de um cadáver? – Ele me perguntou.

- Talvez alguém tenha deixado alguma pista sobre o ocorrido, e a primeira pista seja isso. Nunca analisou o trabalho de um cientista forense?

Ele, novamente, me olhou, de forma sisuda. De repente, três de seus amigos seguranças entraram na câmara.

- Podem levá-la.

Sem eu me dar conta, pegaram meus dois braços de forma agressiva e me levaram até um outro portão. Me jogaram lá dentro. Mas este portão deu em um terreno baldio. Fui jogada no meio da terra, com várias diversidades de lixos: plásticos, orgânicos, isopores, eletrônicos, velharias enferrujadas, vidros, etc. Tinha um lago em frente, completamente podre, sua água não era azul, era um verde musgo que boiava o mesmo lixo que continha na terra aonde fui jogada. Não tive tempo de me aproximar do lado; chegou um círculo, um grupo completamente enfurecido.

- Vocês estão vendo isso? – Estavam com um megafone e uma filmadora; filmavam o lago imundo – Isso é o que estão fazendo com o nosso planeta! Os humanos são a pior raça que existe! Sem sombra de dúvidas! Por que permitem que façam isso? Não conseguiremos deixar nada de natural para nossos sucessores, irão crescer com a sujeira e a podridão.

Eles então, me olharam, suja de terra e com o rosto um pouco corado.

- Óh! Uma defensora dos direitos ambientais! Uma sobrevivente como nós! Que repudia e expõe as grandes verdades das usinas e das indústrias! Venha, junte-se

conosco. – A que estava com a megafone falava comigo, enquanto puxava meu braço para perto deles.

Mas eu desprezo. Desprezo tudo que vêm dos círculos, por maiores que sejam suas boas e melhores intenções. A mudança ambiental vem de uma voz esganiçada e tonta; em grupo, o ambiente não sabe como prosperar e nem mesmo como fluir. Em grupos, nada permanece suave, vai tudo ficando mais denso – e a fluidez do meio ambiente, as escarpadas macias de uma água cristalina só podem ser adquiridas através de intensos períodos de solidão por parte das águas. A água suja e poluída é sinal de densidade formada por grupos e círculos humanos!

Alguém em constante solidão e sentimento de isolamento, faria, cometeria atos injustos com a mãe natureza? Quem faria isso, senão uma cabeça inundada com ideias de alguma massa específica?

Não gostar de ser comparado com alguém que despreza. O que significa isso? Todos bebem vinho tinto em aniversários e soltam as bobagens da repulsa de se parecer com o outro que se detesta. O que significa isso? As teias de aranha estão infestadas meu quarto agora, enquanto estou aqui. As teias de aranha, as abelhas, moscas, baratas voadoras. As baratas voadoras provavelmente se tornarão meus insetos de estimação! Por sinal, aonde está a voz do dever? A voz do poder? Aonde estão elas agora? No meu âmago, nas entranhas de alguém que nunca conheci? Nas artimanhas inescrupulosas de um massagista que carrega significados misteriosos nos insetos, assim como eu? Nas catarses de uma pedra que rola montanha abaixo em busca de um rio que a molhe, que acabe com toda aquela dureza minerária de sua condição de pedra? Por favor! A pedra tem de rolar! A pedra deseja se molhar! O mineral mais duro feito para que outros se sentem em cima do mesmo, não suporta mais a falta de companhia amorosa e afetuosa.

A pedra necessita de afeto, a pedra quer ser acariciada também. Por isso ela rola montanha abaixo, não quer atingir ninguém; apenas quer chegar ao destino aquático; o destino glorioso aonde o mesmo finalmente vai se embebedar de amor e sedução de alguma água doce que acolher sua descida agressiva e bruta. Não é isso? Não é assim que tem de ser? Amolecer o sólido, e tornar duro o que é escorregadio?

Tudo agora fede a mijo e não gosto disso. Mijo me lembra sempre lugares que não se pode nunca tocar ou chegar perto por conta do odor que perturba os sentidos. Mas, se não é apegado aos sentidos, há de se ignorar por exaustão, o incômodo da urina não saudável, da urina amarela forte.

- Venha comigo! – A menina continuava a puxar meu braço.

- Você sabe aonde você está? – O que segurava a filmadora me perguntou, sussurrando em meu ouvido, como se fosse segredo.

- Aonde? – Perguntei, ainda confusa e sem entender coisa alguma.

Ele mostrou espanto na minha resposta, mas me respondeu.

- No maior lixão do estado! O que estava fazendo deitada ali? Não quer ir se limpar? – Ele falou.

As ondas intensas da vergonha e da humilhação estão me rasgando agora. Vergonha e humilhação por estar em um lixão, infestado de excrementos e coisas não-recicláveis? Não sei se por isso; talvez pelo fato de terem me visto aqui. Mas, quando alguém me vê em qualquer lugar, automaticamente já sinto vergonha. Não importa se em um lixão ou em um centro empresarial. Não importa se em uma favela ou em uma mansão de luxo. Estou sempre sentindo vergonha por pertencer a algum lugar. Sentindo vergonha por estar pertencendo a alguma coisa. Vergonha. Vergonha por fazer parte. Humilhada por entender a ideia da separação e não fazer nada para que todos se unam; sinto-me humilhada para mim mesma, e assim creio que todos também estão a me olhar assim. Mas todos estão a me olhar assim! Vergonha do ser que sou ou vergonha da inação? Mas a minha ação seria quase obrigatória, por isso então, não seria ação, seria dever de obrigação. Isto é ação?

Ação é vontade. Obrigação é uma ação reduzida, enquadrada, reprimida e trancada dentro de um baú ou de um caixão e enterrada debaixo da terra, pronta para pertencer às raízes ocultas da morte e dos corpos mortos.

Ninguém confia em seus próprios sentidos. Ninguém confia em seu próprio olfato para cheirar uma fruta e saber se está bem madura ou podre. Ninguém confia em seu timbre vocal, desconhecendo o poder de ferir o outro a qualquer momento com um som repleto de códigos nomeados de palavras. Somos todos navegantes de não confiança em nós mesmos; mesmo quando vemos com os próprios olhos, ainda não vemos, ainda não queremos ver. Mesmo quando ouvimos uma harmoniosa e amorosa verdade, não acreditamos no que ouvimos. Queremos que o som se repita para nossos tímpanos poderem gravar na memória; mas acontece que um som ouvido pela primeira vez é diferente de quando ouvido na segunda, então a audição nunca vai captar como realmente foi dito. Não confiamos em nada. Não confiamos em nós mesmos e não confiamos em nada. Quando se anula tudo que está ao seu alcance, está libertado de uma agonizante aflição. Por que, anulando tudo, os sentidos ficam livres, eles são libertos. Dando-os liberdade, eles confiam. Confiam na ação. Confiam na vontade. Confiam inclusive, na obrigação. Pois sabe que esta obrigação é uma outra moldura para a vontade. A vontade de validar-se como ser humano, e é isso que dá o verdadeiro valor, ao poder de agir.

Mas, com tudo isso, percebi sempre o vazio. Percebo sempre o vazio passeando por todos esses grupos. A substância inata; essencial, primária e insubstituível para todas essas criações de identificações dentro dos círculos: VAZIO. Quando se analisa somente uma partícula de uma gama de criações, cria-se a perspectiva meticulosa das coisas. Vê-se aqui: estuda-se e aprofunda-se tanto em certa área que começa a vê-la em tudo que seus sentidos alcançam. O que provoca isso? Perda da visão integral. Sabemos disso. Não sabemos? Estudamos, nos fascinamos por aquilo que está sendo nosso objeto de estudo, porém; como sabemos se aquilo realmente faz parte de um universo que tange a dita realidade dos sentidos? Até mesmo a ciência é puramente criação

humana. Então, como pode ser? Daqui há cinco anos pode-se já ter esgotado um assunto e de repente cansar-se dele, perceber que o mesmo era ilusório ou errôneo, e assim se refugiar em outros campos, outros meios de se conhecer alguma outra coisa. Mas se é tudo a mesma coisa! É daí que surgem as conexões e as projeções; elas nos servem para perceber que tudo é espelho de tudo. Ninguém é não-reflexo, tudo surge a partir de ter olhado para algo e sentido a criatura tomando forma antes de ter forma.

Uma pequena ausência de uma pequena colher de açúcar em uma xícara de café pode resultar em um grande acontecimento dentro do organismo da pessoa que irá experimentar o café. Uma mínima diferença ou mínimo detalhe é capaz de mudar completamente o rumo da escolha individual de alguém, ou simplesmente de um acontecimento rotineiro e diário. Como pode ser isso?

Quem está disposto a brigar pela manutenção de pequenos detalhes, é sempre capaz de harmonizar grandes coisas. É nos pequenos detalhes que está a verdadeira morada da harmonia das grandes coisas que se encontram em estado de caos por prestarem atenção somente às situações mais grosseiras, a camada mais abrupta, esquecendo-se da sutileza que é a criação e o crescimento de uma vida. Filhos, obras, prédios, objetos, manutenções; tudo isso só é capaz de prosperar pois alguém pensou nas sutilezas da construção de tudo isso – na qual se reverencia e se consagra como sendo a base de tudo. Uma mãe é esquecida e deixada de lado pelos filhos quando os mesmos crescem; mas eles seriam os mesmos que são quando crescidos senão fosse a sutileza do cuidado e carinho dado a eles desde a tenra idade? Vemos aqui claramente, um caso comum de esquecimento da sutileza de uma construção.

- Me limpar aonde? – Perguntei-o.

Ele sorriu para mim, forçadamente, mas ainda assim sendo sincero em sua ação de sorrir, e disse:

- No mar. Os minerais que existem na água salgada vão te livrar dessas toxinas.

- Mas... – Eu não havia entendido – Aqui não tem mar. Estamos muito distantes dessa região, eu acho.

###

Para minha surpresa, eu acordei na beira do mar, era noite e havia um homem estranho ao meu lado. Se vestindo, não de roupas bem-feitas e bem costuradas, mas de alguns pedaços de tecido que cobriam as partes mais íntimas de seu corpo. Era jovem, como eu. Mas parecia estar malcuidado em termos de saúde. Suas expressões não estavam saudáveis.

Mas, pensando sobre condições de saúde e como eles refletem facilmente no rosto de uma pessoa, chego sempre a um questionamento vivaz de minha parte: era realmente necessário ressaltar ou elucidar esse tipo de deficiência ou de desleixo na saúde de alguém? Era necessário? Sendo que, o estado debilitado de saúde de alguém, com tratamentos naturais ou com uma mudança drástica de hábitos e rotinas, pode ser convertido facilmente em um estado oposto a aquele no qual aparenta?

Supondo que, eu levasse este homem na qual julguei como um estado débil de saúde, para se alimentar com coisas cruas e com seus nutrientes intactos, analisasse sua higiene através das sujeiras e crostas que se sobressaem em sua pele, e usasse métodos para limpá-los, criasse relações com os outros na qual tivesse com o único ingrediente, a conexão humana e intensa, em menos de quatro dias este homem não seria mais o mesmo; não seria mais o mesmo homem que estou ao lado agora, julgando como uma aparência mal cuidada. Vê-se agora?

A essência dos julgamentos é duvidosa e estranha, pois em menos de algumas horas, pode-se pensar novamente, analisar novamente, e já chegar a outra conclusão. E os julgamentos nasceram para serem conclusivos. E alguém, até hoje dentro da história humana, já chegou a alguma conclusão que, de fato, CONCLUISSE ALGO SOBRE ALGUMA COISA? Quem responder isso também, automaticamente, já estaria julgando alguma verdade universal que rege todos os acontecimentos.

Portanto, deixar uma pergunta em branco, sem resposta, seja a melhor resposta para tudo. Quando todos vão começar a perceber isso? A causa de todas as suas ansiedades está no julgamento, sua causa está em esperar, criar e satisfazer as expectativas.

O que é o amadurecimento de uma pessoa, se não o aprendizado de ocultar e esconder? Aprender a esconder nossas características naturalmente infantis, pois isso de certa forma, envergonha o mundo adulto? Mas hei de lembrar-lhes; uma fruta quando está muito madura, chega a um estágio que não reconhecemos mais se está realmente madura ou se está podre, com mal cheiro, pronta para ser jogada no lixo pois fará mal ao estomago de quem engoli-la. Amadurecer é processo natural mas possui um ponto para parar, se não se perde completamente o fruto.

O que é trabalhar na portaria de um prédio de luxo e observar todos os que moram no prédio pedindo comidas caras, pagando por objetos caros, servi-los por isso, e ainda não receber a dádiva da partilha vindo deles, que moram no prédio? O que é trabalhar na portaria de um prédio senão somente observar o movimento de pessoas acomodadas? Me perguntava se este homem que vestia estes pedaços de tecido me olhara assim agora que cheguei. Como um porteiro olharia para alguém que mora em um apartamento de luxo. Pois estou intacta; vestindo roupas que acabaram de sair da máquina de lavar, e ele, com tecidos imundos sem resquício algum de água ou umidade neles, e me parecia que estava neste estado há dias.

- Tudo bem? – Ele me perguntou.

- Tudo sim. – Relutei a perguntar – E você?

Ele sorriu.

- Melhor agora.

E não respondeu mais nada. Eu esperava que o mesmo fosse responder aquela velha resposta usual e comum. "Que você chegou", mas me enganei arduamente. Eu não sabia o porque ele estava melhor agora, já que ele não completou a frase.

Havia sempre uma potência enorme em julgar quando não sabemos o que virá depois do que não entendemos, do que não conseguimos entender nem compreender. Certo? Mas há algo lá no afundo que nos avisa sempre; quando julgamos, algo de muito estranho e misterioso acontecerá conosco e nos colocará exatamente na mesma posição do indivíduo ou do objeto que foi julgado pelo nosso olhar com o fim único do nosso aprendizado. E não sairemos dessa posição até entendermos e aprendermos, que o julgamento foi infundado. E quase sempre é. Por que desconhecemos o lado que ainda não sentimos na própria pele. Mas ainda vamos sentir; e quando sentirmos, pararemos com o vício do julgamento. Mas há alguns que ainda não aprendem – e voltam a julgar alguma outra coisa, ou talvez até, a mesma coisa na qual experimentaram na própria pele!

E estou aqui. Sem nada, somente com este homem desconhecido. Estou sem nada – só meu corpo, o céu estrelado e meus pensamentos.

Queremos arduamente descobrir o que está oculto. Por isso, a medicina está altamente relacionada com a filosofia e a astrologia, pois estas áreas são as que entramos em profundo contato quando não temos nada. Pois só quando não temos nada, conhecemos o oculto. Como eu estou agora. Como eu vim parar aqui agora.

Olhamos para as estrelas no céu e sempre existe algo mais além do que somente estrelas, e elas significam muito mais do que pequenas luzes. Há um universo inteiro a ser desvendando dentro das constelações que há milênios regem destinos, acontecimentos, formações de personalidade de seres vivos, e todo o rumo da história do mundo.

E a medicina é o conhecimento do corpo, das doenças e da saúde; mas como vamos saber o que tudo isso significa, senão através da pura intuição e da lógica criativa? O corpo é objeto misterioso. Não sabemos nunca, de onde vem tal coisa (sensação, emoção, sintomas, hormônios, debilidades, vitalidades, transcendências, êxtases) pois nunca entramos e vimos um corpo quando está vivo, somente quando este perdeu sua vida, e quando ele perde sua vida, os órgãos também já não fazem muito sentido. Então, tudo sobre o corpo é base das teorias e nunca do olho nu.

Assim como a filosofia também! Que se assemelha, repito novamente, aos estudos dos astros e do estudo do corpo. A filosofia é o questionamento a tudo que é absoluto, a tudo que se diz ser absoluto, em busca de uma verdade cada vez mais profunda e sendo resistente a se acomodar em respostas simples e fáceis. Ele quer o que transcende, o que não está na claridade, o que ninguém ainda viu – por isso questiona. Por isso faz todos se questionarem – com o passar do tempo, ele faz as pessoas

perderem suas ambições e desejos egocêntricos, mas em troca, ganham uma plenitude acima do normal.

Esse é o poder do que está oculto – de tudo que está oculto. É o grande poder do mistério – fazer-nos com que mudemos à força.

Mas sei que estou fazendo uma série de associações em relação a este homem ao meu lado. Associações que se misturam com minhas experiências individuais de tenra idade relacionadas às minhas repulsas e aos meus agrados, e com imagens e padrões do inconsciente coletivo. Está tudo na memória. Ao ver este homem, não estou vendo-o de fato; estou vendo padrões, associando sua aparência, suas expressões e falas a coisas que já conheço, ao que está em minha memória. E isto não é conhecer alguém. Ou é? Não.

Estou, na verdade, desconhecendo-o. Estou desconhecendo quem acabei de conhecer, colocando-o e misturando-o em cousas anteriores a ele em minha vida. Ou simplesmente, conhecendo uma cousa nova e depositando no mesmo, expectativas de ser melhor e diferente do já conhecido. Conhecer exige atenção total e plena, sem voltar-se para as fontes inesgotáveis de memórias, recentes e ancestrais, e sem voltar-se para expectativa alguma. Somente conhecer, em seu estado puro e imaculado.

- Por que melhor agora? – Eu lhe perguntei.

- Estou podendo ver as constelações melhor agora, esse horário da madrugada o céu fica mais estrelado. Nem se precisa de equipamento nenhum para olhá-los. – Sua resposta abertamente me surpreendeu.

Eu lhe respondi:

- Eu preciso ler melhor o que está nas entrelinhas. – Disse, me referindo às estrelas.

Ele então, me respondeu:

- E eu preciso ler os seus escritos. Foram feitos em pergaminhos, não foram?

4. O indivíduo em comunhão

4.1 A força triangular – A fase humana

Esse é o grande poder. O poder das três tentativas que formam um. O triângulo: grande símbolo consagrado e figura geométrica misteriosa, que forma pares e cálculos exatos com lados ímpares. Que, por este sinal estranho, seria como a formação de uma

comunhão, na qual está muito além da passagem entre grupos, que se unem sem um objetivo maior.

Os conselhos de nossa mãe nos servem de melhor serventia quando já estamos crescidos, na fase adulta; quando somos crianças elas não nos são muito úteis pelo entusiasmo infantil transcender toda e qualquer experiência que está em polaridade negativa. Quando o entusiasmo perece, os conselhos maternos nos são, com frequência, necessários.

Agora eu sei! Quando olho uma mala vermelha no meio da sala de estar, olho para meus lados tentando enxergar o viajante, mas só encontro a sombra de uma planta. E sinto medo dela! Por que enxerguei primeiro sua sombra do que de fato, a própria planta. Isso é assustador?

As vozes tinham retornado. Assim como os insetos que as interpretavam. Ótimo! Mas agora não sei mais aonde estou. Só sei que estou caminhando.

Mas, caminhar com espírito de obrigação e caminhar com espírito de liberdade são duas cousas diferentes que causam reações distintas e efeito colaterais opostos.

1. Caminhar com espírito de obrigação: se está caminhando por que acredita ser uma obrigação, por isso se cansa rápido, não consegue mais fazer nada o restante do dia por que foi obrigado a fazê-lo, e ainda provoca nervosismo quando se começa a andar, por que seus pés estão indo com expectativas de resolver algo; e não de somente exercitar o andar. Lembra uma caminhada para resolver afazeres domésticos e de trabalho.

2. Caminhar com espírito de liberdade: agora é a hora certa e a sensação exata de se mimar os pés. Se anda por que se quer, sente-se livre para ir a qualquer lugar, este tipo de caminhada nunca cansa, se sentirá mais rejuvenescido e ativo ao perceber que sua liberdade é ilimitada e múltipla, diversa. Se tem vontade de caminhar cada vez mais. Gera também tendências a pensamentos mais aprofundados e bem articulados, pensados, sensatos. Lembra uma caminhada em clima de férias.

- É claro que você não sabe mais aonde está, sua mente está sempre desconectada da realidade! – A voz do dever falou.

Então, a barata apareceu.

- Não seja tão duro. – A aranha disse – Sua desconexão é para o bem, ela nunca fez nada que prejudicasse alguém. Sua loucura vinda da desconexão com a realidade é autocontrolada. Ela realmente PODE controlar a si mesma.

- Mas será que deve? – A barata perguntou.

- Ela tem que querer. – A formiga se intrometeu na conversa dos dois insetos.

Eu tinha que tomar extremo cuidado ao não pisar nestes insetos que me acompanhavam no meio da calçada, enquanto eu andava devagar, voltando ao local do meu humilde trabalho. Não faço ideia de quanto tempo passei distante, mas me

parecia uma eternidade, me parecia anos e anos! Será que meu patrão ainda estava lá, no mesmo lugar? Eu iria verificar isso agora.

Aqueles insetos ainda estavam vivos, eu havia os encontrado dentro do apartamento do patrão. Será que, se eu tivesse os matado, eu teria dado ouvidos a eles, no começo de tudo? Será que eu teria entrado na ideia de ter visitado meu avô, se estes malditos insetos não tivessem aparecido falando coisas instantâneas e aleatórias?

Talvez eu estivesse desesperada pelo fato de não saber aonde estou na linha do tempo. Mas eu não sei se estou realmente desesperada, e isso automaticamente já me faz não estar mais. A indecisão de sentimentos é o que realmente anula, destrói e aniquila sua estrutura por completo. E daí somente uma racionalidade sem rumo e sem direção governa, tornando quem raciocina completamente burro no campo do entendimento do seu próprio espírito.

Quando se está acostumado demais em somente olhar tormentos e tormentos, olha-se então para a divindade de um céu azulado, presume-se que seja alguma forma de montagem artificial do mundo. Vê-se agora, como está preso demais somente às visões atormentáveis que vigoram no seu coração, aonde a todo tempo se intoxica com suposições estranhas?

- Calem a boca! Me deixem respirar! – Eu disse para os insetos.

- Não está respirando? Como está viva então? O oxigênio é necessário para o cérebro funcionar. – A barata falou, sendo irônica.

Pois bem. Eu cheguei no lugar almejado. Aonde o meu patrão trabalhava. Abri o portão, o cadeado estava aberto e enferrujado. Subi as escadas e bati na porta. Bati, bati, bati. Mas ninguém atendia. Toquei na maçaneta e vi que a mesma estava solta, foi com muita força e empenho do meu físico que pude arduamente abrir a porta do meu patrão! Não importa mais o meu cansaço depois disso – entrei no apartamento.

Não havia ninguém morando ali. Gritei diversas vezes, ninguém estava ali. As teias de aranha estavam crescendo entre as paredes. Dramas de insetos sempre apareciam em apartamentos vazios e isolados. Insetos dramáticos sem saber aonde morar, frequentemente escolhiam lugares fechados. Quem ousa dizer que viver em um apartamento não é viver em uma prisão, em um manicômio, em um hospital, em um monastério? Ou dentro de uma pequena sala de aula? É sim! Viver dentro de uma casa ou de um apartamento é viver entre quatro paredes, e estas paredes atraem velhice, ferrugem, cupins, poeira, sujeiras de diversas nuances e espectros.

As teias de aranhas são uma prova disso. De que não se pode viver entre quatro paredes por muito tempo, a ventilação falta e acaba que precisamos de um ar puro do lado de fora. E os insetos querem ser donos das paredes, de qualquer maneira.

Lembrava então do meu avô e seu método de retirar calçados dos pés antes de entrar dentro de casa, e caminhar livremente. Para que existem os podólogos, que tratam os pés de indivíduos desconhecidos? Sim, é isto mesmo! Somos impossibilitados de andar

descalços nos meios, precisamos usar calçados; e estes calçados, com o tempo, causam diversas deformidades e anomalias nos pés, somos obrigados a necessitar de ajudas externas - por que aquilo nos parece altamente estranho para o corpo. Assim como roupas criam micoses na pele, os tecidos a irritam, a tiram do sério, causando danos no sistema nervoso, enviando nervosismo em forma de cartas de amor para esta estrutura fina e protetora chamada PELE... inventam-se mil e uma coisas para justificar e salvar a falta de liberdade do corpo de caminhar e movimentar-se livremente sem uso de apertos, correntes e pauladas de madeira.

Mas tudo bem. Pés são universais. Pés são de homens e de mulheres. Agora, existe uma simbologia muito mais oculta no que tange os homens preferirem malhar e exercitar os braços, membros da parte de cima; e as mulheres preferirem malhar e exercitar sempre pernas, coxas e as nádegas. Sendo que:

EXERCÍCIO DE BRAÇOS = ATROFIA MUSCULAR = MAIS BOMBEAMENTO DE SANGUE DO CORAÇÃO = CORAÇÃO ACELERADO = QUANTO MAIS O CORAÇÃO ACELERA, MAIOR POTÊNCIA PARA SENTIR RAIVA E IRA, E ESTES SENTIMENTOS SÃO CLASSIFICADOS COMO MASCULINOS.

EXERCÍCIO DE PERNAS, COXAS E NÁDEGAS = AUMENTO DA FERTILIDADE = REGIÕES CO-LIGADAS AO ÚTERO E ZONAS ÉROGENAS FEMININAS = FERTILIDADE É CRIATIVIDADE, IMAGINAÇÃO, SENTIMENTO DE GERAR MAIS VIDA, E QUEM POSSUI O DOM DE GERAR MAIS VIDA SÃO OS CORPOS FEMININOS.

MAS E OS PÉS? Estes dois, homens e mulheres, esquecem das longas caminhadas. Esquecem dos pés. Esquecem do poder que os mesmos possuem de sustentar este corpo na qual tanto veneram. Os pés são a presença do corpo aqui na terra! São os pés que lhe apresentam a apresentação do corpo.

A salvação é a própria salvação ser destruída. Nada está fazendo mais sentido aqui dentro destas quatro paredes, e sua brancura já estava encardida, era preciso de um total desmoronamento de toda sua estrutura. Mas foi exatamente aqui que passei longos anos de minha vida como uma subalterna, e ainda me sinto sendo uma, então o que mudou? Se ainda me sinto assim?

- Você ainda é uma subalterna. – A aranha disse – E você não está mais sozinha, como estava antes neste apartamento. Há milhares de presenças em você agora. Sinto um cheiro de multidão em você.

Cinco minutos. Cinco minutos que saí daqui e tudo estava desse jeito. Porém, vi algo na cozinha que me chamou atenção: um tabuleiro de xadrez. Cheguei mais perto, e me parecia o tabuleiro de xadrez do meu avô, na qual jogava sempre com seu amigo Airtón. E realmente era. Os mesmos rabiscos, manuscritos e cicatrizes do tempo na coloração marrom do tabuleiro.

Espera um momento. Estou nascendo novamente olhando este tabuleiro de xadrez do meu avô.

Mas como saber se estou nascendo de novo, se o horário que nascemos não sabemos se é o segundo exato que saímos da barriga de nossa mãe, ou se é o segundo em que o cordão umbilical é cortado? Qual dos dois momentos, de fato, representa um nascimento? Não sei, ninguém sabe, não sabemos. Fica aí a questão – até a medida do nascimento precisa ser explicada para que se possa renascer, para não correr o risco de renascer em contextos abruptos e irruptivos, que desrespeitem seu espaço individual de ser si mesmo. É árduo até renascer, pois que depende somente de nós.

Estou nascendo novamente ou seria também somente uma sensação extasiante semelhante a alguma droga tomada alteradora de metabolismo? Olho para os peões, para os cavalos, damas, rei e rainha e me sinto drogada. Me sinto drogada em estar enxergando posições hierárquicas em um jogo, sendo estas posições hierárquicas também mais intensamente presentes na vida real – e isso é triste, me parece que a vida agora se tornou um jogo de tabuleiro de xadrez. Tenho vontade de chorar. Mas me lembro que só estou drogada – deve ser a falta de sono. A ausência de suprimento das necessidades orgânicas do corpo gera sensações semelhantes às sensações de quando se usa qualquer tipo de droga. Qual é a diferença de um para o outro? É como olhar para um pimentão e um tomate: ambos são diferentes em cor, formato, classificação – mas são vegetais, contém água e minerais.

Uma pessoa que passa fome se encontra drogada de ausência, mesmo sem ter consumido substância alguma.

Quem é quem neste tabuleiro, afinal? O que este tabuleiro de xadrez representa para o jogo da vida real? Vejamos, sou boa em classificar coisas; talvez até mesmo meu avô tenha classificado elas também:

PEÕES: Movimento primário de todas as fases humanas, de todas as classes, grupos, opiniões, raças, sexos, políticas, gostos, etc. A motivação para o humano agir em prol do desejo ou do objetivo de ganhar. Contém o maior número de peças possíveis no jogo, isso significa que é um movimento extremamente comum e previsível dentro também da sociedade.

BISPO: Fase mineral; quando nos encontramos ainda sozinhos e ainda limitados pelo senso de pensamento único, separado e dividido de todas as outras pessoas; quando ainda estamos sempre na defesa dos nossos próprios peões, na defesa para a proteção de nosso direito individual de mover-se individualmente e pioneiramente, esquecendo que há outras peças mais sagradas para serem protegidas no tabuleiro.

CAVALO: Fase vegetal; é complexa por se tratar de um animal que está aprendendo a andar livremente por um tabuleiro. É difícil fazê-lo andar, mas quando anda é sempre pisando com cuidado para não errar as casas e fazer um “L” perfeito no tabuleiro. É assim conosco: quando saímos da nossa necessidade de proteger peões e vamos buscar companhias agradáveis e prazerosas do lado de fora da vida, é difícil fazermos andar para fora de nossa individualidade, mas quando andamos, é sempre com o cuidado máximo com a companhia na qual está nos libertando do peso de ser um

bispo. O cavalo representa a fase vegetal por ser um cavalo que parece ainda estar vegetando, não demonstrando bruteza de animal algum dentro do jogo.

TORRE: Fase animal; esta é uma peça de divisor de águas, a etapa final de união de tudo para que o fim se aproxime e se dê xeque-mate, é a peça que planeja estratégias para se chegar ao fim. Tem pouco movimento e muita estratégia, assim como os grupos da sociedade – pouca ação, mas mãos sujas de trabalho que visam chegar ao “xeque-mate” do sofrimento social, quando lhes dão abertura e potencial dentro do tabuleiro. São retos e não saem da linha aonde começaram o jogo – assim como os indivíduos em grupos, no momento em que saem da linha predeterminada pela sua tribo, automaticamente já o veem como alguém diferente do grupo. Indivíduos dentro de grupos andam em linhas retas, como a torre. A fase aonde ainda o animal está enclausurado dentro de uma torre.

RAINHA E REI: Aqui é o verdadeiro motivo de todo o jogo ter começado a existir, de fato. A vontade da comunhão e união de tudo! O fim de tudo para chegar até a fase humana, o xeque-mate. Todos se tornam reis e rainhas quando decidem canalizar sua energia de peão para o fim da harmonia universal de todos os grupos! Rei e rainha são privilegiados dentro de um jogo por existirem neles a anulação de suas próprias vontades para obedecer a vontade de algo muito maior que eles, por este exato motivo, que são tão protegidos pelas demais peças dentro do jogo. E por este motivo também, não se movimentam tanto entre o tabuleiro, pois não são guerreiros como peões, são na verdade, o destino final, em forma humana, de todas as peças.

Por isso, a vida deve ser vivida em tons de brincadeira. Pois que, a vida acontece dentro do tabuleiro de xadrez – quando não se está jogando este jogo, se está desconectado. E não há nada demais em estar desconectado. Todos os motivos pelos quais se irrita, se empenha, se motiva a fazer todos os dias, fazem parte do jogo dentro deste tabuleiro – mas hei de lembrar que o jogo cansa e se precisa fazer outras coisas para equilibrar. E hei de lembrar, que há milhares de outros jogos para serem jogados.

Mas enfim, resolvi me questionar da estranheza da situação; do porquê o xadrez do meu avô estar parado na cozinha do homem na qual eu trabalhara como subalterna. E aonde estava este homem, e porquê sua casa estava como um aspecto de que não havia ninguém morando ali fazia décadas.

- O que vai fazer agora? Ficar aí parada? – A formiga falou. – Arrume essas peças, ou entre no jogo. Não vai querer voltar para o estado primário, vai? Aonde estava sozinha, crendo que seus pensamentos e sentimentos são somente seus, agindo como se eles não fizessem parte de todo um inconsciente da coletividade. Você apenas toma consciência da inconsciência coletiva, mas eles não são seus.

- Como assim entrar no jogo? – Perguntei, sem entender.

- Esteve de fora todo esse tempo, agora é sua vez! Vamos lá! – Então, a formiga subiu em cima do meu pé e me picou.

Meu pé começara a arder e a coçar intensamente. Mas eu não sabia do que ela estava falando; entrar na vida ou entrar, literalmente, no tabuleiro de xadrez? A segunda opção só caberia aos insetos fazerem isso, e não um gigante humano como eu.

- Jogue um jogo às cegas para melhorar sua percepção e memória. – A formiga continuou a falar.

Subitamente, a barata subiu em cima do meu pé, assim como a formiga o fez, e suas patas ficaram tão grudadas na pele do meu pé, que sem eu mesma perceber, me tornei uma miniatura junto com ela. Quando olhei para o chão, e logo depois para cima, percebi o contraste que havia acontecido. Estava a metros e metros de distância do teto do apartamento. Senti uma mão agarrando a miniatura que me tornei, e colocando em cima do tabuleiro de xadrez. Era um pouco aterrorizante pensar em si próprio como uma peça de um tabuleiro agora – meu corpo estava estranho; parecia que tudo tinha se tornado pedra, mas ao mesmo tempo, eu respirava e tinha os cinco sentidos ainda muito ativos. Olhei para cima para ver de quem era a mão que havia me pego, e se era uma mão conhecida. E era Airton – o amigo do meu avô que fazia campeonato com ele em seu prédio. O que ele fazia aqui?

Olhei para o campo do meu adversário; todos tinham rostos – os peões, bispos, rei e rainha. Os cavalos tinham expressões enfezadas. Olhei mais atentamente para o rei que estava ali do outro lado; e via o rosto meu avô se mexendo. E, aparentemente, eu também era um rei aqui do outro lado; pois que, haviam vários bispos atrapalhando a minha visão, e eu não tinha quase potência alguma dentro de mim para me mexer. Eu ouvir a voz do meu avô, quase como uma voz imaginária, mas sabia que era ele que falava comigo pois via sua boca se mexer do outro lado.

- Para você conseguir o que você quer, você terá que se sacrificar, minha neta.

- Como vou me sacrificar? – Perguntei.

- Airton é bom no que faz, ele irá vencer a partida. E quando ele vencer a partida, o jogo acaba. E quando o jogo acabar, significa que as divisões da sociedade também irão acabar. Airton não percebe, mas ele está jogando a maior partida da história da humanidade. Aonde não existem mais novatos, somente veteranos.

- E o que é que eu quero, afinal? – Perguntei-o, ainda questionando sua afirmação.

- A comunhão. A destruição de todas as divisões sociais que lhe apresentei e que se apresentaram até você.

- E como isso irá acontecer?

- Minha neta, não se pergunta para um forno que irá assar um bolo como ele irá assar a massa, ele somente faz o seu trabalho, e o resultado é observado por quem ativou suas chamas.

Então, ouvi uma porta bater. Era o meu patrão! Tentei gritá-lo, mas lembrei que eu tinha me tornado uma peça de um tabuleiro. Ele então, sentou-se na ponta da mesa

aonde estavam as peças pretas, que eram as minhas. Ele conversava de frente com Airton, sentado na outra ponta do tabuleiro, dominando as peças brancas.

- Então, preparado? – Ele perguntou para Airton.

Para minha surpresa, meu patrão jogava xadrez. Eu desconhecia dessa sua proeza. A aranha chegou próxima de mim, descendo do teto com sua teia, e falou:

- Para aonde acha que ele ia todos os dias pela manhã quando te deixava aqui sozinha?

- Mais preparado do que nunca. – Airton respondeu ao meu patrão.

Eles começaram a partida. Os minutos se passavam, e eu ia chegando mais perto. Parece que, mais perto da morte. Mas não sei bem se era isso. Era o fim, mas não sei morte. A torre preta chegava cada vez mais perto do meu campo... eu ouvi uma voz gritar bem alto:

- Xeque-mate! Seu rei agora está morto e é meu!

Então, a mão me puxou agressivamente para fora do tabuleiro. Enquanto voava junto com a mão, observei meu avô ainda no tabuleiro.

- Adeus, minha neta. Eu sabia que você iria conseguir.

Mas conseguir o que? Neste momento, fui embrulhada como se fosse lixo junto com outras peças e posta dentro de um saco sujo. Eles colocavam todas as peças dentro do saco para guarda-las.

“O auto sacrifício é a forma mais libertadora e justa de se conseguir o que quer. O sacrifício do rei é a comunhão de todas as peças do jogo. E as peças do jogo são as pessoas que encontro todos os dias, até o caminho que faço para ir para a escola.

Ariel”

A memória do homem que encontrei no período da noite vestido de trapos de tecido me veio à cabeça. Ele disse que queria ler meus escritos. Eu tinha escrito isso quando criança! E tinha assinado meu nome embaixo – em todas as frases que formulava e achava esteticamente bonitas. Era engraçado como tudo fazia sentido agora – era engraçado; como as coisas, com o passar do tempo, se conectam. Quem diria – um escrito meu iria repercutir em uma atitude tão surreal no meu futuro, ao ponto de me tornar-me o rei que mencionei de forma simbólica e metafórica na minha frase que fiz quando criança?

Muito engraçado e estranho! Agora, fui parar em um lugar escuro com todas as peças. Mas tinham mais peças ali, milhares! Parece que estávamos em uma espécie de esgoto. Parecia um depósito de peças antigas de xadrez jogadas fora. Todos ali passavam mal,

eu sentia suas emoções de rejeição; mas engraçado, aqui, fora do tabuleiro, ninguém percebia que eu era um rei! Uma peça sagrada, a peça mais importante. Nenhuma das outras peças havia percebido minha presença como definidora de alguma coisa.

Os peões eram os mais arrasados de todas as peças. Eram combativos e pioneiros nas jogadas de todos os jogos – eram muitas vezes agressivos, todo o restante exigia mais cautela em seus comportamentos, exceto os peões, que pareciam ter um comportamento meio primitivo quando se tratava de defender quem estava do seu lado. Do seu lado ali no tabuleiro.

Havia uma certa proeza aonde nós estávamos - as peças antigas de jogos descartados pela população: uma infestação de baratas! A voz do dever queria me anunciar uma certeza: o dever foi feito. O dever foi realizado com destreza.

- E foi mesmo. – Uma barata apareceu em cima de mim, com suas antenas balançando – Inúmeras pessoas jogaram seus tabuleiros fora, jogaram fora o campo de batalha! Mas, permaneça tranquila, mais cedo ou mais tarde, irão resgatar vocês, peças inocentes, das consequências desse desastre benéfico.

- Que desastre benéfico? – Perguntei para a barata.

- O desastre da dissolução das guerras. Mas as peças que jogavam o jogo não têm culpa alguma desse jogo ter sido levado ao extremo. Afinal, vocês estavam sendo comandados por alguém.

A barata se referia a sociedade. Ao jogo da sociedade – eu entendi. E entendi agora também, por que nenhuma das peças me reconheceu como um rei; saindo das batalhas, não há fama ou veneração por posição alguma – apenas o desejo de se recuperar.

Então, alguém abriu uma saída de luz e de ar. Não sei se foi uma janela ou uma porta que foi aberta, mas enfim, apareceu outro saco. E uma mão jovem e comprida colocou todos nós no saco. Pude enxergar claramente que estávamos em outro lugar – uma zona quase sem casas, era fim de tarde e o sol estava se pondo. Era campo, verde, silêncio.

Mas logo em frente, havia uma multidão festejando! Não era um festejo negativo, ninguém ali brigava ou gritava, somente sorriam. Pessoas de todos os tipos. Ricos, pobres, negros, brancos, mulheres, homens, crianças, mendigos, drogados, enfermeiros, agentes com terno e gravata, pessoas fardadas... enfim, havia muita diversidade naquela multidão.

- Estamos a salvo! A salvo! – Alguém gritava dentro da multidão – Estamos vivos!

E enquanto isso, nos jogaram no gramado. O homem nos jogou no gramado, verde e limpo. Isolados, sem tabuleiros para poder nos acomodar. Me perguntava: peças ficam bem sem suportes de concreto embaixo deles? Ficam bem somente com a alma verde do capim lhes protegendo das marcas e das possíveis feridas do futuro?

Olhei para seu rosto. O rosto de quem nos jogou no gramado. Era este o homem! O homem que encontrei vestindo trapos de roupa em frente ao mar. Mas, ele estava muito bem arrumado. Vestia roupas alinhadas e simples, cabelo amarrado e rosto límpido, com expressões serenas, ele era um homem charmoso. Quer dizer, não mais um homem, parecia agora um menino. Mas ainda assim; era o mesmo homem.

Chegou alguém para falar com ele. Um outro homem enorme que parecia ser seu amigo.

- Benjamim! Sei que é apaixonado por doces, mas tome cuidado com sua diabetes. Sua mãe disse que hoje comeu quase 1 quilo de doces!

Mas Benjamim não respondeu. Sorriu. Algo dentro dele sabia que o açúcar só fazia mal a quem não enxergava doçura alguma em nada na vida. Não se importava com suas doenças, vivia intensamente um estado de saúde, mesmo com a doença; e é exatamente assim que agem as crianças.

Ele sentou-se na grama junto com as peças. Pegou alguns papéis dobrados em seu bolso, e começou a ler, ignorando o homem que falara com ele.

- Me ouviu? – Ele insistiu.

- O que posso fazer? Doces hipnotizam, assim como qualquer coisa bonita que nós olhamos. – Ele disse.

- Continue aí nessas suas viagens idiotas – O amigo disse – É por isso que não tem coragem de viajar o mundo, tem medo de perder suas próprias viagens ao presenciar as crueldades do mundo em sua frente! E as tribos que tanto critica, eles fazem diferente! Eles rodam o mundo por que confiam na vida, e não nas suas próprias certezas.

- As tribos têm um quê de necessidade de preenchimento dentro deles, por isso rodam tanto o mundo. Não suportam o vazio.

- Eles têm coragem de se integrar um com o outro. – Seu amigo combatia sua convicção sobre os grupos.

Mas Benjamim só sorria como uma criança. Pegou as folhas dobradas do seu bolso e continuou sua leitura.

Mas, que diabos. Eu tinha me tornado um rei e estou aqui deitado em uma grama, com todos os outros. Estou literalmente com complexo de rei dentro de mim, por ter me tornado um. Uma peça de um jogo. Mas a peça mais importante. Eu tinha me tornado um ninguém, uma peça que foi jogada fora. No começo, prezei tanto pela minha individualidade e resistência a união com os outros por conta disso. O que eu temia, aconteceu. Me tornei rei, mas me tornei um nada. Uma peça jogada na grama aonde qualquer um poderia vir e pisar. Ou não era?

Minha presença se reduziu a um simples valor de um objeto, que nem sequer possui energias personalizadas. Ou possui? O objeto possui a energia de quem o criou – mas

então, quem me criou? Minha presença está morta, me transformei em algo parado. Pois que, tive que me sacrificar para todos estarem com suas presenças limpas e espontâneas.

Tornar-se universal significa tornar-se completamente frio às situações pessoais. O calor só existe quando existem problemas pessoais; quando não há, a frieza aumenta, pois percebe sua presença como algo estritamente universal e não como um objeto pessoal. Minha presença se anulou, pois, tornou-se universal, e daí surge a morte, pois a frieza é morte. Mas ao mesmo tempo essa morte da minha presença tornou-se eterna, pois gerou outras milhares de presenças se libertando para o calor do momento!

Me tornei nada. Sou nada. Mas ainda sou um rei. Somente só estou seguindo as ordens de um menino delirante.

- O que está lendo aí? – Seu amigo perguntou.

- As escrituras sagradas.

- Por que está lendo isso? Está todo mundo aqui muito bem, unido, feliz! Em sintonia, com espírito de partilha.

- Estão unidos agora. Mas os reis e rainhas sempre vão precisar se sacrificar para isso acontecer de novo. – Benjamim disse, compenetrado na leitura.

- Escrituras sagradas é para quem está procurando ser salvo. É para quem precisa de salvação. – O homem falou ríspidamente, ignorando sua resposta.

Mas benjamim não respondeu.

E senti sua mão me protegendo, dentro do gramado verde. Como se eu fosse um objeto precioso, uma excepcional peça rara e única - como se eu nunca tivesse sido sua neta.

E como se eu nunca fosse ser.